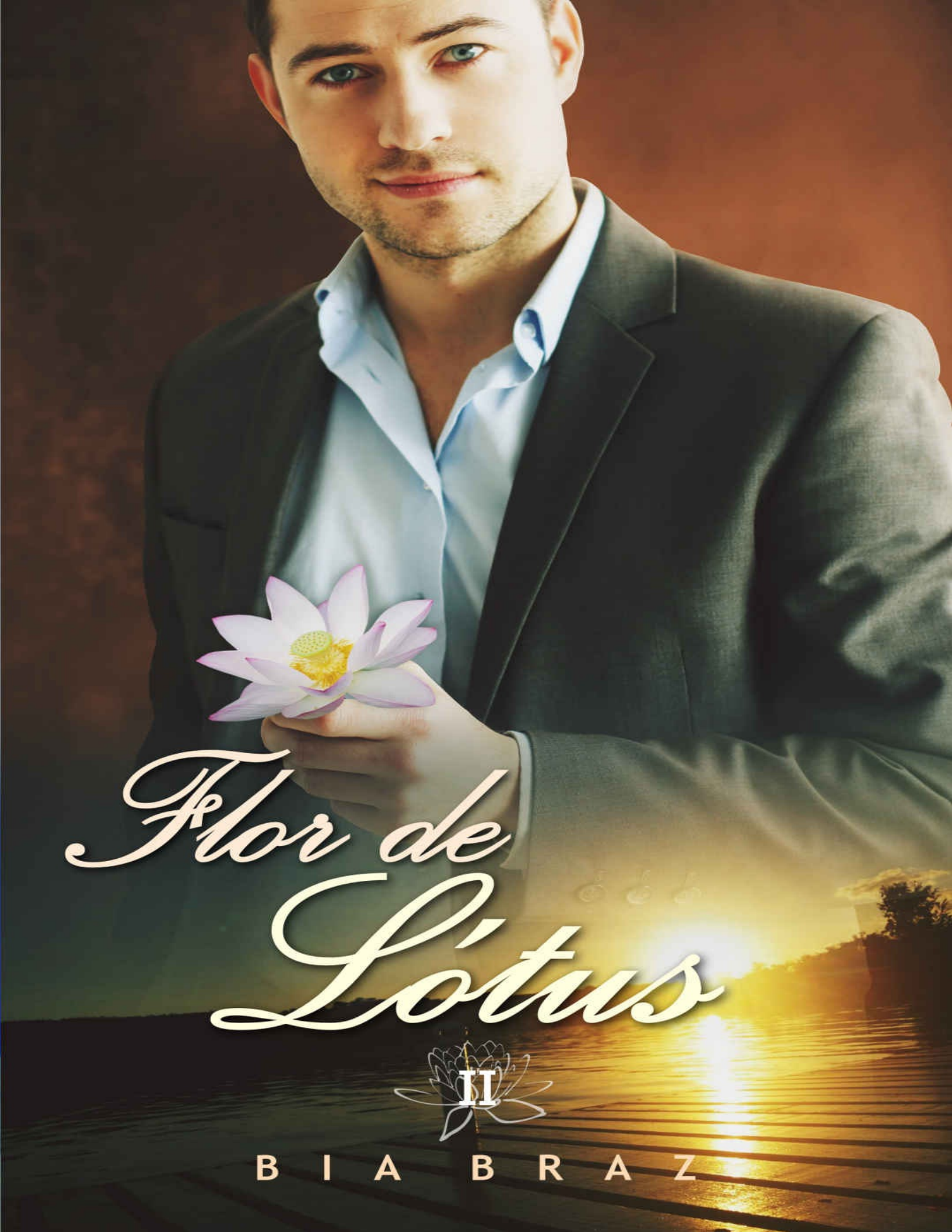


A man with light blue eyes and a slight stubble, wearing a dark grey suit jacket over a light blue button-down shirt, holds a pink lotus flower in his right hand. The background is a warm, golden sunset over a body of water, with the sun's reflection visible. The overall mood is serene and elegant.

Flor de Lótus



B I A B R A Z



Flor de Lótus- Parte II

$\approx$

Bia Braz

Copyright © Bia Braz

Todos os direitos reservados. Proibida a distribuição ou cópia, integral ou parcial dessa obra sem o consentimento por escrito da autora.

Criado no Brasil

Dedicatória da autora:

A Deus, autor da minha vida e dono da minha inspiração; a meus pais, por terem me dado princípios; a Alexandre, meu homem, pela paciência. A Nicole, meu bebê, por puxar meu saco e me colocar para cima; a Iran, meu amigo, por ter me instruído com a fé. A minha família, em especial, Lila, Robson e Miriam, por terem sonhado comigo; a Jack, por me manter em contato com o mundo adolescente e por ouvir toda a estória antes de ela ir para o papel; a Kérima, minha beta, por me apoiar; a Ivis, pela amizade.

A todas as minhas leitoras que acreditaram, que criticaram, que não desistiram das minhas estórias, que pediram mais. Eu não chegaria aqui sem vocês. Aos websites, blogs, grupos do Facebook, grupos do Orkut, em especial, ao Pervas Place por ter acompanhado e divulgado minhas estórias. Titinha e Nêni, valeu! Aos meus colegas de trabalho que me ajudaram, direta e indiretamente, fosse com assessoria jurídica, gramática ou crítica. Em especial, Paulo, Karla, Camila e Michele. A Judith Mcnaught e Stephenie Meyer por fazerem personagens tão inspiradores.

Capa: Naty Cross
Revisão: Míriam Amaral

Índice

Capítulo 01 - Morte & Vida

Capítulo 02 - Conspirações & Vazio

Capítulo 03 - Justiça & Decadência

Capítulo 04 - Paixão & Obsessão

Capítulo 05 - Cravos & Espinhos

Capítulo 06 - Pressão & Ruína

Capítulo 07 - Lírios & Redenção

Capítulo 08 - Aliança & Fé

Capítulo 09 - Velas & Flores

Capítulo 10 - Concessões & Fraqueza

Capítulo 11 - Mãe & Filho

Capítulo 12 - Recomeçar sem flores

Capítulo 13 - Flor de Lótus

Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal.

Friedrich Nietzsche

Capítulo 01 - Morte & Vida

“Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal”. Friedrich Nietzsche

Sons distantes. Atordoamento. E o perfume masculino. O familiar perfume. Queria recordar de onde o conhecia, compreender o que a voz suave e terna do homem dizia fora da barreira do vazio e escuridão.

Seus olhos finalmente se abriram, acordou do sono profundo e pôde conhecê-lo. Ele sorriu. E algo no seu olhar denunciou frustração ao perceber que não foi reconhecido. Queria lhe dizer que ele não fosse embora. Queria-o perto.

Nos dias seguintes, dias longos, notou preocupação e tristeza em seus olhos. Sabia que ele sofria por ela não conseguir se comunicar ou se lembrar dele... Será que ele se ia por causa de suas debilidades?

Ele estava sempre próximo, sempre a tocando, sempre a acompanhando nas fisioterapias. E, em sua mente entorpecida, queria enfrentar a dormência dos ossos atrofiados, a languidez do corpo adormecido para que ele não se fosse, pois seu mundo passou a existir desde que rompeu a escuridão e encontrou-o.

Via tantos sentimentos desconhecidos naqueles olhos. Afeto. Veneração.

No seu organismo, a ansiedade, fissura, ia e voltava. E fazia seu corpo tremer. Depois era acometida por sonolência. E por fim, o choro. Não sabia porque chorava. Estava perdida na memória e a única coisa a qual se apegava era a ele. Ao sorriso. Ao rosto daquele homem louro, forte, de olhos verdes.

Com o passar dos dias, os aparelhos de monitoramento não eram mais necessários. Mas os remédios, os malditos remédios, eram imprescindíveis toda vez que seu corpo se debatia e convulsionava. E só ele conseguia abrandar quando instruía a injeção daquele líquido em seu braço.

Ela olhou para o jardim, contemplando o verde e as flores, com a fisioterapeuta empurrando sua cadeira de rodas. Finalmente o encontrou. Ele usava seu habitual jaleco branco, inclinou-se na frente da cadeira de rodas e pegou sua mão. Passaram um tempo juntos, tempo em que ele falava coisas incompreensíveis, como o nome Peter, a cidade Los Angeles. Seu telefone tocou.

Percebeu a ânsia em seu rosto quando gesticulava segurando o móvel, ele olhou-a por minutos intermináveis e suspirou, com semblante infeliz. O belo anjo forte se ajoelhou novamente, tocou a mão dormente e a beijou, fazendo-a compreender só segundos depois o que queria dizer.

– Temos que ir para casa, meu amor – sussurrou e pegou nas mechas longas e loiras da paciente pensativo. – Vamos ter que pintar seu cabelo de preto.

**

A sala de Inteligência era praticamente sua casa. De dia cumpria expediente. À noite, passava

horas clandestinas em frente aos aparelhos de escuta, evitando levantar suspeitas de seus colegas. O que diriam quando soubessem que um dossiê, embasado em provas irrefutáveis levantadas sob autorização judicial, era juntado por um novinho *nerd* e invisível?

Não viu a madrugada de terça passar. Reuniu todos os arquivos que juntou, pôs em sua mochila, fechou a porta da sala de Inteligência e caminhou pelo corredor. Foi atraído ao sons de conversa que saíam da sala de Sebastian, às sete da manhã.

– Eu não entendo por que você quer armar isso. Você sabe que seu pai não concordará – Sebastian alertou. A resposta da interlocutora foi surpreendente.

– Eu o quero de volta – a psicóloga da Agência respondeu. – O único jeito de ganhar a confiança dele é estando ao seu lado quando o mundo lhe virar as costas.

– E onde a prisão delas entra nisso?

– Eu tenho que ter estratégias para separá-los. Busque o que você tiver para incriminá-las. Implante provas – determinou.

– *Tá*. E quanto a Milly? Ela não é de confiança. Ela irá para o lado que lhe render mais. Inclusive ela está com medo de nos liberar as fotos depois que o juiz ameaçou-a – Sebastian alertou-a.

– Você não entende, Sebastian – acusou nervosa. – Eu tenho que me acerrar de todos os meios. Se a menininha perdoá-lo por prender o irmão, com as fotos soltas, a Justiça exigirá que ele se mantenha longe dela, por ela ser menor – disse maquiavélica. Ethan encostou-se na parede atento.

– Por quê?

Rachel respondeu com um suspiro. – Eu o amo. Simplesmente isso.

– Seu problema é orgulho ferido por ele estar com uma menina mais nova.

– Mais nova? – Refutou ofendida. – Ela é uma fedelha. E não. Não é orgulho ferido. Eu sei que ele a está usando para atingir Aleksey. Nós somente iremos ajudá-lo no trabalho.

– Mas você não se importa do seu Christopher ser indiciado?

– Armas de guerra... De qualquer maneira, o pai dele é poderoso. Não vai permitir que ele sofra as consequências. Entretanto... – sorriu diabolicamente. – Serei eu quem estará lá para consolá-lo. Serei eu a psicóloga do Estado designada a cuidar dele. Coitadinho – ironizou.

Sebastian sorriu com ela, mas ele tinha seus próprios planos reservas para livrar-se do chefe da Divisão.

Ethan entrou em outra sala para continuar ouvindo, o celular na mão gravando toda a conversa.

– Esse *chip* foi decodificado. – Rachel disse. – Nele tem todas as informações que você precisa. Consiga um mandado e espere o momento certo para prender Aleksey. Faça de um jeito que Christopher esteja presente.

– Okay, madame. Mas e seu pai?

– Ele não precisa saber por enquanto.

– Depois disso, você promete convencer seu pai a me deixar ser oficialmente o chefe da agência, não é?

– Você já é o chefe – rematou com um sorriso maldoso e saiu da sala de Sebastian. Ethan deu um tempo conferindo a gravação que fez, abriu sorrateiramente a porta e saiu. Ao chegar ao seu carro no estacionamento, discou um número e esperou chamar. Ninguém atendeu. Desistiu e discou outro.

– *Quem mandou você me ligar neste telefone?* – uma voz reprovadora atendeu.

– Era uma situação de emergência – Ethan sussurrou. – Não dava para conversar por *e-mail*.

– *O que aconteceu?*

– Descobri com quem está o *chip*. Está com Sebastian. Eles estão armando. Vão prender Aleksey – informou ansioso tudo que ouviu.

– *Tudo bem. Já esperávamos por isso. Só mudou o precursor da prisão.*

A voz tranquila do outro lado da linha irritou Ethan.

– Estão armando para o Christopher. Pelo jeito vão desacreditizar o nome dele como agente por ter se envolvido com uma menor.

– *Isso não importa.*

– Importa pra mim. Ele pode ser preso.

– Ele *procurou* isso – declarou incisivo.

– Roney, ele gosta da garota – insistiu preocupado.

– *Isso não vem ao caso agora. Ela está em coma e Aleksey está se preparando para voltar. Continue o seu trabalho. Avise quando tudo estiver pronto* – determinou. – Aleksey realmente precisa desse teatro.

Ethan desligou o telefone e deu partida no carro, chateado por ter que esconder de Christopher. Só recentemente soube quem eram os contatos e seus planos. Não podia voltar atrás.

**

Três dias. Setenta e duas horas corroído por culpa, saudade. Christopher queria poder se esconder, ruminar a dor. Mas vê-la, somente vê-la, abrandava a dor. Era conveniente para ele estar perto de pessoas. Peter, por exemplo, era uma lição de confiança. Agia como se Beckye estivesse somente dormindo. Quando uma vez presenciou Carolyn xingando, ralhou com ela, levantando o dedinho, e disse que não podia xingar perto do bebê porque a mamã iria acordar e brigar. Reclamou, fazendo os presentes rirem, que ela devia lavar a boca com sabão. Carolyn riu comovida, pegou o menino no colo e o abraçou.

O garoto não sabia a gravidade da situação, por isso deitava na maca com Beckye e, vez ou outra,

conversava, chamava, perguntava quando ela iria acordar. Carolyn também montou acampamento no quarto e, na maioria do tempo, fazia as unhas de Beckye com desenhos artísticos, depois tirava e tentava outro desenho, sempre conversando. Isso quando não reclamava do tamanho do cabelo de Beckye ao passar a escova nele, dizendo que, se fosse ela, cortaria curto. Outras vezes passava maquiagem sempre dizendo que ela tinha que ficar apresentável porque iria receber muitas visitas.

‘*Deus me livre de receber pessoas com essa cara pálida, Beckye*’. Ela dramatizou certa hora, enquanto colava umas estrelinhas prateadas nos cantos dos olhos de Beckye. ‘*Se um dia eu estiver numa mesma situação que você, por favor, me deixe bem maquiada*’. Instruiu depois fungou, chorou e voltou e passar batom no corpo imóvel. ‘*Você vai sair dessa, prima*’. Encorajou. ‘*Alek tá voltando para cuidar de você*’.

Até ouvi-la falar sobre isso, Christopher não tinha ponderado sobre a conversa que ouviu no dia anterior a respeito da volta de Aleksey. Só mais tarde centralizou as ideias, abordou a ruiva Carolyn e perguntou-lhe a que ela se referia quando disse que Aleksey sabia como acordar Beckye.

‘*Você não sabe?*’, ela franziu o cenho. ‘*Aleksey desenvolveu um remédio para acordar pessoas em coma. Por isso ele viajava para o México*’.

Desde então, desafiando o que era lógico, Christopher respirou aliviado em saber que ele voltaria, assim ela teria mais chances. Suas dúvidas sobre as atitudes de Aleksey eram aos poucos modificadas. Restava saber o que fazer quando este chegasse, ou melhor, quando Beckye acordasse...

Seria tão complicado como imaginava?

A princípio, a prioridade era que ela acordasse. O resto pensaria depois.

Deus, o que faria se ela não acordasse?

Terça-feira à tarde, Peter aproveitou a saída da enfermeira e voltou a deitar-se na cama de Beckye. Christopher aproximou a cadeira da cama, pegou a escova de cabelo que Carolyn deixou sobre a mesinha e desfez as tranças que Carolyn tinha feito.

– Você precisa voltar logo, amor – disse melancolicamente. – Essas maquiagens de Carolyn estão acabando com você – sorriu forçado, com as emoções, represadas desde sábado, ameaçando explodir. – Gosto mais das suas maquiagens rosas e *patys*, não estas que parece que vai para uma festa *drag-queen* – deixou a escova de lado, pegou um algodão e limpou a sombra verde fluorescente 3-D que Carolyn tinha terminado de passar.

– O que é *dag quin*, tio Chris? – Peter perguntou, atento.

– É a tia Carol – respondeu distraído.

– A tia Carol é *dag quin*?

– Não – negou ao se dar conta do que disse. – Ela está mais para chapeleiro maluco – adicionou divertido, terminou de limpar e pôs a delicada mão de Beckye dentro da sua.

– O chapeleiro maluco da Alice no País das Maravilhas? – Peter insistiu, interessado. Christopher

percebeu a fria que entrou com o menino esperto e balançou a cabeça.

– Escuta, Peter. Eu não disse isso.

– Disse sim – teimou.

– Não tem *drag-queen*, não tem chapeleiro maluco. A tia Carol é uma ruivinha doce e boazinha como a Moranguinho e a Ariel da Pequena Sereia – consertou zombeteiro.

– Eu ouvi isso – Carolyn apareceu na porta, acompanhada de Samuel.

– Que você é doce? – perguntou de costas para a porta, mantendo a atenção em Beckye.

– Que eu sou doce e boazinha como essas personagens – entrou e jogou a bolsa no sofá de canto. – Eu ouvi a ironia. Eu sou boazinha, sim.

– Meu irmão que o diga – Christopher deu de ombros.

– Uh, doce? Muito docinha essa menina – Samuel brincou e pôs a mão em sua cintura. Ela se afastou com um sorriso no canto dos lábios.

– Você pode correr o risco de ter um diabetes – comentou petulante.

– Você realmente se acha. Só por que me convenceu que é legal, acha que eu *tô* caidinho – ironizou.

– E não? – ela fez um bico. Christopher suspirou ignorando a nova discussão dos dois.

– Não. Você não é tão legal assim – torceu os lábios. – Tem o nariz que não combina com sua personalidade. É pequeno, igual de esquilo, e tem sardas. Tinha que ser grande, com uma verruga na ponta – explicou com uma careta falsa.

– Você acha? – tocou o nariz em dúvida. – Tem pessoas que gostam das sardas.

Samuel sorriu provocador e olhou-a da cabeça aos pés.

– Tem gosto pra tudo. Mas tudo bem. Seu corpo de sereia, metade mulher e metade baleia, diminui o foco do seu sardento nariz.

Ela abriu a boca e olhou-o ameaçadoramente, ofendida com a brincadeira. Ela era magra, não era? 55 kg em 1,65cm de altura obviamente era de pessoa magra. *Ou não?*

– Vai bater ou vai me comer com essa boca grande aberta? – ele arqueou a sobrancelha. – *Tô* tremendo de medo – gracejou, tremendo os dedos no ar.

– Eu te odeio – insultou-o, irritada.

– Eu sei. O ódio é o outro lado do amor – piscou. – E você quer dizer é que me ama – provocou-a matreiramente.

Ela abriu a boca incrédula de sua presunção.

– O quê? Eu não amo você – protestou.

– Não. Mas vai me amar – puxou-a pela cintura e a beijou. Essa era uma cena que Christopher já estava familiarizado. Brigavam, brigavam, daqui a pouco ele a beijava. Esse não era seu irmão. Não era o respeitado e sério promotor Samuel Adams. Esse era a versão mal feita de um garoto de doze anos implicando com a garota que gostava.

– Eca, tio Chris – Peter franziu o nariz. – Beijo na boca é nojento – fez uma careta, apontando para Samuel e Carolyn.

– É mesmo – Christopher concordou, torcendo os lábios com uma nostálgica inveja. – Não olha para eles. Eles são nojentos – deram as costas para os dois.

Após a discussão, Samuel e Carolyn saíram pelo corredor do hospital e seguiram para o jardim do térreo.

Christopher caminhou de um lado para o outro no quarto para que as horas passassem, sentou-se novamente ao lado da cama. No lado oposto em que Peter cochilou, deitou a cabeça apoiada no braço e fechou os olhos. O tempo parecia não passar. Estava sem rumo. Sem perspectiva. O centro do seu mundo estava naquele quarto.

Sobressaltou-se ao sentir um movimento de dedos dentro de sua mão. Levantou o tronco e observou o que parecia ser um espasmo da mão de Beckye, sua primeira reação física em três dias. Comentou com o médico. Horas depois, após alguns exames, a família foi chamada para ouvir o novo quadro.

– Quanto mais profundo o coma, menos funções cerebrais. Mas desde que o juiz pediu que pessoas que ela gosta ficassem perto, o quadro vem mudando.

– Então há chances de ela acordar? – Christopher adiantou-se ansioso.

O médico assentiu brevemente.

– É uma possibilidade. Meu lado otimista diz que sim. Por outro lado, existem casos de pessoas que, mesmo depois de tirar o respirador, permanecem meses, até anos, sem acordar. E, quando acordam, todos os processos cerebrais podem ficar confusos. Por um tempo talvez ela fique incapaz de realizar tarefas que exijam coordenação motora, mas com o tempo as funções mais complexas retornam gradativamente.

– O que me consola é que essa é a Rebecca. Ela sempre me surpreendeu nas recuperações – Olga comentou esperançosa.

– Sim. Essa paciente é um caso à parte. Ela já surpreendeu a medicina por estar viva após tantos minutos dentro d'água. Portanto, ela vai ficar bem – concluiu e saiu do quarto, acompanhado pelo séquito de enfermeiras e residentes.

Christopher respirou fundo e jogou suas costas na cadeira, aliviado. Ao vê-lo mais contente, Peter sentou-se em seu colo. – Beckye já vai acordar, tio Chris?

Christopher abraçou-o e sorriu. – Sim. Ela vai – bagunçou seu cabelo. – Temos que continuar com ela, chamando-a, igual você estava fazendo. Quanto mais nós chamarmos, mais rápido ela vai acordar – levantou-se do sofá com a criança e instalaram-se novamente próximos à cama.

Aos fundos, ouviu-se risinhos e cochichos de Carolyn e Samuel, num empurra-e-puxa descarado. Thomas levantou-se do sofá e fez um comentário ardiloso.

– No meu tempo, se casava com a mulher que não se podia tirar a mão de cima – piscou para os dois, enfatizando a piadinha pessoal e olhou brincalhão para Olga. Carolyn fez um bico rebelde, empurrou Samuel e saiu do quarto.

– Obrigado, pai – Samuel reclamou e foi atrás dela.

Olga balançou a cabeça, desentendida, avisou que iria à lanchonete e deixou Thomas e Christopher a sós. O barulho dos rabiscos no papel feitos por Peter era o único som que se ouvia. Christopher dedilhava traços concêntricos na palma da mão de Beckye.

– O que você sentiu, pai? – quebrou o silêncio.

– Com o quê? – Thomas questionou, sentado no sofá logo atrás.

– O que você sentiu quando elas se foram repentinamente? – elaborou.

Thomas suspirou e encostou a cabeça na parede em um gesto cansado.

– Foi como se um pedaço de mim tivesse sido arrancado brutalmente – revelou pesaroso.

– Mas não pareceu. Você mostrou-se tão frio.

– Porque não sei externar emoções.

– Você não parecia gostar dela – acusou-o sem mudar o tom. – Até teve um caso com a mãe do Ethan quando minha mãe estava viva.

– Eu tive diversas namoradas, não só ela – disse honestamente. – Você é homem, deveria entender... Meus sentimentos se foram muito antes dela morrer.

– Por quê? – olhou-o de canto. O sonho de qualquer jovem adolescente é que sua família nunca se desfaça. Esse era o seu, na época.

– Sua mãe matou aos poucos meus sentimentos, Christopher. Ela me expulsou da vida dela. Casamos muito novos e fomos pais muito cedo. Ela não viveu quando jovem e queria viver depois de adulta. Além disso, ela não aceitava que o tempo estava passando. Por isso envolveu-se tanto em pesquisas de cosméticos.

– Pesquisa essa que Aleksey roubou a fórmula – completou desanimado.

– Aleksey não roubou, filho... – balançou a cabeça, pronto para a revelação. – Eu cedi.

Christopher arregalou os olhos, incrédulo. – Por quê?

– Porque ele precisava de uma fórmula para lançar o nome dele no mercado. Precisava fazer o nome e eu ajudei. Aleksey era como um filho para mim.

– Mas ele se envolveu com minha mãe – teimou, mas a dor antiga do assunto não doeu.

– Ele não se envolveu com a sua mãe. Sua mãe se envolveu com ele.

– Você age como se fosse compreensivo – torceu os lábios, censurando. – Como pôde aceitar isso?

– Nosso casamento já estava falido há tempos... E tudo não passou de coisa da cabeça de sua mãe. Ser atraente para um rapaz mais novo era uma forma de driblar a idade... Eu só lamentava por Christine ter que presenciar as cenas.

Christopher passou um tempo pensativo, contrapesando a narrativa vista por seu pai, o que trazia um ângulo diferente às verdades que construiu.

– Pior que era complicado – raciocinou. – Quase todo o tempo em que Aleksey não estava estudando, estava no laboratório com minha mãe.

– Por isso a Christine tinha tanto ciúme – adicionou o pai, compassivo.

– Eu os vi beijando – contou amargo.

– Certamente foi cena dela – garantiu.

– Eu só não consigo entender o que realmente aconteceu no dia que morreram – Christopher lembrou, sentindo-se impotente.

– Eu também não – Thomas levantou-se e tocou seu ombro. – Mas tenho certeza de que Aleksey está fora de suspeita. Ele amava sua irmã... E respeitava Lisandra.

– Só Christine poderia dizer, se tivesse sobrevivido – Christopher comentou pensativo.

– Só Christine – admitiu pesaroso.

Cortinas beges bloqueavam a luz do sol da manhã. O silêncio era total. Christopher dormia sentado, a cabeça no braço do sofá. Peter dormia na maca abraçado a Beckye.

Um som rouco e fraco despertou o sono leve de Christopher.

– Hei, você *tá* aqui, bebê – sibilou baixinho. Atordoados, Christopher arregalou os olhos e pulou do sofá.

– Beckye! – segurou seu rosto nas duas mãos, incrédulo. Fez uma leitura silenciosa de seu estado. – Beckye, querida – a pele era translúcida, os olhos rasos e frágeis, o lábio ressecado... Mas estava viva! Voltou para ele.

– Olá – chiou fraco, com dificuldade. A cabeça doía com os movimentos. Ela estremeceu dolorida ao toque ansioso dele.

– Desculpe – ele sentiu seu mal-estar. Não sabia onde tocá-la sem que a incomodasse. Inclinou-se sobre ela, segurou a mão pálida na sua e beijou-a. – Que susto você me deu – ralhou carinhoso, emoção e fadiga nítida em sua voz.

– Eu estou bem – prometeu. – E o Peter? Está bem? – mudou devagar na cama e acariciou com mão trêmula o cabelo do menino adormecido.

– Sim – sorriu. A sensação em seu peito é de que iria explodir. Limpou a lágrima no canto do olho.

– Ele sabia nadar – ela tossiu e, embora debilitada, havia orgulho na voz.

– Sim. Sabia... Beckye, er... – hesitou, ganhando tempo. Tinha que revelar que fora ele a ensinar Peter.

– Olá – uma enfermeira rechonchuda e baixa entrou no quarto para trocar o soro. – O que está acontecendo aqui? – olhou inquisitiva aos dois. – Oh! – notou. Tocou a testa de Beckye. Estava febril. – Como vai, mocinha?

Beckye apontou para garganta e pigarreou.

– A garganta dói? – questionou e dirigiu-se ao telefone. Segundos depois, Beckye foi levada para exames.

**

Samuel e Carolyn chegaram ao hospital e aguardaram o resultado dos exames na lanchonete.

– Eu acho que agora você pode voltar a Nevada. – Carolyn dispensou-o. – Sua licença já está terminando e você pode adiantar os papéis da nossa separação – disse tranquila. Por trás da fachada escondia a verdadeira apreensão.

– Foi isso que você decidiu? Não está disposta mesmo a tentar, sei lá, sair casualmente, namorar, talvez – pôs a exame, paciente.

– Não sei se você percebeu, mas temos saído muito casualmente esses dias. Aliás, estamos nos impondo muito a presença do outro por causa da Beckye.

– Não é só por causa da Beckye e você sabe disso. Gosto de você, pestinha.

– Que doce você é – ironizou.

Ele riu. – Você me faz bem. Eu gosto de sua companhia – declarou aberto.

– Mas eu não gosto da sua – mentiu. – Você não é meu tipo, é velho e colou em mim como uma sarna.

– Você não achava isso ontem ao quase transarmos no carro aqui, no estacionamento do hospital – comentou maliciosamente e deu mais uma mordida no sanduíche, tranquilo.

– Eu estava vulnerável por causa da Beckye e você se aproveitou de mim – acusou insolente.

– Não estava, não. Você praticamente me atacou. Diga-me, Carolyn, por que não quis? Por que desistiu?

– Não vou falar – fez um biquinho e virou o rosto.

– Fale – pediu carinhoso.

– Não.

– Por favor.

Ela levantou, jogou o saquinho de sanduíche no lixo e olhou-o dramaticamente. – Já era noite, eu passei o dia sem tomar banho e minha bota estava com chulé – sorriu. – Não quis porque estava chovendo e tínhamos que manter os vidros fechados. Imagine o cheirinho – zombou e saiu correndo.

Samuel gargalhou divertido. Talvez, só talvez, não precisassem divorciar-se, afinal.

**

Três horas depois de Beckye ter sido levada para a sala de exames na cadeira de rodas – não sem antes perguntar *por que eu não posso ir andando?* –, ela voltou ao quarto. Dr. Roger explicou a Christopher e familiares que a febre por causa da pneumonia estava controlada, o corpo respondia bem a comandos e aparentemente não ficaria sequelas. Provavelmente quinta-feira, ao meio dia, ela teria alta.

A dor de cabeça ainda não cedera, os músculos do corpo seguiam rígidos e doloridos, a garganta queimava, entretanto a garota recusava-se a revelar ao médico ou a quem fosse. Queria voltar logo para casa.

Ela observou silenciosa os olhos aflitos de Christopher enquanto relatavam seu estado. Evitava pensar sobre o acidente. Para ela, o que passou, passou. O importante era estar viva. Tinha uma nova chance de viver e viveria intensamente.

Antes que o médico se fosse, ela insistiu que tirassem a sonda e, por conseguinte, precisou usar o banheiro. Sobretudo, todas as vezes que foi sozinha, dispensando a ajuda de Christopher ou Carolyn, perdia o centro e tinha a sensação de que iria cair. Então se obrigava a equilibrar-se, respirava fundo e, segurando no andador, ia sozinha. Não estava acostumada que as pessoas cuidassem dela... E matava Christopher de preocupação.

– Quase houve uma guerra para acompanhar você – Christopher noticiou divertido ao encontrar-se só com Beckye, no quarto. Apoiou o antebraço na cama, os ombros doloridos de cansaço. – Depois da intervenção do meu pai, sua tia cedeu o lugar para nós – sorriu. Beckye segurava um espelho na mão trêmula, conferindo a maquiagem leve que Carolyn fez há pouco. – Sua prima ficou competindo comigo para ver quem tinha mais serventia – fez uma careta. – Eu perdi. Acho que vou ter que fazer um curso para aprender a te maquiar.

– Eu prefiro acordar e ver você a acordar bonita – defendeu letárgica. – Numa escala de prioridades, eu escolheria você... Sempre você – declarou com olhos intensos, cheio de ternura. Ele beijou o dorso de sua mão livre.

– Por que tem uns buracos na minha cabeça? – ela tocou o cabelo com os dedos.

– Rasparam para fazer exames.

Ela sorriu fraco.

– Que bom que não fiquei careca – gracejou rouca. – Dos males, seria o pior. Dramatizou divertida.

– Realmente seria trágico – ironizou, rolando os olhos. – Ainda assim, você continuaria sendo você. A florzinha mais linda do meu jardim – bajulou.

– Como estamos românticos – brincou, depois ficaram um tempo olhando-se, em silêncio. Ele suspirou.

– Você não me pareceu surpresa ao ver Peter falando.

– Eu já sabia que ele falava. Tem um tempo que ele falava mama, tio Chris, lembra? – respirou longamente, cansada.

– Mas agora ele fala frases completas – esclareceu.

– Pelo menos o acontecido tirou um pouco da manha, como diria o Alek – concedeu, suavizando a conotação do ocorrido.

A menção ao nome de Aleksey alimentou a ansiedade. Segundo Carolyn, ele fora avisado e já estava a caminho. Agora Christopher tinha que esperar ela estar completamente curada para terminar a conversa que começou na casa do pai.

– Não fale assim tão naturalmente do acontecido – voltou a dizer, chateado. – Não teve nada bom nisso. Você quase...

– Não aconteceu – ela interrompeu-o obstinada. – Eu estou bem. Isso é o que importa – encerrou o tema.

Ele fechou os olhos, ignorando sua tentativa de banalizar o acontecido.

– Sabe o que é pior... – comentou amargo, agora com o polegar deslizando em seu rosto pálido. – Eu não consegui... – cessou as palavras com uma mudança súbita de expressão para sombria e raivosa. – E-eu não consegui fazer nada! – sua voz saiu rosnada, numa torrente interior de autorrecriação. – O Samuel teve que pular para te salvar... Se dependesse de mim... – deixou a frase morrer, com a postura rígida. – Eu nem ao menos pulei, como fiz quando foi com minha mãe. E-eu congelei. Fui inútil. Miseravelmente inútil – sussurrou, numa onda corrosiva de consternação. Ela esperou-o. Ele suspirou e seu semblante se suavizou. – Você vai me perdoar?

Ela sentiu o coração apertar ao ver sua dor.

– Eu estou aqui, não estou? Não tenho do que perdoar – virou o rosto e beijou seus dedos. – Você podia ir pra casa – sugeriu.

– Você tem que me prometer que vai entrar numa aula de natação – pediu enérgico, ignorando a

mudança brusca de assunto. – Não quero passar por isso de novo.

– Eu prometo – sorriu em tom apaziguador. – Agora quero que você vá embora cuidar de você.

Ele deu um sorriso sem jeito e olhou para sua roupa surrada, que encontrou no velho guarda-roupa da casa do pai. – Estou assim porque não fui em casa esses dias – explicou.

– E quem colocou água para minhas plantinhas do apê? – argumentou, prevendo um meio de fazê-lo ir para casa descansar.

Ele balançou a cabeça, incrédulo. Tanta coisa para ela se preocupar, foi se ater logo a isso!

– Dona Keila. Ela deve ter ido lá – deu de ombros.

– Eu quero que vá para casa se cuidar. Amanhã vamos ter tempo para ficar juntos. Além disso... – tocou na mão dele, carinhosamente. – Eu *tô* com sono.

Relutante, ele enrolou os dedos nos seus cabelos. – Quero ficar com você – pediu manhoso.

– Por favor, vá – insistiu meiga. – Você *tá* acabado – brincou. – Tire o resto da tarde para fazer a barba, cortar o cabelo. Não quero um namorado feio – condenou dramática.

Ele sorriu. – Melhor ouvir isso do que não ter você – fingiu-se de ofendido.

– É sério. Se você não aparecer aqui como o namorado lindo que você é, sobre o que as enfermeiras vão comentar depois? – gracejou novamente. – Eu vou ficar bem com elas – prometeu. – Tenha uma boa noite de sono, amanhã você volta e me busca – persuadiu-o, com ternura.

Ele fez uma careta, sentou-se na beirada da cama e inclinou-se sobre ela. – Eu senti muito sua falta. Por isso não quero ir... Mas tudo bem. Vou somente esperar você dormir.

– Não. Não se preocupe comigo.

Ele deixou cair os ombros. – Tudo bem, coisinha teimosa. Amanhã eu te pego – inclinou-se sobre ela e beijou longamente sua testa. – Bom sono.

Afastou-se e caminhou cabisbaixo para a porta, a familiar sensação de perda de tempo comprimindo o seu peito. Mas o que poderia fazer? Falar agora sobre Aleksey?

– Hei... – Beckye chamou-o quando ele cruzava a porta e uma enfermeira entrava. – Eu amo você – murmurou baixinho, pegando-o de surpresa. Ele abriu a boca sem palavras, intimidado pela presença da terceira pessoa. – Sonhe comigo – ela completou e jogou um beijo no ar.

– Sempre – sorriu e saiu.

Após passar num salão e cortar o cabelo, chegou em casa, pôs o celular que estava sem bateria desde domingo para carregar e tomou um demorado e relaxante banho. Teve uma noite longa e tranquila de sono depois dos dois dias dormindo poucas horas.

Não teve sonhos ou pesadelos.

**

– Ele deve estar lá – Roney disse a Aleksey. – Não sai nem para comer.

– Deve ser o remorso – Aleksey lavou as mãos no lavabo de seu laboratório, depois enxugou o rosto cansado. – Como aconteceu? Samuel não disse quando ligou.

Roney explicou sobre o acidente, Aleksey ouviu ansioso e seguiram pelo jardim rumo ao estacionamento, ainda falando sobre todos os acontecimentos.

– Ela se recuperou naturalmente – Roney adicionou. – Anteontem, terça-feira, começou as mudanças no quadro.

– Que bom. Ligue para o Samuel e peça para o Chris sair de lá porque eu vou vê-la. E é bom que ele não esteja por perto. Se encontrá-lo, vai dar briga.

Roney acompanhou-o até o Land Rover, Aleksey entrou e Roney apoiou-se na porta. – E *ela*? Está bem?

– Sim. Na medida do possível – deu de ombros, com um sentimento desértico de insatisfação no rosto.

– Foi ideia do Samuel ligar. Eu não queria atrapalhar – justificou-se.

– Foi por minha irmã. Eu tinha que vir. Só não aguentaria passar por tudo de novo – suspirou cansado. – Que bom que ela saiu dessa sem intervenção química.

Aleksey girou a chave na ignição. Roney manteve-se parado, relutante em deixá-lo com o tanto de assunto que tinham a tratar. Aleksey estava impaciente. Sua prioridade era ver a irmãzinha.

– Você sabe que daqui pra frente um furacão será iniciado – Roney lembrou, mudando de assunto.

– Mais cedo ou mais tarde iria acontecer – pôs o cinto, com olhos sombrios. – Depois disso vou cair fora. O tempo que ficarmos esquecidos vai servir para despistar. E quando as pontas finalmente caírem, eu não serei acusado de rato. Afinal, eu também terei caído.

– E ela? Onde ela está? – insistiu, mesmo percebendo a ansiedade de Aleksey em partir.

– Num lugar seguro... Lugar onde poderá ficar por um tempo enquanto resolvo minha vida com a Justiça.

**

Christopher acordou renovado, lanchou, molhou as plantas, foi ao supermercado fazer compras e, mais tarde, a caminho do hospital, comprou um *bouquet* de flores. Só então se lembrou de ligar o celular. Dezenas de mensagens, supostamente da operadora, chegaram de uma vez, ao que, desinteressado, selecionou todas e apagou antes mesmo de ler.

Chegou ao hospital às onze da manhã. Encontrou Carolyn no corredor.

– Christopher, Aleksey está lá dentro – avisou, aflita, impedindo-o de ir adiante. Christopher

congelou, tenso e impotente.

– Quando ele chegou? – ouviu sua própria voz perguntar repleta de terror com o iminente confronto.

– Hoje.

– Por que você não me avisou?

– Eu te liguei, Samuel ligou, mas seu telefone caiu na caixa – explicou ansiosa.

Christopher se lembrou do porquê. Talvez Ethan também tivesse tentado alertá-lo.

– Merda – praguejou e esfregou o pescoço, desorientado. Não podia entrar no quarto e correr o risco do antagonismo dos dois ser exposto. Mas queria vê-la.

– A Beckye teve febre novamente – Carolyn disse ao ver a determinação em seu rosto. – É melhor que ela não passe por emoções fortes.

– E o que você sugere que eu faça? – perguntou, quase com desespero. Agora, mais do que nunca, conscientizou-se de que a areia do tempo escorreu de suas mãos.

– Ligue para ela mais tarde – respondeu cautelosa.

Olhou para o corredor que levaria ao quarto com a coragem duelando contra o medo; deu um suspiro de derrota e entregou vencido as flores para que Carolyn entregasse.

Passou na Agência para matar o tempo, já que desde segunda não aparecia. Sentou-se à mesa e deparou-se com o acúmulo de papéis precisando de sua assinatura. Leu só os expedientes mais complexos, assinou todos e passou para a próxima pilha.

Não se lembrou de comer, até que quatro da tarde seu telefone tocou.

– Olá – Beckye saudou.

– Olá, Florzinha – sorriu animado. – Está melhor? Carolyn disse que você teve febre.

– Estou bem – ela limpou a garganta. – Tive alta. Por que não foi me buscar? Por que nem ligou? – cobrou triste.

Ele suspirou, envergonhado. – Porque você tinha visita. Eu não queria atrapalhar. Afinal, já tinha meses que vocês não se viam.

– Você podia ter ido lá para eu te apresentar para ele – insistiu.

– Teremos outra oportunidade – evadiu-se, subitamente aborrecido consigo por enganá-la. – Já está em casa?

– Sim. Estou sendo mimada – sorriu fraco. – Acho que não estou acostumada com isso. Sabe quando sua mente manda, mas seu corpo não quer obedecer? É assim que eu me sinto. Me sinto molenga – reclamou.

– É normal. Devem ser os remédios.

– Mesmo assim eu já me dei um prazo. Só vou aceitar essa moleza até amanhã.

– Você tem que parar de ser teimosa, mocinha. Precisa se recuperar completamente antes de voltar à rotina – ralhou brincalhão.

– Não. Eu não fico doente. A mente domina a matéria – recitou solenemente.

– Mas você não está doente – adulou. – Seu corpo passou por um acidente. Seu pulmão infeccionou-se. Isso não é sinal de fraqueza. Pelo contrário, mostra que seu corpo é forte. Está combatendo as bactérias.

– Hummm, você está tentando me adular – sorriu manhosa. – Sinto sua falta. Queria ir para *nosso* apê. Mas com Aleksey aqui vai ser meio difícil.

Christopher moveu-se na cadeira nervoso, tentando soar tranquilo quando perguntou. – Er, você falou com ele sobre nós?

– Não. Estou esperando o dia em que você venha me visitar para te apresentar e falar... Sabe, ele está tão sorridente. Vai registrar mais uma patente. Ele também está muito mais carinhoso com o Peter. Estou até com ciúmes.

– Não precisa ter. Seu amor é insubstituível para o garoto.

– Você está tão bajulador – observou, em tom jocoso.

– É porque sinto sua falta. O apê está muito quieto e organizado sem você. Não estou nem ficando lá muito tempo.

– E onde você está? – quis saber curiosa. Ela poderia ter deixado essa passar.

– Enrolando por aí – apertou os dentes, incapaz de contar mais uma mentira.

– Quando eu ficar boa, não vou deixar você soltinho por aí – brincou carinhosa.

– Eu não quero ficar soltinho. Quero ficar amarradinho em você – envolveu-a em seu carinho e encerraram a ligação sorridentes e melosos. Ele voltou a dedicar-se aos seus papéis, chamou Alissa e pediu que ela encaminhasse os documentos aos seus devidos lugares. Para o departamento de serviços sociais, área de Cynthia; para o departamento psicossocial, área de Rachel; para o departamento de registros e autorizações para pesquisas de drogas; e, por fim, daria seguimento a documentos que seriam enviados para o Juiz.

Livrou-se dos papéis, treinou um tempo na academia da Divisão e voltou para casa.

Naquele mesmo dia, Rebecca obrigou-se a praticar yoga para acelerar a total recuperação. Sua melhora foi nítida no telefonema do dia seguinte à noite.

Sexta-feira, Christopher tentou os meios possíveis para conversar com Aleksey. Ligou em seu

celular, mas sempre dava fora de área. Ligou no laboratório duas vezes, mas em nenhuma das vezes ele estava lá. Por fim, às onze da manhã daquela sexta-feira, passou em frente ao laboratório e o carro dele não estava lá. Na ocasião, ponderou aproveitar o ensejo e visitar Beckye, já que, aparentemente, Aleksey não estava em casa. Entretanto temeu que ele chegasse repentinamente e uma cena entre os dois fosse presenciada por Beckye.

À tarde, Ethan entrou com uma embalagem de Donuts em sua sala e sentou-se em sua frente.

– Que cara é essa, chefe?

– A de sempre – resmungou mal-humorado e continuou a ler superficialmente inquéritos.

– A menina do Aleksey está melhor?

– Sim – respondeu monossílabo, indignado por Ethan não ter parado ainda de chamar Beckye de *menina do Aleksey*.

– Aleksey chegou, *né?* – Ethan insistiu no diálogo, mesmo percebendo a indisposição do chefe.

– Sim.

– Eu tentei te avisar antes, por ter interceptado uma conversa, mas seu telefone estava caindo na caixa. Depois te mandei umas mensagens, você não retornou – Ethan explicou enquanto comia biscoitos. – Você recebeu?

– Que mensagens? – Christopher finalmente levantou os olhos.

– De que o juiz recebeu a denúncia contra Aleksey. A qualquer momento será expedido mandado de prisão preventiva.

– O quê? – desencostou as costas da cadeira, alarmado.

– Isso mesmo. Parece que já temos provas suficientes para incriminá-lo.

– Quem levantou essas provas? – abriu a boca aturdido com a complexidade da situação.

– Na maioria, você – elucidou como óbvio.

– Eu? – apontou para si.

– Sim. Foram juntadas suas provas de investigação de dois anos. Também teve as evidências de que ele estava sempre nos locais de troca de mercadorias. E, por fim, teve aquele *chip* que tinha se perdido, lembra? Alguém nos fez um favor de achar e pedir para os colegas da Inteligência decodificar – explicou, depois sorriu. – Você finalmente vai poder prender Aleksey – levantou-se sorridente. Não entendeu o semblante de choque do chefe.

Christopher suspirou, perturbado, mas conseguiu enfim falar.

– Quando chegar o Mandado, você me avisa – preveniu, com os pensamentos distantes.

– Okay. Mantenha os celulares ligados – o oriental saiu, batendo a porta atrás de si.

Tudo tinha saído de controle. Não estava mais ao alcance de suas mãos. Restava esperar. Não era mais hora de estar indeciso. A justiça seria feita. Não foi para isso que integrou o quadro da Narcóticos?

O certo, depois de lutar tanto para que Aleksey pagasse pelo que fez, era que tivesse certeza. No entanto, estava cheio de dúvidas. Não por Aleksey, pois sabia que ele merecia pagar. Mas pela repercussão. Pelo que a prisão desencadearia. Pelos reflexos que teria em sua vida.

Estava confuso e com medo. Muito medo.

Sábado pela manhã, dormia um sono profundo. Por entre a névoa do semiadormecimento, sentiu beijos lânguidos no pescoço. Abriu os olhos assustado e deparou-se com cabelos louros caídos sobre seu pescoço.

– Bom dia! – beijou-o novamente no pescoço. – Vim buscar meu presente de boas-vindas e convidá-lo para um jantar hoje à noite em minha casa.

– Seu presente? – levantou o tronco sonolento, piscando para acostumar-se com a claridade.

– Sim – enfiou a mão dentro do pijama, maliciosamente. – Quero você – beijou-o na orelha. – Tenho uma hora antes de ir para a casa de recuperação, então vim fazer amor.

– Por que presente de boas-vindas? – questionou confuso.

– Porque voltei a viver! – anunciou abrindo os braços animada. – Vamos celebrar a vida!

Ele se espreguiçou, focou-a com um só olho aberto e levantou-se alongando enquanto ia para o banheiro. Quando estava na porta, instruiu, com a voz rouca de sono. – Tire a roupa e me espere – apontou para ela com um gesto indolente. – Não quero que vá toda amassada para a casa de recuperação.

Ela sorriu divertida e obedeceu. Cinco minutos depois, ele saiu com o cabelo molhado, o rosto desamassado, e Beckye sorria nua e cheia de charme, pousando como uma sereia sobre a cama.

– E o Peter? Não veio? – perguntou ele.

– Não. O pai dele pediu para ficar com ele... Cinquenta e dois minutos agora – cronometrou, olhando no relógio.

– Não pressiona, Beckye – ele olhou para o próprio quadril ao deitar-se lado a lado com ela. – Assim não *funciona*. Vamos conversar. Como você está? – iria aproveitar esse tempo.

Ela afastou-se para frente e beijou-o na garganta, ignorando suas tentativas de diálogo. – Estou bem. Saudável. Me sinto quente, viva, novinha em folha... – lambeu-o sedutoramente na curva do pescoço, com diabólica pretensão, o que resultou nele um arrepio na coluna.

O olhar dele percorreu lentamente os seios fartos, a cintura fina, os quadris bem feitos, detendo-se no triângulo entre suas pernas e sentiu uma descarga de tensão na pélvis, tornando desperto o seu membro.

Rebecca desceu o olhar curioso e sentiu-se realizada com seu poder feminino, consciente do quanto sua nudez o agradava. A boca manteve-se mordiscando sua garganta, desejosa e impaciente, então desceu para o peito largo, de um jeito doce e irresistível.

A mudança súbita na atmosfera deixou ambos ofegantes, excitados, ele desceu a mão e acariciou-a na cintura. Ela moveu-se com descarado oferecimento ao encontro dele, que sorriu, com orgulho masculino por ser ele a domar-lhe o viço e satisfazer o corpo jovem e disposto.

– Senti sua falta – disse ele com um gemido de rendição quando cobriu o seio com a palma da mão, a luxúria ampliando-se nele, em sintonia com a dela. Tinha duas opções: sentá-la na cama, mandá-la ficar quieta e falar sobre Aleksey... Ou descer a boca até os seios e mordiscá-los até ela se contorcer, depois descer mais, sugar e saborear seu gosto de mulher...

Não restou dúvida se escolheu o certo quando ela emitiu um som profundo e indefeso ao assalto de sua língua no centro nervoso de prazer. Não restou dúvida ao senti-la tremendo em sua boca.

Poderia parar depois de vê-la satisfeita... Não obstante, movendo-a para sentá-la sobre ele, concluiu, quando penetrou no extraordinário calor, que Deus sabia que resistir era impossível. A luta era desonesta. Ele precisava, necessitava estar assim dentro dela novamente, ser abraçado por sua calidez, ser comprimido por sua vida, pulsado pelo sangue que corria nela.

Ela estava viva!

Hummm, maravilhosa. Ouviu-se gemer. *Não posso parar,* disse enquanto rolava os olhos na órbita, com ela movendo nele, as unhas fincadas em seus braços.

Precisava novamente ouvir esses arquejos, ver o sangue disparar nela e a respiração sair quente e ofegante – isso depois de quase vê-la morta ao afogar-se.

Abraçou-a emocionado, fascinado por seu charme, paixão e segurança feminina. Ergueu a mão e tocou sua nuca, tonto de luxúria.

– Abrace-me forte – ele rugiu e puxou-a para mergulhar sua boca com a língua, tremendo. Ouviu o som rouco de êxtase na garganta dela e estabeleceu que precisava disso, precisava sentir de novo o prazer dela envolvendo-o, abraçando-o, precisava estremecer junto a ela... E os dois foram levados juntos pelo redemoinho de satisfação.

Mais tarde, ele iria pensar sobre o tempo de conversa que perdeu.

Esse mais tarde foi quando beijava sua nuca, o corpo dela de bruços sob o seu, saciado e lânguido; e ele, ao invés de curtir o torpor da realização, suspirou e a pressão invisível voltou a atormentá-lo, pulsando medo nos ouvidos.

– Fica comigo – ele sussurrou, persuasivo, descendo beijos por sua coluna.

– Não posso. Tenho responsabilidades – disse e girou o pulso para olhar as horas. Restavam cinco minutos para começar a se arrumar, de modo que podia sair às oito horas.

– Você vem almoçar? – ele tentou outra vez. – Posso fazer uma reserva num rest...

– Não – interrompeu-o preguiçosa. – Eu preciso ir ao salão fazer unha, depilação, uma hidratação. Quero estar bonita novamente para você. Meu cabelo está sem vida devido ao tanto de remédio que tomei – tocou o cabelo desgostosa.

– *Pra mim você já é linda* – deu outro beijo em sua coluna, a mão acariciando a nádega.

– Eu sei. Mas como decidi fazer a festa de última hora, quero organizar as coisas – ronronou de olhos fechados, curtindo as últimas carícias. – Se tivéssemos tempo eu queria mais.

Ele riu. – Você é uma Florzinha insaciável.

– Argh, não me chame de Florzinha na cama – reprovou dissimulada e moveu o quadril sensualmente ao encontro dele. Ele lhe beijou os braços, a mão ainda fazendo círculos na carne arredondada.

– O nome de uma planta carnívora seria mais *sexy*?

– Talvez. A planta que come sua minhoquinha – brincou, com intimidade despreocupada.

Ele abriu a boca cético, fingindo-se de ofendido. – Minhoquinha, é?! – fez cócegas nela, que se contorceu rindo. – Pega aqui na *minhoquinha* pra você ver – brincou e esfregou-se nela.

Ela riu e sorriu gostosamente, os cabelos espalhados na cama, olhos perdidos de satisfação e boca vermelha de mulher *bem usada e satisfeita*. Ele não podia tirar os olhos dela e mãos dela. Ela era seu tudo.

– Já que você não quer nomes carinhosos na cama, quero dizer que você virou uma ninfeta insaciável, uma safadinha – comentou com solene afetação e deu-lhe um tapa estalado no bumbum, o rosto descansado em seus cabelos.

– Você gosta – soprou.

– É minha criação – admitiu orgulhoso.

Ele pediu novamente para ela ficar o resto da manhã. Ela se deu conta do horário, deu um pulo da cama e recolheu às pressas a toalha para tomar um banho rápido. Ao sair, voltou a falar sobre a festa.

– Eu preciso ir para convidar uns amigos da pastoral. Vamos comigo? – convidou enquanto penteava o cabelo.

– Não. Obrigado – negou rapidamente. Ela aceitou, sem insistir.

– Meu dia *tá* cheio. Mais tarde, quero acompanhar de perto o trabalho do *Buffet*, ver as músicas para o DJ. Então realmente não posso ficar.

– Você não disse que seria só um jantar? – apoiou-se no braço, ainda deitado na cama.

– Sim. Mas é minha primeira festinha na vida. Não fiz festa de aniversário, lembra? – ela sentou-se com movimentos apressados para calçar o tênis e sorriu. – Eu estou viva, não estou? – disse animadamente. – Tenho motivo pra comemorar. Será um encontro de ação de graças com meus amigos da escola, da pastoral, da casa de recuperação, com minha família e com você.

Ele sorriu com sua animação, embora internamente temesse. Perder essa oportunidade de conversa foi uma inescusável tolice, ainda que fosse um tempo impagável de amor.

– Você hoje vai conhecer meu irmão, seu covardezinho. – ela apertou sua bochecha e deixou-o em movimentos acelerados. Ninguém diria que há poucos dias esteve em coma.

Ele foi à Carolina Herrera, em Beverly Hills, comprou dois vestidos, um negro e um creme, e mandou entregar no endereço dela. Depois foi ao laboratório de Aleksey. Mal estacionou em frente à guarita, viu que o Land Rover de Aleksey não estava. Resolveu descer mesmo assim e conversar ao menos com seu ajudante, Roney. Identificou-se como Agente da Narcóticos aos dois guardas no portão e foi recebido por Roney na recepção.

– O que trás o Agente Especial da Narcóticos aqui no nosso humilde laboratório? – comentou com um sorriso de mofa.

– Cadê o Aleksey? – deixou as evasivas de lado.

– Não sei se isso é da sua conta, mas saiu com o filho. Foram ao *shopping*.

– Que horas ele chega? – deu uma olhada em volta, observando as diversidades de amostras de produtos. Era uma boa fachada. Mas ele sabia o que tinha lá dentro.

– Não tenho ideia... Mas o que é? Você tem alguma autorização judicial desta vez para fazer suas investigações?

– Quê? – franziu o cenho ante o seu tom de acusação.

– Você sabia que pode ser processado por invadir domicílio?

– Sobre o que está falando?

– Você sabe – ironizou, apontando para o laboratório.

Christopher percebeu alarmado ao que ele se referia e entrou na defensiva.

– Você está me ameaçando? – questionou sério. Roney deu um passo atrás, divertido.

– Oh, não. Não mesmo. Só estou avisando. Você devia cumprir a lei. Não burlá-la.

Christopher encarou-o perplexo com seu ar debochado, deu as costas e caminhou para a porta, disposto a ignorá-lo.

– Avise para o Aleksey que eu estive aqui e preciso urgentemente falar com ele. Acho que ele sabe do que se trata. Nenhum de nós dois quer perturbar Beckye hoje à noite com nossas diferenças.

Saiu de lá sem rumo, dando voltas nas ruas. Comprou almoço e voltou para casa. No meio do caminho, recebeu uma ligação cheia de entusiasmo de Beckye. Passou a andar em marcha lenta pelas ruas.

– Hoje foi muito legal na casa de recuperação. – contou animada. – Acho que agora eu tenho muito mais palavras de ânimo para dar aos resgatados. Eles ficaram tudo em minha volta para ouvir minha

experiência – disparou. – Temos que identificar e aprender com os planos de Deus. Se vocês tivessem me salvado alguns segundos depois eu teria morte cerebral. Estou tão feliz pela segunda chance. Você viu que dia lindo, que sol lindo! – aumentou o tom, emocionada.

– Eu vi – sorriu contagiado com sua alegria e conferiu, olhando o céu.

– Estou com a capota levantada, ouvindo música. Nada me deixaria mais feliz hoje. Sou uma garota realizada.

– Que bom.

– Sabe, eu estava pensando uma coisa: diante de muitas religiões, se eu tivesse morrido, eu não iria para um lugar bom – divagou, e Christopher passou a dirigir ainda mais devagar na avenida, recebendo algumas buzinas de protesto.

– Por quê? Você é tão boa com todos.

– Eu iria morrer sem saber ou conseguir perdoar – segredou. – Eu nunca perdoei minha mãe. Tenho horror em pensar vê-la. Posso ler sobre perdão, estudar sobre ele, mas não consigo esquecer o que ela fez de mau para mim.

– Pode ser que quando você ficar mais velha, você aprenda a ver as coisas de outro ângulo.

– É, talvez – concordou pensativa. – Ah, chegou uma nova internada tão estranha na casa de recuperação – mudou de assunto bruscamente. – Uma mulher linda de longos cabelos negros e olhos azuis. Tão bonita ela, mas tão pálida e magra. Deve pesar uns quarenta quilos e está numa cadeira de rodas – continuou, reflexiva. – Eu passei horas olhando para ela incomodada com algo. Queria fazer a pergunta que sempre faço a um cuidando: o porquê de ter entrado para drogas. Mas ela não fala. Perdeu a memória com uma overdose que teve.

– Eu comprei um presente para você. – desviou o tema, não dando margem ao assunto. – Espero que goste. Mande entregar na sua casa – avisou sorridente.

– Ah, por que você não esperou para me dar hoje à noite? – questionou manhosa.

– Porque eu quero que você use.

– Hummm, então *tá* bom.

– Vem almoçar comigo – ele tentou de novo. – Comprei comida japonesa. Dá para dois.

– Não. Eu sei que um almoço com nós dois, sem o Peter em casa, vai terminar comigo em cima da mesa. Eu que vou ser almoçada – riu maliciosamente. – E não tenho tempo. Tenho que estar no salão uma da tarde. Vou comer rapidinho e sair. Mas... – interrompeu intencionalmente, para criar expectativa. – Se você convencer Aleksey hoje na festa de que me quer bem, dormirei com você mais tarde. Prometo.

– Okay, eu te ligo – respondeu, subitamente mal-humorado.

– Seis horas lá – exigiu. – Se você não for, eu não te perdoo.

– Okay.

Capítulo 02 - Conspirações & Vazio

Quatro da tarde, Christopher ligou novamente no laboratório pela terceira vez na tarde e recebeu uma negativa irritada de Roney. Já perdia as esperanças de falar com Alek antes do jantar e tinha ciência de que suas atitudes até agora foram táticas subconscientes de dar voltas e não enfrentar o que deveria.

Para completar sua sensação de afunilamento, às cinco horas, recebeu um telefonema inesperado de Ethan.

– Como assim? – As palavras saíram automáticas. – Não! – ofegou e sentou-se derrotado no sofá.

– Não, por quê, chefe? Você está esperando essa oportunidade há tempos! – exasperou-se Ethan.

Christopher disfarçou a apreensão e temor com um pretexto.

– Hoje a casa vai estar cheia – conseguiu dizer. – Tem uma festa lá. Não tem como fazer isso hoje – negou, transtornado ao pesar sua maldita sorte.

– Não vai ser a primeira vez em que invadimos uma festa – zombou, sem entender o humor de Christopher.

– Foi o Sebastian que mandou me avisar? – passou os dedos no cabelo, angustiado.

– Sim. Ele sabia que esse caso interessava você. Todos aqui sabem que você quer muito prendê-lo.

Merda, merda, merda. Isso não deveria estar acontecendo assim.

– Por que não me avisou mais cedo? – inquiriu, contrariado.

– Não fui eu o plantonista que recebeu as ordens do dia. Sebastian só me avisou agora. Ele tinha outras prisões e avisou que a de Aleksey está entre elas.

– Tudo bem. Pode deixar que eu ligo para ele.

Desligou e discou o número de Sebastian, no telefone funcional. Tocou várias vezes e ninguém atendeu. Pegou a chave de sua moto, o capacete e desceu para garagem, tempo em que ligou novamente para Ethan.

– O que eles iam fazer antes? Há quanto tempo saíram?

– Eles saíram tem uma meia hora para cumprir um Mandado na Zona Sul. Depois iriam para casa do Aleksey... Chefe, eu não estou entendendo sua relutância.

– Não é pra entender mesmo, Ethan. Estou indo para aí – desligou e acelerou a moto.

Entrou na Agência e, enquanto vestia a roupa tática, tentou novamente entrar em contato com Aleksey, agora por um motivo bem diferente de antes.

Atende essa porra, filho da puta. Soltou imprecensões a cada minuto mais frustrado e angustiado.

– Melhor colocar a balaclava para não ser reconhecido – Ethan aconselhou, próximo ao seu armário, já vestido para missão com uma câmera filmadora na mão.

– Eu espero realmente que não precisemos usar nada disso – Christopher desejou carrancudo, apertando os cadarços do coturno. Ethan não entendia sua atitude bizarra. Pensava ser essa a prisão do século para Christopher.

Seis e meia da tarde, pararam em frente à casa de Aleksey. A essa altura Christopher tinha ligado no telefone residencial da casa de Aleksey duas vezes, esperando que ele atendesse. Mas por azar, ou consequência do destino, as duas vezes foram Beckye quem atendeu. Ele covardemente desligou.

– Qual era o plano, Ethan? Invadir? – desceram da moto e estacionaram próximo a uma árvore, perto de outros carros. – Eles nem cogitaram a hipótese de ter movimentação na casa hoje? – encostou-se no muro. O crepúsculo já invadia o céu. Em poucos minutos anoiteceria e o que pretendia fazer ficaria mais fácil.

– Querem cumprir logo o Mandado antes que Aleksey tenha chance de fugir. Também vão apreender provas no laboratório.

Christopher afastou-se de Ethan e olhou detidamente para o muro. O correto seria bloquear a emoção, ouvir a razão e cumprir o ofício.

Isso era o correto.

Suas certezas claudicaram numa tristeza intensa que o fez reconhecer a verdade. Não podia magoar Beckye. Negava-se. Faria algo para frustrar a missão. Não iria trair sua confiança no dia que daria a primeira festa.

Equilibrando-se entre o desafio e a cautela, escalou uma árvore externa e subiu no muro. Usou um bloqueador de resistência elétrica em dois lados para interromper a corrente de energia que passava nos fios de tensão, passou para o outro lado e pulou na propriedade.

Por segundos, ponderou entrar na festa, misturar-se e abordar Aleksey. Rejeitou a ideia. A roupa tática o denunciaria. Teria que agir cautelosamente.

Encostou-se no muro e olhou suspirando para casa. Imaginou como Beckye estaria vestida, se estaria ansiosa por sua chegada. Seu estômago se contraiu enfrentando o tortuoso ciclo de temor e dúvida. *O que fazer?*

Intuiu que sua sorte mudou quando viu Roney fumando num canto do jardim lateral da casa em companhia de Aleksey. Com passadas decididas, atravessou a propriedade, protegido pelas sombras dos arbustos crescidos e chegou até eles.

– Aleksey... – abordou-o. Aleksey girou no eixo sobressaltado. – Precisamos conversar! – soltou num fôlego, puxando pesadas rajadas de ar.

Aleksey sorriu enigmaticamente, com diversão zombadora nos olhos e cumprimentou-o.

– Como vai, Chris?

No segundo andar, Rebecca conversava com Daniel indignada por Aleksey ter chamado a doutora. Era um absurdo. Ela não era amiga sua. O jantar era para íntimos. Por que ela estava lá?

De braços cruzados na sacada, viu quando um homem vestido de preto atravessou os jardins correndo e aproximou-se de Roney e Aleksey. Entrecerrou os olhos desconfiada e encostou-se mais ao beiral. Será que Aleksey armou alguma surpresa ou apresentação?

Um sorriso formou em sua boca quando viu o homem de preto tirar a touca. Christopher. De certo, ele veio fazer alguma surpresa e estava combinando com Aleksey, concluiu. Que fofo! Ele já estava se dando bem com Aleksey. Tudo corria bem.

Contente, sorriu boba e preparou-se para descer, esquecendo-se da inconveniência de Rachel em sua casa.

**

Mesmo não gostando do sorriso suspeito de Aleksey e de sua tranquilidade ante o seu aparecimento repentino, Christopher foi direto ao ponto.

– Eles estão vindo prender vocês – avisou sem preâmbulos, no mesmo instante em que tirava o gorro ninja que cobria o rosto.

– Quem está vindo? – Aleksey entrecerrou os olhos, surpreso com sua atitude bizarra de alertá-lo.

– Minha Agência.

– Ah, então você conseguiu finalmente me prender – zombou e olhou de canto para Roney, que estava sério. – Tudo bem – ergueu as duas palmas no ar dramaticamente. – Deixe pelo menos eu ir lá para fora me entregar. Não queremos estragar a noite e perturbar a flor, não é mesmo? – espetou e caminhou tranquilo rumo ao portão. Christopher seguiu-o um passo atrás.

– Na verdade... – replicou nervoso, as mãos no bolso, tenso, olhando compulsivamente de um lado ao outro do jardim. – ... Er, eu vim te alertar para você ter tempo de, er, fug...

Parou e prendeu o fôlego ao registrar cinco homens de preto pular o muro. *Tarde demais*. Outros dez entraram em fileira pelo portão aberto e formaram uma parede de agentes emparelhados lado a lado, com armas apontadas em direção a eles. Um deles gritou: Polícia Federal! Mãos à vista!

Christopher se viu impotente e perdido. Afastou-se dos alvos e agradeceu aos céus que o barulho do som sobrepusesse ao da invasão. Já era tarde demais para voltar atrás, precaveu-se colocando novamente a touca balaclava e se posicionou ao lado de Ethan.

Rebecca seguiu apressada pelos jardins laterais com Daniel e David ao seu lado rumo à frente de casa. David viu o movimento de homens de preto na propriedade e deu meia volta. Rebecca seguiu o trajeto curiosa. Chegou a tempo de ver Roney e Aleksey erguer as mãos no ar.

Um homem negro, de cabelo rastafári, segurou uma algema e aproximou-se de Aleksey.

– Não precisa algemá-lo – a voz de Christopher instruiu, Rebecca percebeu. Vinha de uma série de homens mascarados. – Ele já se entregou. Vamos terminar com isso o mais rápido possível – comandou sério, mas o homem de rastafári não retirou as algemas.

Confusa, Rebecca parou escondida na quina da casa, tentou ouvir, mas não entendeu nada do que acontecia.

– Tem mais duas prisões, chefe – o negro informou. – Olga Navka e David Jonas.

– O quê? – Christopher questionou e deu um passo à frente. – A Olga? Sob qual acusação? – questionou em dúvida

Rebecca associou a declaração ao significado e deixou o queixo cair, em choque. O que acontecia ali? Não parecia uma brincadeira, pensou estarecida.

– Associação para o tráfico – o moreno respondeu, lendo um papel na mão. – Quadrilha.

Christopher se virou em direção ao homem ao seu lado.

– Uchida, você sabe quem são eles? – perguntou sério. O outro mascarado assentiu. – Tire a máscara, dê uma volta por lá e chame-os discretamente – ordenou e virou-se de costas, frente ao portão, de braços cruzados no peito, parecendo irradiar tensão.

Determinada a descobrir que brincadeira era essa, Rebecca saiu do esconderijo, e parou entre Aleksey e o homem de rastafári.

– O que está acontecendo aqui? – interrogou com valentia e intrepidez.

Ao ouvir sua voz, Christopher estremeceu de apreensão e olhou-a por sobre o ombro sobressaltado. A pulsação acelerou. Surpreendeu-se ao notar que ao invés de encontrar uma garota loira e com maquiagem *neon* cheia de *glitter*, encontrou uma morena, com cabelos presos objetivamente no alto e alguns fios caindo no rosto. Os olhos verdes foram maquiados com sombra escura, dando aparência de indiana. Usava o vestido longo, de alças grossas preto que ele lhe mandou de presente pela manhã. No fundo do seu íntimo, sua imagem lhe causou um protesto, rejeitando-a. Essa não era *sua* Florzinha, pensou em meio ao tumulto de emoções. Não gostou de vê-la de roupas escuras e adultas, ainda que tenha sido ele a escolher e a comprar.

Ela olhou em volta com olhos confusos e cheios de perguntas. Christopher teve a ideia de sair discretamente pelo portão.

– Vou ter que ir à Delegacia prestar um depoimento, Florzinha. – Aleksey quebrou o silêncio. – Coisa rápida – tranquilizou-a e encarou Christopher, que emitiu um longo suspiro aliviado ao perceber que Aleksey não o entregaria.

Christopher deu um passo ao lado em sua fuga covarde, Rebecca registrou isso, virou o rosto em sua direção e seus olhos se encontraram. Ele congelou ao ver a suspeita. Ela deu cinco passos até ele, parou em sua frente e estudou-o. O tempo pareceu parar. Ele esperou. Ela levou a mão à base do

gorro no pescoço e levantou-o, sem pressa. Ele aguardou em suspense.

– Por que você está vestido assim? – sondou ainda inocente quando o nariz dele ficou livre. Sua percepção ainda não era clara... Ou talvez ela não quisesse pensar.

Com a tensão de um prisioneiro em frente ao pelotão de tiro pronto a ser fuzilado, ele observou as expressões na face rosada mudar gradativamente quando se desfez totalmente da máscara. Ela desceu o olhar dramaticamente para o uniforme preto, depois para o distintivo no cinto, então para as armas que pendiam em sua cintura, por último, para as algemas.

– Beckye... – ele adiantou-se. – Eu posso explicar – conseguiu dizer hesitante e segurou sua mão quando ela deu um passo atrás piscando, incrédula. Ela olhou um a um dos integrantes da equipe armados e uniformizados.

– Ah, vai ser muito interessante ouvir você explicar – Roney provocou, levando instantaneamente uma leve cutucada de Aleksey.

Rebecca paralisou, conjecturou todas as explicações possíveis para seu namorado estar vestido daquele jeito. Um espasmo de temor pela resposta agitou-a.

– Chefe, não encontrei o David – Ethan voltou com Olga ao seu lado e olhou desentendido para os demais. O silêncio era total e opressivo. A garota morena era o alvo dos olhares curiosos dos agentes.

Uma musica trance repercutia no fundo da casa. Carolyn agia como anfitriã, jovens dançavam, garçons serviam, e Rachel observava tudo do estacionamento interno, bebendo tranquilamente um *drink*.

Sebastian poderia seguir com o andamento normal das prisões e dar as ordens a seguir, todavia, com seu superior presente, aguardou as coordenadas. Christopher estudava Beckye, sem ação. Ela parou o olhar em Ethan, de quem se lembrou vagamente.

– Vocês são policiais? – perguntou debilmente.

– Sim – Ethan assegurou como óbvio.

Ela virou o rosto e encontrou Matthew, reconhecendo-o imediatamente.

– Você também é policial? – a voz saiu estranhamente trêmula.

– Agente Federal. Não policial – Matthew corrigiu orgulhoso.

Finalmente Rebecca olhou de volta a Christopher, agora com o olhar frio e acusador.

– Então você é um policial – inferiu com a voz vazia de emoção. Sentia-se flutuando num universo paralelo.

– Como você pôde? – Olga censurou-o e avançou um passo em sua direção. – Carolyn disse que você gostava da Rebecca – acusou-o revoltada. Christopher fixou os olhos no chão, aflito, sem respostas para defender-se naquele redemoinho de acontecimentos.

– Você sabia, tia? – perguntou Beckye desgostosa. Olga balançou a cabeça, assentindo.

– Ele uma vez me defendeu de alguns ladrões – explicou triste.

Rebecca tapou o rosto com as mãos e suspirou, buscando calma. Outro espasmo no seu diafragma a fez tremer.

– Chefe, temos que fazer a busca no laboratório – avisou Sebastian a Christopher.

Christopher respirou fundo, os olhos desviados de Beckye, e sinalizou a três agentes posicionados ao seu lado. Como responsável pela agência, pensou, tinha que fazer jus ao profissional que era, esconder as emoções e evocar a capacidade de reagir com nervos de aço em tempo de crise.

– Joshua, Stanton e Uchida, façam a busca – ordenou sério.

– Ah, então você é o *chefe* – Rebecca balançou a cabeça cética, sem esconder a amargura da descoberta. – Quem é você? – apontou o dedo em riste, finalmente reagindo ao choque.

Christopher ainda não a enfrentou, mesmo encurralado. Esperava que a seguir viesse um ataque emocional, que ela o agredisse com palavras. Então ele lhe acalmaria, após ganhar tempo.

– Florzinha, esquece-o – pediu Aleksey e estendeu a mão chamando-a.

Não era para ela presenciar isso, o irmão pensou com pesar. Se não fosse a visita inesperada da filha de Jason Freeman, para quem ele teve que fazer sala mesmo alheio ao seu objetivo, era para ele estar lá fora, conforme combinado, já que esse circo teve que ser hoje. Pelo menos resolveria duas preocupações ao mesmo tempo: tiraria Christopher do pé de Rebecca, dando-lhe o prazer de vingar-se ao prendê-lo, e despistaria aqueles desconfiados de seus serviços.

– Não era você o alvo disso. Sou eu – esclareceu Aleksey. – Ele não significa nada. É só um Agente da Narcóticos que estava me investigando – explicou, depois se virou para Christopher, impaciente. – Vamos sair logo daqui, Agente Especial Adams. Não quero estragar a noite – deu um passo em direção ao portão, então se voltou para irmã. – Vai curtir o jantar, Rebecca. Mais tarde voltamos – mentiu para acalmá-la. – Esquece isso – pediu, sem mensurar a dimensão dos sentimentos da irmã. Para ele, ela rapidamente esqueceria o Chris, assim como esqueceu Daniel.

– Você também sabia? – ela franziu o cenho com incredulidade. *Só ela não sabia?* Perguntou-se à beira da histeria mental.

Ele assentiu com um esgar. O novo silêncio foi mortificante, tempo em que ela associava tudo, todas as omissões, todas as mentiras, todas as chances que ela teve de descobrir.

Com olhos úmidos, ela virou-se de frente a Christopher novamente.

– Você mentiu – acusou com a voz baixa. – Por que você fez isso? Você disse que não trabalhava... Disse que era herdeiro e que iria escrever um livro – enumerou decepcionada, rezando que aquilo fosse uma brincadeira. Christopher não negou ou defendeu-se. – Por que não me disse que era policial?

– Por que ele iria revelar se aproximou de você só para investigar Aleksey? – Roney intrometeu-

se, explicando sua lógica.

– Isso é verdade? – quis saber com olhos tristes. – Diz que é mentira, por favor – esfregou a fronte, negando-se a acreditar no que ouvia. Deus, que fosse um mal entendido, por favor.

Christopher, num mutismo contemplativo, desviou os olhos para Roney, que sorriu e adicionou. – Mostra para ela as fotos que você tirou do laboratório quando ela te chamava para vir aqui. Mostra os dados do computador que você copiou.

– Isso é verdade? – ela implorava com os olhos que não. – Por favor, diz que é mentira – suplicou.

– Se você não acreditar, Rebecca, eu tenho filmagens dele invadindo o laboratório. – ironizou.

– Chega, Roney! – Aleksey pediu ao ver o sofrimento no rosto da irmã.

– Beckye, não é nada do que parece... – começou Christopher, saindo do estado catatônico. Merda, será que a tragédia transformou-o em um tonto sem palavras no vocabulário?

Ela levantou a mão no ar, impedindo-o de continuar. Sentou-se na calçada e pôs o rosto nas mãos. Agora tudo se encaixava. Que outro motivo Christopher teria para estar com ela? Devia ter sido divertido rir às custas do seu amor infantil. Rir às custas de suas declarações adolescentes apaixonadas. Devia ter sido entediante esse tempo de namoro em que ela queria sufocá-lo e lhe dar tudo.

– Beckye...

– Não fale. Deixe-me pensar... – baixou o olhar, pensativa. – Meu Deus, como eu fui tola – engoliu a saliva. – Esteve tão claro – passou os dedos no cabelo, o olhar perdido no chão, a aparência desolada. – Por isso aquelas drogas na maleta no banheiro. Por isso a arma. Por isso você soube render aqueles bandidos no *shopping*. Por isso os livros de operações especiais da polícia. Por isso você sempre sumia quando vinha aqui em casa – enumerou angustiada. – Eu estava tão decidida a fazer você me amar que não vi.

– Não, Beckye... – Ajoelhou-se diante dela e segurou seu queixo, fazendo-a olhar para ele. Ele entrava em desespero e não tinha palavras para se justificar. A única certeza que tinha é de que não queria perdê-la. Talvez, se finalmente externasse o que sentia, quem sabe a convencesse. Reuniu toda coragem, olhou em seus olhos e apelou para os sentimentos mais profundos. – Eu amo você, Beckye – sussurrou, cheio de emoções, ignorando completamente a plateia. – Você é meu tudo. Deixe-me resolver isso e nós vamos ficar bem – implorou.

– Não faz isso, Christopher – ela balançou a cabeça. – A humilhação é muito maior.

– Eu te amo – repetiu, baixo. Ela sentiu o estômago revolver, a garganta queimar de angústia.

– Eu esperei tanto você dizer isso... – uma teimosa lágrima rolou, a realidade ameaçando engolfá-la numa depressão. – Tantas vezes... – suspirou. – Pra que mentir agora? – olhou-o suplicante. As emoções em Christopher eram tão caóticas que seus dedos tremiam.

– Não é mentira. De todas as mentiras, essa é a única verdade. Nós somos verdade – implorou,

aflito por aceitação. – Eu te amo, Beckye – tentou novamente e as palavras ficaram ressonando no ar como uma súplica, uma prece.

Num impulso de revolta, ela empurrou-o, indignada com essa mentira sórdida e asquerosa. Era lógico que ele não a amava. Para ele, esse relacionamento não foi nada. Era insignificante e vazio.

Por que tinha que ser assim? Nunca foi especial pra ninguém. Sua mãe não a quis. Pelo contrário, queria vendê-la. Seu pai não a quis. Sequer sabia que ela existia. Então, quando encontrou alguém que pensou que a queria, descobria agora que ele não a queria. Nunca quis. Só quis usá-la. *Mas por quê?*

Não percebeu que essas palavras saíram da sua boca, até que Aleksey estava respondendo.

– Eu namorei a irmã dele – explicou penoso. – Ele acha que ela e a mãe morreram por minha causa – revelou, preocupado. Rebecca olhou de Christopher para Aleksey, magoada.

– Por que não me avisou? – perguntou num sussurro.

Aleksey balançou a cabeça, pesaroso. – Porque não pensei que fossem se envolver. Não pensei que a vingança iria tão a fundo.

Ah, não, Rebecca balançou a cabeça. Doeu muito mais saber disso. Christopher queria vingar a irmã morta. Só isso. Oh, Deus, como queria chorar. Queria enfiar o rosto num travesseiro e chorar por horas. Além de não ter sido amada, fora usada. O encanto que sua mente adolescente construiu era irreal.

Christopher intrometeu-se, desolado, ao perceber que tudo caía sobre ele.

– Ele não só sabia, como nos manipulou – Christopher acusou ácido, olhando Aleksey com superioridade.

– Manipulou, Christopher? – Aleksey encarou-o irado. – Eu acreditei em você, seu merdinha cabeça dura. Era para desviar o foco, não para você...

– Alek! – interrompeu-o Beckye e levantou-se. – Nada justifica. Eu sou uma pessoa. Não um foco. Você sabia e permitiu – acusou, indignada.

Encorajado pela atitude repreensiva de Beckye, Christopher deu um passo à frente e passou o braço em volta de seus ombros, possessivo.

Com desgosto, humilhação e tristeza colidindo no seu íntimo, ela levantou os olhos para ele e encarou-o serena.

– Bom, você conseguiu, Christopher – salientou, colocando a ciranda de sensações sob controle. – Parabéns pelo sucesso – soltou-se dele com um empurrão, e tudo que Christopher mais temeu acontecia ao ver o olhar gélido, sua expressão transformar-se aos poucos da revolta, relutância à resignação.

Numa mudança súbita de comportamento, ela deu as costas e parou em frente a Aleksey, no rosto um sorriso solidário e encorajador.

– Tudo vai ficar bem, Alek – garantiu confiante, ainda que as emoções ameaçassem rasgá-la. – Nós vamos sair dessa. Já enfrentamos a fuga, a vida regrada, a solidão. Vamos enfrentar isso também – apoiou-o carinhosa.

– Desculpe-me por isso, Florzinha – pediu Aleksey contrito.

– Por isso o quê? – sorriu, um riso breve e estrangulado. – Não foi nada. Foi culpa minha ter confiado nas pessoas. Você sempre me avisou e me protegeu – disse num tom conciliatório, confortando-o. – Eu não sofri quando quase morri – olhou de canto para Christopher. – Não é por isso que eu vou sofrer – forçou segurança na voz com todo o orgulho que pôde reunir.

Acabou. Christopher disse para si quando a viu fazer sua escolha. Sentia-se como se garras geladas tocassem sua coluna e arrancassem pedaços de suas vísceras. Ela não podia ver o quanto o machucou. Não podia ver o quanto ele sofria por baixo da máscara controlada e distante.

Entretanto, mesmo sofrendo, sentiu orgulho dela. Ela não gritou, não esperneou como qualquer mulher faria diante da verdade de uma traição. Teve seu momento de queda, mas ergueu-se com toda dignidade que possuía, não deixou que mais uma lágrima caísse e abraçou o irmão, protetoramente, exatamente como ela era, com todo o senso de justiça que possuía.

– Tia, você vai ficar bem – abraçou Olga, que chorava e se defendia, sem saber do que era acusada. Permaneceu com uma mão na cintura de Olga e outra na cintura de Aleksey, que as tranquilizava, dizendo que iriam resolver logo.

Aleksey instruiu-a com todas as coordenadas necessárias para que elas se virassem financeiramente. Um tempo depois, Ethan voltou com a câmera filmadora, máquina fotográfica e amostras de prova material em embalagens.

– Chefe, o laboratório já está lacrado – avisou a Christopher.

– Então vocês podem ir – ordenou e virou-se, esperando que Beckye se despedisse da família para que pudesse falar com ela.

– Temos ordem de busca na casa e nos carros – avisou Sebastian e entregou o papel a Christopher, que leu e balançou a cabeça. Aleksey observou-os confuso e olhou questionador para Ethan, que também fez um gesto de desentendido.

– Podem fazer busca nos carros – apontou sério para o estacionamento interno, na lateral da casa. Por enquanto, tinha que seguir sendo o chefe, ainda que a situação exigisse um grau de frieza e controle que não acreditava possuir. Iria se ocupar da situação com Beckye depois, prometeu para si, longe de olhos e especulações. – Só nos carros. Sejam discretos... E não iremos invadir a casa – determinou, sem chance de refutação.

– Com o que você está preocupado, *Agente Especial* Adams? – questionou Beckye com um trêmulo desafio na voz. – Você já acabou com a noite – acusou, e a acidez nas palavras o fez estremecer.

O muro de insensibilidade dele que tentava manter intacto, ameaçava ruir, obrigando-o a se agarrar

ferreamente ao fio de autocontrole que restava. Ele a observou, sem saber que resposta dar, pensando que o certo era levá-la de lá e tentar tirar a acusação dos seus olhos, sozinhos, onde pudessem conversar. Mas viu-se impotente. De momento, não havia mais o que fazer além de cumprir seu ofício. Bloqueou a mente de pensar, sentir e ligou o corpo no automático.

Sentou-se na fachada, de olhos fechados, com a cabeça encostada na parede. Minutos depois, Joshua voltou com uma caixa de mini-bolos sob um braço e na outra mão um bolinho de laranja aberto.

– Chefe, dois carros estão limpos. Porém, um Lótus lilás e um Audi cupê rosa estavam carregados de bolos – informou e esperou a notícia assentar. Christopher estranhou a informação, em primeiro lugar porque Beckye sempre ia para os serviços da pastoral no carro de Olga, segundo porque não sabia que Carolyn também carregava bolos agora. Joshua continuou. – Achei isto dentro de alguns bolos – mostrou a embalagem de bolo aberta. Dentro tinha um pacotinho de pó branco.

Aleksey olhou Roney confuso, exigindo uma explicação com o olhar. Roney moveu os ombros, impotente. Não tinha a mínima ideia do que acontecia. Entretanto lembrou-se do que Ethan disse dias atrás sobre uma cilada.

– Isso é uma armação, seus filhos da puta! – berrou Aleksey e tentou se soltar. Christopher levantou-se, pôs as mãos na cintura e olhou desconfiado para Beckye, depois para Aleksey, que continuou, enfurecido. – Não tinha porra nenhuma de pó no carro das meninas. Vocês estão implantando provas, seu bando de safado! – acusou com uma fúria letal sobressaindo-se à aparência anteriormente tranquila e controlada.

– Cala a boca! – Sebastian deu um tapa em sua cara e empurrou-o, fazendo-o cair ao chão. Christopher posicionou-se na frente de Sebastian, ameaçador.

– Não toca nele, covarde! – rosnou, as mãos fechadas em punho. – Ele está algemado!

– Tudo bem, chefe – Sebastian concordou com uma nota de sarcasmo. – De qualquer maneira, traficante... – olhou com desprezo para Aleksey. – É sua palavra contra evidências – sorriu debochado.

Carolyn apareceu elétrica, olhando de um ao outro para saber o que acontecia. De um lado escuro do estacionamento, também saiu Rachel, o que surpreendeu Christopher. Não sabia que ela tinha sido convidada.

– Beckye... – Christopher exigiu uma explicação, suspicaz.

Ela abriu a boca e balançou a cabeça. – Rá, faltava essa – reptou incrédula com sua dúvida. – Vai me prender também, *chefe*?

– De quem são os bolos? – quis saber, ciente das conotações incriminadoras.

– Os bolos são meus. Mas as drogas não são minhas – defendeu-se. Sebastian aproximou-se.

– Lamento, senhorita, mas teremos que levar você e a outra dona do carro para a delegacia – ergueu as algemas.

– Não ouse colocar a mão nela – Christopher ameaçou entre dentes e colocou-se na frente dela.

– Chefe, o carro é dela – Sebastian argumentou. – Ela confessou que os bolos são dela. É flagrante.

– Se tocar nela eu te mato – segurou no braço de Beckye com expressão violenta, o olhar vigilante e ameaçador.

Beckye puxou o braço teimosa, mas não conseguiu se soltar. – Não preciso que me defenda – encarou-o com rebeldia. Seus olhos eram beligerantes e sem calor. – Se tiver que ir, eu vou.

– Você não vai. Está se esquecendo de Peter? – Christopher lembrou-a baixinho. Seus olhos tinham uma súplica que ela não conseguiu entender. O que ela era para ele? Perguntou-se, enfurecida.

Ele continuou a falar e, apesar de demonstrar fria neutralidade, em sua voz tinha uma nota de carinho. – Com quem ele vai ficar se você for presa?

– Eu sou menor. Não vou ser presa – retrucou obstinada.

– Está enganada – riu secamente. – Aqui na Califórnia você responde por tráfico como qualquer adulto.

Ressentida por precisar dele, ela olhou-o de canto e registrou o quanto ele parecia um estranho com aquela roupa. Nunca o conheceu realmente. Tinha o semblante carregado de tensão, a mandíbula travada. Era como se não se conhecessem, como se ele não tivesse acordado com um sorriso enquanto ela o beijava. Tudo uma mentira. Uma encenação. Não sabia quem era esse homem sério. Era um homem duro e amargo, crente que era a voz superior da Justiça, capaz de usar as pessoas para alcançar um fim. O Christopher coquete e brincalhão com quem fez amor pela manhã tinha sob a superfície uma gélida pessoa vingativa, calculista e ameaçadora.

– Bom, Joshua, você não encontrou nada – sentenciou Christopher e se virou para o subordinado, esfregando ansiosamente o pescoço com dedos tensos. – Isso só são bolos – comandou impassível.

– Mas, chefe, é cocaína.

– Não. Não é. É polvilho – decidiu.

Sebastian sorriu e olhou para Rachel.

– Chefe, podemos levar ao laboratório para análise – provocou, recebendo um olhar duro.

– Tente me desafiar – ameaçou.

– É meu trabalho – lembrou-o sério.

– Quanto? – Christopher deu um passo à frente e encarou Sebastian, desafiador, no melhor olhar de *aceite ou pague pra ver*. – Quanto você e sua equipe quer para esquecer o que viu? – pressionou com a habitual expressão fria conhecida pelos subordinados.

– Wow, estamos falando de um valor? – Sebastian instigou, andando de um lado ao outro enquanto ponderava uma emboscada.

– Christopher, não faz isso – Ethan aconselhou preocupado. Aleksey assistia a tudo curioso.

Christopher enfiou a mão no bolso e retirou um cartão para ilustrar. – Cinquenta mil para cada um dos quinze.

– Isso é corrupção, chefe – lembrou-o Sebastian sardonicamente.

– O que importa? Você tem feito pior nas ruas – acusou, lembrando-se do que ele mesmo presenciou.

– Você está fora de si – Sebastian atacou. – A putinha está te roubando o raciocínio.

Impulsionado pelo descontrole, Christopher deu um passo à frente e empurrou-o no peito, o golpe fazendo-o tropeçar para trás. Ao equilibrar-se, Sebastian sacou a arma no coldre e apontou para sua cabeça.

– Óh! – Rachel pôs a mão na boca, alarmada.

Christopher enrijeceu-se, mas ficou imperturbável, encarando-o, vendo o ódio e fúria nos olhos do antigão por ter sido desafiado em frente à equipe. O silêncio os envolveu. Ouvia-se só a respiração de ambos, ofegantes.

– Atira! – Christopher instigou, num momento em que a raiva inumana supera a sensatez, e sentimentos primais, como de animal desafiado, são mais prementes que a ameaça.

– Oh, Deus, não! – Rachel gritou, desesperada.

Christopher leu a dúvida nos olhos de Sebastian, notou que a pistola estava travada e, num movimento ágil, girou o braço do ar, jogando a arma longe, a seguir deu uma chave de braço em Sebastian, imobilizando-o. Todavia, a força bruta aplicada fez com que barulho de ossos quebrados fosse ouvido. Sebastian inclinou-se com um grito de dor, Christopher liberou o braço contundido, girou o pé e mudou o golpe, fechando um mata-leão no seu pescoço.

– Quanto, Sebastian? – grunhiu. Sebastian engasgou com a falta de ar, mas rangia o dente, resistente e desafiante. Christopher colocou mais violência no golpe, notou Sebastian desfalecer-se pela obstrução de irrigação na jugular e folgou brevemente o golpe. – Eu sei que vocês têm um preço.

– Solta ele, chefe Adams – Christopher ouviu a voz e um click, levantou cautelosamente o olhar, e Joshua apontava uma arma para sua cabeça.

– Abaixa a arma, Joshua! – foi Ethan, que, de posse da arma de Sebastian que foi jogada ao chão mais a sua, apontava fixamente para a nuca de Joshua, e a outra mão apontava aleatoriamente para os demais.

Christopher ignorou-os, desfez o golpe e deu um passo atrás, limpando a invisível poeira despreocupadamente em seu uniforme negro.

Olhou em volta, já com a adrenalina mais controlada, respirou fundo e buscou sensatez ao ver o semblante de choque de Carolyn e Beckye. Droga, não podia confiar em si mesmo quando se tratava dela. Ela era e sempre foi sua fraqueza. Em todas as operações que já participou, sempre agiu

impassível e tático, de modo que a razão e ética prevalecessem. Porém, quando ela estava metida, tornava-se um tolo cego e insensato, totalmente confuso, até se encontrar em uma armadilha.

– Vocês não vão levá-las – avisou sério. Ethan encarava Joshua com suor descendo na face, uma veia saltando em sua testa. – Agora, os dois, abaixem as armas – ordenou.

Ambos se encaravam irradiando hostilidade, mas, devagar, Ethan baixou a arma cautelosamente. Ato seguido, Joshua cedeu. Christopher suspirou, apertando a frente.

– Quanto vocês querem para cumprir o Mandado e esquecer esta noite? – incitou, numa seca animosidade. Os olhares dos agentes recaíram um sobre o outro, questionadores e em dúvida.

– Não queremos a porra do seu dinheiro! – Sebastian objetou entre dentes, com a dor no braço quebrado mal disfarçada, e seus olhos adquiriram um brilho vingativo. – E você está preso por corrupção ativa ao tentar impedir ato de ofício, oferecendo dinheiro.

– Não! – Rachel atravessou-se na frente. – Ele não vai ser preso! – passou os braços em volta da cintura de Christopher, protetoramente, e paralelamente mantinha um olhar de ameaça fixo em Sebastian. – Esquece a caixa de bolos – Rachel exigiu. – Deve ser polvilho mesmo – disse quase histérica. Christopher não fez nada para afastar-se. Rebecca, em perplexa agonia, perguntou-se com desgostoso lamento quem era este estranho. Não o conhecia de fato.

Sebastian deu um suspiro resignado e segurou o braço machucado. – Ok... Iremos nos acertar depois, *chefe* – zombou com ameaça velada e escoltou Roney, Aleksey e Olga para fora. Logo atrás outros agentes levavam as provas apreendidas no laboratório. Joshua tinha a posse da caixa de bolo.

Ethan, Matthew e Rachel retardaram, esperando Christopher, que finalmente virou-se para Beckye, nervoso e frustrado, sentindo uma pontada no estômago ao fitar os olhos verdes repletos de lágrimas não derramadas.

– Podemos conversar? – estendeu uma mão num convite, Beckye recuou um passo atrás, aterrorizada, deixando a mão dele parada no ar.

– Não temos nada para conversar – sussurrou e balançou a cabeça negando.

– Melhor você ir embora, Christopher – Carolyn interpôs pacificadora, ainda que em choque por ter visto sua mãe sair algemada. – Depois vocês conversam.

– Não – Christopher prendeu a mão de Beckye dentro da sua, lendo horror e medo nos olhos arregalados. – Preciso falar com você – exigiu.

– Não. Por favor – balançou a cabeça novamente. – Eu não sei quem é você. Não temos o que falar – murmurou com a voz inanimada, olhando sem vê-lo.

– Beckye, não faz isso com a gente – inclinou-se sobre ela, levando a mão ao seu rosto. Ela deu outro passo atrás, enrijecendo-se como se a mão dele pegasse fogo.

– Não existe *a gente* – conseguiu dizer. – Existe um policial, Aleksey e uma rixa antiga. Só isso – enumerou com tremores no corpo tirando as forças de seus joelhos. – Agora eu me lembro...

Impediu um soluço nervoso de sair, e um frio intenso invadiu-a, entorpecendo tudo, inclusive sua dor.

– Ele é o garoto que você disse que se envolveu com sua mãe, não é? – conjecturou, olhando-o com olhos tristes. – Você não é nada do que eu colori. É alguém vingativo – acusou e fechou os olhos.

Uma dor punziu mais intensa em seu coração. Ela concentrou-se em não esfregar o local que doía no peito.

– Sabe o que mais dói? – deu uma pausa e não sentiu que os dedos de Christopher passeavam em seu rosto, suplicantes e contritos. – Eu confiei em você. Investi em você... Meu Deus, eu pensei em mudar o modo de vestir para te agradar, para parecer mais velha, já que você às vezes parecia tão insatisfeito – apontou para a roupa que vestia.

E suas palavras tiveram o efeito de um golpe em Christopher ao lembrar-se quantas vezes desejou intimamente que ela fosse diferente. Começou a suar frio ao percebê-la cada vez mais distante emocionalmente. Sentiu náuseas, revivendo todos os sintomas do pânico de perdê-la. Ela continuou, distante:

– Usei artifícios ardis para fazer você me aceitar – sussurrou, e uma risada trêmula e involuntária escapou de sua garganta. – Depois descí ao ponto de fazer um exame de sangue para te convencer a me querer – balançou a cabeça, incrédula. – Mas quem diria... Não era a mim que você queria – travou a mandíbula, subvertendo outro soluço ao admitir o degradante golpe no ego.

– Eu amei você – ela voltou a dizer com os olhos úmidos. – Mas sabe qual a parte boa? – ergueu os ombros com renovadas forças e indômita determinação. – Foi muito didático – elucidou acidamente. – Eu sou só uma adolescente. Tenho muito tempo para viver. De tudo, temos que tirar as partes boas. Foi científico. Um próximo namorado meu vai te agradecer muito por ter me dado tanta experiência – provocou-o mordazmente, sabendo que aquela era a única maneira de mascarar a dor que sentia, manter o frágil orgulho em pé e a dignidade intacta. Queria ter um jeito de feri-lo. Queria que ele sofresse ao menos um pouco a dor de ser traído como ela foi.

Christopher encostou-se em seu corpo e passou possessivamente os braços em volta de sua cintura.

– Não repita isso! – sibilou ameaçador. – Não existe próximo namorado.

– Me solta, *chefe* – chiou entre dentes com desdém, ofendida por seu tom possessivo. – Não sou sua. A-ca-bou – soletrou energicamente, e empurrou o seu peito, tentando inutilmente se desvencilhar. Ele apertou-a mais com um braço, como se segurasse uma boneca de pano. Ela nunca se sentiu tão pequena e inútil.

– Para mim não acabou – retrucou e acariciou o rosto com seu polegar, a mão trêmula de nervosismo, sem conseguir encontrar palavras para convencê-la que não soassem possessivas, arbitrárias e banais.

Ela sorriu amarga, depois o olhou com fúria. Sua simulada frieza era o único paliativo contra a cratera no peito.

– Me solta! – deu pequenos golpes com punho fechado em seu braço forte. – Você conseguiu o que queria, agora sai da minha vida! – colocou mais força nos socos, já sem nervos para manter o ilusório autocontrole. – Me solta!

Ele imobilizou-a facilmente. Ela debateu-se para se soltar, frustrada, porque queria ter forças para machucá-lo fisicamente pelo menos um pouco.

– Beckye, meu amor, fica calma... – beijou-a no rosto, tentando domá-la.

Diante da impotência que Rebecca sentia, as lágrimas cheias de mágoa finalmente caíram, duas ou três, silenciosas. Ao ver a menina orgulhosa em seus braços chorar, ele sentiu a dor da culpa espalhar-se no seu corpo como ácido. – Deixe-me te explicar – implorou, ainda beijando-a na testa, olhos, nariz, nas lágrimas na bochecha.

– Para, por favor – pediu quase histérica, virando o rosto para escapar de seus repulsivos beijos falsos e cheios de remorso.

– Eu te amo, Beckye – tentou novamente, desgostoso porque poderia ter evitado todo esse sofrimento.

– Eu não quero ouvir suas mentiras – ofegou cansada, resistindo ao impulso infantil de tampar os ouvidos. – Por favor, só vai embora! – suplicou e fechou os olhos longamente, tremendo de exaustão, mas lutando para que novas lágrimas não caíssem. – Você não merece minhas emoções – respirou fundo e parou de tentar se soltar, contendo o ataque emocional. – Não merece uma lágrima. Aliás... – fungou. – Posso até chorar. Prefiro passar pelo constrangimento de perder o controle das minhas emoções e *crescer* fazendo coisas estúpidas a ser uma pessoa fria, calculista, vingativa, amarga e sem sentimentos como você – respirou trêmula, deixando um eco das palavras no ar.

Ele ficou em choque pela dissecação degradável de seu caráter, deu um longo suspiro de derrota e diminuiu o aperto, com suas palavras doendo mais do que se o tivesse golpeado.

Ela continuou, com intrépido orgulho. – Esqueça que eu existo, porque, para mim, vai ser como se você nunca tivesse existido – sussurrou. – Agora pegue sua *amiga* e vai embora da casa do meu amado e querido irmão, por favor – apontou para o portão, com serena indiferença e sensação de irreabilidade quando conseguiu finalmente afastar-se dele.

Daniel e Carolyn, que até então mantinham distância, tentando ser discretos, posicionaram-se cada um de um lado seu, protetoramente.

– Vai, Christopher – Carolyn pediu, pesarosa. – Depois vocês se falam.

Christopher relutou, mas ao ver o rosto pálido de Beckye, os lábios cerrados e trêmulos virados dignamente em outra direção, deu um passo pesado atrás, ainda olhando-a. Em atos entorpecidos, nem percebeu quando Rachel abraçou sua cintura e caminhou ao seu lado para fora do portão. Ele olhou uma última vez para trás, impotente. Beckye ergueu o queixo, segura. Ele deixou cair os ombros e saiu.

Ethan e Matthew os seguiram.

– Eu odiei fazer isso – Matthew comentou e olhou para trás, observando Beckye. – Eles se gostam – disse como se fosse a revelação do século.

– É – Ethan concordou, frustrado. – Que merda, hein.

– Sebastian não vai deixar barato.

– Ah, é? Novidade – ironizou. – Você estava do lado dele até pouco tempo – Ethan acusou, pensando no fiasco que quase se transformou a operação. Tudo saiu de controle com a armação de Sebastian.

– Sim, mas eu não associei a garota ao caso – Matthew respondeu ao passarem o portão. – Eu a conheço. Queria poder fazer alguma coisa por ela.

– Hum, tão caridoso você – espetou, sem confiança.

– Ela é do grupo de acompanhamento da minha namorada numa casa de recuperação. Ajuda pessoas.

– Interessante – deu pouca importância. – Mas isso não é motivo para mudar de lado.

– Se você tivesse visto a situação da minha namorada que foi castigada por essas drogas que circulam livremente, entenderia minha posição – defendeu-se sinceramente. – A Florzinha, como ela é conhecida na casa de recuperação, resgatou a Jeniffer das ruas e levou-a para a casa de recuperação. Foi amiga dela, vestiu, aconselhou. Tentou de tudo que é modo me encontrar – Matthew explicou efusivo. – Sabe-se lá como conseguiu, já que a Jeniffer deu o apelido Matt e meu nome é Matthew. E desde que eu encontrei a Jeniffer de volta, passei a pensar melhor nos meus atos. Estou tentando mudar, melhorar.

– Por que está me contando? – questionou incerto e caminhou para o outro lado da rua.

– Porque quero ajudar o chefe.

– Não confio em você – disse sem preâmbulos.

– Eu ouvi os planos mais cedo. Alguém fez os mesmos bolos que a Florzinha leva para a casa de recuperação e iria aproveitar o movimento da casa para colocar nos dois carros – revelou revoltado.

Ethan parou em frente à viatura de Matthew, surpreso e intrigado.

– Quer mesmo ajudar? – ponderou dar uma chance. Ele realmente parecia mais equilibrado. Uma mulher podia mesmo mudar um homem? Christopher parecia ser a resposta. – Esse jogo é muito maior do que nossos olhos podem ver. Vai além do romance dos dois. Mas vou precisar de você, sim, para me informar sobre as armações.

Matthew concordou e deu partida no carro. Ethan estudou-o pensativo. Caso precisasse de futura testemunha contra a equipe, Matthew seria uma opção, se resolvesse realmente mudar antes de o circo se fechar.

– Difícil acreditar – Rebecca sussurrou baixinho, saindo do estupor quando ouviu o barulho estrondoso do motor sumir.

– Você foi ótima – Carolyn confortou-a triste ao ver seu estado. – Fiquei orgulhosa de você. Pensei que você iria dar um chute no saco dele – abraçou-a na cintura e caminharam pelo jardim, com passadas lentas. Rebecca quase sorriu. Carol continuou. – Eu vibrei mentalmente... – tentou distraí-la. – Obrigada, *Jesui*, Beckye não é mais um pepino frio e sem emoções ou um comportado e bonzinho alface de feira. Salve salve! – arreliou, comicamente, e o barulho alto de som chamou imediatamente sua atenção. – E agora? – parou dramática, como se estivessem à beira de uma catástrofe. – O que vamos fazer com os convidados?

– Eu não consigo ir lá – revelou Rebecca, desanimada demais para fingir.

– Você consegue – Carolyn encorajou-a, sabendo que mostrar piedade seria um erro muito grande com Beckye. – Tome um ar, vá ver como está Peter na sala de jogos, depois vamos voltar para lá e fingir que nada aconteceu – Carolyn insistiu, simulando um ânimo e calma que não sentia. – Daqui a pouco eles vão embora – parou de falar quando seu *I-phone* tocou. Samuel. Virou as costas e atendeu.

Rebecca caminhou apressada para a sala de jogos acompanhada de Daniel.

– Cadê o David? – perguntou a Daniel, que até agora estava silencioso.

– Deve ter ido atrás de algum advogado. Não se preocupe. Amanhã Aleksey deve estar em casa – garantiu para animá-la.

– Obrigada.

Ele segurou nas mãos de Rebecca e a fez olhar para ele. – Florzinha... – hesitou. – Eu sei que não é uma boa hora, mas eu te quero tanto. Eu cresci, nos últimos meses, sem você. Sei que ele te enganou e te seduziu... Volta comigo e eu te faço esquecer que esse canalha um dia apareceu na nossa vida.

– Por favor, Luke Daniel, agora não – suplicou, com outro golpe de pesar dilacerando-a. – Não faz isso com você... Nós dois somos só amigos. É assim que deve ser. – suplicou e lamentou ter sido tão sincera ao ler sua desilusão. Mas sabia que se aceitasse o consolo para o ego ferido, depois teria mais uma perda.

Ele a abraçou mesmo assim, aceitando o que podia ter. Adorava-a. Nada mudava isso. Voltaram à área externa, nos fundos, e um torpor de proteção a envolveu, cobrindo-a de serenidade. Em movimentos mecânicos, caminhou entre as pessoas, cujos rostos sequer eram registrados. Comeu o que era servido, sorriu, agradeceu pelas flores e mimos recebidos durante a recuperação.

Quando a pressão da dor se tornou insuportável, subiu com Peter e pôs o menino para dormir. Desceu novamente e sentou-se no sofá, olhando sem ver o copo na mão. Não choraria, não choraria, repetiu como um mantra. O pior já passou. Amanhã lidaria com um novo dia.

– Pronto – Carolyn jogou-se ao seu lado no sofá às duas da manhã. – Despachei o último convidado. Agora é só deixar os funcionários fazerem o resto – suspirou aliviada. – Aquela hora foi

o Samuel quem ligou – contou de modo casual, apesar do desinteresse de Beckye em comunicar-se. – Ficou muito assustado quando eu disse que minha mãe foi levada e avisou que amanhã cedinho está aqui.

– Não sei por que você não o convidou – Rebecca censurou apática e caminhou para as escadas, seguida por Carolyn.

– Quando ele viajou para Nevada na quinta, você não tinha resolvido fazer este jantar ainda. Depois, não chamei porque vinha muitos amigos nossos da escola – deu de ombros, fingindo pouco caso. – Não queria que eles achassem que eu tenho um namorado ou coisa assim.

– Entendi.

– Você está bem? – perguntou quando pararam em frente à porta de Beckye.

– Sim. Estou preocupada por minha tia ter que ficar a noite toda em uma prisão – deu um pretexto, entretida com um minúsculo cisco na parede. – Mas amanhã eles devem ser soltos – adicionou com sincera convicção.

Carolyn olhou-a querendo dizer algo de conforto, ainda que ela mesma tivesse abalada. Mas o momento passou quando Beckye entrou e fechou a porta. Rebecca tomou banho no automático, vestiu um pijama, escovou os dentes e abriu a porta do quarto contíguo de Peter.

Desabou na cama do menino.

As lágrimas que segurou por horas, encheram seus olhos e teve que abafar a boca para conter os soluços nervosos. Doía a traição, a rejeição. Doía não significar nada mais que a *menina do Aleksey*.

Mas iria superar isso, decidiu. Para isso, bastava dedicar-se com afinco ao que já fazia, como ler bons livros, pintar e ocupar seu tempo. Desprezava lamentos e autocomiseração, portanto não se entregaria ao fracasso. Isso foi uma lição. Assim cresceria.

Mais calma após a capitulação, puxou o garoto para mais perto, passou o braço em sua volta e dormiu.

O sol que entrava pelas frestas da janela acordou-a. Era domingo, sete da manhã. Teria que fazer uma escolha. Encolher-se na cama, envolver o cobertor na cabeça e esquecer o mundo, ou levantar-se, pôr uma maquiagem alegre para disfarçar as olheiras, passar uma borracha no que aconteceu e recomeçar um novo dia.

Levantou-se, tomou um longo banho e vestiu a roupa que combinava com o frio de seu coração. Um suéter de tricô azul escuro e calça *jeans* básica escura. Sem flores, borboletas, paetê ou *glitter*. Ajoelhou-se na cama e aplaudiu carinhosamente o rosto de Peter.

– Olá, bebê – sorriu carinhosa. – Vamos à missa?

– U-hum – rolou de bruços, preguiçoso.

– Dormiu bem? – bagunçou seu cabelo.

– U-hum... Cadê papai? – resmungou sonolento. Após tanta carência de pai, apegou-se a ele ao receber demonstração de afeto.

Rebecca respirou fundo e escolheu uma roupa na gaveta de Peter.

– Precisou sair.

– Vai voltar? – questionou inseguro.

– Sim – assegurou convicta.

– Posso ficar tio Chris hoje?

Rebecca apertou o peito para conter a pressão da dor. Não entendia por que Christopher desceu tão baixo ao ponto de usar o garoto. Como falaria agora que o tio Chris não existia mais para eles?

– Não. Ele não pode ficar com você – ocultou a amargura. Tirou o edredom de cima dele e inclinou-se para beijar sua nuca. – Mais tarde você fica com Carolyn enquanto eu vou para o evangelismo com a pastoral jovem. Depois iremos ao parque. O que você acha?

– *Tá bom.*

Rebecca nem percebeu o que o ministro falava até que finalizou o sermão. Segurou na mão de Peter e caminhou pelas fileiras de bancos até sair da igreja. Um movimento perto da árvore frente ao estacionamento lhe chamou atenção. *Não ouse se aproximar, Adams*, sibilou entre dentes, numa tempestuosa hostilidade emocional.

Uma mensagem vibrou em seu celular e a fez parar antes de abrir a porta.

Mensagem Christopher 09:03AM

Precisamos conversar. Deixe o Peter comigo. Venha para minha casa.

Após ler, Rebecca travou a mandíbula e pôs os sentimentos rancorosos sob controle. Engoliu com dificuldade a saliva e olhou de viés em sua direção, pensando em respostas duras e ofensivas para mandar de volta, como: *you não merece um segundo do meu tempo*; ou mesmo, buscando os sentimentos mais vis no recôndito da alma, diria: *eu te odeio, covarde e mentiroso infame*.

Antes que decidisse que resposta dar, ou, se responderia, foi abordada por Daniel. Secretamente ficou aliviada de não ter que dar vazão a sentimentos tão amargos, que não condiziam com a pessoa que ela era... A indiferença era melhor.

– Florzinha, está tudo bem? – Daniel encostou-se ao carro, de lado, atencioso. – Pensei que nem viria hoje, já que...

– Dormi tarde? – completou, com um sorriso forçado. – Eu dormi bem. Não se preocupe.

– Hummm... Você vai voltar para irmos para as ruas? – perguntou em dúvida. Não sabia se ela seria capaz. Afinal, foi na Rua Spring que conheceu o patife.

– Lógico. Como sempre. Nada mudou.

– E Aleksey? – interrompeu-a de entrar no carro.

– Depois falamos, Dan – apontou com o olhar para Peter.

Daniel aproximou-se e abraçou-a solidário. Ela manteve os braços flácidos ao lado do corpo. – Fique bem, Florzinha... Vou esperar você – declarou dubiamente e beijou-a na testa. Rebecca olhou de volta para árvore e a bicicleta tinha sumido. Respirou aliviada.

Depois que se envolveu em afazeres da pastoral, o dia saiu melhor do que esperava. Iria conseguir seguir adiante, disse para si. Passaria por isso. Não era a única, nem a última a sofrer uma desilusão. Com o tempo passaria.

Mais tarde, no parque, correu com Peter de um brinquedo a outro, predisposta a estar feliz. Peter não precisava sentir sua dor ou saber o que se passava. Ela tinha que protegê-lo.

Por volta de sete horas daquele domingo, Samuel foi ver Carolyn. Rebecca pediu, ou melhor, o fez prometer que convenceria Christopher a manter distância. Samuel aceitou pesaroso, a seguir deu informações sobre a prisão de Aleksey. Disse que sua custódia foi devido à conveniência da instrução criminal, mas que poderia ter liberdade provisória por ser réu primário, estudante de Doutorado e não ter antecedentes criminais. Adicionou que o caso de Olga era mais complicado por ela ter passagem na polícia por Rufianismo.

Rebecca ouviu tudo com postura serena de aceitação. Sua família passava por uma crise e com atitude infantil de desespero não conseguiria superar.

**

Segunda-feira pela manhã, Christopher não tinha pregado o olho ainda. Primeiro passou a madrugada na delegacia lavrando os autos, depois pediu ajuda ao pai para verificar a situação de Olga. Enfim, o dia já estava clareando quando lembrou que Beckye poderia ir à igreja, então pensou que poderia falar com ela já com os ânimos mais calmos.

Ela o rejeitou com sua fria indiferença e receptividade ao amigo.

O certo seria deixar a poeira baixar e esperar que ela aceitasse que Aleksey era um criminoso e precisava pagar pelo que fez. Depois, quando pensasse melhor, compreenderia seus motivos... Sim, iria dar um tempo a ela, como aconselhou Samuel.

Entrou entretido em sua sala, usando um austero e escuro terno, e encontrou Ethan sentado sobre sua mesa, ombros caídos, o olhar atento num jornal.

– Você viu isso aqui? – ergueu o impresso. Christopher tirou o paletó e sentou-se na cadeira giratória.

– Não – estendeu a mão para recebê-lo. Surpreendeu-se com a notícia.

Bioquímico supostamente envolvido em tráfico é preso preventivamente.

Operação policial da Narcóticos prende quadrilha suspeita de tráfico de drogas liderada por bioquímico Aleksey Mattel, pesquisador autônomo com contrato de exclusividade com o Laboratório Lis... Justiça pediu que os bens do farmacêutico fossem bloqueados...

Christopher continuou a ler com a respiração contida. As últimas linhas da reportagem lhe chocaram.

... Há índices de que o Agente Especial responsável pela Narcóticos de Los Angeles, responsável pelas prisões tenha envolvimento direto com o tráfico... Vídeos postados na internet revelam tentativa de suborno para que criminosos saiam livres de flagrante...

Christopher levantou o olhar, horrorizado. Ethan fez um gesto com a mão pedindo que ele continuasse.

... Como medida provisória, o Coordenador da Narcóticos na Califórnia, Jason Freeman, em entrevista por telefone, garantiu que o responsável será afastado de suas funções imediatas como medida pré-cautelara, até que se encerre as investigações.

– O que é isso? – Christopher ofegou, boquiaberto.

– Armaram pra você, chefe.

– Como?

– Alguém pegou os vídeos da operação, editou e soltou as partes que te prejudicavam.

– Mas quem? – fez uma careta, contrariado.

– Quem poderia querer te derrubar? – sugeriu como óbvio. – Alguém que não aceite ser subordinado a você – explicou.

– Por que ele iria tão baixo? – questionou, inferindo ser Sebastian.

– Ele quer o seu lugar – declarou tranquilamente. Christopher levantou e esfregou as mãos no cabelo, nervoso. Ethan desceu da mesa e caminhou vagarosamente pela sala. – Eu tenho uma forma de dar o troco – deixou a sugestão assentar. – Tenho conversas, filmagens, fotos que levantei de

agentes daqui cometendo atos ilícitos. Se você quiser eu também posso soltar clandestinamente e ver o que a opinião pública faz com isso – sugeriu, genuinamente solícito.

Christopher demorou um tempo digerindo.

– Não. Não faz isso – voltou a sentar-se em sua cadeira. – Poderia destruir a Agência.

– Você quem manda – deu de ombros e caminhou rumo à porta. – Caso precise, estou a postos – adicionou antes de sair.

Durante a reunião daquela segunda, além de muita hostilidade, Adams foi submetido a olhares de acusação e desacato. Não soube como reagir. As notícias do jornal influenciaram mesmo quem não esteve na ação.

– Pai, o que o senhor me aconselha? – Ligou no fim do dia para o juiz. – O Coordenador Freeman me ligou e pediu para eu ficar uns dias em casa. O Sebastian vai assumir a Agência interinamente.

– *É o mais sensato* – aconselhou preocupado. – *Por hora, tenha cautela e aguarde o desenrolar dos fatos.*

– Tudo bem. O senhor viu que vão interditar a residência e o laboratório de Aleksey?

– *U-hum.*

– Beckye não quer falar comigo – lamentou desolado. – E eu queria poder trazê-las aqui para o apê, por enquanto – explicou sem ocultar a frustração. – Já falei com Samuel que se elas precisarem de recursos financeiros, eu me predisponho.

– *Também direi a ele que estarei à disposição delas. Mas não lamento por essa sua situação com a mocinha. Você procurou por isso, Christopher* – repreendeu-o.

Christopher jogou as costas no sofá da sala de TV, derrotado.

– Okay, pai. Se o senhor fizer algo por Beckye, já estará fazendo por mim – reconheceu humilde. Desligou o telefone desanimado, deitou as costas no sofá e fechou os olhos. Tentou falar com Beckye cinco vezes aquele dia ainda que tivesse decidido lhe dar tempo. Nenhuma vez ela atendeu. Quando uma mensagem chegou em seu celular, iludiu-se que seria uma de suas reflexões diárias de otimismo. Mas o que leu foi *Pare de me ligar*. Duro e seco.

Adormeceu no sofá sem ânimo. 23h50, seu sono foi interrompido pelo toque insistente no interfone. O porteiro avisou que diversos policiais esperavam-no na garagem exigindo que ele descesse. Atordoadado pelo sono, fechou os botões da camisa que vestia e desceu. Surpreendeu-se ao chegar ao subsolo e encontrar seu carro rodeado de homens da agência vestidos taticamente. Equipe de Sebastian.

– Sr. Adams – Sebastian começou, desrespeitando a hierarquia. – Uma denúncia anônima informou que seu carro está cheio de drogas – avisou friamente.

Christopher sorriu incrédulo, pegou a chave pendurada na cintura e desativou o alarme. Presenciou, cada segundo mais perplexo, Joshua abrir a traseira do carro, descer com a mesma caixa

de bolos que pegaram na casa de Beckye e entregá-la para Sebastian. Mais atrás, um dos agentes filmava com uma câmera funcional, a fim de garantir que se cumprisse o protocolo e fazer o registro dos fatos. Christopher percebeu a *casinha* e discou o número do pai furtivamente.

– Pai, preciso de ajuda. Armaram para mim – ofegou.

**

– Beckye, você devia conversar com Christopher – aconselhou quando andavam pelo corredor da escola secundária no segundo dia de aula daquela semana.

– Não temos nada para conversar – descartou tranquila. Tinha problemas prioritários para manter a mente ocupada. A vida estava um caos. Elas teriam que usar o dinheiro que Aleksey depositou mensalmente em suas contas ou o rendimento da parte dele na boate que ele destinou a elas e arrumar um lugar para ficar, por enquanto. Tudo indicava que Aleksey e Roney iriam ficar presos mais algum tempo.

– Então você realmente não o quer mais? – Carolyn tentou novamente.

– Não. Diferente de você, que não sabe o que quer, eu sei – enfatizou honesta, mas preocupou-se em ter sido dura.

– Por que você está falando isso? – Carolyn defendeu-se, fazendo exatamente o que Rebecca desejava: mudar o foco.

– Porque você não sabe o que quer – sentou-se à mesa do refeitório.

Carolyn deu um muxoxo e sentou-se desanimada ao seu lado.

– Eu só quero ter o poder de escolha. Se continuar *casada* com ele, eu não poderei escolher, entende? Meu lado rebelde não aceita imposições – explicou suplicante. Sabia que a prima entenderia. – Desde quando fui exposta àquilo... – interrompeu-se, referindo-se ao fato de que foi coagida a passar um mês em exposição diária na casa de prazeres da tia, dentro de uma espécie de gaiola, aos quatorze anos de idade. Homens rodeavam-na como animais, alisavam as barras de ferro. Carolyn – diferentemente de Beckye a quem Aleksey resgatou antes que ocorresse –, foi leiloada e vendida. Antes disso, Carolyn dava graças a Deus por ser miúda, por não ter seios e só ter começado a encorpar com 14 anos porque, com Beckye seria bem diferente, já que ela tinha seios crescidos e corpo formado aos onze anos.

– Não gosto de não ter o controle de uma situação – Carolyn adicionou.

– Você gosta dele – Rebecca afirmou, abriu a bolsinha e tirou iogurte, granola e banana cortada para cada uma das duas.

– Sim. Por isso prefiro me afastar.

Foram interrompidas por uma de suas colegas que se sentou, de posse de um jornal, e o pôs em sua frente.

– Beckye, este aqui não é o seu namorado? – Agnes apontou para o artigo. Rebecca dedicou um

breve olhar superior ao papel e desviou os olhos sem prestar atenção na reportagem. Certamente ele estava se vangloriando por fazer o seu trabalho, pensou amargurada.

– Não. Não mesmo – negou com um sorriso forçado e dolorido. Agnes saiu em dúvida.

– O que você decidiu sobre ele? – Carolyn voltou a questionar e apossou-se do lanche.

– Esquecer tudo.

– Mesmo eu, que nunca amei, sei que você não conseguirá fazer isso.

– Tudo bem. Enxergue-me como uma mulher que sofreu uma traição. Assim me leva a sério – olhou-a nos olhos. – Acabou para mim. Não tem meio termo.

– Beckye... – Carolyn suspirou, penosa. – Eu não quero te importunar, só que tanto eu, quanto Samuel, até minha mãe... – interrompeu-se, estudando o semblante da prima para ver se era seguro prosseguir. – Nós pensamos, aliás, nós temos certeza de que ele ama...

– Se você não vai parar com isso, eu vou te deixar sozinha – levantou a palma no ar, interrompendo-a bruscamente.

– Beckye, você não é essa pessoa insensível, pelo contrário...

– Realmente não sou. Mas entenda, Carolyn, não é uma quebra de braço entre namorados comuns que terminaram e recorrem a joguetes de orgulho. Não. Por isso não vejo porque conversar com o *policia*l – citou, com distante impessoalidade.

– Você o amava até sábado... – insistiu teimosa. – Eu não entendo um amor que acaba tão rápido assim – resmungou e comeu mais uma colherada de cereal.

– Droga, Carolyn! – perdeu a paciência. – Uma pessoa não pode simplesmente não querer mais alguém? – perguntou magoada, o dique que represava suas emoções ameaçava se quebrar. – Qualquer pessoa tem direito de decidir quando um relacionamento não deu certo e é hora de acabar. Encare assim: não deu certo. Esse relacionamento me fez mal. Massacrrou meu ego. Rompeu minha confiança. Maculou o que era bonito. Era tudo uma mentira. Foi unilateral. Só eu o amava. Ele era uma fraude, Carol. Eu não quero mais, poxa. Respeite isso – concluiu cheia de lágrimas, e no fundo de seu íntimo tinha essa certeza. Acabou e ponto.

Não odiava Christopher. Não. Por pior que fosse o ocorrido, por mais justificada que fosse a revolta com ele, o que viveram juntos estaria para sempre gravado em sua memória. O veneno da história não tirava o encanto do que sentiu. Foi nos braços dele que conheceu o amor físico e doce. Não importava se foi enganada. O que sentiu por ele foi verdadeiro.

Um dia, quando estivesse melhor, partiria para outra. Não faria isso apenas para esquecer. Iria se curar, estar completa e forte novamente para não sufocar um futuro relacionamento com suas perdas ou inseguranças. Iria emergir sozinha, diariamente. Não iria ter pena de si. Existiam muitos mais motivos na vida para sorrir do que esse para chorar.

Não iria deixar essa traição minar sua autoconfiança. Também nunca mais iria sufocar as pessoas

com o seu amor ou mendigar sentimentos, como fez com sua mãe por toda infância, porque o resultado sempre seria o mesmo: rejeição.

Podia lembrar-se da época em que dia após dia tentava chamar atenção da mãe com sua carência. Tinha oito anos e brincava no jardim atrás do casarão com as flores e rosas que Aleksey tinha plantado para ela naquele verão em que foi visitá-la. Depois de se sujar recolhendo algumas flores, fez um ramalhete e subiu animada os três lances de escadas até o quarto da mãe.

– Mamãe... – entrou sem bater, deparando-se com um homem desconhecido no momento em que vestia as calças. Sua mãe estava deitada na cama. – Olha o que eu trouxe pra você – mostrou as florzinhas, segurando-as à frente, na altura do rosto.

– Hei, quem é a mocinha? – o homem olhou-a avaliativamente, com um sorriso malicioso.

– Saia daqui, sua pestinha! – a sua mãe gritou. – Eu não falei para você não entrar no meu quarto!

– Mas mamãe... – baixou as mãos, notando os olhos da mulher injetados de sangue, uma garrafa de uísque vazia e uma seringa descartada na cabeceira.

– Deixe a menina ficar – o homem intercedeu, ainda com um sorriso, depois pegou no cabelo de Rebecca, apreciando-a de cima abaixo. – Que coisinha linda. Deixe-me ver sua barriguinha, mocinha – pediu. Rebecca olhou para a mãe incerta.

– Ah, eu sei o que você quer, safadinho – a mãe sorriu condescendente. – Mas ela é muito pequena pra você. Quando ela crescer mais, conversamos.

– Estarei na fila – o homem comentou com uma piscada, antes de sair.

– O que você está fazendo aqui, garota? – Natacha perguntou impaciente. Rebecca caminhou devagar até a cama.

– Pra você, mamãe – vestida de roupas baratas, uma calça de menino de brim bege e uma camisa xadrez de manga longa, a menina de cabelos louros e de intensos olhos verdes estendeu o *bouquet*. – Recolhi no meu jardim.

A mãe pegou as flores com má vontade, olhou-as com desdém e jogou-as no criado de mau jeito.

– Tem que colocar na água, mamãe – Rebecca pegou as flores, encheu um copo com água no banheiro e pôs as plantinhas sobre uma mesinha.

– Você tem que parar de ser burra, Rebecca. Elas já estão mortas. Isso é lixo – a mãe disse mal-humorada.

A partir desse dia, Rebecca nunca mais arrancou flores para fazer *bouquet*. Passou a fazer mudinhas em vasos, do jeito que aprendeu com Aleksey, e começou a espalhar furtivamente pelo casarão, tentando chamar atenção da mãe, que aparentemente não gostava de flores mortas.

Certa noite, Rebecca teve febre. Tinha pegado uma inexplicável meningite, aos dez anos de idade. Noite após noite tia Olga e Carolyn ficavam ao seu lado, cuidando, enquanto uma dor de cabeça, acompanhada de vômito, impossibilitava-lhe até de abrir os olhos. Todos os segundos chamava

mamãe, mamãe, em seus delírios de febre, e o dia em que a mãe entrou, no meio de uma noite, nem ao menos olhou em sua direção.

– Quantas noites você vai ficar aqui, Olga, fugindo do seu trabalho? – inquiriu, cheia de ódio, através de uma abertura na porta. – Tem cliente procurando por você.

– Estou cuidando da Rebecca – Olga argumentou.

– Isso é só desculpa! – vociferou. – Se a menina vai morrer de qualquer jeito, deixe-a aí. Quem vai pagar sua boca e a boca de sua filha que come às minhas custas? Está pensando que aqui é a casa de mamãe Rússia, é? Vamos trabalhar, minha filha – bateu palmas.

– Mamãe... – Rebecca chamou-a indolente, com a pele ardendo em febre, oscilando entre o delírio e a consciência.

A mulher olhou-a com repulsa e disse com a voz maldosa. – É melhor que ela se cure mesmo. Gastei muito com esses remédios para que ela morra. Daqui uns tempos ela vai ter que dar retorno.

– O que está querendo dizer? – Olga levantou-se armada.

– Que tem gente de olho nela – deu de ombros. – Darei só mais algum tempo a ela.

– Só se for por cima do meu cadáver! – Olga desafiou.

– E você vai fazer o quê? – reptou com desprezível cinismo. – Ela é minha cria. Até mesmo sua filha um dia vai ter que pagar pelo teto e pela comida nesta casa – declarou e saiu, tranquilamente.

Logo que a porta fechou, Olga inclinou-se amargurada sobre Rebecca e pôs um pano úmido sobre sua testa, sussurrando: *Vou escrever uma carta para o seu irmão. Ele tem que vir te buscar. Eu não posso fugir e deixar você aqui. Também não tenho para onde ir com duas crianças* – explicou-se, impotente.

De volta ao presente, Rebecca engoliu saliva e disfarçou a lágrima ao lembrar que hoje sua querida tia estava presa. Levantaram fatos de seu passado e tia Olga não teria como responder em liberdade. O motivo era Olga ter sido presa num flagrante no bordel e ter sido pega no caixa, fazendo contabilidade das acompanhantes.

**

Todos os dias de detenção, Christopher recebeu visitas do irmão. Samuel o colocava a par do que acontecia fora e levava livros. Cinco dias depois da perfídia emboscada, Christopher saiu cabisbaixo da carceragem especial acompanhado por Samuel. Ele tinha a vida, carreira e interior destruído.

Ter sido privado de liberdade deu-lhe tempo para pensar, o que não foi bom, porque desfiou minuciosamente sua trágica história com Aleksey. Todas as suas escolhas lhe trouxeram até aqui. Aleksey preso. Ele perseguido pelos colegas de trabalho. Beckye sem casa... Foi responsável por tudo. E o resultado era um vazio intenso e insuportável solidão. Sua aparência era desolada, a barba por fazer, o estado de espírito deplorável.

Enquanto assinavam os documentos de saída, Samuel informou que a mãe de Beckye tinha visto a reportagem sobre Aleksey no jornal, descobriu o paradeiro da filha e imediatamente entrou com reivindicação de sua guarda. Entretanto, usando de suas prerrogativas e influência, Thomas interveio e reclamou a custódia provisória enquanto o processo de reinserção não era deferido. Com efeito, desde o dia anterior, as meninas estavam na casa do juiz.

Samuel também informou cauteloso que Beckye agia como se Christopher não fosse filho de Thomas. E se alguém falava sobre ele, ela deixava sutilmente o ambiente.

– Eu nunca vi alguém intransigente como ela – Samuel salientou. – Ela só foi lá para casa do meu pai com a exigência de que você não iria lá. Ela não deixa nenhum de nós explicarmos ou te defendermos. Disse que tivemos chances de dizer antes e desperdiçamos – explicou intrigado.

Christopher sentou-se no banco de passageiro do carro do irmão sem comentar. Sempre soube que ela era obstinada. Entretanto, antes o objetivo dela era conquistá-lo; agora, a meta era apagá-lo de sua vida.

– Hei! – foram interrompidos por três toques ansiosos no vidro antes que Samuel desse partida. Christopher abaixou o vidro, indolente.

– Oi, Rachel.

– Eu vim te buscar – disse simplesmente, inclinou-se sobre o vidro e acariciou o seu rosto. – Como vai, meu amor? Pelo jeito cheguei atrasada. Olá, Samuel – deu um tchauzinho no ar. Samuel respondeu com um movimento displicente do polegar.

– Fica pra próxima – Christopher descartou.

– Querem ir lá pra casa? – convidou com um sorriso sugestivo.

– Não dá – Christopher negou. – Tenho que colocar algumas coisas em dia.

– Eu também não posso, Rachel – Samuel rejeitou ainda que soubesse que o convite não se estendia a ele.

Ela recolheu um envelope na bolsa e entregou na mão de Christopher.

– Bom, então ter vindo aqui serviu pelo menos para avisar que um dos requisitos da Corregedoria para sua reintegração é que você se consulte comigo três vezes por semana. E conforme o meu relatório, eu direi se você está apto a voltar gradativamente às suas ocupações – informou com postura profissional. Ele recebeu o envelope e torceu o lábio.

– No consultório da Agência ou no seu particular? – perguntou desinteressado.

– No particular – sorriu triunfante e despediu-se.

Samuel deu partida, Christopher deitou as costas no banco, apoiou o rosto com o antebraço apoiado na porta e visualizou com apatia as ruas.

Pensou em tudo que aconteceu de seis anos para cá. O ocorrido daquela época deixou um rastro

melhor que o vazio de agora. Hoje não tinha mais vingança, não tinha rancor, não tinha seus pesadelos, não tinha trabalho, não tinha um alvo. Tinha o nada. E o nada era pior que a destruição de seis anos atrás.

Capítulo 03 - Justiça & Decadência

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. Friedrich Nietzsche

Em silêncio, Samuel e Christopher passaram em um *Dunkin' Donuts*, Christopher comprou algumas rosquinhas e café e voltou apático ao carro. Passar por reclusão foi uma das piores sensações que experimentou como homem. De repente, coisas simples como um doce ou café mocha tinham outro valor. Enquanto comia, olhou o *BlackBerry* que recebeu junto a seus itens pessoais e suspirou amargurado. Não havia uma mensagem, um recado de voz.

Desceu do carro absorvido em si mesmo, necessitando de um banho, cama e esquecimento. Samuel observou-o descer, notando o estado introspectivo e preocupou-se. Nunca viu Christopher tão deprimido. Ele sempre foi teimoso e revoltado. Sempre confabulando conspirações. Agora agia conformado e distante.

Antes de dormir, Christopher pegou seu celular, olhou-o por horas e ousou escrever uma mensagem.

Quero ver Peter amanhã.

Direto e incisivo. Queria ao menos isso. Peter traria um pouco de leveza a sua vida.

Ela não respondeu. Ele mudou na cama, olhou para o porta-retratos no canto da cama, segurou-o por segundos, depois pôs de volta ao seu lugar. Não desistiria do menino.

No dia seguinte, acordou cedo, num horário em que sabia que ela iria para a casa de recuperação, digitou uma mensagem e enviou. *Vou pegar Peter para passearmos.*

Demorou dez minutos para que uma mensagem chegasse de volta. Enquanto isso, esquentou leite no micro-ondas, espalhou cereal no prato e sentou-se à mesa em frente a Samuel.

O que ele é para você? Chegou a resposta seca, sublinhada por hostilidade, mas pelo menos era uma reação.

Vocês dois são importantes para mim. Aproveitou a deixa. Tinha que começar a minar seus muros.

Não houve resposta. Ele suspirou e tentou novamente.

Você não pode arbitrar sobre nosso relacionamento. Eu e ele somos amigos. Disse sinceramente. Pôde sentir a acusação nas letras da mensagem seguinte: *Esquece. Você não é digno de confiança.*

Christopher não se deixou vencer, esquecendo-se por instantes do lanche matinal e dos olhos observadores do irmão. *Cuidei dele por meses durante sábados e alguns domingos.* Argumentou, digitando freneticamente.

Oh, eu sei. Inclusive ensinou-o a nadar sem que eu soubesse. Também o ensinou a atirar. O que mais você fez? Levou-o ao bordel? Não. Fique longe de nós... Já não basta o que você fez?

Christopher fechou os olhos, inspirou longamente e saiu da tela de mensagem, aborrecido.

– Dê mais um tempo a ela – Samuel, que dormiu em seu apê a fim de não deixá-lo só com sua clara depressão, aconselhou quando viu sua carranca.

– Quanto tempo, porra? – indagou mal-humorado e levantou-se arrastando a cadeira.

– Não sei, Christopher – exasperou-se, atingido pelo humor áspero do irmão. – Você a envolveu nisso. Droga, ela é só uma menina assustada. Se você está reclamando que seu mundo caiu, o dela se destruiu – atirou impaciente. – Ela está se saindo muito bem para uma menina.

– Beckye não é uma menina – resmungou, com o coração arruinado de intensa frustração.

– Ela é, Christopher – Samuel afirmou. – Você não a vê assim, mas é isso que ela é. Uma menina, assim como Carolyn é. Eu não queria que fossem, mas é o que elas são.

Christopher suspirou e parou de costas para ele, em conflito. Devia dar um tempo. A atitude intransigente dela devia-se ao calor dos acontecimentos, repetiu para si.

– Okay, vou agir como adulto da relação e deixá-la respirar – Christopher consentiu relutante. – E Carolyn? – desviou o assunto, vendo se assim ocultava sua dor. – Vai deixá-la no meu pai?

– Vou convidá-la para ficar comigo uns dias.

– Você gosta dela? – quis saber. Qualquer assunto era melhor que a solidão.

– Ela é uma coisinha teimosa. Às vezes tenho vontade de apertar sua garganta. Mas, mesmo com brigas, gosto de estar perto dela – confessou espontâneo, depois sorriu de si. – É assim para você? Será que eu posso me considerar apaixonado?

Christopher sentou-se novamente à mesa e voltou a comer, retraído. – Não sei... Eu não tenho vontade de brigar com Beckye. Nunca tive. Se tivesse outra chance, iria fazer muita coisa, menos brigar – explicou nostalgicamente.

– Eu lamento por vocês... – disse sinceramente, sentindo certa culpa. – Se você tivesse sido aberto com ela, era para estar juntos.

Christopher assentiu amargo. Samuel estava certo. Ele era o único culpado. Pagava por ser covarde e medroso.

Não a pressionou mais aquele dia. Se ela queria espaço, iria dar. Mas não por muito tempo.

**

Rebecca sentia-se incomodada com o clima de solidão da residência dos Adams até mesmo na sala de jantar, onde fazia uma refeição na mesa octogonal ocupada por ela, Carolyn, Peter e o juiz.

Há quatro dias comiam silenciosos numa imposta convivência. E mesmo que ela tivesse vontade

de vivenciar a apatia e pouco mexer no prato, agia com forçada normalidade.

– O senhor não estava acostumado a visitas, *né?* – Rebecca iniciou retraída e serviu legumes cozidos no seu prato e no de Peter.

– Não – Thomas respondeu sucinto. – Mas é bom voltar a comer em casa – adicionou de um jeito acolhedor.

– Como o senhor fazia antes? – mexeu no prato em movimentos orquestrados e tensos.

– O senhor está no céu – brincou com um sorriso simpático. – Até esses dias você me chamava de Thom – sugeriu brincalhão, aliviando um pouco a tensão. – Não precisa de formalidades comigo, criança. Mesmo que a situação seja outra – referiu-se ao fato de ela não ser mais namorada do seu filho.

– Desculpe – ela sorriu sem jeito.

– Tudo bem, mas respondendo a sua pergunta, eu almoçava fora e à noite fazia um lanche simples. Dona Keila administrava a casa, trazendo uma passadeira e uma arrumadeira uma vez por semana. Mas como eu era sozinho, acredito que não havia muito que fazer – deu de ombros ao mesmo tempo em que levava tranquilamente o garfo com estrogonofê de frango à boca.

– Eu não queria ter mudado sua rotina assim – Rebecca lamentou, embaraçada, enquanto tentava disfarçar seu estado abatido comendo um pouco de salada. – Eu lamento.

– Há mais de seis anos não tinha movimentação e visitas na casa – contou com agradável receptividade. – Estou gostando. É bom comer em casa – concluiu, e Rebecca pôde sentir sua sinceridade.

– Mas não precisava contratar cozinheira e empregados fixos – contrapôs constrangida. – Eu poderia cozinhar e cuidar da cozinha. Carol sabe limpar casa. Seria uma troca.

– Vocês são minhas hóspedes, criança – replicou educadamente. – Não quero vocês limpando. Se querem fazer algo, divirtam-se. Sintam-se em casa para fazer qualquer coisa.

Hã, como ela iria se divertir em uma casa que a lembrava tanto de... Bem, a casa em que *ele* cresceu. A casa *dele*.

Depois de dividir formalmente a mesa, cada um seguiu para o seu canto. E embora em momentos de recaída como hoje Rebecca quisesse muito isolar-se e encolher-se na autocomiseração, não queria ser uma pessoa derrotada. Carolyn encontrava-se no sofá de canto, amuada por Samuel ter ido embora para Nevada. Peter estava no chão, brincando em silêncio com um quebra-cabeça, e Rebecca tinha um livro no colo enquanto o Sr. Adams encontrava-se na biblioteca rodeado de processos. Aquele, como nos dias anteriores, estava difícil acostumar-se com a mudança na rotina.

Se Rebecca se rendesse a apatia e à depressão que a espreitava, o pequeno grupo que lutava para se manter em pé, ao ter a família destruída, poderia sentir. E ela precisava proteger Peter, principalmente. Até hoje lutou para enchê-lo de confiança, ensinou-o a dar amor e relacionar-se com o mundo. Então não queria que o menino percebesse as dificuldades que enfrentavam.

Portanto, tomou uma decisão. Deixou Peter e Carolyn na sala e seguiu para a biblioteca.

– Sr. Thomas, er, Thom...? – deu duas batidas na porta avisando-o de sua chegada. O juiz levantou os olhos de um processo que lia e olhou-a por sob os óculos, curioso.

– Pois não?

– O senhor teria como encher a piscina? – foi direto ao ponto.

Ele observou-a com surpresa e dúvida.

– Ela está com o revestimento ressecado. Faz muitos anos que não é usada – elucidou, atencioso. Rebecca fez um bico, contrariada.

– O senhor podia consertar – apressou-se em solucionar, com um sorriso forçado. – Seria bom para Peter.

Ele estudou-a contemplativo, preocupado com o bem-estar das três crianças. Percebeu que seria difícil dizer não a mocinha abatida em sua frente.

E esse foi o primeiro pedido.

No dia seguinte, depois de jantarem juntos à mesa, Rebecca foi para sala e não conseguia se concentrar no livro que lia, então sugeriu que jogassem *voley* no *Xbox* de Peter.

Da biblioteca, após ouvir os raros sorrisos na sala de TV, o juiz, que conversava com Ethan, saiu do recinto, apareceu na porta e observou-os jogar. Peter convidou-o contente para juntar-se a eles. Inicialmente, ele hesitou inseguro. Depois aprendeu a jogar e convidou Ethan.

Aquela foi a primeira noite em que ele deixou seus afazeres para divertir-se.

– Thom, posso cuidar do jardim? – Rebecca pediu uma semana depois que chegou a sua casa, no café da manhã, antes de Thomas sair para a Corte, e ela para escola. O primeiro impulso do dono da casa foi dizer não, porque não queria novamente aquele jardim. Todavia, por mais que quisesse negar, faria tudo para ver o rostinho melhor, sabendo que seu filho a machucara tanto. Então naquela mesma tarde trouxe várias mudas de plantas e materiais de jardinagem.

Dois dias depois, quando ele caminhava até a casa de dona Keila, no fim da propriedade, encontrou Rebecca entretida na antiga estufa, suja, mas bem mais animada. Viu que ela conversava com alguém, parou para observá-la e deparou-se com ela falando sozinha, ajoelhada no chão.

– Eu sei, meninas, o quanto é difícil se adaptar a um novo ambiente – disse distraída, enquanto transportava uma muda para uma das covinhas no chão que tinha preparado. – Mas vocês não vão ficar sozinhas. A solidão é uma coisa horrível. Vou deixar suas irmãzinhas perto de vocês – continuou a dizer, solidária. Ele observou-a com divertida curiosidade, realizado em ver que ela estava cada dia melhor em vista ao dia que chegou.

Dentro de poucos dias a piscina estava cheia, o antigo jardim enchia-se de cores e, certa manhã, ela pediu que ele trouxesse tintas porque ela e o menino iriam pintar as cercas. Ele nem pensou ao ver o brilho de animação em seus olhos verdes. Ficou empolgado e contratou dois pintores

profissionais para *ajudá-la* a restaurar as cercas.

Às vezes, ele chegava mais cedo do trabalho e, enquanto uma música alta saía da sala, ela segurava um rolo de tinta e o menino, outro. No tempo em que os profissionais restauravam a área externa da casa, ela fazia pátina e textura artística em tudo, sempre indicando pacientemente algo para que a criança ao seu lado fizesse.

Certo dia o juiz presenciou o momento em que ela, brincando com o menino, caiu, Peter jogou-se em cima dela e passou o rolo de tinta em seu rosto. Após isso, rolaram na grama, ele beijou-a molhado e babado no rosto e disse que a amava. Ela sorriu alto e o juiz ficou atento às próximas frases.

‘Você me ama mesmo sabendo que eu não sou sua mamãe de verdade?’, a jovem perguntou, deitada sobre a grama.

‘Você é minha única mamã. Peter ama ser filho da Beckye. Os amigos do Peter não têm uma mamã que brinca tanto, nem tão bonita como a Beckye’. Bajulou e voltou a beijá-la. Ela o abraçou sorridente. O juiz franziu o cenho e ficou curioso em saber quem seria a mãe do garoto. Nunca se atentou a essa questão, mas agora era um fato a ser pensado. Se a Justiça resolvesse devolver a guarda da garota à mãe, o garoto provavelmente tivesse que ir junto. E pelo que ouvira falar, o ambiente não era propício a crianças.

Mais dias se passaram. O juiz notou que alguns quadros foram acrescentados à sala da lareira. Ao lado das relíquias de Lisandra foram adicionados dois quadros cheios de cores e um de bola de futebol americano. Sorriu de sua autenticidade e seguiu para a biblioteca.

Às vezes, quando olhava para ela, tinha vontade de sentar o filho e lhe dar uma boa correção, dizendo: *olha o que você perdeu com sua perseguição. Esta menina é sim um exemplo de seguir em frente apesar das adversidades. Vê se agora aprende o significado de superação e coragem.*

Num primeiro olhar, a menina era uma patricinha frívola e volúvel. Ao se conviver com ela, observava-se a alma cheia de força e determinação que defende o que acredita ao ir para as ruas resgatar viciados. Ela foi a única capaz de tirar a amargura do coração do filho, mas por causa de tolice, ele a perdeu.

Se ela rejeitava ver o filho, ele merecia por tê-la enganado.

**

Para Christopher, os dias se passaram dificilmente. Enquanto Beckye estava protegida pelo pai, longe de pressões, ele batia de frente com as consequências de seus atos. Ethan soltou anonimamente vídeos envolvendo escandalosos atos de corrupção, extorsão e facilitação de contrabando feito por colegas. Em seguida, uma investigação feita pela Corregedoria iniciou-se sobre a DEA, fiscalizada externamente pela Agência do FBI.

Nesse *ínterim*, Christopher começou a frequentar a terapia com Rachel, comprou novos livros e passou grande parte do tempo livre assistindo a documentários. Incomodou-o a falta de ética profissional de Rachel. Ela não perdia a oportunidade de se insinuar, de tocá-lo. E como o

acompanhamento era obrigatória, ele se predispôs a fazer o que fosse para enfrentar a Justiça, ainda que precisasse esquivar-se de suas investidas. Entretanto, chegava ao extremo de irritação, principalmente porque adicionado ao assédio, ela insistia em perguntar sobre Beckye.

Foi na terceira semana de tratamento que seu estado depressivo alcançou o limite quando a ameaça de perder Beckye de vez assombrava-o cada vez mais. Um mês. Exatamente um mês sem vê-la. Um mês sem ir espiá-la sair da igreja, sem cercá-la na escola. Um mês de entorpecida amargura. Não sabia quanto tempo ainda suportaria. Ela continuava sem atender seus telefonemas, e ele tinha receio de contrariá-la, forçando a presença. As únicas notícias que ele tinha eram através de seu pai, Samuel, ou raramente por meio de algumas mensagens hostis que trocavam.

Na última mensagem, a garota voluntariosa escreveu:

Nunca. Essa é a resposta. Quando vai entender que não quero vê-lo? Pense o que for. Me chame de imatura, teimosa, mas é isso que eu sou. Pelo amor de Deus, não basta o que fez? Você matou parte de mim numa triste forma de morte. Exatamente a parte que investia e confiava nas pessoas. O que quer mais?

– Quer mesmo saber, Rachel? – estourou, impaciente, sentado na cadeira em frente à mesa dela. – Eu a amo – declarou apaixonado, esfregando a nuca, nervoso. – Mesmo ela sendo irmã de um criminoso, faria de novo. Subornaria dez vezes minha equipe para defendê-la! – garantiu convicto.

– Você não pode jogar sua vida para o alto assim – Rachel advertiu, com um nó se formando na garganta pela sensação de que o poder escorria de suas mãos.

– Eu não pretendo desistir dela, Rachel. Esse emprego, você... – apontou para ela com indiferença. – ...A Agência não significam nada pra mim. Eu não me importo de não voltar ao quadro da Polícia Federal.

Rachel levantou-se de sua cadeira e aproximou-se dele, tocando e acariciando seu cabelo. O que via era alguém infeliz e vulnerável. Iria aproveitar-se disso.

– Ela não é mulher suficiente para você – sussurrou sedutoramente.

Christopher sorriu amargamente e segurou o pulso dela, encerrando a carícia.

– Você está enganada – conteve-se, indisposto a iniciar uma discussão.

– O que ela é? – inquiriu com insolência, desceu a mão e acariciou seu peito. – Só um corpinho interessante?

– Não quero ir para o lado pessoal – ele tentou evadir-se.

– Deixe-me cuidar de você – baixou o olhar de um jeito insinuante para suas calças. – Aquela fedelha não deve nem saber o que fazer com um homem como você – a mão de Rachel acompanhou seu olhar, acariciou-o sobre a calça. Ele suspirou irritado, mas deixou-a ir em frente. Ela saberia por

reações físicas que não o despertava.

– Quem não sabe o que fazer com um homem como eu é você – declarou frio e controlado, embora irado com a sensação de invasão.

– Eu posso fazer o mesmo que a vadiazinha faz... Eu vi as fotos da oral – sugeriu e ajoelhou-se diante dele. Uma chama furiosa e maligna queimou Christopher ao ouvi-la referir-se pejorativamente a Beckye. Todo controle e sujeição se esvaíram.

– Ela não é uma vadia – disse com ojeriza ao ver Rachel molhar os lábios e dirigir a mão ao seu zíper. – E também não é *só* um corpinho. Todavia, o corpinho dela me mantém quente e duro só em vê-la. Já com você, meu corpo nem ao menos reage, Rachel – apontou mordaz para o órgão sexual que jazia indiferente.

Ela parou imediatamente o que pretendia fazer ao ver a expressão de repulsa em Christopher.

– Se eu precisasse transar com você por causa dessa merda de relatório, teria que ser com muito sacrifício e pensando nela, como fiz a última vez que dormi com você – fechou o zíper. – Porém, depois de ter tido ela em minha cama, fica difícil o sacrifício de me iludir. Ela é quente, macia, apertada e tem peitos. Você sabe o que são peitos? – fez um gesto torpe e masculino com as duas mãos cheias no ar, fazendo alusão a peitos.

– Não. Acho que não. Você não tem isso – zombou com uma careta, os olhos no busto dela, ciente de que o ego e orgulho dela seriam massacrados. E resolveu dar o golpe final. – Qual a sua idade mesmo? 33? – ponderou irônico, com a mão no queixo. – Você devia crescer – espetou. – Ela pode ser somente uma fedelha, como você diz. Mas antes sua juventude inexperiente a uma mulher frustrada, maldosa, invejosa, magricela, despeitada e frígida como você – insultou-a com violência contida.

Ainda que fosse rude referir-se ao corpo e idade de uma mulher, aquele era o único modo de desferrar sua ira e rescindir de uma vez por todas a perseguição.

– Portanto, se você tem algum amor próprio, para com essa merda e me esquece. Aprenda a perder. Eu não quero você. Não estou nem aí pra essa porra de relatório e não vou cair na sua. Que se foda! – levantou-se, arrastando a cadeira do lugar, e deixou uma psicóloga ultrajada, ajoelhada e petrificada em frente à cadeira.

O resultado daquela atitude chegou dois dias depois quando recebeu uma visita, cedo, de Ethan. Seu amigo entregou-lhe um jornal, pediu que Christopher aabrisse na página quatro e Christopher leu horrorizado.

Agente da Narcóticos acusado de envolvimento com tráfico envolve-se em mais um escândalo: corrupção de menor.

Essa era a nota principal seguida por uma reportagem maliciosa, adicionada de fotos sua no

estacionamento da *disco club*. Estava de costas, e um cabelo louro sobressaía ao lado de seu quadril esquerdo. A posição ajoelhada sugeria o que fazia inconfundivelmente. Outra foto mostrou Beckye de costas entrando no prédio de Christopher, com os cabelos louros soltos. Uma terceira foto mostrava os dois na varanda; ele, de lado, com ela, seminua, de costas para a câmera, o top de ginástica sendo tirado enquanto a boca dele subia por suas costelas. Por último, tinha uma foto com tarja nos olhos de Beckye em frente à escola de Beverly Hills. Estava um pouco desfocada, mas quem a conhecia, reconheceria de imediato.

– Isso vai ser um agravante nas acusações contra você. Você deverá manter distância dela – Ethan comentou preocupado. – E ela terá que ficar uns dias sem ir à escola.

– Tudo que é ruim pode piorar, já dizia Murphy – Christopher recitou tragicamente, distendeu os músculos tensos e caminhou até a varanda. – Quem você acha que fez isso?

– Sem dúvida, a Rachel – Ethan assegurou, encostou-se no portal que separava a sala da varanda e deu uma olhada em volta. Uma série de plantas eram dispostas em prateleiras e vasos. Flores cresciam e coloriam desordenadamente a varanda. Igual a propriedade do juiz. Christopher captou seu olhar.

– Você a viu? – perguntou nostálgico.

– Sim.

– Ela está bem? – perguntou ávido por informações. – Como está o Peter?

– Os dois estão bem, eu acho. Ontem fui jogar *kinect* com eles até tarde – informou e não percebeu o ciúme enegrecer os olhos do amigo. – Ela não lê ou assiste a jornal. E também não fala sobre você. Mas o Samuel ficou de abordá-la sobre esse assunto – disse solidário e hesitou um tempo antes de dar seguimento ao assunto que o levou ali. – Chris, a Rachel está com Sebastian. Se você quiser, eu posso soltar a gravação no meu celular da conversa deles armando contra você. Também consegui a gravação aqui do seu condomínio do momento em que os agentes do Sebastian implantaram provas no seu carro – sugeriu, com desassossego e algum remorso, notando Christopher apático, indiferente ao tema.

Ultimamente ele vivia abstraído e taciturno. Só se via algum brilho em seus olhos quando o relato envolvia a irmã de Aleksey.

– A gravação do meu celular não pode ser anexada ao processo. Mas a gravação do condomínio é legal. Pode te livrar – insistiu, mesmo percebendo o desinteresse. – A mídia derruba e ergue alguém, Christopher. Ela está te massacrando, mas podemos também usá-la ao seu favor.

Christopher fitava o mar com expressão remota, suspirou cansado e assentiu brevemente. – Faça o que você quiser – deu de ombros, sem emoção.

Pensou em ligar e tentar conversar com Beckye sobre o assunto, mas desistiu, incapaz de ouvir sua frieza. Optou por informar sobre as fotos por mensagem. Pediu que ela evitasse a imprensa e não fosse à escola. A resposta veio à noite.

Não me envergonho ou nego o que fiz. Era somente uma adolescente enlouquecida com a descoberta do sexo. Está preocupado comigo ou com você mesmo?

Se ela achava que não podia magoá-lo mais, massacrou seu peito o modo banal que julgou o que houve entre eles. Doía. E a sensação de mãos atadas era estarrecedora. Não adiantava pressionar, dar tempo ou lutar. A resposta era a mesma. Ela não o queria mais.

Tudo culpa sua. Uma vizinha no seu íntimo acusou.

Encontrava-se sozinho em casa, em companhia de sua solidão, a dor da impotência queimando-o como ácido. Caminhou frustrado até o bar de sua sala e contemplou por longos minutos as bebidas que o decoravam, seduzido. Encheu um copo e bebeu de uma vez. Tinha decidido anos antes que nunca mais recorreria a produtos químicos entorpecentes. Álcool era um deles. E ainda quando passou por momentos difíceis como a morte de sua mãe e irmã, negou-se a recair. Mas agora, diante da miséria que mergulhara, destruição e vazio, a bebida poderia ser um lenitivo para sua culpa e autodesprezo, e atraía-o como se tivesse poder de absolvê-lo.

Copo atrás de copo, bebeu até sentir que a dor da ausência e derrota era anestesiada por um abençoado estado tórpido, aliviando o terror inominável que o sufocava em aceitar finalmente... o fim.

– Vocês sentem falta dela? – sentou-se no chão da varanda em frente à prateleira de flores com uma garrafa de uísque ao seu lado, os desenhos que Peter fez outrora de Beckye na mão e o bolero rosa dela pendurado no pescoço, o qual achou numa gaveta guardado desde que ela o resgatou do beco. – Eu também sinto. Nem por isso estou reclamando – fungou e limpou o nariz.

– Ela não tá nem aí pra nós. Nem lembra que a gente existe – esfregou os cabelos, derrotado. – E nem adianta vir chorar perto de mim que eu não vou ouvir vocês – apontou o dedo para as plantinhas. – Merda, merda, merda, não quero saber de florzinhas choronas aqui em casa – tapou o rosto com as mãos.

Aquela coisa sufocante doía pra porra.

– Eu falei que não ia conversar com vocês. Eu avisei pra Beckye. Então não fiquem reclamando que ela não vem, senão jogo vocês lá embaixo – ameaçou debilmente. – Eu não dei água para vocês? O que mais vocês querem? Ah, estão se sentindo só? Só faltava essa! – olhou zangado para as flores, foi à sala, pegou algumas almofadas, jogou-as no chão, deitou-se de lado e bebeu mais um copo antes de apoiar a cabeça no braço e fechar os olhos. – Vou ficar aqui só um pouquinho. Não se acostumem.

**

Vultos e nomes sobrevoavam a mente, mas nada se fixava ao ponto de definir de quem eram os rostos. A lembrança estava ali, perto. Mas não acessível. No decorrer dos dias, ocorreu evolução nos quadros fisiológicos e metafísicos. Alguns sons de palavras se formavam no cérebro, chegando

languidamente à língua ainda que saíssem enrolados. Os músculos das pernas tornaram-se fortes devido à fisioterapia e, gradualmente, ganharam movimentos de modo que pudesse andar, primeiro com auxílio do andador; depois, da bengala.

Mas de que adiantava a novidade se *ele, seu protetor*, não vinha vê-la mais?

O que trazia algum alívio nessa sensação de perda era o fato de ter contato com pessoas diferentes, rostos que a cada dia tornavam-se mais familiares. Valorizava cada redescoberta da vida: poder andar, falar, sentir, fazer amizades. Não se lembrava como tinha sido sua vida antes, mas prometia a si que viveria intensamente sua nova vida.

Uma garota de cabelos lisos, escuros e olhos verdes, inicialmente, manteve-se distante, estudando-a, com uma espécie de suspeita, como se a conhecesse de algum lugar. Passou a dedicar um bom tempo em sua companhia, trouxe-lhe doces, bolinhos personalizados em formato de flor, trouxe livros, vasinhos de flores para enfeitar seu quarto. Passou a ler o Novo Testamento, fazer penteados em seus cabelos. Certo dia, ela trouxe fotos de pessoas desconhecidas: três crianças louras, e perguntou se as conhecia. Não. Não conhecia aqueles rostos.

Porém, a meiga garota não desistiu. Aproximou a foto e noticiou: *É você aqui na foto. Você e seus dois irmãos. Eu sei que é.*

Confusa, a mulher de olhos azuis olhou para foto, fechou os olhos e uma porta de sua consciência foi aberta. Lembrou-se por meio de *flashes* do dia em que tirou a foto. Cenas e vozes foram criando vida.

**

O juiz aproveitou que duas das crianças não estavam frequentando a escola para se proteger de assédios e insinuações maldosas, deixou as diligências na Corte mais cedo e voltou para casa. Queria passar um tempo com o garoto que ultimamente era sua melhor ocupação. O menino tinha sede e carência de afeto. Se ganhava um pouco de atenção, retribuía com carinhos e travessuras.

Procurou os hóspedes pela casa e surpreendeu-se ao procurar pelo quintal e encontrar Rebecca deitada de bruços sobre uma toalha estendida na beira do lago no qual se afogara. Usava um biquíni e conversava com Peter, com uma mão movendo-se de um lado ao outro dentro d'água enquanto o garotinho nadava des preocupadamente. O juiz aproximou-se mais e notou pelo teor da conversa que ela tentava explicar ao garoto como supostamente aquele lago artificial foi represado. O garoto perguntava e ouvia-a atencioso.

Normalmente, o instinto natural das pessoas depois de um trauma é ficar bem longe do objeto que o causou, pensou o juiz. Entretanto, ainda que ela só estivesse curtindo o sol, como fazia às vezes na beirada da piscina, ela não criou aversão ao lago. Pelo contrário. Parecia à vontade.

Isso era mais um motivo para admirá-la. Era uma garota segura e resolvida, além de bonita, com senso de humor capaz de contagiar qualquer ambiente. Ele admirava sua força e compaixão e desejava fervorosamente que ela retornasse o mais rápido possível para vida do seu filho. Ela sobrevivia sem ele, pensou. Mas o filho morria aos poucos sem ela.

Decidido a, de alguma maneira, ajudar o filho, que ligava todos os dias incansavelmente pedindo notícias e implorando para ajudá-lo com ela, naquele dia resolveu abordá-la para conversar sobre ele.

– Olá...

– Oi, Thom – incorporou-se e sentou-se, encolhendo as pernas para abraçá-las, no mesmo instante em que punha a saída de praia sobre elas.

– Tomando uma vitamina D? – comentou simpaticamente.

– Fazendo companhia ao Peter – sorriu receptiva.

– Como está sua vida, Rebecca? – quis saber, solícito.

– Vai bem – olhou-o desconfiada.

Ele respirou fundo, sentou-se ao seu lado na grama e começou.

– Escuta, eu sei que você disse para o Samuel que só viria ficar conosco se ele promettesse que manteríamos Christopher longe, mas essa situação não pode permanecer por muito tempo.

Ao decifrar sua intenção, ela entrou na defensiva e seu semblante mudou.

– Eu não quero falar dele – disse resolutamente.

– Beckye, ele é meu filho – insistiu, preocupado em disfarçar o embaraço que sentia em se intrometer. Mas não poderia ficar omissos vendo o sofrimento e decadência de seu filho. – Ele ama você.

– Não ama, Thom – ela retrucou, docemente. – Ele deve estar com remorso. Mas ele não precisa ter. Eu estou bem. Explica pra ele que eu estou bem, por favor – suplicou, temendo encontrar Christopher. Era fácil negar o que sentia estando longe. Vê-lo seria um golpe na sua frágil proteção. E ter que reerguer-se de novo a destruí-la.

– Se você está tão bem, por que insiste em não vê-lo? – inquiriu. – Ele quer vir aqui. Eu não posso continuar impedindo-o.

– Me dê só mais um tempo – ela implorou, e o pai de Christopher pode ler por um segundo a dor escondida nos olhos verdes, dor essa que ela empregava toda sua energia para disfarçar.

A dor era resultado do telefonema de Samuel dias atrás explicando em linguagem jurídica a situação de Christopher com a Justiça. Ela não queria, mas, involuntariamente, preocupou-se ao saber que Christopher poderia receber uma pena mínima pelas outras acusações, porém a acusação de corrupção de menor poderia levá-lo à cadeia por quatro anos, agravada pelo fato de ele ser um funcionário do Governo.

O fato a fez lembrar-se da conversa que tiveram uma vez na montanha quando ele a beijou a primeira vez. *Eu não teria ficado com você em outra situação... Garotas menores de dezoito representam prisão aqui na Califórnia. Só iria adiante nisso com você, Beckye, porque não*

responderia por algo que não fui eu que cometi. Lembrar disso levou-a à culpa. Ele só foi para a cama com ela por pensar que ela já tinha uma vida sexual. E ela deixou que ele pensasse. Agora ele não poderia pagar por isso. Ela faria o que fosse preciso para livrá-lo da punição.

Thomas observou as reações no rosto jovem e assentiu para o pedido de que lhe desse mais um tempo. Dependia da cooperação dela para que o filho fosse inocentado. Em três dias Thomas tinha agendada uma entrevista para falar da situação jurídica de seu filho. E, antes de falar, precisava vislumbrar a possibilidade de ela ainda amá-lo, com alguma chance de casarem-se. Assim extinguiria a punibilidade da acusação.

– Sabia que desde criança Christopher tem problemas de relacionamentos? – comentou em tom casual.

– Deve ser porque ele não é sincero – reagiu cheia de mágoa.

– Não. Ele tinha a natureza fechada. Na adolescência, precisava beber ou de outros estímulos para ficar mais sociável – apesar de Beckye ter mostrado desinteresse, ele continuou. – Seu irmão o conheceu em uma briga – insistiu. – Aleksey cuidava de um jardim duas ruas daqui e livrou Christopher de ser linchado ao descer do ônibus escolar – esperou um momento.

Os olhos de Rebecca brilharam com genuína curiosidade, o juiz percebeu triunfante o desperto interesse e continuou.

– Aleksey tinha quinze anos, Christopher quase treze. Viraram amigos. Pouco depois, todos criamos afeição por seu irmão. Christine se encantou com ele, entretanto, ela era novinha demais, e Christopher morria de ciúme da irmã. Mesmo assim, namoraram um tempo escondidos porque, na época, Aleksey fazia alguns serviços de jardinagem aqui e por toda a vizinhança. Após descobriremos o envolvimento de Christine, ao invés de afastá-lo dela por ele ser um simples trabalhador imigrante, convenci Lisandra a ensiná-lo os ofícios do laboratório. E assim ele foi se firmando. Aleksey foi como o irmão mais velho. E, quando terminou o secundário, eu paguei a faculdade para ele... – ele prosseguiu, e Rebecca ouviu ávida pela primeira vez toda a história, livre de enigmas.

Ao fim, porém, a mágoa nela voltou. Como gostaria de ter ouvido de Christopher toda a história!

**

Christopher sentia-se zozzo, sua ténpora latejava insistentemente devido à noite mal dormida e ao excesso de álcool que colocou em seu organismo. Sentia-se estranho em sua própria casa. A presença dela estava impregnada em todos os cantos. Sentou-se no sofá, olhou por segundos intermináveis o quadro que ela pintou, lembrando-se do momento em que aconteceu, em seguida avistou sobre a mesinha de centro o jornal que comprou no dia anterior. Inevitavelmente, a notícia na página principal foi o que primeiro lhe chamou a atenção.

Sucessivos acontecimentos deixam a Divisão de Narcóticos de Los Angeles em completo caos. Crimes como facilitação de contrabando, extorsão, abuso de autoridade e corrupção foram denunciados pelo Ministério Público.

Para o Juiz Thomas Adams, pai do Agente Especial Christopher, envolvido diretamente nas

acusações, será difícil encontrar provas cabais contra seu filho, pois o flagrante tratou-se de prova forjada. Ressaltou que a única acusação incapaz de refutação é a de corrupção de menor, mas, uma vez que o fato é totalmente desvinculado de sua atividade policial e como Christopher pretende reparar o erro, o caso não deverá ser levado à Corte Criminal.

*Históricos mostram que escândalos envolvendo toda uma agência requerem uma intervenção federal. Por precaução, todos os agentes foram afastados de seus cargos. A agência da cidade vizinha, San Diego, responsabilizar-se-á por expedientes sem prejudicar o contingente atendido em Los Angeles. **Milly Montez***

Após ler, olhou mais uma vez para o celular, tocou a tela e a foto de Beckye apareceu. Debateu-se, em conflito, se ligava ou não. Suspirou, juntou toda a força de ânimo que possuía e apertou a tecla verde. Em dois toques ela atendeu.

– *Fale, Christopher* – atendeu friamente.

Christopher arfou surpreendido por ela ter atendido, a voz familiar e sussurrada machucando-o de saudade. *Passe por isso como homem.* Ordenou-se.

– Beckye...

– *Meu nome.*

– Case comigo – soltou de uma vez, sem pensar. Programou tantas vezes esse telefonema. Tanto a dizer, tantas desculpas a dar, mas a única tolice que saiu foi essa. Só ela era capaz de transformá-lo nesse adolescente estabonado e nervoso. Podia até imaginar como ela receberia essa proposta. Imaginaria que era somente um ato egoísta e desesperado de quem queria escapar de uma punição.

Ela riu primeiro, depois respondeu monossílaba. – *Não.*

– Por favor... Sinto sua falta.

– *Será? Sua psicóloga não está sendo suficiente mulher pra você, não?* – replicou, com uma conotação insultuosa. – *Samuel falou sobre a Justiça. É por isso que está ligando, não?*

– Não. Lógico que não. Eu preciso de você – apertou a fronte, os abalos das pulsações forçando o sangue a bombear mais rápido, e sua cabeça voltou a doer.

– *Ah, sim, precisa* – repetiu glacialmente. – *Me usar para algo* – completou. – *Mas não, Christopher. Eu já pensei numa solução. Se você quiser que eu declare que te enganei, que menti, que você não sabia minha idade e que, além de tudo, eu não era virgem, eu irei falar. Não se preocupe. Você não irá perder sua carreira ou liberdade por isso.*

– Você não entende que eu já perdi tudo? – aumentou o tom, impaciente. – Eu só não quero perder você – adicionou implorativo.

Suas palavras atingiram o muro de distância, mas ela reagiu antes que descessem ao coração. – *Você não pode perder algo que não tem.*

Ele sentiu um nó se formar na garganta pela rejeição, o estômago revoltar-se, mas obrigou-se a ir

adiante.

– Me perdoa, Florzinha... Tem ideia do quanto é difícil pedir desculpas, sabendo que eu não mereço? – pediu num sussurro, esfregando a nuca, desesperado.

– *Não precisa pedir* – reagiu num tom vulnerável e inseguro.

Ele aproveitou sua guarda baixa e continuou. – Eu sei que você só está com raiva. Está me fazendo padecer para pagar o que fiz. Mas eu já paguei. Estou no inferno. Já sofri tudo que alguém pode sofrer.

– *Você está muito enganado* – ela voltou a se armar. – *Não tenho intenção nenhuma que você sofra. Acho que nós dois erramos nos julgamentos um do outro. Eu não sou a pessoa ardilosa que você julga, e você não é a pessoa carente que eu pensei. Simples erros de julgamento.*

– Então por que você aceitou ir para a casa do meu pai se não para me torturar?

– *Se você não sabe, é seu pai quem tem minha guarda provisória.*

– Por que você me impede de ir aí? – questionou contrariado ao ponto de desejar atirar os móveis da casa em todas as direções.

– *O que muda? Você nunca gostou de vir aqui mesmo* – espetou. Era possível registrar a irritante insolência.

– Beckye, não seja tão dura conosco – implorou. – Isso é imaturidade. Eu preciso te ver e conversar pessoalmente.

– *Não. Quando você vai parar de insistir?* – contrapôs irredutível. – *Estou ocupada agora. Poderia ligar depois? De preferência quando eu fizer cinquenta anos? Até lá eu já cresci o suficiente para julgar melhor o que aconteceu entre nós.*

– Beckye, por favor... – ele chiou, destroçado e sem fê.

– *Meu Deus, é tão difícil entender assim que eu não quero? Eu-simplesmente-não-quero* – pontuou enfaticamente. – *Vá viver sua vida, Christopher. Vê se agora que conseguiu finalmente o que queria, volta a viver como alguém normal, não em função de uma vingança.*

Christopher estremeceu como se tivesse recebido um murro no estômago. Ela continuou. – *Eu não posso impedir você de vir à casa do seu pai. Você pode vir. Só não me importune. Não é minha culpa ter que ficar aqui. Até mais, Christopher.*

Do outro lado da linha, Rebecca fechou os olhos por longos segundos, reprimindo as lágrimas insistentes. Mesmo que tantos dias tenham passado, esse sentimento teimoso continuava se criando e cevando-se em seu coração. E doía. Doía muito.

Capítulo 04 - Paixão & Obsessão

Duas semanas depois, Christopher foi convidado pelo pai para um almoço em comemoração ao seu aniversário em sua casa. Ainda abalado com o último telefonema, Christopher atrasou-se deliberadamente em ir. Pensava que, adiando o encontro, doeria menos ver e não ter.

Parou o carro na lateral da casa e surpreendeu-se quando viu algumas plantas e flores crescendo pela propriedade, a piscina cheia e a cerca frontal da casa pintada de lilás e branco; Beckye. O furacão Beckye.

Sorriu nostálgico ao imaginá-la fazendo tudo aquilo enquanto ele definhava em casa. Demorou subindo as escadas, criando coragem para o confronto. Inspirou e respirou três vezes e repetiu para si: *vou ser sensato. Recitou. Vou respeitar o espaço dela. Serei paciente. Sou o adulto da relação, não um adolescente perdido, apaixonado e rejeitado.*

Mal abriu a porta, Peter veio correndo em sua direção.

– Tio Chris! – ofegou, e Christopher levantou-o no colo.

– Como vai, garotão? – apertou forte num abraço, depois beijou sua cabeça loura. – Deus, que saudade de você! – declarou efusivo e voltou a apertá-lo.

– Peter também estava saudade – respondeu o menino. – Por que você nunca vinha ver Peter? – cobrou sério.

– Eu não pude.

– Você vai deixar Peter entrar em seu quarto e brincar com seus brinquedos? Beckye não deixava – reclamou chateado.

– Agora eu vou deixar – piscou para o garoto e caminharam até Samuel, que já vinha em sua direção.

– E aí – bateu em seu punho.

Uma força quase tangível, algo potente e poderoso, o fez virar o rosto em direção às escadas e, petrificado, viu uma pessoa de cabelos escuros descer as escadas. Ela sorria ao lado de Carolyn, usando uma saia lápis grafite, um *scarpin* cinza e camisa de seda branca. O cabelo que antes tocava abaixo da linha da cintura fora cortado no meio das costas. E a maquiagem era sóbria, grafite e cinza.

Ao pressentir o olhar avaliador de Christopher, como atraída por magnetismo, ela encontrou seus olhos e automaticamente fechou o sorriso.

– Como vai, Christopher? – cumprimentou-o formalmente. Ele lembrou-se saudoso das dezenas de vezes em que ela pendurou-se em seu pescoço e deu-lhe um abraço efusivo ao recebê-lo, os dedos arreliando seu cabelo.

– Beckye... – abriu a boca num ofego e colocou Peter no chão. De repente todas as suas pré-

resoluções foram para os ares e caminhou em sua direção. – Por que você fez isso? – cobrou e pegou em uma mecha de cabelo escura. Rebecca deu um passo atrás esquivando-se de tão aberta demonstração de posse. – O que você fez com seu cabelo? – ele quis saber, revoltado. Ela desejou ter cortado mais, no topo, para que ele não a olhasse daquele jeito, como se fosse dono de seu cabelo.

– Cortei – deu de ombros, contendo o impulso infantil de bater em sua mão que ainda segurava uma mecha, e afastou-se, indo para a segunda sala, onde se sentou no sofá negro em frente à lareira, de pernas cruzadas, com o pé inquieto balançando no ar.

Carolyn cumprimentou Christopher com um sorriso fraco, compassiva ao ver seu olhar hipnotizado sobre Beckye. Seguiram lado a lado conversando sobre Olga.

– Seu pai disse que ela vai sair em breve – Carolyn explicou.

– Que bom.

– Vou chamar vovô pra comer – Peter avisou e subiu as escadas correndo, de modo familiarizado.

– Vovô? – Christopher estranhou, juntando as sobrancelhas.

Carolyn esclareceu. – O Samuel instruiu-o a chamar assim.

Christopher assentiu e caminhou tenso até o bar, pôs duas pedras de gelo num copo e adicionou uísque, os nervos alterados.

– Você bebe agora é, Christopher? – perguntou Beckye retoricamente, com um tom acusador. – Ou você sempre bebeu e isso também fazia parte da construção da mentira?

Ele ignorou o ácido em sua voz, fechou a tampa da garrafa e foi sentar-se no sofá, ao lado dela.

– Eu não bebia... Mas ultimamente precisei – justificou enquanto observava compenetrado o líquido âmbar. Não lembrava se alguma vez na vida já reagiu assim a algo. Sentia uma leve náusea, um frio no estômago, as mãos geladas. – Você está bem – elogiou-a, apontando indolente para o corpo dela. – Não emagreceu... Está com aparência boa – constatou com nervosa apreciação.

– Não posso dizer o mesmo de você – destacou com os olhos fixos na unha, numa epítome de frieza e distância. – Seu cabelo está imenso. Esta barba está horrorosa – adicionou séria, sem nem mesmo olhar em sua direção.

Ele balançou a cabeça e riu incrédulo da crítica, bebeu um grande gole e apertou o copo fortemente, concentrado em algo que ocultasse o tremor de sua mão. Até hoje, ele só a viu ter reações parecidas a esta uma vez. No casamento de Samuel. Na ocasião, impor a necessidade um do outro resolveu a distância e frieza. Será que hoje resolveria?

Estimulado pelo fato de terem sido deixados discretamente a sós, Christopher adotou uma postura ousada, aproximou-se e pôs o braço atrás dela relaxadamente por cima do sofá.

– Como está você? – sussurrou de um jeito íntimo, olhando-a com pretensões bem masculinas.

– Melhor que você, suponho – respondeu com a pulsação acelerada, achando assustadora a ideia de ficar tão próximos. Ergueu os olhos da proteção das unhas e encontrou os familiares olhos azuis perscrutando-a, confrontando-a num duelo silencioso. – Odeio o cheiro de bebida – ela buscou qualquer rechaço como escudo para se proteger. Christopher afastou o copo e colocou-o na mesa de centro, ato seguido, abriu um *trident* de hortelã e pôs na boca.

– Por que pintou o cabelo? – pegou outra vez, atrevidamente, numa mecha, mais numa acusação do que pergunta.

– Achei que o castanho combinava com minha fase – afastou-se para que a mecha saísse de sua mão.

– Sabia que eu não tenho mais pesadelos? – tentou entabular um assunto.

– Bom pra você – deu de ombros, esforçando-se por ser indiferente, mas a curiosidade quase a fez esmiuçar o tema.

Ele continuou divagando, disposto a distraí-la. – Eu agora acho que plantas têm sentimentos – expôs solene, ganhando automaticamente a atenção de Beckye. – Aquelas plantinhas lá em casa estão tristes e pra baixo desde que você se foi – disse sério. – Outro dia, tenho quase certeza de que as ouvi reclamando – dramatizou, balançando a cabeça afirmativamente.

Rebecca sentiu vontade de sorrir, mas virou o rosto e manteve a postura séria. Ele suspirou, pensando em empurrá-la a corresponder ao diálogo. Tinha que arrumar um meio de aproveitar a oportunidade e conversar. – Tem notícias do seu irmão?

– Você que devia ter, já que é você o obcecado por ele – atirou hostil. – E sim, tenho notícias – adicionou com forçada neutralidade. – Eu fui visitá-lo. Ele está tranquilo com tudo.

– Você foi à penitenciária? – abriu a boca, atônito. – Quem deixou?! Aquilo não é lugar para você! – aumentou o tom, sua preocupação soando tão absurdamente sincera que Rebecca teve vontade de esganá-lo por tentar iludi-la.

– Não é assunto seu, mas já que perguntou, meu irmão está lá – explicou como se tivesse um muro separando-os, tornando-os desconhecidos num bate-papo casual. – Seu pai conseguiu autorização – completou, esperando que sua voz esganiçada não a traísse. Precisava se mostrar superior, forte e segura; não vulnerável, sofrida e triste.

Ele respirou fundo, consciente de que o assunto Aleksey só a tornaria mais indócil.

– Falando no meu pai, obrigado, Florzinha, pela graça de permitir que eu viesse a casa dele – agradeceu zombeteiro.

– Não pensei que você fizesse questão – replicou de queixo erguido, com graciosa impertinência. – Seu pai disse que você já passou até dois anos sem pisar aqui.

Ele fitou-a lembrando que, por trás dessa capa fria e indiferente, escondia-se uma pessoa apaixonada, espirituosa e inquieta como uma borboleta. Convenceu-se de que teria que aceitar todo o seu humor se quisesse aproximar-se. Seria parte da penitência.

– Por que está vestida assim? – apontou para sua roupa, tentando todos os meios de desenvolver algum assunto. Ouvir suas tiradas era melhor que o silêncio da distância.

– Vou para uma confraternização na casa de recuperação.

Ele passou o olhar novamente por sua roupa. Foi com relutância que concluiu que não conhecia a mulher afetada por baixo delas. Faltavam sorrisos. Faltava luz. Saudoso, torceu os lábios e pôs atrevidamente a mão acima de seu joelho, no lugar onde terminava a saia. A sensação que teve foi que ondas elétricas subiam por sua mão. – Precisava ir assim? – cobrou, decidindo que não ia mais tentar ser adulto e respeitar espaço. Ela era dele. Ela o amava. Não ia mais deixá-la respirar sem ele.

– Vou dar uma pequena palestra de incentivo a novos jovens integrantes da pastoral. Tinha que me vestir um pouco formal – explicou-se e, no mesmo instante, arrependeu-se ao deparar-se com o olhar quente e impertinente de Christopher. – Tire a mão de mim – pediu com os sentidos em alerta quando notou que os dedos circulavam sua rótula, distribuindo um formigamento onde era acariciado.

– Por que não? – inclinou-se dissimuladamente sobre ela, encorajado pelo estremecimento que ela deu. Levou uma mecha de cabelo até o nariz, posição que o favoreceu a espiar furtivamente os seios altos que se estendiam sob a blusa transparente aberta em três botões. O sutiã branco de renda incitava a imaginação. Imediatamente o corpo dele respondeu com excitação, esquentando e enrijecendo, e deu boas-vindas à sensação de estar vivo novamente, de ter sangue bombeando nas veias.

– Você está invadindo meu espaço pessoal – ela avisou, rígida, afastando-se.

– O que anda comendo para te deixar tão azeda? Limão? – gracejou, subindo a mão descaradamente do joelho à coxa por dentro da saia. Ela teve uma sensação de pânico no instante em que uma comichão vibrou em sua pele e ficou intimidada por aquela demonstração de poder quando acreditou que ele não a afetaria.

– Para, Christopher – pediu débil ao senti-lo inspirar profundo em seu pescoço. – O mínimo que devia fazer, por boa convivência, é respeitar meu espaço – exigiu e afastou-se mais, acuada, chegando ao limite do sofá.

– Tem ideia do quando senti falta do seu cheiro? – sibilou, com um travesso prazer ao sentir sua perturbação, e inclinou-se mais sobre ela, ameaçadoramente, fazendo-a em ato reflexo inclinar-se para trás, apoiando-se nas almofadas.

– Chris, não. Se você não se afastar, e-eu... – não pôde concluir, pois Christopher salpicou beijos na sua mandíbula, envolvendo-a em uma teia de sedução.

– Você não vai conseguir me expulsar de sua vida – declarou com enfáticos sopros de ar próximo aos lábios dela. – Você me quer. Eu sou seu homem – ela estremeceu, o clima carregado de tensão magnética atordoando-a. – Estou gravado em seu sangue. Assim como você está no meu – declarou, incitado por sua reação passiva.

Ela ainda queria lutar contra a indelével atração, mas inebriada por seu perfume familiar, sua respiração cálida, desceu o olhar, inconsciente, para os lábios dele, vendo-o umedecê-los. Foi

invasa por lembranças aterradoras de momentos íntimos, uma apavorante espécie de sentimentos caóticos.

– Não – relutou incoerente e virou o rosto quando os lábios de Christopher selaram docemente o seu. Apesar de sua negativa, a mão dele prendeu seu rosto seguramente.

– Por favor, Beckye... – suplicou contrito. – Eu preciso de você. Não tenho mais nada. Ficou só o vazio... Ajude-me a encontrar um jeito de perdoar a mim mesmo... Perdoe-me – implorou e continuou lhe dando selinhos, destruindo suas barreiras, até que ela parou de tentar virar o rosto. Ela queria encontrar palavras, qualquer defesa contra ele, mas sua mente estava atordoada.

Ele abriu a boca suavemente na sua, com um roçar sedutor, convidando-a, extorquindo suas defesas, ameaçando seu bem-estar emocional. O toque gentil a fez corresponder no automático, abrindo a boca, dando o que ele queria, a despeito das tentativas de bloquear reações. Sentiu a língua dele penetrando sua boca devagar, entorpecendo e ocupando seus sentidos e, com as pálpebras trêmulas fechando-se, um gemido de rendição brotou em sua garganta, e ela desfaleceu-se em seus braços.

Christopher sentiu-se estimulado e se tornou exigente, aumentando a pressão persuasiva aos poucos, pôs todo peso sobre ela, caídos entre almofadas. Rebecca não ofereceu mais resistência, seu corpo traidor, aflito por calor, reagia por si só, movia-se para se adaptar a ele, atizado pela experiente persuasão masculina que o intimava a responder.

O mundo pareceu explodir para Christopher. Ele foi do improvável ao provável, do zero a mil em um minuto. Abraçou-a com força, rugindo em sua boca, devorando-lhe a língua, sugando tudo, quase a esmagando num beijo faminto, intenso, cheio de saudade, devoção e explosiva ternura. Ele precisava, necessitava tê-la novamente, sentir que ela era sua e que ainda poderiam ficar juntos.

Uma *vozinha*, na periferia da mente de Rebecca, dizia que não fazia sentido que um beijo a subjugasse e todo o amor próprio fosse esquecido. Se isso era ser uma mulher apaixonada, escolheria viver sem paixão a ser dominada por um desejo descontrolado. Não podia permitir que o homem que a usou a dominasse. Por isso, cônica da extensão destrutiva de sua própria debilidade, segurou a mão dele quando esta apertou sua coxa, com o membro intumescido comprimindo-a deliberadamente.

Notou vagamente que ele afastou a calcinha e enrijeceu automaticamente quando ele tocou lá embaixo, na feminilidade humilantemente úmida, molestando-a, com as pernas dela inexplicavelmente abertas. – Não resista. Você é minha – sussurrou, despertando do sono sua natureza desinibida, seduzida com o irresistível erotismo de quem a conhecia como um especialista.

– Não – desviou o rosto e o beijo foi para a parte sensível do seu pescoço, abaixo da orelha. Estremeceu quando percebeu fora de órbita a ponta molhada e quente forçar passagem, ocupando-a, enchendo-a. Ela piscou longamente, contendo o fôlego, a degradante volúpia, que durante semanas conseguiu controlar tão bem, fervia em seus sentidos, tirando-a do estado anestésico.

A cabeça dizia que devia fazê-lo parar, que devia recusar-se a ceder à pressão concupiscente do desejo, mas o redemoinho de sensações tornou insignificante seu alerta diante da imprescindibilidade

de calor que queimava seu interior. Ela não podia raciocinar, ouvir, falar, quase não podia respirar com a invasão. Um estranho langor insanamente prazeroso a entorpecia.

Fechou os olhos e ofegou quando uma mão cobriu seu seio, a outra mão levantou a saia até o quadril e apertou a carne da nádega, fazendo-o entrar fundo nela, com uma virilidade exigente. No mesmo instante em que a cabeça fazia o caminho dos botões para o par de peitos imponentes, ele afastou a camisa e o sutiã e subjugou-a com a boca em seus seios. Marcou com a língua o bico rosado e o sugou desesperado.

Ela não teve chance. Ele a possuía, ocupava-a, demarcava-a numa sobrecarga sensorial que a apavorava. Uma exibição de domínio masculino e primitivismo. O corpo traiçoeiro ergueu-se e os músculos internos apertaram-no gulosamente para abrigá-lo, pulsando em volta dele, convertendo-a numa agonizante pulsação. Ela se sentia coagida e totalmente sem ar, sentia a cabeça rodar enquanto ondas de calor irradiavam dentro dela, deixando o corpo vertiginoso, como se alguma droga lhe tivesse sido injetada pelo projétil que a ocupou.

Enquanto estiveram longe, a necessidade sexual foi esquecida. Entretanto seu corpo conhecia o professor, aquecia-se mais para acolhê-lo, queimando-se e derretendo como lava incandescente. Agora o conceito de amor próprio incutido a ferro ao ser traída foi deixado de lado, e seu corpo ficou a mercê do fogo langoroso que se espalhava à medida em que ele entrava e saía, para sua consternação e deleite.

Com os dentes trincados de pura teimosia, sentiu uma descarga violenta de tensão e êxtase, um orgasmo coercivo ao ter os seios chupados tão selvagemente. Deixou o cérebro entorpecer-se e a cabeça caiu para trás, indefesa diante do prazer que a infringia. Estremeceu fortemente no sofá, com arqueadas convulsivas e soluços de lábios fechados.

– Não tente fugir do que temos – acentuou ele ao sentir a indulgente culminação do seu corpo. E continuou a estimulá-la, oprimindo-a, estocando, obrigando-a a aceitar o que eram um para o outro.

A consciência evaporou-se totalmente, ficando somente o instinto. Ela não perdeu mais tempo com pontos interrogativos e, por fim, reagiu, deixando de ser mera participante. Prendeu as pernas em seu quadril, levou desorientada uma mão ao cabelo desgrehado e conduziu a cabeça de volta para que o beijasse, com mais necessidade que ternura. Ele sussurrou em seus lábios, com movimentos sugestivos da língua, retirando-se e penetrando ritmicamente, ao tempo em que fazia o mesmo dentro dela. – Eu não vivo sem você – voltou a aprofundar a língua com beijos possessivos, molhados, numa mescla inquietante de luxúria e ansiedade.

Desfazendo do beijo faminto, ela gemeu absorta e mordeu o pescoço dele. Desabotoou sua camisa preta, acariciando e tocando a pele quente do seu peito forte, local onde seu coração batia descompassadamente, e explorou com os lábios o homem grande, ambos movendo-se, dando silvos e ronronando, com paixão, pressa e fúria.

Ela teve um novo espasmo quando a boca de Christopher voltou a exigir seus lábios, invadindo-os com a língua, impiedoso e ardente, e a paixão em Christopher subia a superfície, borbulhante, já formigando nas pontas dos dedos rumo ao clímax.

– Hei! – muito de longe, na fronteira da consciência, uma voz chocada irrompeu a névoa de desejo.
– Temos criança em casa!

Ambos pararam num sobressalto. Christopher aquietou-se, aturdido, ao associar a voz ao interlocutor e o que faziam ao local onde estavam.

Não podia acreditar. Que merda fez!?

Cautelosamente, saiu dela, molhado, quente, indócil e frustrado, rezando para que de onde estava o intruso não notasse. Fechou o zíper, afastou-se devagar e sentaram-se com as almofadas na frente do corpo para protegê-los. O olhar de Christopher examinou os lábios úmidos de Beckye, os olhos verdes, excitados, cheios de quentes promessas, e sorriu, discretamente, enquanto seus sentidos tentavam se acostumar com a perda do contato.

– Oi, pai – Christopher respirava ofegante, os olhos desviados do pai, e ajudou Beckye a se recompor, fechando os botões da blusa, arrumando o cabelo.

– Oi, Sr. Thomas – Rebecca cumprimentou-o, embaraçada. – Desculpe – disse, depois olhou de canto para Christopher, com ambígua acusação no olhar. Os olhos se tornaram cheios de horror. Que fácil ela foi em se entregar sem lutar!

– Meu problema é com Christopher, Beckye – Thomas torceu os lábios, desgostoso, face à incongruência da cena. – Minha vida agora é controlar os filhos. O outro casou-se da noite para o dia, enrolou-se e brigam como cão e gato. Porém, quando menos espero, estão se atracando. Christopher... – olhou para Beckye. – Na primeira oportunidade que fica sozinho com você...

– Não vai mais acontecer – Rebecca defendeu-se ao tempo em que argumentava para si que aquilo não foi nada. Ter uma recaída não queria dizer que o amava. Isso só foi uma resposta torta de um corpo débil e vulnerável ante a alguém mais experiente que ela. Só isso.

– Eu imagino que não – fez uma careta com expressão reprovadora. – Queria saber o que as pessoas da sua família têm que minha família não consegue manter as mãos longes – comentou reflexivamente. A seguir balançou a cabeça, pensativo. – Ela está sob minha guarda, Christopher. Não vou permitir que a desrespeite sob o meu teto – avisou sério. Christopher queria protestar, mas, ao ver o olhar cúmplice no pai, calou-se. – Lavem as mãos e vamos para a mesa. O almoço será servido – orientou como se falasse com crianças e caminhou para a sala de jantar, preocupado com o filho que, ao demonstrar aquela fome primal, só iria assustar a menina, não conquistá-la.

Christopher suspirou, ajustou a calça, arrumando o incômodo, depois a olhou.

– Desculpe. Não queria te colocar em uma situação embaraçosa – levantou a mão e arrumou a gola da camisa dela. – Agora que estamos acertados, poderíamos ir para casa terminar isso – sugeriu malicioso e confiante.

– O quê? – ela levantou-se incrédula e passou as mãos na saia, trêmula. – Nada mudou entre nós. Rendição e remissão não são sinônimos – argumentou, obstinada. – Você ter me *b-beijado*, er, à força... – balbuciou nervosa. – ... Não significa perdão – empinou o nariz, em desafio. – Você se aproveitou.

– Não foi à força – ele riu cínico. – Você correspondeu e gostou... Muito – levantou-se, passou os braços em sua cintura e fez uma tentativa de beijá-la de novo. Ela deu um passo atrás ofendida.

– Mas isso não muda nada – vestiu sua capa protetora, consciente da umidade delatora de sua decadência. – Não vou para sua casa.

Ele juntou suas duas mãos e levou-as à boca, dardejando-lhe um olhar quente de posse, enquanto, num gesto íntimo, deslizou a língua numa carícia sensual na palma. – Se você me ama, vem pra casa comigo.

– Eu não te amo mais – defendeu num impulso de rebeldia e autodefesa.

– Mas você dizia que me amava – beijou o pulso, acariciando-a para acalmá-la.

– Eu não te conhecia. Amava um personagem que criei. Além disso, amar não é o mesmo que querer. Eu não te quero. Pelo contrário, odeio o fato de você ter esse poder sobre mim.

Ele inclinou-se e beijou-a novamente no canto dos lábios. Ela manteve-se rígida, tensa, ainda que por dentro sofresse uma convulsão febril.

– Eu amo você, Beckye – disse, e seus lábios a encontrou em outro beijo molhado.

Ela demorou um longo tempo calada, lutando contra a vulnerabilidade que as palavras criaram, contra o estremecimento que a percorria e, quando respondeu, já tinha controle da situação.

– Você usa amor como apelido para luxúria – acusou. – E você me enganou. Não é digno de perdão ou confiança – sussurrou, a mágoa fácil de se ler por trás da acusação.

– Eu não enganei. Eu escondi a verdade.

– Simples semântica. O fim é o mesmo. Traiu, omitiu, enganou – retrucou armada. – Poderia ter sido leal e franco, ao invés de fingir ser quem não era – adicionou infeliz. – Eu iria descobrir a verdade de qualquer maneira.

– Eu tentei – explicou suplicante. – No dia do acidente eu iria contar.

– Quantos meses depois de termos nos conhecido? Sete meses? Quantas chances você teve!

– Você me ama, Beckye – colocou-a ao seu tronco, imponente.

– Amo, mas não estou apaixonada por você. Não há nada em você que me agrada, Christopher. Não gosto da pessoa que vejo. Você não tem nada que me atrai.

– Tenho, sim – disse presunçosamente, desceu com os lábios pela mandíbula e mordeu o lóbulo de sua orelha. A seguir, desceu com beijos ao longo do seu pescoço. Ela fechou os olhos sentindo-se fraca, impotente.

– Eu não te quero, Christopher – empurrou-o delicadamente pelo peito, o ato denotando mais uma carícia que rejeição. – Respeite isso – pediu ternamente. – As pessoas têm direito de terminar. Não vou casar com você para te proteger. Tenho dezessete anos. Não tenho planos de me casar tão cedo – explicou baixo, distraída com os carinhos. – Num próximo relacionamento – continuou – Eu vou

tentar conhecer muito bem meu namorado, não me atirar em cima dele só por causa de um corpo bem feito e rosto bonito como fiz com você.

– É isso que eu sou? – afastou a camisa e mordeu-a no ombro, com presunçosa sensação de vitória.

– Que outra qualidade você tem? – desafiou séria, enfim atenta ao que ele fazia, e forçou indiferença na postura, com os braços flácidos ao lado do corpo.

Ele entendeu que aquilo era somente uma proteção, apertou os braços mais forte em volta de sua cintura e mordiscou vagarosamente. – Perdoe-me, meu amor – implorou persuasivamente.

– Não – suspirou estonteada, tentando buscar na mente o motivo de lhe dizer não e apegando-se a ele, ao mesmo tempo em que continha o impulso de abraçá-lo. – Ou melhor... Posso até perdoar, mas não quero esquecer – esclareceu, agora mais convicta. – Eu fui o segredo, que você escondia de todos, conveniente para ser usado. Fui uma criança tediosa que você simplesmente suportou. Fui uma tola que você conseguiu enganar... – inspirou profundo e balançou a cabeça, ganhando mais espaço ao afastar-se. – Sabe, eu tenho vergonha disso, de ter me deixado enganar quando sempre fui tão esperta... Eu aprendi da maneira mais difícil, Christopher. Agora não posso mais acreditar em você.

– Eu não entendo por que você perdoou todo mundo: Carolyn, seu irmão; só a mim que não quer perdoar – relutou, teimoso, não a deixando se afastar completamente. – Todos eles sabiam!

Ela respirou trêmula com o desgastante confronto.

– Eu os culpo, mas era você que me devia lealdade. Era você que dormia comigo, a você que eu amava! – expôs, segurando as emoções.

– Eu amo você, Beckye – sussurrou, rezando que ela se desarmasse.

– Eu não consigo te acompanhar, Christopher – olhou-o magoada. – Sinceramente não te entendo. Se é algum tipo de remorso, tudo bem, está perdoado. Eu só não entendo o porquê disso. Por quê, se já cumpriu o objetivo de ter me usado? Por quê, se Aleksey está preso? O que você ainda quer de mim? Se você pensa que eu acredito que você me ama, saiba que eu não acredito. O que você quer, afinal? É essa droga de corpo fácil? – apontou para si com julgamento. – É só se livrar da Justiça? – alterou o tom, desgostosa. – Se for só isso, Christopher, não minta pra mim que me ama! – concluiu aflita com sua própria debilidade, sentindo-se horivelmente triste. Afastou-se abruptamente dele, girou sobre os pés e seguiu apressada para o lavabo. Dali em diante, adotou uma nova máscara de segurança e controle ao dirigir-se à mesa.

Christopher acompanhou-a, sentindo a dor da distância e reprimiu o desejo de pará-la e continuar confrontando-a. Sentou-se ao lado dela e concluiu que, para ele, ela nunca pareceu mais linda embora, no momento, inacessível com o muro que reergueu. O almoço foi servido com todos silenciosos e tensos.

– Você podia ficar, Beckye – Carolyn rompeu o silêncio, inquieta, tentando iniciar algum assunto. – Já faz uns dias que não nos vemos, e eu queria ficar com você.

– Não posso, prima – Rebecca respondeu docemente.

– Ela tem responsabilidades – Christopher ironizou, citando a desculpa que ela sempre dava. Rebecca entreteceu os olhos e virou-se em sua direção, não entendendo a provocação.

– Não é só por isso. Hoje eu vou ser madrinha na formatura de uma amiga que eu fiz lá. Ela vai sair da casa de recuperação e integrar-se na turma de voluntários – moveu tranquilamente o talher, parecendo gestos ensaiados, quando Christopher estava acostumado a lidar com uma menina inquieta, com movidas hiperativas. – Vocês querem ir? Vai ser legal – perguntou simpática, diretamente a Samuel e Carolyn enquanto cortava lagosta para Peter.

Samuel estranhamente engasgou-se com refrigerante e deixou-o derramar na camisa.

– É aniversário do meu pai – Samuel desculpou-se perturbado. – Não vamos deixar o velho sozinho.

– A mim o senhor libera, *né*, Thom? – Rebecca o adouçou com um sorriso persuasivo. Christopher desviou a atenção para o pai, fazendo caras e bocas, gestos e sinais, implorando que ele não liberasse. Assim teria mais tempo.

– É claro, flor – Thomas respondeu tranquilamente e recebeu um olhar acusador de Christopher.

– Acredito que, por uma questão de consideração, ela devia ficar – Christopher sugeriu e deslizou um dedo no braço de Beckye.

– Logo você falando em consideração? – retrucou Beckye com a sobrancelha arqueada. – E o que me diz de sua consideração, tendo deixado-o tantos anos almoçando sozinho nos aniversários? – espetou com afetada polidez. – Fazendo-o pagar por não ter se juntado a você na vingança contra meu irmão? – completou tranquila.

– Foi ele quem te falou isso? – apontou incrédulo para o pai.

– Crianças – Thomas chamou atenção ao perceber Christopher aumentar o volume.

– Hei, Beckye, eu disse para você que Samuel está ficando num hotel até a Mariah desocupar o apartamento dele? – Carolyn tentou desviar o assunto, admirada que Beckye estivesse tão intolerante. Geralmente a prima agia friamente em meio a adversidades, entretanto, depois de conversar com Christopher, parecia estar a ponto de explodir.

– Não – Rebecca respondeu atenciosa. – Deve estar sendo difícil. E você? Gostou de passar essa semana lá? – deu continuidade ao tema, disposta a amenizar o clima.

– Sim – serviu-se de sorvete, cortou a parte inferior da lagosta, tirou um pedaço da carne e misturou-a com o sorvete, adicionando um pouco de limão. Rebecca viu aquilo e fez careta. Carolyn continuou, de boca cheia. – Está quase resolvido nossos problemas com papéis.

– Separaram-se? – Rebecca supôs.

– Mais ou menos. Daqui a duas semanas sai a anulação.

– Separar no papel é mais fácil que se livrar da ex-noiva – Samuel comentou brincalhão.

– Ela deve optar por recorrer à magia negra para ter você de volta – Carolyn brincou com um sorriso cúmplice para ele.

– A mesma que você usou para me enfeitiçar? – ele implicou e acariciou seu cabelo, carinhosamente.

– Ah, está querendo dizer que eu não te conquistaria por meios normais? – acusou, dramaticamente. – Se eu fosse adepta de bruxaria, teria amarrado teu nome na boca do sapo, assim ficaria livre de você.

– É isso que quer? Ficar livre de mim? – inclinou-se e roçou o nariz no seu rosto. – Não foi isso que você disse ontem à noite. Depois de...

– Crianças – Thomas interpôs novamente, com um sorriso censurador no canto da boca. Fazia anos que não tinha tanta atividade à mesa. Mas divertia-se.

– Mamã, posso dormir no apartamento do tio Chris? – Peter pediu. – Quando Peter dormiu com ele, ele não mandou o Peter tomar banho, nem escovar os dentes. E Peter não precisa – argumentou, sério.

Christopher tossiu. E foi Carolyn quem aproveitou para brincar. – Ah, não precisa tomar banho, não, Peter?

– Não. Peter é cheiroso sempre – o menino disse orgulhoso, brincando com as garras do crustáceo em seu prato.

– Não é, não – Carolyn retrucou brincalhona. – Passa o dedinho no bumbum e cheira pra você ver.

– Carol! – Rebecca arregalou os olhos envergonhada com sua falta de modos. Todos sorriram à mesa. Carolyn deu de ombros, ainda comendo esfomeada sua mistura estranha.

– Tio Chris – Peter inclinou-se na mesa para olhar para Christopher, ao lado de Beckye. – Você lembra que você me disse que era o namorado da Beckye? – Peter questionou. Rebecca enrijeceu-se, preocupada.

– Sim. Eu *sou* o namorado dela – Christopher afirmou, cínico, ainda que sabendo incitar uma desavença.

– Ela disse que você não é mais – explicou inocentemente. – Mas eu não quero que você não seja porque, senão, o Daniel vai querer ser. Ele veio aqui. E eu não quero que ele fique sendo o namorado, porque ele não brinca comigo.

Christopher sorriu de canto e inclinou-se sobre a mesa para ver Peter, colocando o braço no vidro, posição que deixou Beckye espremida entre os dois.

– Mas ele não é o namorado dela. O namorado dela sou eu – Christopher alegou, com dissimulada expressão inocente.

Thomas bebia um vinho tranquilamente, Carolyn analisava Beckye, e Samuel pôs a mão atrás da nuca, relaxadamente, interessado em como Beckye resolveria o impasse.

– Filho, Beckye não tem namorado nenhum – Beckye explicou decidida.

– Tem sim – Christopher teimou, querendo provocá-la, ao tempo em que lhe roçava a perna com a sua, e pôs o braço sobre a cadeira dela.

– Tem não, meu amor – Beckye o ignorou, ainda dirigindo-se a Peter.

– Garotão... – Christopher chamou-o. – Se o Daniel ficar beirando a Florzinha, me avisa, porque o tio Chris vai fazer isso com ele – fez mímica, fingindo que os dedos era uma arma. – Pow, pow! – fez o som de um tiro, depois assoprou o indicador, brincalhão. Peter abriu um sorriso conspirador. Samuel sorriu.

– Para de ser infantil, Christopher! – ela perdeu a paciência e atirou o guardanapo em sua direção. Ele enfiou a mão por baixo da mesa e acariciou seu joelho, acalmando-a.

Depois de respirar fundo e empurrar a mão de Christopher, irritada, ela deu um sorriso forçado para Peter. – Ele não vai matar ninguém, bebê. E se for, é bem o tipo dele atingir pessoas pelas costas – provocou, e, antes que Christopher replicasse, Thomas adiantou-se.

– É espantoso como Beckye consegue fazer mil coisas de uma vez – intrometeu-se apaziguador, dando um olhar de advertência a Christopher. – Você viu o quintal, Christopher?

– Vi – concordou. Mas não desistiu de importuná-la. – Nosso apartamento também é cheio de flores e quadros dela – comentou de um jeito íntimo, subiu a mão nas costas dela e deslizou os dedos na nuca, despertando instantaneamente sua ira com a proximidade forçada.

– Me dá espaço, Christopher – ela falou baixinho e tentou se mover para se afastar.

– É engraçado você querer espaço agora, quando... – comentou próximo ao seu ouvido. – Ao nos conhecermos, você me cercava de um jeito que só um santo para resistir.

– Eu não cercava você!

– Não? E aquelas suas aulinhas de yoga? – lembrou irônico. Ela abriu a boca para retrucar, mas antes disso ele continuou. – Você não me dava espaço. Era mensagem, música, presente, foto. Quando eu menos esperei, estava com você no meu sangue, impregnada em todos os cantos da minha casa e da minha vida – elucidou tranquilo. – Agora vou usar da mesma artilharia pesada – completou com uma piscada maliciosa, desceu as mãos nas suas costas e apertou de um jeito possante suas costelas, cheio de intenções.

– Para! – ela olhou em volta envergonhada com o *frisson* que a percorreu. Cada um dos presentes fingia que não via, concentrados em seus próprios pratos. Somente Peter os olhava com as sobrancelhas juntas curiosamente.

– Eu não vou parar – disse incisivo. – Se você não me der mais uma chance de conversar em particular, é diante dos outros que nos resolveremos.

– Se depender de mim, não – desviou a atenção e moveu o garfo no prato, fingindo concentração. – Não temos mais o que falar.

Christopher a observava e, aos seus olhos, ela parecia irada, fingindo indiferença, mas pronta para atacar na mínima provocação. Mas ele não sabia que a fúria de Rebecca era destinada a si mesma por ser tão fraca. Por deixá-lo lhe afetar. Também se censurava por ter se entregado com tanta paixão mais cedo a uma recaída.

Só tinha uma solução, pensou, enquanto comia silenciosa. Teria que tratá-lo educadamente, conviver com sua presença até que essa sensação de perda e abandono fosse abrandada. Talvez, se permitisse que ele voltasse a ver Peter regularmente, se não impusesse resistência às suas visitas à casa do pai enquanto estivesse ali, com o tempo, iriam se acostumar à convivência, e ela não passaria por recaídas como a de hoje.

Poderiam se tratar como adultos, não como oponentes, ou mesmo adolescentes enlouquecidos por uma atração, decidiu esperançosa. Ela era sensata. Iria superar isso. Não era inimiga dele. Se passava por isso hoje, a culpa foi dela, sabia disso. Foi ela que sempre se jogou para cima dele, então ele, como homem, aproveitou-se da situação e transformou trabalho em diversão. Isso mesmo. Foi o que aconteceu. No mais, ter se divertido não queria dizer que ele gostasse dela. Sexo para alguns não tinha nada a ver com sentimentos. Portanto, ele não precisava mentir que a amava.

Ela pensou que, ao resolver a proposição mental, teria paz e alívio ao enumerar os problemas e a solução. Entretanto as prévias rumações diminuíram o antagonismo, mas trouxeram de volta a tristeza. A sensação de perda aumentou ao estar sentada como uma família quase normal, ao lado dele, sem ser de fato real.

Christopher percebeu a mudança brusca no semblante de Beckye durante a sobremesa e arrependeu-se por ter forçado demais. Talvez tivesse exagerado na pressão. Preocupado, acariciou suas costas afavelmente. Ela olhou-o de lado com repreensão e mágoa.

Ele queria levá-la para seu quarto e pedir perdão novamente. A tarde toda. De joelhos, se fosse preciso. Não sabia mais o que fazer para fazê-la perdoar e entender que a amava e que não iria desistir. Embora soubesse que merecia ser jogado da vida dela, queria envolvê-la até que ela percebesse que não conseguiria se livrar fácil.

Antes de duas da tarde, Rebecca levantou-se para sair, nervosa com a mão que não deixou de tocá-la, acariciá-la, incomodá-la. Thomas ergueu sua taça de vinho no ar com um sorriso, fez um brinde à sua palestra, ela se despediu e saiu apressada.

Christopher frustrou-se ao vê-la saindo sem um último olhar em sua direção. Queria ir atrás dela, encerrar sua liberdade de ir e vir e trancá-la no quarto.

— Dê mais um tempo — Thomas aconselhou solidário. — Eu pensei que seria pior.

Christopher aceitou impotente, deixou a mesa e vestiu uma roupa de banho para brincar com Peter na praia. Apesar dos contratempos, estava contente pelas conquistas. A saudade dela foi abrandada e voltou a ver o menino. Não era muito, mas perto do nada em que ele viveu ultimamente, significava tudo.

Após brincar com Peter de guerrinha de metralhágua, pular ondas no mar e correr na areia, os dois

foram para piscina. Samuel abordou-o e entabulou uma conversa que mudaria completamente o rumo da história de Christopher.

– Ter feito Carolyn ir comigo a Nevada, sair do seguro dela, deu um *up* na nossa história – Samuel narrou satisfeito.

– Eu não entendo o lance de vocês – saiu da piscina, enrolou-se na toalha e sentou-se na cadeira. – Vocês dois não têm nada a ver.

– Eu não tinha nada a ver é com Mariah! – defendeu. – Perdi sete anos da minha vida com a comodidade. Carolyn me devolve o tempo perdido. Eu sorri mais esses quase três meses que estou com ela do que sorri em sete anos com Mariah. Ela desperta meu lado aventureiro e jovem. Eu não sabia o que era sentir falta, saudade, arrepios, palpitações. Com ela não há rotina. O prazer de conquistá-la todos os dias é compensatório.

Christopher ouviu atencioso.

– Estou apaixonado. Por isso não vou deixá-la ir. Ela quis que a separação saísse? Tudo bem. Mas por trás disso, estou ganhando-a – inclinou-se e pôs a mão no ombro de Christopher, na espreguiçadeira ao lado da sua. – E assim como eu, se você quiser Beckye de volta, vai ter que usar a inteligência... Você acha que casamentos em Las Vegas têm tanta burocracia para serem desfeitos? – insinuou conspirador. Christopher abriu a boca, cético. – Não. Mas eu precisei ter armas – admitiu. – E você também vai ter que jogar duro para ter Beckye de volta. Ela não parece desistir quando está decidida a algo.

– Eu pensei exatamente nisso quando ela saiu. Eu queria agir como um tirano e prendê-la com uma corrente no pé da minha cama – devaneou desiludido. – Queria ter um jeito de atá-la a mim.

– Tem um jeito – Samuel enunciou, e seus olhos brilharam enigmaticamente. Os minutos seguintes foram ocupados de explicações legais e estratégias que sujeitariam Beckye a Christopher. Christopher ouviu pasmado. Seu semblante indo do choque ao horror.

– Eu não desceria tão baixo – Christopher negou, ainda que tentado. Talvez fosse o único meio de prender Beckye, mas tinha medo das consequências.

– No amor e na guerra, tudo é lícito – Samuel recitou. – Em todo caso, ela crê muito pouco em você – deu de ombros, serviu-se de uma cerveja na caixa térmica e tomou no bico.

– Ela não vai aceitar – continuou relutante, apavorado.

– Vocês precisam de tempo juntos, Chris. Assim, você terá tempo de reconquistá-la e mostrar que gosta dela.

– Ela é inteligente. Sabe que eu não tenho esse poder. Peter não é nada meu.

– Pense direitinho antes de descartar. Lógico que você não vai cumprir a ameaça se ela não aceitar. Mas como ela crê que você é um vingativo, irá acreditar.

– Eu não posso – negou, esfregando os cabelos nervosamente. – Ela me odiaria – balançou a

cabeça atordado.

– Melhor o ódio que a indiferença. Você quer ficar de molho mais quantos meses? – desafiou. – Ela te ama. Ficar sob o mesmo teto, mesmo que obrigados, só seria vantagem para os dois – aconselhou.

O plano soava perfeito, Christopher ponderou. Relutou e também conjecturou todas as alternativas de funcionar. Samuel estava certo. Quanto mais perto ela estivesse dele, mais chances de reconquistá-la. Hoje ela se permitiu ser tocada. Em poucos dias, poderia estar dormindo em seus braços regularmente.

O fim justificaria o meio, decidiu.

Rebecca estacionou na Mansão Adams no fim da tarde e olhou em volta. Suspirou apreensiva ao perceber o Porsche preto de Christopher ainda estacionado. A música *Bed of roses* do Bon Jovi tocava em som ambiente na sala. Enrijeceu-se desconfiada quando registrou somente uma luz amarelada acesa no canto da sala. O ambiente propiciava sedução.

– Olá – chamou. Não notou Christopher no último sofá.

– Oi – ele respondeu indolente, deitado com as mãos relaxadamente atrás da nuca, sem camisa, usando somente um *short*, da Nike, de cordão.

– Cadê todo mundo? – ganiu nervosa ao notar aquela amostra grande de homem entre as almofadas.

– Foram ao *shopping*.

– Ah... – ela apertou a bolsa contra o peito sentindo-se indefesa. – Você não vai embora? – saiu como acusação.

– Não. Estava te esperando – noticiou divertido com sua óbvia perturbação, levantou-se e aproximou-se. Ela olhou para a escada calculando a distância para alcançá-la. – Você não vai fugir, sua covardezinha – alertou-a ao ler sua intenção, segurou sua mão e conduziu-a ao sofá. – Temos que ter uma conversa hoje.

– Não temos o...

– Temos sim – Christopher garantiu incisivo.

– Então comece – concedeu com segurança forçada, sentada tensa na ponta do sofá. Baixou o olhar para evitar fixá-lo no abdômen travado, nos pelos da parte baixa da barriga ou mesmo no volume sobressalente aconchegado de lado. Piscou escandalizada e engoliu em seco. Encontrou os olhos penetrantes de Christopher, perscrutando-a.

– Eh... – o amplo peito de Christopher expandiu-se num suspiro após flagrar a descarada inspeção. Passou a tarde toda dolorido, quente, tenso de frustração sexual. Ela só o excitava mais com seu olhar ansioso. – Eu quero você, Beckye – soltou o ar, perdendo todo o fio da meada.

Rebecca sentiu-se ameaçada por seu tom e levantou-se do sofá. Sabia aonde chegariam se ficasse. Escapou apressada rumo às escadas.

– Eu vou tomar um banho – avisou incomodada. Ele alcançou-a antes dela pisar o primeiro degrau.

– É melhor que você fique e escute o tenho a falar – dispôs sombriamente, obrigando-se a domar suas emoções. – Refere-se a você, Peter e sua mãe – salientou. Rebecca olhou-o desconfiada e perguntou-se o que ele estaria planejando agora.

– Eh, pode falar.

– Okay – ele respirou fundo. Não poderia mostrar-se indeciso ou irresoluto. Quanto mais ela acreditasse que ele era insensível, mais fácil seria.

– Esta casa é do meu pai – iniciou frio. – E ele só está mantendo você aqui por minha causa – sua pulsação fluía acelerada ante a crueldade das palavras. – E como você não pretende ficar comigo... Bem, eu tomei uma decisão – sugeriu e deixou as palavras no ar.

– Vai parar de me perseguir? – provocou, e as palavras que eram para ter saído sarcásticas, saíram entoadas de ansiedade.

Ele riu com dissabor e puxou-a de volta à sala. Permaneceram em pé ao lado do sofá.

– Não pense que seria tão fácil, querida – preveniu irônico.

Ela ergueu o queixo ignorando a palpitação no peito e desafiou-o.

– Então qual sua estratégia agora? Aproveitar que estamos sozinhos e me seduzir? – provocou, com fingida segurança. – Não se iluda. Eu posso recair dez vezes, ser possuída a noite inteira no carpete, no sofá, ou no chão até esquecer meu nome, que amanhã minha opinião será a mesma. Não.vou.voltar.com.você – destacou com superioridade, e a elucidação fez com que o pensamento de possuí-la sobre aquele carpete anuviasse os pensamentos de Christopher. A abstinência não lhe permitia pensar direito e Beckye não estava ajudando.

– Tem certeza? – Christopher retrucou rouco e ergueu os dedos desafiadoramente aos botões de sua camisa. Ela segurou a camisa e encarou-o, vendo o desejo nu em seus olhos. Tremeu e censurou-se por provocá-lo quando era tão humilhante não ter controle sobre suas respostas.

– Tenho. Eu tenho certeza – pôs segurança na voz.

Ele afastou-se contrariado e caminhou devagar pela sala escura. Não restava dúvida. Ela podia amá-lo, mas continuava decidida a mantê-lo longe.

– Bom, Beckye, você não me deixa opção – deu uma pausa. – Como eu disse, esta casa é do meu pai. E se ele te mandar embora, você terá que ir morar com sua mãe – ilustrou e esfregou o cabelo, recrutando forças para prosseguir.

– Mas seu pai não vai me mandar embora – assegurou incerta e curiosa em qual era o ponto. – E se ele mandar, tenho dinheiro mais que suficiente para ir para outro lugar.

– E Peter? – entretecerrou os olhos.

– Peter vai comigo – certificou.

– Por quanto tempo? – riu, com forçada ironia, preparando-se para o inevitável golpe. – Se meu pai te mandar embora, sendo você menor, sua guarda provisória ficará com o Estado até a Justiça determinar que você vá morar com sua mãe. E um bordel não é um lugar indicado para uma criança – expôs, vendo a confusão no rosto de Beckye. – Porém, em outro caso, se você conseguir provar que sua mãe tem má índole, sua guarda ficará com o Estado até os dezoito. Mas e Peter? – salientou. – No primeiro caso, eu faço questão de denunciar à Justiça que você não é a mãe de Peter – ameaçou sério, e Beckye abriu a boca alarmada.

Ele compôs-se psicologicamente para ir adiante.

– E, como você é menor, Peter precisa de uma família, já que o pai está preso e não há mãe – explicou friamente. Doeu nele dizer que Beckye não era a mãe, mas era necessário. Precisava esclarecer sua incapacidade jurídica para depois dar o golpe final. – E então o futuro dele seria ir para um abrigo, depois para uma família adotiva – completou sem expressão.

– Mas seu pai não vai me mandar embora – sustentou, engolindo em seco, lutando contra o pânico. – E e-eu não vou morar com minha mãe.

– Quem sabe? Talvez sim, talvez não – considerou com um sorriso maldoso. Seus olhos adquiriram um fulgor triunfante ao notar o efeito nas mãos trêmulas de Beckye. Sinal que ela acreditava no teatro. – Se eu pedir que ele te mande embora, ele manda – intimidou-a, sério.

– Mas por que você faria isso? – perguntou debilmente. – Você não diz que gosta de Peter? – acusou ressentida, quase histérica.

– Sim. Eu gosto – engoliu em seco. – Mas, neste momento, eu estou mais preocupado comigo do que com qualquer pessoa – admitiu inflexível.

– O que você quer então para não fazer isso? – questionou com a voz vazia.

– Você – disse laconicamente, e o golpe árduo fez o estômago de Rebecca revolver-se. Ele não era só vingativo, pensou. Era um torturador sádico. Respirou fundo, represou as lágrimas de revolta e desabotoou dramaticamente a camisa, como um mártir indo ao sacrifício. Queria abraçar-se para se proteger da humilhação. O que restava de seu orgulho seria degradado.

– Aqui, agora, no carpete? – sujeitou-se entorpecida e se ajoelhou frente a ele, a mão no cordão do seu *short*. Ele sentiu o corpo reagir imediatamente ante a promessa, mas permaneceu impassível. Possuí-la de modo tão submisso não lhe daria prazer, senão desprezo por si.

– Você acha que *isso* resolveria? – objetou aborrecido pelo rumo que seguiu a conversa, mas não poderia fraquejar agora. – Acha que uma rápida *queda* aqui na sala do meu pai seria suficiente? – balançou a cabeça em negativa. – Não, Beckye. Você vai casar comigo – determinou. – Eu tentei do modo certo, mas você não quis – pausou, vendo a expressão de Beckye mudar de revolta à aversão, com um olhar de gelada repugnância. – Pelo bem de Peter, você tem que fazer uma escolha. Se seus

maiores medos são voltar para casa de sua mãe e perder Peter, se não casar comigo, é exatamente isso que vai acontecer. Irei persuadir meu pai a entregá-la – concluiu, o coração bombeando rápido de nervosismo.

Era isso mesmo que ela entendia? Ele descia tão baixo ao ponto de chantageá-la a casar com ele? Balançou a cabeça e riu desgostosa, apoiou a mão no sofá e sentou-se, sem força nos joelhos. A garganta doeu e esfregou-a. Teria que sacrificar-se para manter o que ainda tinha?

Ele voltou a falar, mais brando ao ver sua expressão arrasada.

– Por outro lado, Florzinha – adulou-a com ternura e súplica. – Se você casar comigo, você ganhará a emancipação pelo casamento, entraremos com o pedido de adoção legal de Peter, e ele será *nosso* pra sempre por você ser tia e casada. Tudo certo. Sem documentos falsos. Sem ameaças. Sem transtornos – propôs bajulador, com contrição e tristeza nos olhos por ter que recorrer a algo tão ofensivo para forçar a reconciliação.

– O único sacrifício será minha submissão – concluiu infeliz e não conseguiu mais conter as lágrimas de derrota. Em lugar do *sexy* e passional namorado que ela pensou existir, ficou somente um manipulador horrível, egocêntrico e insensível.

Christopher queria voltar atrás, ajoelhar-se diante dela e dizer que nunca cumpriria a ameaça se ela negasse. Todavia, se a consolasse agora, não teria nunca mais uma nova chance de conquistá-la.

– E esse acordo envolve o quê? – examinou apática. – Será somente uma fachada para enganar a Justiça, ou...? – deixou no ar, de modo que ele completasse o pensamento.

– Seremos um casal comum – rematou conciso.

– Bem, o que são alguns meses perto de uma vida que tenho pela frente – sussurrou, reflexiva. – Depois que completar dezoito, posso ir embora – deu de ombros, desolada, os olhos no chão.

Os olhos de Christopher brilharam com perversa possessão ao vê-la conjecturando a possibilidade de deixá-lo antes mesmo de terem se casado.

– Em nenhum momento eu estipulei tempo, Beckye. E depois de ter a guarda de Peter, eu sempre vou poder tirá-lo de você se você me abandonar – ameaçou duro, sem sombra de piedade.

Impotente ante a mostra de poder, Rebecca pôs o rosto nas mãos, inclinou a cabeça sobre os joelhos e as emoções que ela tanto segurava explodiram num pranto silencioso. Ela não conhecia esse homem cruel e imprevisível. Deus, por que conheceu essa pessoa que tirou todo o equilíbrio de sua arquitetada vida e a reduziu a isso?

Encolheu-se de lado no sofá, constrangida em soluços baixinhos. Christopher tremeu de remorso, deitou-se atrás dela e abraçou-a. Ela chorou mais e repeliu-o, resistindo ao abraço. Não adiantou. Que lástima! Por mais que tentasse vencer na vida e ignorar as adversidades, tudo que recebia eram golpes. Agora mais essa traição do homem que confiou e amou.

Chorou. Chorou porque não poderia negar ou fugir. Chorou porque sua vida estava intrinsecamente ligada a Peter e nunca poderia fazer planos sem ele.

– O que mais você vai querer de mim?

Ele afagou-lhe os cabelos com carinho enquanto internamente se punia.

– Tudo o que uma esposa dá – sentenciou. – Quero você em minha cama – apertou-a entre seus braços, condenando-se por seu egoísmo. – Teremos filhos. Não agora, mas em breve buscaremos um meio – beijou-a no cabelo. – Seremos uma família normal, meu amor. E tudo vai ficar bem.

Meu amor, meu amor. Meu amor nada! Impunha um casamento como alusão velada ao encarceramento ainda dizia que a amava! Queria insultá-lo, machucá-lo. Queria espernear, gritar. Mas não podia. Não conseguia. A dor negra da resignação já tinha rompido suas forças de lutar.

Fungando, limpou os olhos e ponderou o que ele disse. Tinha pensado que, depois de usá-la e livrar-se da Justiça, ele a libertaria. Não imaginou que pensava formar uma família. Que outro motivo ele teria para continuar cerceando sua liberdade? Ah, talvez ainda fosse a tal vingança. Como ele supunha que Aleksey foi responsável pela decadência de sua irmã, ele queria lhe empurrar no abismo.

Bom, tudo bem. Sempre existiria um amanhã. Amanhã ela teria dezoito anos. Amanhã sua mãe não teria mais poder sobre ela. Amanhã, num amanhã bem próximo, mais perto do que ele esperava, ela não o amaria mais, nem iria se preocupar que ele fosse preso ou não. Então poderia fugir. Por enquanto, ele ainda era sua fraqueza, mas, em breve, muito em breve, ela se libertaria disso.

Depois da resolução interna, ela respirou fundo, passou os dedos nos olhos e voltou-se frente a ele, fria e distante.

– Quando você pretende casar? – sussurrou melancólica.

Sua aceitação o surpreendeu quando jurou que ela não cederia. Então o choque foi substituído por exultação. Suspirou de alívio e abraçou-a de novo, beijando-lhe a testa. Até este momento, sua resposta era uma incógnita e nada concreto fora arquitetado. Agora teria seu casamento para providenciar.

– Em um mês, eu acho – respondeu em dúvida, atordoado. Um dia que começou infeliz, terminava com os dois deitados no sofá, ela acolhida em seus braços, falando em casamento – arbitrariamente, lógico.

Apertou-a mais forte. Ela permaneceu quieta, a cabeça em seu peito, com a serenidade comparada à calma mortal de um dia escuro que anuncia a tempestade.

– Como você quer o nosso casamento? – ele pressionou triunfante. Sua atitude era tirana, primitiva e possessiva. Não negava. Agia como se a escala humana não tivesse evoluído e precisasse atirar pauladas na cabeça de suas mulheres e arrastá-las pelos cabelos para encarcerá-las em suas cavernas. Riu de si, de sua manipulação e ato desprezível. Mas não daria ouvidos à autocensura. Não estava disposto a passar mais um mês dormindo na varanda, alcoolizado, sem razão para viver.

Ela associou sua animação ao fato de que iria se livrar da Justiça. E ainda que seu cérebro se rebelasse em conformar-se com termos tão pragmáticos e frios, levaria adiante. Nunca foi uma

pessoa vingativa, mas raciocinou que essa seria uma rara oportunidade de fazer Christopher enxergar seu atroz erro de julgamento.

– Quero trinta convidados da casa de recuperação e da pastoral – exigiu sem emoção.

Não pensou antes em usar o que descobriu contra Christopher, todavia, depois desse golpe, iria aproveitar para fazer com que ele refletisse sobre suas motivações. Talvez ele desistisse de se casar com ela ao descobrir que sua perseguição a Aleksey era infundada.

– Mesmo que nosso casamento seja uma ditadura, não democracia, o meu desejo é casar aqui, na casa do seu pai, sobre a ponte no lago. Também quero continuar morando aqui até o dia do casamento, não no seu apartamento. – Definiu ardilosa.

Capítulo 05 - Cravos & Espinhos

“Ser profundamente amado por alguém nos dá força: amar alguém profundamente nos dá coragem”. Lao-Tse

Nunca gostou de despedidas. Nessas circunstâncias, gostava menos. Ficaria a incerteza, insegurança e culpa, maldita culpa. A fugaz alegria de não perdê-la duelava com o peso da transgressão. Precisava ir embora e lhe dar espaço, sabia, por senso prático, mas a necessidade de acercar-se dela era mais premente.

Ouviram o barulho de carros no estacionamento, ela sentou-se tensa, alisou a roupa e ajeitou o cabelo.

– Espero que esse, er... Acordo fique entre nós – ela pediu apática. Pensou que, se escondesse dos outros os termos abjetos, poderia manter seu orgulho intacto.

Christopher queria dizer algo antes de deixá-la subir, talvez beijá-la e insistir que a amava, mas decidiu que, por hoje, pressionou-a demais. Deixou-a na escada com um beijo na testa e despediu-se dos outros na porta.

No dia seguinte, domingo, depois de uma noite com ela nos seus pensamentos, sentiu-se desassossegado em sua própria casa. Queria vê-la. Mas não iria hoje para lhe dar tempo de digerir os acontecimentos, decidiu relutante.

Sentou-se na sala de TV e, por um instante, enquanto olhava o ambiente de cores sóbrias e decoração masculina, lembrou que certa vez Beckye disse que pintaria suas paredes de rosa-shock, branco e prata. Surgiu-lhe uma idéia. Iria começar a adulá-la.

Ter voltado com Beckye o incitou a tomar decisões sérias e não conformar-se com a horrível apatia que viveu nos últimos tempos. Foi à Corregedoria da DEA, segunda pela manhã, denunciar Rachel por assédio sexual e se dispôs a ser atendido por outro profissional. Também registrou uma queixa contra ela no Conselho de Psicologia.

Beckye manteve-se distante quando se viram. Sempre com sinais de tensão na postura rígida. Quando ele fez o anúncio do casamento na mesa do pai e colocou no dedo dela uma aliança grossa de ouro e pequenos diamantes, ela comportou-se com atitudes mecânicas e de indiferença. *A proclamação de que ela lhe pertencia*, ela pensou indignada.

Christopher surpreendeu-se quando captou, pelo canto do olho, a análise disfarçada dela no anel. Tempo, Christopher encorajou-se enquanto a contemplava. Samuel estava certo. Só o tempo fortaleceria os laços frágeis.

Seu pai ocupou-se de papéis e parte legal do casamento dos dois, utilizando-se de sua qualidade de tutor provisório e registros verdadeiros de Rebecca. Christopher apresentou-se à Justiça Federal para responder por crimes cometidos no exercício da função. Compareceu a audiências e, aos

poucos, tudo se destrinçava.

Os jantares nos dias seguintes seguiram tensos. Ela mantinha-se sempre solícita, educada e atenciosa com todos, mas conversava o menos possível com Christopher. Esquivava-se ou fugia de contato. As intimidades correspondiam a toques roubados e beijos frios nas despedidas e chegadas.

Thomas não entendia por que, sempre que Christopher chegava, Beckye perdia completamente o humor e ficava silenciosa. E, certa noite, logo que Christopher saiu, levou-a à biblioteca e pressionou-a. Ela relutou, inicialmente, depois compreendeu que só ele poderia ajudá-la. Revelou-lhe a insidiosa chantagem e pediu que ele, seu tutor, a auxiliasse, conduzindo-a ao juizado para testemunhar em favor de Christopher na acusação de corrupção de menor. Confessou que tinha esperança de que, se absolvido dessa acusação, Christopher desistiria da ideia do casamento.

– Isso não será possível, criança – o juiz tentou dissuadi-la, perplexo com a descoberta.

– Mas por quê? – ela teimou chateada. – Eu realmente induzi Christopher ao erro. Eu o enganei.

– É crime mentir em juízo – advertiu com uma careta. – E você se engana se acha que Christopher vai desistir de casar com você por isso – avisou decepcionado com o filho.

Todavia, depois de muita insistência de Beckye, no dia seguinte ele a levou ao Juizado.

Christopher compareceu a mais uma audiência no Fórum, desta vez para testemunhar contra Sebastian, e surpreendeu-se ao notar, no corredor onde funcionavam diversas Varas, o pai sob o umbral de uma porta. Sua suspeita cresceu ao registrar Beckye, vestida de saia justa preta e camisa escura, sentada de costas para a porta, usando saltos altos de bico fino e cabelo preso num coque. Odiosamente formal.

Aquela não parecia nem de longe sua Beckye, pensou chateado. Ela vestia-se para parecer mais velha.

– Oi, pai – cumprimentou baixo. – O que Beckye faz aqui? Algum problema com a mãe dela? – especulou, preocupado ao vê-la conversando com uma juíza enquanto a ajudante colhia seu testemunho. – A víbora não concordou em assinar a autorização para o casamento?

Thomas torceu os lábios, olhou desaprovadamente para o filho e puxou-o pelo braço para o corredor.

– O que você pretende fazer? – arguiu baixinho. – Você a chantageou para casar com você, ainda usou meu nome!

Christopher entrecerrou os olhos, surpreso que o pai soubesse, já que o combinado foi ocultar, e compreendeu que tinha que convencê-lo de suas boas intenções.

– Se eu não fizesse isso, ela não casaria comigo – defendeu-se, inflexível.

– E você acha que está certo? – balançou a cabeça, incrédulo. – Que erro o meu ter facilitado tudo na vida para você – deixou os ombros caírem, derrotado. – Não consegue ouvir um não.

– Não se trata disso, pai – balançou a cabeça, negando. – Eu a amo – aclarou com humildade. – E tenho que ter um meio de mantê-la próxima.

Thomas oscilou, quase comovido, e encarou-o detidamente.

– Então isso é somente uma estratégia de conquista? – considerou meditativo. – Se ela não ceder, você pretende desistir de se casar?

– Não – negou e deu as costas, nervoso. Esfregou o pescoço tenso. – Eu vou casar com ela de qualquer maneira – garantiu, sem olhá-lo nos olhos.

Thomas pôs a mão em seu ombro, solícito e paternal.

– Filho, após este testemunho dela, não haverá mais a necessidade de se casar tão rapidamente. Você terá mais tempo para conquistá-la – aconselhou cauteloso. – Entenda uma coisa: tudo tem seu tempo.

– Se eu der mais tempo a ela, ela vai me deixar para sempre, pai – relutou suplicante, e Thomas notou pesaroso a dor sob a capa decidida. Christopher inclinou-se e olhou pelo vidro da janela. – Não vou permitir que ela crie argumentos para me deixar – salientou inabalável, caminhou até a porta e entrou.

A juíza morena, com aparência da apresentadora Oprah, levantou o olhar ao ter um novo integrante a sua sessão.

– Pois, não?

– Boa tarde, Excelência – cumprimentou-a educado e estendeu a mão. – Não sei se a senhora se lembra de mim. Estive aqui no início da semana respondendo um processo. Sou Christopher Adams, filho do...

– Eu sei quem é você – interrompeu-o e olhou Beckye por baixo dos óculos. A jovem baixou o olhar. – O que o traz aqui, senhor Adams?

– Eu vim impedir que a verdade seja distorcida – explicou, firme.

– Sente-se – apontou para uma cadeira em frente à Beckye. – O que o senhor tem a nos dizer?

– O mesmo que eu disse na audiência anterior, meritíssima – pôs as duas mãos sobre a mesa. – Que eu era consciente das consequências legais quando eu e Rebecca nos envolvemos.

– Não era! – Beckye negou e finalmente ergueu o olhar, encarando-o com súplica para que cooperasse. – Você foi enganado. Achava que não teria punição por julgar que eu não era vir...

– Eu sabia que era – garantiu incisivo. – Eu *juro* – estendeu a mão e tocou a de Beckye sobre a mesa. – Esteve claro. Ser desinibida e indulgente não ocultou ou desqualificou sua inocência – acentuou sincero, o olhar quente e intenso.

– Hum-hum – A juíza limpou a garganta. – Então o senhor confessa ter...

– Não foi com ele! – Rebecca mentiu quase histérica. Temeu a consequência que ele enfrentaria.

Christopher massageou pacientemente a palma de sua mão.

– Tranquila, meu amor – acalentou-a carinhoso e olhou a juíza. – Ela distorce a verdade para me proteger, meritíssima – justificou. – Mas sou consciente das consequências.

– Não, Christopher! – negou, implorando-o com o olhar que ele facilitasse.

Ele se surpreendeu ao flagrar em seus olhos genuína preocupação.

– Você vai negar? – pressionou-a com um sorriso íntimo. – Vai tirar de mim o momento mais glorioso da minha vida? – coagiu-a com fervilhante pronúncia sexual. Rebecca desviou o olhar, involuntariamente evocando lembranças dos dois amando-se na primeira relação sexual. Fechou os olhos para bloquear o pensamento indisciplinado. Não foi amor. Não foi amor, repetiu.

Olhou-o novamente, e duas vontades entraram em conflito silencioso. A dele em convencê-la de seus sentimentos. A dela em se libertar de uma mentira. A dúvida e suspeita claudicavam suas defesas contra ele.

A juíza interrompeu o duelo de sentimentos e olhares.

– Pelo que li nos autos, vocês pretendem se casar em menos de um mês – examinou diplomática.

– Não – Rebecca sibilou.

– Sim – assegurou Christopher decidido, ao tempo que circundava com o indicador a aliança no dedo de Beckye. – Será lá em casa, doutora. E a senhora está convidada – adicionou simpático e lisonjeiro.

– Eu irei, senhor Adams. Seu pai já me convidou – deferiu neutra. – Receio que o senhor saiba qual a pena por burlar a lei com casamento forjado – ressaltou tranquila.

– Eu sei. Nossos sentimentos são verdadeiros, Excelência, que não fiquem dúvidas – garantiu com um sorriso de triunfo quase infantil.

Ela analisou as mãos unidas sobre a mesa. – Ok, senhor Adams – sentenciou, fechou o *notebook* em sua frente. A seguir deu instruções à assistente.

Rebecca suspirou resignada e impotente. Christopher assinou um termo comprometendo-se a trazer a certidão de casamento para arquivar com os autos, após isso, a punibilidade se extinguiria. Não restou dúvidas de que houve complacência da parte da juíza por questão de corporativismo, embora obedecesse a caminhos legais. Thomas assentiu grato antes de despedir-se.

Christopher pôs o braço possessivamente sobre o ombro de Beckye e deixaram a sala de audiência.

– Como você sabia que eu estava aqui? – Beckye inquiriu acusadora.

– Eu também estava aqui – explicou. – Pai, pode deixar que eu a leve em casa – avisou. Thomas concordou depois de analisá-los uns segundos, e subiu para seu gabinete no segundo piso do Fórum.

Christopher não levou Beckye direto à casa do pai. Levou-a antes, mesmo distante e silenciosa,

para passear a pé pelas ruas de Los Angeles. Nesse tempo, ele lhe explicou o que foi fazer no Tribunal, num monólogo paciente. Falou sobre os processos a que seus colegas de equipe respondiam devido às provas que Ethan levantou; falou sobre o caos que estava a Narcóticos; sobre a intervenção federal.

– Por que você quer conversar sobre isso agora? – ela finalmente replicou, recriminadora. – Nunca se interessou antes! – ressaltou indignada.

– Estou tentando exatamente consertar isso – justificou e pararam em frente a uma agência de viagens, o braço dele ainda em volta de seus ombros. – Você já pensou para onde iremos viajar em lua de mel?

Ela deu um suspiro audível de impaciência e desviou os olhos dos cartazes na vitrine.

– Tanto faz – deu de ombros, desinteressada.

Ele não levou em conta o pouco caso.

– Estou pensando em ir para um lugar quente. Ilhas Caribenhas, talvez. O que você acha? – afastou uma mecha de cabelo dela e beijou-lhe na bochecha.

– Acho que o que menos importa entre nós é o que eu quero – não fez nenhum movimento para se afastar, mas manteve-se rígida.

Ele respirou fundo, buscando tolerância, deram mais alguns passos e pararam numa loja de roupas femininas. – Que tal comprarmos umas roupas para você? – propôs animado.

Ela olhou as vitrines com indiferença.

– Faça o que queira – concedeu, entrou do lado dele, cumprimentou educadamente a atendente e sentou-se no sofá, numa distância gelada que encapsulava seu coração contra ele. Christopher instruiu a atendente, em seguida ela trouxe uma série de roupas.

– Beckye, vá experimentar. Aproveite e mude de roupa – ele apontou para o provador. Tinha experiência de que nada alegrava mais mulheres que roupas novas. Christine era prova disso.

Ela olhou-o com petulância insultante, pronta para retrucar a ordem. Todavia, negando-se a dar um *show*, levantou-se e pegou as peças coloridas na mão da atendente.

Não o compreendia. Quando usava roupas rosas e coloridas, ele parecia não gostar. Agora que usava roupas sérias e fechadas, ele continuava a implicar com suas roupas!

– Não sabia que seus gostos mudaram – provocou mordaz, com uma rebeldia que não casava com sua submissão, e caminhou para o provador seguida pela atendente.

Experimentou seis peças sem empolgação, no automático. Quando saiu do provador, Christopher conversava com uma morena vagamente conhecida. Rebecca parou de uma distância significativa. Christopher a viu encostada a uma pilastra e chamou-a.

– Alissa, essa é Beckye. Minha noiva – apresentou-a orgulhoso, a mão na cintura de Beckye.

– Eu já a conheço – Rebecca adiantou-se e estendeu a mão amistosamente. – Sou a menina que você pensou que era sobrinha dele, no parque – esclareceu educada.

– Ah, eu me lembro de você! – reconheceu desconfiada enquanto fazia a associação mental de Beckye ao processo que Christopher respondia. Rebecca percebeu o olhar dissecando-a de cima abaixo, ergueu o queixo e suportou o indiscreto exame com superioridade.

– Chris, eu tenho que buscar meu filho – pediu Beckye docemente e surpreendeu-o com o braço em volta da cintura dele, afirmando-se. – Até mais, Alissa. Vamos, *querido*?

Ele olhou-a, sem entender.

– Sim, meu amor – assentiu, divertido com sua primeira reação territorial desde que começaram o relacionamento.

Durante o trajeto, ela olhava pela janela sem jeito pela cena impulsiva. Não compreendia sua própria ação. Ele evitou comentar e tirou um novo tema que obviamente a envolveria.

– Peter deve ter ficado ansioso para voltar a estudar depois de dias sem vir.

– Ficou.

– E você? Não vai voltar pra escola?

– Não. Estou estudando sozinha para... – ergueu a mão ao painel e trocou a música do som. Escolheu *Fun e Janelle Monae, We are young*. Outra reação em meio à letargia que vivia. *Obrigado, Deus*. Ele teve uma mistura de alegria e esperança com a pequena concessão. – ... Fazer um teste de conhecimento e eliminar o secundário – explicou. – Depois vou viajar e fazer a minha facul... – Parou quando se tocou que não tinha sentido lhe contar seus planos. Fez um esforço hercúleo para impor resistência.

– Vai...? – ele encorajou.

– Nada – virou o rosto e fechou-se novamente em si.

Rebecca desceu apressada em frente à escola e caminhou sozinha para escola. Christopher a seguiu e alcançou-a antes de chegar ao portão. Segurou sua mão e pararam ao lado de outros pais.

– Mamã! – Peter gritou, correu em sua direção e subiu em seu colo. Ela sorriu e abraçou-o amorosamente. A seguir, o menino desceu e abraçou Christopher. – Vocês dois vão vim buscar Peter sempre? – perguntou empolgado. Rebecca ergueu o queixo e desafiou-o com o olhar. Ela sabia que em breve toda essa atenção falsa iria passar e o maior prejudicado seria Peter por gostar genuinamente de Christopher.

– Sim – Christopher certificou convicto.

Os três almoçaram na mansão com Carolyn e Thomas. Christopher foi novamente ignorado por Beckye, como acontecia todos os dias, e assistiu-a, nostálgico, cobrir Peter de sorrisos e atenções. Peter subiu para descansar, e Beckye iria acompanhá-lo para evitar Christopher. Ele preveniu-se disso e interrompeu-a antes.

– Temos que acertar os preparativos do casamento – expôs e segurou sua mão quando ela levantava.

– Não temos o que falar – recusou e forçou-o a soltar sua mão.

– Temos sim. Em vinte e um dias iremos nos casar e não tem nada preparado.

Ela balançou os ombros, indiferente, deu as costas e deixou a sala de jantar. Ele levantou-se impaciente e seguiu-a pelo corredor.

– Não me ignore, Beckye, estou falando com você! – alterou o tom, transtornado. – Temos que falar sobre a droga do casamento! Você concordou!

Ela olhou-o por cima dos ombros, fustigando-o com insultuoso pouco caso.

– Eu não vou casar com você – salientou com doçura afetada.

– Não me lembro de ter lhe dado escolha! – retrucou irascível.

Ela atravessou a sala apressada e alcançou o primeiro degrau.

– Se depender de mim, você vai mofar no altar – destacou com desprezo e subiu dois degraus.

– Beckye, fique aqui! – pediu sério, pulou um degrau e estendeu a mão para apanhá-la. Ela afastou-se. – Não pense que eu vou permitir você escapar! – ameaçou, os olhos fixos nela, acompanhando-a, degrau por degrau, enquanto a seguia.

– Veremos! – desafiou. – Dá licença. Preciso aproveitar a paz com meu filho.

– Não vai! – alcançou-a e segurou seu braço, em seguida a encarou com olhar sombrio. – E ele não é seu filho! – espetou mordaz, impulsionado pela pressão. Ela lhe levava ao limite e queria fazer o mesmo com ela.

– É sim! – grunhiu e tentou puxar o braço, subindo de costas na escada, o olhar ressentido e irado. Ele sentiu o impulso de desculpar-se ao ver a dor por trás da ira e prendeu-a pela cintura. Ela estremeceu raivosa e rangeu os dentes. – Seu cretino! – tentou empurrá-lo pelo peito. – Quando precisava me conquistar e construir uma mentira, fez-me acreditar que o aceitava como meu – encarou-o cheia de rancor. – E para me obrigar a casar com você, me chantageou usando meu afeto por ele. Agora vem dizer que ele não é meu filho! Eu te odeio por mais isso – insultou-o entre dentes e fez força para soltar-se, sem efeito.

Pelo contrário, lembrar que, por trás da capa serena e afetada, escondia-se a insubordinação e autossuficiência de um furacão, despertou nele toda a paixão acumulada e esqueceu-se do aborrecimento.

– Tenha respeito por seu noivo, bruxinha voluntariosa! – alertou cheio de ternura, empurrou-a no corredor, inclinou o rosto e beijou-a no pescoço. – Se continuar, Peter vai ouvir seu *show*! – mordiscou sua orelha, alcançou a porta do quarto dele no fim do corredor e entrou. Ela não impôs resistência ante a força que a segurava, nem teve chance. Ele chutou a porta para fechar, encostou-a na parede e cobriu seus lábios, com uma paixão vulcânica.

Rebecca tentou quase com desespero ser indiferente aos beijos, como fazia nos últimos dias, mas o coração bateu furiosamente ao ter sido pega de surpresa. Ele pôs sem rodeios a língua em sua boca, imprensou-a, e ela estremeceu. Num segundo ele somente a beijava; no outro, deslizava a mão possessivamente em seus seios e costas, segurou sua nádega e apertou-a contra si. Vergonha e desejo guerrearam dentro dela. Ela tinha o corpo palpitando em lugares proibidos por ela. A mão perita de Christopher levantou sua saia e ergueu Beckye na parede, obrigando-a a um contato íntimo e eloquente de desejo nele. Ela empurrou-o. Mas ele não a deixou, imobilizando-a com o forte braço.

Meses de abstinência o deixavam faminto, insaciável. O gosto dela drogava-o, anuviava-lhe a mente. Sabia que a mulher *sexy* em sua frente era mais receptiva e quente do que qualquer mulher que conheceu. E seu corpo macio e sensível o comunicava que ela o queria.

Com um supetão violento, Christopher rompeu os botões de sua camisa, rasgou o sutiã, desceu o rosto e afogou-se nas curvas exuberantes dos peitos, com uma mão imobilizando-a nas costas e a boca exigente tomando os fartos seios.

Rebecca levantou o rosto atordoada com a rapidez do acontecimento e fechou os olhos, tragando o ar em longas arfadas. Resistência e paixão também entraram em conflito. Ele era ardente, experiente, cheio de persuasão, e levava-a a sair de uma escuridão de sentidos, fazendo-a esquecer-se de tudo, exceto da boca faminta. A paralisia a abandonou, gemeu baixinho em impotente rendição, e acariciou seu cabelo, mortificada e zangada consigo por ter prazer.

Nem notou quando sua saia desceu em trapos por suas pernas. Ele voltou a exigir seus lábios, ergueu-a do chão, nem sequer preocupou-se em lhe tirar a calcinha, limitou-se a afastá-la com o dedo e introduziu a grossa seta ereta nela, em um movimento ágil, que a fez esticar-se para recebê-lo e um grito de susto deixou seu lábio.

Então tudo parou.

No interior de Christopher, culpa duelou com lascívia, num misto de arrepios e horror. Aquilo era, de novo, uma violação. Como da última vez, ele pensou. Um ato compulsório e abusivo. Olhou-a nos olhos, incerto, mantendo-a erguida, pulsante em volta dele e, lentamente, bem devagar, foi adquirindo controle.

– Diz que não quer, que eu paro.

Não! Hoje não. Por favor, não queria parar! Mas também não queria ter que desculpar-se depois por, de novo, coagi-la sexualmente.

Ela fechou os olhos, respirando acelerado com a promessa de um prazer alucinante pulsando dentro dela. E percebeu que sua carência excedia o amor próprio num desejo insano e autodestrutivo. Ele apertou seu quadril e localizou-se mais fundo. Uma sobrecarga no sistema nervoso a fez estremecer delatoramente por mais. – Diz que me quer, meu amor. Diz que me ama. Eu sou seu homem.

Ela captou um brilho terno em seus olhos, mas rapidamente foi substituído por um perverso olhar presunçoso, cheio de promessas lascivas, muito convicto de que ela o queria.

– Continue – sussurrou trêmula.

Ele soltou o ar preso e deu um sorriso triunfante. – Repita – mordeu seu queixo e puxou-a contra si, mergulhando na calidez úmida do seu sexo que o absorvia todo. Ela arquejou e prendeu as pernas em sua volta. Ele exigiu: – Repita para que depois eu não tenha que pedir desculpa por algo que você e eu queríamos.

Ela queria morrer para não repetir isso, mas ele continuou movimentando-se, entrando fundo, depois saindo, tudo muito devagar.

– Sim... eu quero – admitiu débil, deixando que a situação seguisse o curso inevitável. A seguir, ergueu ávida a barra de sua camiseta. Ele a ajudou a tirá-la, primeiro por uma mão, seguida pela outra, com uma mistura de esperança e imprudência. Então ela lembrou-lhe. – Mas não quero mentiras – beijou-o no peito. – Não será amor. Quero sexo sem engano. Só necessidade sexual – arqueou as costas na parede e arranhou-o nos ombros, movendo o corpo em volta dele para estimulá-lo.

A mente de Christopher paralisou ao mesmo tempo em que seu corpo a golpeou totalmente, independente do cérebro. Ela o lambeu lascivamente do pescoço aos lábios, e ele mal podia lembrar quem era, muito menos o motivo por trás das condições impostas por Beckye. Sabia que, oh Deus, estava dentro dela com sua permissão e que ela se entregava em abandono outra vez.

Ele possuiu-a com força, a toda pressa. Os quadris batendo-se sem ritmo ou delicadeza. Sua consciência lhe chamou à razão pela rudeza. *Hei, esta é a mulher que você ama e vai casar.* Em busca de controle, inclinou a cabeça e rodeou o mamilo com a língua, absorveu em sua boca e chupou, chupou forte. Beckye gemeu e impulsionou o quadril à frente.

Ele estava tremendo, perdendo as estribeiras, assustado com o prazer físico e químico que sentiam.

O corpo de Beckye sacudiu-se em espasmos, e ela estremeceu-se contra ele, seu sexo se contraindo e palpitando ao redor dele, quase o fazendo perder a razão. Ele desceu a mão entre eles, friccionou-a e estimulou-a, prolongando seu clímax. Ela pairou na nuvem do prazer.

Depois, porém, devido à sensibilidade da satisfação, devido à ternura que ameaçava invadir o coração de Rebecca, induzindo-a a embalá-lo nos braços, ela repeliu-o inconscientemente, rejeitando-o.

A despeito de sua atitude, após ter seu consentimento, ele não admitiria oposição. Agarrou suas mãos e as sujeitou acima de sua cabeça, pelo pulso, disposto a esgotá-la. Sabia que mais tarde ela iria reclamar com uma acusação moral de persuasão de sua parte. Portanto, iria compensar todas as noites de desejo insatisfeito... Fazer Beckye estremecer cada vez que se lembrasse dessa tarde.

Ela fechou os olhos, atingida pelo potente domínio físico e, indefesa, entregou-se novamente aos estímulos intermináveis, com ele por toda parte, ocupando-a, sugando seus seios, roubando seu fôlego. Sentia-se sufocada na agonia de um prazer dolorido... Dolorido porque queria abraçá-lo e nunca mais deixá-lo ir. E a consciência disso doía. Seu coração estava se partindo, rompendo em

milhões de pedaços. O ato sexual inquestionavelmente tinha o poder de derrubar as barreiras que levantou contra ele, de deixá-la exposta e vulnerável.

Em busca de algum poder sobre si, encarou-o, repetindo para si o significado daquele ato, e obrigou-se a agir meramente sexual, apoiou as costas na parede e cingiu os músculos internos, apertando-o e soltando deliberadamente, do modo como sabia que o levava ao limite.

– Oh, meu amor, ah, delícia, Beckye... – ele gemeu totalmente tonto e uma veia pulsou em sua testa.
– Senti tanto sua falta – sussurrou incoerente, soltou seus pulsos e voltou a beijar sua boca. Ela correspondeu ávida, explorando o gosto dele e abusou do delicioso poder.

Ele sentiu comichões de prazer por sua coluna, alarmando-o de que não suportaria mais. Balançou-se contra ela, em estocadas profundas, e seu corpo inteiro convulsionou-se com o prazer vibrando em suas terminações nervosas. Fez uns últimos movimentos lânguidos, grunhiu no seu ombro, então parou, esgotando-se com um prazer tão feroz que ameaçou perder os sentidos.

Após uns segundos, ela baixou cautelosamente as pernas bambas e descansou exaurida na parede, ele apoiado contra ela. Subsequentemente, ele segurou seu queixo, ergueu o rosto e cobriu seus lábios com beijos doces. Abraçou-a, e aquele abraço ameaçou novamente derrubá-la. Ela bloqueou a sensação de ternura e não o abraçou de volta, com um peso opressivo sobre o peito.

Christopher percebeu seu distanciamento, segurou seu rosto entre as mãos e encarou-a.

– Não faz isso conosco, Beckye. Por favor – implorou e beijou-a novamente, beijos tépidos e suaves.

– Não estou fazendo nada – defendeu-se vazia.

Um terrível silêncio se instalou entre eles.

Ele terminou de desfazer-se da calça que estava sobre os seus pés, trancou a porta, seguiu-a para higienizar-se no banheiro, vestiu a cueca e sentou-se na cama. Ela enrolou a toalha em volta de si. Ele a fez deitar-se e deitou-se de lado ao seu lado.

– Eu não vou dizer que sinto muito, Beckye – avisou decidido e deslizou a mão por seu quadril. – Porque eu não sinto.

– Tudo bem – assentiu monótona.

– Você sente?

– Em partes... – disse sinceramente e desviou o olhar. – Foi bom, mas não deve voltar a acontecer.

– Por quê?

– Porque eu me sinto degradada com um ato assim – apontou com julgamento para os dois.

– Assim como? – entrecerrou os olhos, sem entender.

– Desejo sem amor.

– Pra mim não mudou nada. Não há vergonha no que fizemos.

– Você é homem. Eu não fui, nem sou sua única aventura. Por isso pra você é diferente – explicou tranquila, tentando soar adulta. – Tudo isso de sexo casual é novo para mim, e eu não sei lidar com isso... Também não sei resistir a você – explicou visivelmente embaraçada.

Ouvindo-a, ele admitiu para si ser egoísta sentir felicidade com algo que a afligia. Queria que ela acreditasse que ele a amava. E não sabia o que fazer mais para demonstrar isso.

– Para mim é difícil ficar com alguém somente por prazer corporal – ela adicionou, desconfortável.

– Eu não sou *alguém*, Beckye. Sou seu noivo. Você me ama e nós já namoramos há algum tempo – defendeu seu ponto. Entretanto, ao pensar sem o efeito da excitação, era fácil admitir o seu erro em tê-la coagido quando a situação deles ainda era tão frágil.

– Você sabe muito bem o que eu quero falar, Christopher – insistiu, com neutralidade. – Nada mudou para mim.

– Okay, Beckye – esfregou o cabelo, cansado. – Não irei te pressionar novamente. Nós não iremos discutir. E tentaremos viver sem conflitos. Pode ser?

– Se você quer mesmo viver sem conflitos, desista deste casamento – expôs prudentemente, rezando por compreensão. – Aleksey está preso. Você conseguiu o que queria. Minha mãe desistiu da guarda depois que seu pai a ameaçou – enumerou com objetividade. – Então me deixe livre – implorou.

– Não – ele determinou sério e a puxou contra si na cama, possessivo e temeroso. – Desista!

– Por favor – choramingou, impotente. – Casamento é algo tão...

– Não, Beckye. Você não vai conseguir se livrar de mim – sustentou resoluta. O que antes foi somente uma indicação de Samuel virou uma ideia fixa arraigada em seus ossos. Em absoluto, não a deixaria ir-se dele.

Ela baixou o olhar, exaurida psicologicamente. Uma sensação de desamparo e impotência desceu até a boca do estômago e lágrimas de relutância ameaçaram descer em seus olhos. Contudo, ela decretou que não iria se humilhar com súplicas e prantos. Levantou-se e deixou o quarto.

No andar de baixo, Thomas e Carolyn, que tinham assistido à cena uma hora antes, estavam sentados no sofá quando viram Beckye sair do quarto de Christopher e bater a porta, com força, usando só uma toalha sobre o corpo. Foi Carol a quebrar o silêncio.

“Não liga, Thom”. Disse tranquilamente. “Eles precisam mesmo de um vale-tudo para se acertar. Quantos forem necessários”.

Christopher decidiu que ficar em seu apê exigia um exercício mental que não tolerava. Cometeu um erro hoje. E sabia que a represália dela seria distanciar-se mais. Então ele precisava correr contra o

tempo para conquistá-la antes dos votos. Decidido, fez suas malas, contratou por telefone a reforma de sua cobertura e saiu para instalar-se temporariamente na casa do pai.

Dez da noite, o silêncio na mansão era total. Ele subiu as escadas, entrou no quarto de hóspedes que Beckye ocupava e não a encontrou. Foi ao quarto de Carolyn, abriu a porta, e Carolyn dormia. Fechou-a e seguiu para o quarto de Peter. O abajur em formato de avião, ao lado da cama, estava aceso. Beckye dormia vestida num pijama curto de malha, de costas para Peter, com um livro na mão, e Peter a abraçava na cintura. Christopher sentiu um nó na garganta ao ver a cena doméstica... Não iria desistir deles, repetiu. Eles seriam seus.

Entrou no quarto, ajoelhou-se ao lado da cama, tirou o livro delicadamente da mão de Beckye e afastou a mão de Peter que a abraçava. Peter acordou e arregalou os olhos, assustado.

– Vou pegá-la emprestada, garotão – Christopher tranquilizou-o com um sorriso. Peter sorriu, reconhecendo-o.

– Você não conseguiu dormir? – o menino perguntou baixinho.

– Não.

– Às vezes Peter também não consegue dormir sozinho – sorriu compreensivo. – Pode levar Beckye. Peter já é quase homem. Consegue dormir sozinho.

Christopher riu afetuosamente. – Obrigado – encostou o punho no punho de Peter. – Boa noite.

Pôs um braço sob o pescoço de Beckye e outro atrás de seu joelho, ergueu-a da cama e caminhou pelo corredor rumo ao último quarto. Abriu a porta, acendeu a luz e deitou Beckye de bruços na cama solteirão. Depois de um banho, vestiu um *short* de cadarço, secou o cabelo na toalha, deitou-se atrás de Beckye, puxou-a e afundou o nariz em seu cabelo, a mão espalmada em seu quadril possessivamente. Suspirou e dormiu em paz, finalmente.

Sob efeito do subconsciente, Beckye levou a mão à frente e acariciou-o. Dormida. Sonhando. Deslizou os dedos no peitoral, baixou a boca e beijou-o no peito até o mamilo. Sentia sua falta. Sentia muito.

O cérebro de Christopher evocou noites em que dormiam juntos, acordavam com as pernas entrelaçadas, então Beckye descia para... Ele acordou com uma mão o afagando no *short*, apalpando-o, e a pequena boca lambia seu peito.

Estremeceu e abriu a boca, chocado. Lábios quentes desceram por sua costela, ele arregalou os olhos e congelou-se uns segundos, tentado a deixá-la descer. No entanto, a realidade deteve-o em seco. O ato dela era só reflexo subconsciente dos meses que namoraram e dormiam juntos e acordar enroscados e beijando-se era algo natural como dormir.

Abraçou-a e beijou-a no ombro, abrandando-a, limitando-se a somente absorver seu calor. Ela beijou-o no pescoço, ele abraçou-a mais e restringiu seus movimentos. Ele queria rir da situação hilária. Queria chorar por não poder aproveitar. Queria pô-la nua na cama, beijá-la da cabeça aos pés, passar horas adorando-a com a boca, depois amá-la a noite inteira. Possivelmente, assim, o

desejo diminuísse, já que o alívio da tarde não foi suficiente.

Mas não podia. Ela o puniria quando acordasse.

Ele manteve-a nos braços até ouvir seu ressonar. Beijou sua testa e sussurrou repetidamente no seu ouvido *eu te amo, eu te amo, eu te amo*, até que o sono o alcançou.

Rebecca acordou com a deliciosa pressão de uma coxa grossa e cheia de pelos entre suas pernas, suspirou e esticou-se na cama. Um peso a mantinha cativa, rodeando a cintura, e uma mão grande cobria seu seio por dentro da camiseta do *baby dool*. *Que é isso?* Abriu os olhos assustada e situou-se horrorizada.

Afastou a mão que a agarrava, cautelosamente, para não acordá-lo. Ele pressionou-a mais, encaixando-a em sua pélvis, e ela se assustou ao constatar o órgão duro lhe pressionando a nádega. Escorregou, sem fazer alarde, ouviu um resmungo de protesto e conseguiu se libertar totalmente. Ele abraçou o travesseiro.

Saiu da cama indignada por ter sido sequestrada no meio da noite, mas parou em pé, ao lado da cama, como que hipnotizada por aquele espécime viril de homem, num pequeno *short*, ocupando relaxadamente quase toda a cama. Balançou a cabeça repelindo a inaceitável obsessão, fechou a porta, revoltada, e caminhou para seu quarto. Parou ao ouvir o barulho de alguém vomitando no quarto de Carolyn.

Christopher acordou com o clique da porta e advertiu-se o fato de estar só na cama, levantou-se mal-humorado, tomou banho e vestiu uma bermuda e camiseta para descer. Do corredor, ouviu uma discussão, no quarto de Carolyn, seguida de barulhos de descarga. Um segundo depois, Beckye saiu como um raio do quarto e desceu as escadas apressada, com um telefone perdurado na orelha.

– Vê se consegue me encaixar – ela pediu, e Christopher a ouviu atento do alto da escada. – Já tem mais de três meses que está atrasada. É quase certeza de que é gravidez... Sim, passando mal algumas manhãs... *Tá*. Marca dois horários seguidos. Quando chegar aí, eu converso com a Dra. Débora... Quinze horas é um bom horário – Desligou e se jogou no sofá, cansada. Christopher desceu as escadas atordoado e agachou-se em frente a ela.

– Grávida, Beckye?! – deitou a cabeça em seu colo e abraçou sua cintura. – Não acredito! Você não disse que tinha um problema? – beijou-a na barriga com um sorriso bobo. – Meu Deus, como *tá* pequenininha pra três meses! Peter vai ter um irmãozinho! – Alegrou-se, levantou a blusa do *baby dool* e beijou a parte baixa da barriga, adulator. Rebecca ficou sem ação, em choque com a demonstração emocionada e langorosa de carinho.

– Hei, crianças! – ouviram o som e ambos se assustaram pelo tom repreensivo. De onde estava, a visão de Thomas foi Beckye sentada de perna aberta e Christopher ajoelhado entre suas pernas com a cabeça baixa. – A noite não foi suficiente? – ralhou sério.

– O senhor vai ser vovô! – Christopher noticiou sorridente, sentou-se no sofá e puxou Beckye para sentar-se em seu colo, a mão ainda alisando orgulhosamente a barriga plana. Rebecca abriu a boca para contradizer, mas antes registrou, alarmada, Thomas atravessar entusiasmado a sala com Peter no

colo e parar em frente a ela.

– Posso tocar? – estendeu a mão à frente.

– Não! – Rebecca reagiu finalmente e levantou-se das coxas firmes.

– Tudo bem – Thomas assentiu, resignado.

Ela adiantou-se ao ver a confusão.

– Não, Thom. Não é que o senhor não pudesse tocar se eu realmente estivesse grávida – consertou.

Christopher olhou-a confuso. – Mas você disse ao telefone...

Ela suspirou impaciente.

– Não era para mim, a consulta, Christopher – esclareceu olhando-o firme. – É para Carol. É ela que eu acho que está grávida – contou. Notou um olhar frustrado em Christopher e captou nele sincera decepção. – A regra dela está atrasada há mais de três meses. Só que ela nem imagina que está grávida, já que sempre usou preservativo. Mas nós... – segredou com um olhar cúmplice. – Sabemos que teve uma vez que não tiveram tempo – baixou o olhar, embaraçada com a íntima lembrança. – Em Vegas.

Christopher riu malicioso e relaxou as costas no sofá.

– Sim. Eu me lembro – assentiu divertido.

– Então eu marquei uma consulta para mim, mas, quando chegar lá, minha médica vai examinar Carol.

Christopher compreendeu. Iria aproveitar a presença do pai e dizer que ficaria o restante do mês por lá, ainda, vê-la com os cabelos assanhados, o pijama amassado e o rosto sem maquiagem, fez com ele perdesse o fio da meada. Foi uma imagem tão familiar que lhe trouxe nostalgia, lembrando-se das diversas manhãs que acordavam juntos, com sorrisos no rosto e beijos apaixonados.

Deu um passo à frente, encarando-a e anunciando o que faria, inclinou-se e encostou os lábios nos seus. Thomas rolou os olhos, segurou a mão de Peter e os deixou só. Rebecca não resistiu ao beijo ou afastou-se. Participou passivamente, recepcionou a língua mentolada pela pasta de dente e tocou-a naturalmente.

Excluindo o dia anterior, seus beijos de noivos eram sempre insípidos e rápidos. Ele a abraçou forte, com uma mão atrás de sua nuca e exigiu comprometimento. Acariciou-a e estimulou-a, massageando-a nas costas, até ter a resposta apaixonada que queria. Triunfante, afastou-a delicadamente, sorriu e beijou sua testa.

Certamente a tarde anterior e a noite que dormiram juntos dava-lhe a ilusão de que mudou algo, ela pensou. Ele tinha razão. Sua presença forçada bombardeava suas resoluções... Seu coração estava ameaçado.

– Bom, é melhor você se arrumar para deixarmos Peter na escola – ele dispôs, olhando-a com

triunfo. – Depois chame Carolyn para irmos escolher nossas roupas de casamento. Temos que correr – avisou, e o tema devolveu a resistência a Rebecca. Fechou o semblante, afastou-se abruptamente e subiu as escadas como um furacão. Ele sorriu, sentou-se no sofá e discou o número de Samuel.

Duas horas depois, um estilista desenhava o vestido de Rebecca numa luxuosa loja de noivas em Beverly Hills. Christopher deixou-as tirando medidas e seguiu para outra sala para tomar champagne enquanto lia um jornal.

– Por que você quer um vestido assim, Beckye? – Carolyn franziu o cenho, crítica, referindo-se às instruções que Beckye tinha dado ao estilista.

– Para guardar de lembrança – deu de ombros e sentou-se no sofá. Não iria dizer à prima que não pretendia usar. Carolyn não compreenderia. Iria insistir que Beckye o perdoasse. – Além disso, ele odiava minhas roupas floridas – continuou sem interesse, abriu sua bolsa e pegou uma pera. – Então vou usar exatamente um vestido que o lembre de quem sou – entregou a pera a Carolyn, que aceitou e mordeu, distraída.

– Ai, Beckye, você está sendo tão implicante e infantil – torceu os lábios, contrariada.

– Se você soubesse os termos sob o qual vou me casar, você me apoiaria – cruzou as pernas e olhou de canto para o ambiente ao lado, separado por vidros. Ele vestia bermuda e camiseta bege, completamente destoado do local, mas tinha duas atendentes grandes, bonitas e mais velhas conversando com ele. Rá, elas que ficassem com ele! O que eram olhos carentes, cabelos pedindo para ser afagados e corpo maravilhoso quando ele não tinha coração?

Virou o rosto impelindo-se a ignorá-los.

– Eu não sei os termos, mas sei que você o ama – Carolyn constatou ao surpreender seu olhar.

– Eu não o quero, isso é o que importa – sustentou irredutível. – Você se casaria com Samuel nessa idade?

– Se eu o amasse como você ama Christopher, sim.

– Mas você ama Samuel – Rebecca destacou, desviando propositalmente o foco.

– Quem disse? – Carolyn riu, dissimulada.

– Ai, Carol, quem é que passa 95% do dia acessada à net só para conversar com Samuel nos tempos livres dele? Quem é que fica toda triste quando ele vai embora? Quem está lendo, escondida, revistas jurídicas do Thomas só para falar a língua do Samuel? Quem foi que cabulou uma semana de aula para ficar com Samuel em Nevada?

Carolyn suspirou rendida.

– Está claro assim? – deixou os ombros caírem.

– Sim.

– O que é amor, Beckye? – perguntou ávida. – Acho que eu não sei amar. É tudo tão novo.

Rebecca respirou fundo, pôs a mão no queixo e encostou as costas no sofá, pensativa.

– Hummm, amar é gostar de estar perto, é querer cuidar, é gostar de vê-lo sorrir... – virou o rosto e olhou novamente para Christopher na outra sala. – É querer que ele só tenha olhos para você – baixou o tom. – Desejar completá-lo – adicionou melancólica.

Christopher olhou em sua direção, ergueu uma sobrancelha e apontou para ela, mostrando-a para as duas mulheres. Rebecca desviou o olhar, embaraçada por ter sido flagrada bisbilhotando-o.

– Você ainda está sofrendo, não está? – Carolyn pressionou.

– Não – mentiu.

– Dá pra perceber – afirmou, terminou a pera e passou a folhear uma revista. – Essa semana, ao invés de desenhar flores coloridas, você desenhou cactos no deserto, cravos roxos e plantas espinhosas. Supermelodramático – rolou os olhos.

– Não sou melodramática – entrou na defensiva. – Pra quem está de fora é fácil julgar – cruzou os braços claramente chateada.

Carolyn ajoelhou-se no sofá, entrecerrou os olhos e apontou o dedo no rosto de Beckye.

– Eu não gosto de você! – ralhou séria, a voz grossa. – Desocupe esse corpo agora, espírito malvado! – rolou os olhos teatralmente na órbita e sacudiu os dedos no ar, fazendo alusão a um despacho. – Este corpo não te pertence – continuou aparvalhada e apoiou as duas mãos na cabeça de Beckye. – Saia agora, espírito de pombo cagador nas cabeças dos outros. E faça voltar a minha prima legal, sorridente e alegre – recitou dramaticamente.

De início, Rebecca tinha ficado quieta, abobalhada com a litania. Depois sorriu, o sorriso cresceu, Carolyn cutucou-a na cintura, e aos poucos as duas gargalhavam irreverentes no sofá.

– Yeah, você está aí! – Carolyn a abraçou pelos ombros, brincalhona. – Agora podemos colocar *bobs* na cabeça, fazer unhas, ver filme pornô e voltar a rir do mundo – enumerou divertida.

Rebecca parou abruptamente de rir quando notou Christopher na porta observando-as com um sorriso de canto e os braços cruzados no peito.

– Ufa, deu trabalho essa sessão de descarrego! – Carolyn zombou e abanou-se comicamente quando o viu.

– Que bom que você conseguiu fazer com que ela risse – Christopher comentou cálido, encarando Beckye. E seu sorriso enviou calafrios no estômago de Rebecca.

O estilista voltou, trouxe o desenho e o expôs sobre a mesa.

– Vaza daqui, Christopher! – Carolyn mandou, puxou a mão de Beckye e debruçou-se com ela sobre o desenho. Os olhos de Rebecca brilharam de excitação.

– Que lindo! – ofegou fascinada.

– Esta é a tendência de vestidos para primavera – o estilista alto e moreno explicou. – Caiu como

uma luva para seu casamento que ocorrerá exatamente na primavera. Ótima escolha a sua.

– Mas como você irá fazer? Essas flores são naturais? – Carolyn perguntou perplexa.

– Parte delas, sim, outra parte, não – esclareceu todo o processo de criação pacientemente. Carolyn escolheu seu vestido de dama, a seguir, foram à loja de noivos masculina decidir a roupa de Christopher. Carolyn auxiliou-o na escolha, depois foram a outras lojas escolher calçados.

Durante o passeio, Christopher mantinha uma irritante postura acossadora, cercando-a, tocando-a... Sempre beijando-a. Ela não se esquivava mais.

Perto do horário do almoço, buscaram Peter na escola e seguiram para mansão. Todos se reuniram à mesa e, se não fosse a situação inóspita que as obrigava estar lá, estariam agradadas. Às vezes Carolyn sentia-se culpada por comer bem, estar bem e sua mãe permanecer presa. Mas, como Thomas avisou que Olga sairia neste fim de semana, as duas ficaram mais tranquilas. No decorrer do almoço, inesperadamente Samuel chegou apressado, surpreendendo-os.

– Mas o que te trouxe de volta a Los Angeles em plena terça-feira? – Carolyn quis saber.

O clima ficou estranhamente carregado na mesa, com olhares sinistros de Samuel a Christopher, de Thomas a Samuel.

– Vim ver você – forçou um sorriso tenso.

– Ih, pior que hoje meu dia é exclusivo da Beckye. Ela vai fazer consulta pré-nupcial, e eu vou acompanhá-la.

– Eu posso ir junto – dispôs-se nervoso.

– Eu também posso ir? – Thomas propôs. Rebecca quis rir. Eles estavam sendo muito óbvios. Carolyn olhou-os, desconfiada.

– Acho que não tem problema, tem, Beckye? – Carolyn questionou.

– Lógico que não – sorriu simpática e nem se importou com os dedos de Christopher apalpando-a nas costas, cintura, joelho, como sempre fazia à mesa.

– De lá nós vamos à empresa que meu pai fechou para a organização do casamento – Christopher disse. – Eles precisam de sua decisão sobre cores, tipos de comida, lista de convidados – explicou. Ela mudou rapidamente de humor, assentiu, movendo a cabeça, e sentiu um nó repentino na garganta. *Por que toda hora ele tinha que lembrar?*

– Tudo bem – afastou o guardanapo. – Vou subir para dar banho no Peter e me arrumar – se virou para Carolyn. – Carol, eu tenho uns vestidinhos que te servem.

– Eca, por que eu vou usar *seus* vestidinhos? – fez uma careta apontando para o vestido solto, curto, verde limão com aplicações de flores no busto que Beckye usava, fruto da última compra com Christopher.

– Por causa do calor – Rebecca rematou lacônica. Não entraria na questão de que as calças de

Carolyn eram apertadas e estavam apertando o bebê. Por enquanto, não. Carolyn iria surtar.

– Beckye e sua mania de controlar! – Carolyn espetou, melou uma última batata frita na *mousse* de maracujá e a seguiu pelas escadas.

Christopher esperou os três subirem para comentar. – Que fria você está, Sam. Ela vai te espetar com o garfo e comer seu fígado com sorvete – gracejou, para aliviar o clima.

– Pois é – Samuel concordou sem humor.

– Vocês dois são inconsequentes – Thomas acusou. – Eu pensei ter uma situação dessas quando vocês tinham 16 e 18, não 26 e 28. Como alguém pode não se proteger no mundo de hoje!

– Foi só uma vez, pai – Samuel defendeu-se. – E, nossa, *tô* até sentindo a dor no fígado – pôs a mão no abdômen, dramático. – Ela vai me abrir com a colher por isso. Ela nem gosta muito de criança – esfregou a nuca, preocupado.

– Bom, antes uma criança do que uma doença – Thomas intermediou condescendente. – No mais, esta casa esteve muito silenciosa nos últimos anos – adicionou animado. – O que vocês acham de eu construir um parquinho no... – expôs detalhadamente seus planos, sonhador. Uma hora depois, seguiram para uma clínica no centro de Los Angeles.

Capítulo 06 - Pressão & Ruína

Rebecca entrou no consultório acompanhada por Christopher para a suposta consulta de núpcias. Ele aproveitou o ensejo e encheu a Dra. Débora de perguntas sobre possibilidade de gravidez em Beckye. Ela observou perplexa o seu interesse. E reagiu com neutralidade, disposta a evitar conflitos. Em seguida, Rebecca explicou a situação de Carolyn à médica. A gineco-obstetra dispensou Christopher e chamou Carolyn. Submeteu-a a uma série de questionamentos.

– Por que essas perguntas? – Carolyn sondou desentendida.

– Porque sua prima disse que você está tendo enjoos pela manhã – tocou-a delicadamente na barriga. – Vou verificar o que você tem – explicou diligente.

– Acho que é gastrite – Carolyn refletiu. – Eu li na internet que gastrite dá enjoos. Eu descobri um remédio e vou comprar.

– Nada de se medicar, mocinha – a médica preveniu, segurou um aparelho, perfurou o dedo de Carolyn, em seguida pediu que ela aguardasse com a família na sala de espera.

Quinze minutos depois, Dra. Débora saiu pela porta do consultório com um papel. Encontrou todos os presentes tensos, menos Carolyn, que não entendia bulhufas do motivo do alvoroço e da atenção da doutora nela.

– Senhorita Carolyn... – começou com o suspense de quem daria uma notícia bombástica.

Todos os olhos se direcionaram a Carolyn.

– Por que estão olhando para mim? – olhou de um ao outro, depois para a doutora. – Eu vou morrer? – riu nervosa, achando tudo bizarro.

– Não. De jeito nenhum – a médica garantiu, e Carolyn preocupou-se.

– O que foi doutora? – foi até ela entre aflita e divertida. – Eu estou em fase terminal? – sorriu quase histérica. – Só aquele sangue que você tirou do meu dedo já dá para descobrir se eu tenho? – olhou para Samuel buscando um apoio. – Oh, *meudeus*, Sam, eu vou morrer! – ofegou dramaticamente.

– Não se trata disso – a médica acalmou-a. – Seus sintomas e exame revelam que você está... gestante.

– Gestante? – Carolyn repetiu cética, em seguida direcionou o olhar em câmera lenta à barriga. – Gestante quer dizer que tem uma *coisa* morando em mim? – tocou a barriga com a ponta dos dedos. – Não. A senhora está enganada. Não tem como – balançou a cabeça. – Só se f-foi uma *picadura* do mosquito – balbuciou assombrada. – Eu nunca fiz sexo sem camisinha nos meus últimos cem anos.

– Carolyn... – Samuel interveio, ao vê-la olhando para a barriga como se não fizesse parte do seu corpo. – Você lembra aquela noite em que nos conhecemos? – perguntou cauteloso.

Ela juntou as sobancelhas.

– Sim.

– Não deu tempo de... – interrompeu sugestivamente, com as mãos nos bolsos, olhando para o bico do sapato.

Por segundos que pareceram horas carregadas de tensão, Carolyn parecia em choque. Então, ignorando completamente a médica, começou a andar ameaçadoramente em direção a Samuel, os olhos cintilando de ódio e acusação.

– Você me... me engravidou?! – abriu a boca, pasmada.

– Carolyn... – ele deu um passo atrás.

– Eu não acredito que você colocou um, um, *negócio* aqui dentro! – fez uma careta repulsiva para a barriga, depois avançou em direção a ele com o punho fechado. – Eu não quero um, nunca quis um, um... – procurou palavras.

– Um bebê, Carol. É só um bebê – Rebecca alcançou-a e tentou apaziguá-la.

– Eu tenho só dezoito anos! – gritou com Samuel, ignorando os outros. – Não quero ficar grávida! – negou histérica. – Eu não quero! – ela repetiu fora de si, abraçou Beckye e chorou desamparada.

Todos esperavam uma atitude rebelde de rejeição inicial, mas ninguém esperou que ela quisesse interromper a gravidez. Ao deduzir sua decisão, Samuel deu um suspiro derrotado, deixou os ombros caírem e deu um passo atrás, decepcionado. Thomas também se sentou chateado. Embora fosse regularizado o aborto na Califórnia, Thomas não era condescendente.

– Carol... – Rebecca deu um tapinha em seu rosto e segurou-o entre as mãos. – Por favor, se você não o quiser, você pode me dar – implorou como se falasse com uma criança. – Eu o crio. Só não o tire, por favor. Você queria que sua mãe tivesse te abortado? Dá ele pra mim – pediu, inclinou-se e tocou a barriga de Carolyn. – Eu vou amar tanto você, bebê – declarou enquanto acariciava.

Demorou uns segundos para Carolyn registrar o que Beckye dizia. Ato contínuo deu um passo atrás, horrorizada.

– Você é doida? – Carolyn indagou boquiaberta. – Está achando que meu bebê é ninhada de cachorro pra ficar dando por aí? – tocou a barriga protetoramente. – E não. Não dou. Eu disse que não queria ficar grávida, não que iria abortar! – sentou e acariciou a barriga, meio assustada, meio temerosa. – Não é por que eu vou matar e capar o pai do... – interrompeu e olhou curiosa para a médica. – O que ele é? É um menino ou menina?

Dra. Débora sorriu. Os demais suspiraram aliviados com a mudança de atitude.

– Podemos descobrir isso agora, caso você queira – a médica sugeriu. – Se tivermos sorte, dependendo da posição da criança, podemos descobrir o sexo.

Dez minutos mais tarde, a família estava sentada numa antessala e imagens da ecografia eram enviadas em tempo real a uma tela de LED 52 polegadas. Samuel fez companhia a Carolyn na salinha

escura, recebendo as explicações da médica.

– Bom, e aqui temos o coraçãozinho – explicou, o aparelho deslizando no baixo ventre.

– O coração de Carolyn? – Samuel perguntou atordoadado.

– Não, Samuel. Lógico que não! – Carolyn repreendeu-o. – Você acha que meu coração é perto da perereca?

A médica pigarreou, prendendo o riso. Samuel sorriu abertamente da irreverência de Carolyn. Fora da sala todos o acompanharam. O clima até então tenso, aliviou-se. Samuel deixou a cautela de lado e beijou o rosto de Carolyn.

– Casa comigo – pediu comovido, aproveitando-se de sua guarda baixa. – Eu não posso viver sem você – declarou.

– Não! – gritou assustada com o pedido e declaração.

– Por favor, docinho – adalou-a. Ela abriu a boca incerta. A médica saiu discretamente da sala. Os demais se entreteram em seus assuntos.

Aproveitando o momento, Christopher puxou Beckye para seu colo e beijou seu ombro.

– Se você gosta tanto de criança, vou te encher delas – prometeu em seu ouvido. Rebecca olhou-o desconfiada e perplexa com a insistência no assunto. Sentiu arrepios indesejados quando ele desceu com beijos pelo braço. Sua persistência deixava a frágil resolução oscilando. Tornava vulnerável seu coração, sua decisão, seus sentimentos. – Você viu o que sua médica disse sobre gravidez? – ele continuou. – Ela disse que existe possibilidade.

– Não quero criar expectativas e me frustrar – sustentou os olhos em Peter, que deitou sonolento no colo de Thomas.

– A ciência resolve tudo, Beckye – argumentou.

– Um menino! – Samuel os interrompeu, emocionado. – Poxa, mais um menino na família! – acrescentou desatento. – Ei, Peter, vem aqui ver seu primo.

Peter despertou e correu para Samuel. Nos minutos seguintes, Samuel ocupou-se em explicar desajeitadamente a Peter como o nenê entrou na barriga de Carolyn.

Receberam instruções sobre alimentação e cuidados, deixaram o consultório e dirigiram-se ao estacionamento.

– Para com isso, Samuel! – Carolyn ralhou quando Samuel tentou pegá-la no colo para descer as escadas. – Eu *tô* é prenhá, não aleijada! E me solta que eu não te perdoei ainda por me engravidar sem minha permissão.

– Carolyn, na hora que estávamos fazendo, você não reclamou – enfatizou malicioso e abriu a porta para ela.

Christopher vinha logo atrás com Beckye, desativou seu alarme no cartão-chave, abriu a porta do

passageiro e esperou que Beckye entrasse.

– Christopher – Beckye sibilou. – Não precisa mais representar. Não precisa abrir a porta pra mim. Não precisa me encher de sorrisos e paciência forçados. Seu pai e sua família não estão mais perto – enumerou com uma docilidade que o frustrava e o repelia. Ele suspirou, deu a volta e entrou.

– Eu não estou representando nada – defendeu-se, sem humor.

– Ah, não? Sabia que nem em nossos melhores dias do falso namoro você abriu a porta do carro para mim? – recordou, tentando esconder o rancor. – Uma vez, com aquela sua amiga, você abriu e fechou portas, carregou compras – recitou, e o que era para ter soado zombeteiro, revelou sua mágoa.

Deus, estava tão impaciente com sua própria autopiedade! Ela não era fria. Não queria ser amarga. Porém, lembrar era um argumento e defesa para fortalecer sua resistência. Se ele continuasse nessa dicotomia total de ações, seria fácil ser enganada, principalmente quando ele mostrava tanta doçura, bondade e carinho.

– Qual amiga?

– Aquela amiga que você deu carona no mercado no dia em que você me fez sentar no banco de trás do carro. Você nunca ligou muito em ser cavalheiro comigo, não é? Aliás, por que você faria isso? Eu não significava nada para você! – observou gélida e prendeu o cinto, sem mais forças para lutar contra esse sentimento que rastejava no coração, incomodava o estômago e dominava seu cérebro.

Ele suspirou, lembrou-se do evento citado e ligou o carro, culpado. Seguiu Samuel e o pai rumo ao *shopping*, onde comprariam roupas de gestante para Carolyn, depois iriam jantar em comemoração.

Durante o jantar, Carolyn aceitou relutante casar-se com Samuel. Ele explicou que legalmente ainda estavam casados e que bastaria entrar com o pedido de cancelamento da anulação. Ao fim, decidiram comemorar as bodas no mesmo dia do casamento de Christopher e Beckye.

– Sabe qual a parte boa disso tudo, Sam – Carolyn comentou conspiradora. – Enquanto a feia da Mariah te difamava dizendo que você era gay, você tinha plantado um nenê na minha barriga – gracejou cúmplice. – Não tem melhor ato público para desmenti-la – acariciou-o na nuca.

Christopher inclinou-se sobre Beckye e beijou-a no pescoço, disposto a restabelecer a paz nessa montanha russa que vivia.

– Bom que se acertaram – ele comentou com Beckye.

– Eles se amam. É bom que se casem – opinou, comendo silenciosa o *fettuccini* de frango. Queria chegar logo em casa e isolar-se. Ficar o dia todo perto de Christopher absorveu mais energia e concentração mental do que dispunha. Precisava de espaço.

De volta à mansão, ela subiu com Peter, tomaram banho e deitou com ele para colocá-lo para dormir. No meio da noite, sentiu seu corpo ser erguido da cama, familiarizou-se com o cheiro e encostou, sonolenta, o rosto no peito amplo, absorvida pelo sono. Foi estendida na cama, sentiu beijos no pescoço, abraçou-o e voltou a cambalear para o sono profundo.

Os dias seguintes não foram fáceis. Via-o correndo pelo quintal com Peter, jogando *game*, tomando banho de sunga na piscina, e cada segundo se policiava mais, porque, quando menos esperava, seus olhos seguiam-no. Era constrangedor. Sempre ele a flagrava secando-o tão ávida como discreta, então sorria um risinho lânguido e presunçoso. Isso a deixava mais zangada. Tanto com ele por ser ciente do seu poder e ainda assim provocar, quanto consigo por sua debilidade e paixão doentia. Por que ele não ia embora?

Também teve que lidar com seus carinhos, com os beijos impostos e cada dia ficava mais difícil dizer não. Perdia a guerra e sabia disso. Já nem queria lutar. Amava-o. Amava e não conseguia deixar de amar.

– Ligou uma tal Cynthia pra você – Rebecca informou, fingindo indiferença, ao encontrá-lo na sala depois dele ter passado o dia fora sem lhe avisar aonde foi. – Ela disse que era do seu antigo trabalho, e eu dei seu número particular.

– Hummm, ficou com ciúme? – ele provocou, puxou-a e beijou-a molhado no pescoço. Ela manteve-se quieta, passiva, mas os pelos arrepiados no braço denunciaram sua debilidade.

– É claro que não. Por que eu teria? – questionou orgulhosa.

– Porque eu sou seu noivo será que responde a pergunta? Ou porque você me ama, seria o caso? – ponderou pretensioso.

Ela ergueu o queixo.

– Ciúme é medo de perder alguém. É falta de confiança em si, no outro e falta de estima pela pessoa que se ama. Por que eu teria ciúme, se nem mesmo confio em você? – enfrentou resolvida.

Ele afastou-se e jogou-se cansado no sofá de couro.

– Ciúme para mim é uma mostra de que você se importa – defendeu. – Poxa vida, eu já critiquei minha irmã por suas crises de insegurança, por sufocar Aleksey – disse chateado e ganhou atenção imediata de Beckye. – E agora eu queria ser sufocado, ser monitorado, queria que você se importasse.

– Eu já me importei com você, Christopher – lembrou-lhe com enganosa calma. – Já te sufoquei – considerou e andou pela sala. – E o que eu ganhei...?

– Meu Deus, Beckye, você não sabe perdoar! – constatou, com uma careta de desagrado.

– Olha quem diz! – apontou para ele acusadora, já calculando a distância da escada para fugir do assunto. – Foi você quem não soube perdoar – recordou.

– Beckye... – ele alertou quando viu que ela subia a escada. – Beckye, não fuja quando eu tiver conversando com você! – gritou, mas não foi atrás dela. Ela subiu, galgando de dois em dois os degraus, temendo que ele a subjugasse com beijos, e ela acabasse em seus braços.

Suspirou, atravessou correndo o corredor e foi para o quarto de Peter resguardar-se. Christopher não a seguiu.

– Por que Beckye está com raiva do tio Chris? – Peter, já vestido de pijama para dormir, interrompeu a leitura da história de *Davi e Golias* que Rebecca fazia para ele.

– Não é raiva.

– É sim. Quando o tio Chris *tá* perto, Beckye não sorri. Quando tio Chris beija a Beckye, ela fica séria. E antes Beckye vivia sorrindo para o tio Chris. Bagunçava o cabelo dele. Sentava no colo dele. Enchia ele de beijos – lembrou-lhe, esperto e observador. – Peter fica triste porque Peter ama tio Chris perto e não quer que ele pare de morar com Peter. Mamã promete ficar de bem do meu tio? – pressionou.

– Sim, bebê – abraçou-o comovida. – Beckye vai tentar melhorar – concedeu decidida a de agora em diante ocultar suas alterações emocionais.

Mais tarde, Christopher a buscou na cama e a levou. Ela teve um sono perturbado, cheio de projeções, intensa atividade sensorial e toques. Muitos toques, beijos e palavras doces. No dia seguinte, levantou-se antes dele e saiu cedo do quarto para não ter que conversar. Como todos os dias.

O telefonema de Cynthia foi para que Christopher comparecesse à corregedoria, onde recebeu orientações dos processos e apresentou-se ao chefe da DEA da Califórnia, Jason Freeman. Foi orientado a voltar a trabalhar, mas alertado que, enquanto continuasse as diligências, deveria ficar longe da imprensa. Consequentemente, ele e parte da equipe Delta foram escalados para cumprir expediente no departamento antidrogas da penitenciária de San Diego, local onde Aleksey estava sob custódia.

Chegou à tarde em casa, ávido por contar as novidades, buscou Beckye pela mansão, e Peter lhe avisou que ela foi cuidar das plantas. Encontrou-a na estufa e escondeu-se ao notá-la falando com suas plantas. Ela vestia uma calça bailarina, avental e tinha na mão uma tesoura de poda. *Por que ela não usava mais aqueles shortinhos sexys?*

– Eu sei que isso dói – disse ela quando podou algumas folhas. – Mas o que não nos destrói, nos fortalece – recitou distraída. – Vocês podem estar passando por essa fase difícil agora, mas isso vai passar – juntou as folhas cortadas e as adubou com elas. – Embora vocês sofram, esse corte ajuda a raiz a ficar mais forte e vocês a crescerem. É assim o ciclo da vida – justificou, ouviu um estalo e captou Christopher pelo canto do olho. – Vai ficar me espiando?

– Não. Vim te convidar para jantar fora – deu um sorriso lisonjeiro.

Ela fitou-o distraidamente, pensando que era desleal ser tão charmoso, lembrou que prometeu a Peter tentar melhorar a convivência e aceitou.

Saíram sozinhos para um restaurante em Malibu e conversaram formalmente. Falaram sobre Olga e o fato dela ter aceitado a proposta de Thomas de ficar na mansão até que Carolyn se casasse e fosse para Nevada. Ao fim, Rebecca trouxe à baila, com um gosto amargo, o fato de Christopher ter ocultado que era gêmeo de Christine e que, por isso, eram tão apegados. Ele se justificou dizendo que tiveram poucas oportunidades e que as circunstâncias não os favoreciam. O jantar não terminou

bem. O assunto Aleksey e Christine sempre estaria entre os dois.

No sexto dia que cumpria expediente monitorando as entradas de visitantes no núcleo de custódia, Christopher distraiu-se em frente às câmeras pensando em Beckye. Ele podia dormir com ela, jantar, sair, tocá-la, mas ela continuava sem sorrir, com o olhar remoto e expressão pensativa.

Esfregou a nuca, suspirou e a culpa por mantê-la sob pressão voltou. Fechou os olhos e apoiou as costas na cadeira, lembrando o quão difícil era dormir com ela e não poder lhe amar. Passava a noite tocando-a, acariciando-a, e não saciar a fome de seu corpo o corroia quando, dormindo, ela era tão receptiva e indulgente.

Cada noite a explorou mais um pouco. Passou a lhe levantar a blusa e dormir com a mão em seu seio. E essa noite, oh, Deus, que canalhice fez! Baixou sua roupa inferior e foi difícil resistir tomá-la, embora passou um grande tempo bolinando-a. Tudo começou com beijos de saudade salpicados na pélvis. Depois lhe afastou as pernas e lambeu-a vagorosamente. E, nossa, como sentia falta de seu gosto. Fechou os olhos e saboreou-a, sugando suavemente. Hummm, fazia tanto tempo. Ela reclamou e contorceu-se em sono, quase despertando. A sensatez rompeu sua nuvem do desejo, afastou-se e voltou à razão aliviando-se no banheiro. Deus, ela não podia descobrir, embora por vezes tinha a impressão que ela estivesse acordada.

Um comentário de um agente o puxou de volta a realidade.

– Nossa, eu vou descer para participar da revista. Essas mulheres de traficantes são tudo gatas! – comentou empolgado.

– É, pelo menos isso para tirar a sensação de monotonia – Matthew comentou, entediado. Ele era um dos agentes sob proteção do Estado por ter testemunhado contra Sebastian e a equipe. – Dizem que todos os visitantes de traficantes são submetidos a uma revista minuciosa – Matthew continuou. – Já existem métodos de enganar o raio-X humano. Geralmente as mulheres escondem drogas internamente e as entregam nas visitas íntimas aos seus companheiros.

– Mas vocês não podem descer, lembrem-se disso – Ethan ressaltou. – Lá é um local restrito a agentes femininas.

– Mas se eu fosse o Adams, desceria – Matthew apontou para a tela. – A mulher dele está sendo a sensação das câmeras de monitoramento.

Alarmado, Christopher ergueu o olhar e visualizou Beckye e Carolyn na fila de *check-in* para visita. Nem pensou no que fazia, somente se levantou, alterado, atravessou a sala, revoltado por Beckye ter lhe desobedecido, e bateu a porta com força atrás de si.

Carolyn contava a Beckye as novidades sobre o bebê enquanto aguardavam na fila. Seus bens pessoais como celular e chave do carro tinham sido recolhidos e dirigiam-se ao cubículo onde seria feita a leitura corporal. Todavia, Carolyn não poderia passar pelo aparelho por estar grávida, então ambas se dispuseram a fazer a revista íntima.

Rebecca desabotoou os botões da camisa azul, de manga japonesa, fingindo tranquilidade, paralelamente encorajando, com o olhar, Carolyn, que estava constrangida por ter que passar por tal situação.

Não obstante, antes que se desfizesse totalmente da roupa, o trocador foi subitamente invadido por Christopher, que fechou a porta e segurou o braço de Beckye com o semblante carregado de fúria.

– O.que.você.está.fazendo.aqui? – rosnou, transtornado.

– Eu...? – ela balbuciou, surpresa, lendo a expressão feroz. – O que você está fazendo aqui? – devolveu a pergunta, puxou o braço e recuperou parte da postura.

– Se você se interessasse por mim, teria descoberto que eu trabalho aqui agora – prensou-a na parede e beijou-a na bochecha asperamente. – Este não é lugar para você – sentenciou, e cada palavra sua aumentou a resolução nela em impor resistência.

– Ah, e como sua prisioneira, você não me dá o direito de ir e vir, é isso? – ergueu o queixo, desafiadoramente.

– Droga, Beckye, não é isso – lastimou-se. – Eu só não quero que você se exponha a isso – apontou para fora, local onde era a revista.

– Por quê? Foi você que me levou a isso! – salientou, a garganta ardendo de raiva por sua arbitrariedade. – Tenho que te lembrar que meu irmão está aqui?

– Você não vai ver Aleksey! – ordenou austero, e seu abuso de poder reavivou o espírito rebelde nela. Eis o porquê de não ceder a esse amor bandido. Ele continuava o mesmo prepotente, vingativo e dono da razão. Capaz de trabalhar no presídio que Aleksey estava só para presenciar sua ruína. Deus, quando ia acabar essa perseguição?! – Fale o que tem que falar que eu dou o recado a ele – continuou. – E você vai embora já daqui! – determinou.

– Eu não vou embora! – teimou, com os nervos sublevados, lágrimas ameaçando subir aos olhos.

– Vai sim – deu um sorriso malvado e adocicado. – Eu trabalho aqui. Sou chefe enquanto a Justiça não decidir o contrário – elucidou com falsa calma. – E se eu *ordenar* ao meu departamento que bloqueie sua entrada, você não vai entrar – evidenciou com mordacidade.

Carolyn, que para eles era invisível, assistiu à cena arbitrária horrorizada.

– Se quer mesmo passar pelo constrangimento de ter seu acesso negado, é só me desobedecer – desafiou-a, ergueu a mão e acariciou seu queixo. Ela virou o rosto. – Então seja sensata, *Florzinha*. Recolha suas roupas e volte boazinha pra casa – ordenou com tranquilidade irritante.

Ela suspirou, fechou os olhos, cravou as unhas na palma para conter a ira e concentrou-se em não chorar ao ter seus planos de conversar com Aleksey frustrado. Não pôde visitá-lo antes porque Christopher controlava seus passos, portanto não teve oportunidade de falar sobre Christine ou sobre o casamento. E só de pensar que, por um momento, quase desistiu de levar seus planos adiante tentada a aceitar Christopher, ficou possessa.

Decidiu ir porque precisava saber a opinião de Aleksey sobre tudo. Mas Christopher mostrou-se o mesmo rancoroso e perseguidor de sempre.

– Okay, Christopher – assentiu entre dentes. – Mas se você não sabe o que é desprezo, você vai descobrir a partir de hoje – ameaçou revoltada, empurrou seu peito e passou a abotoar os botões da camisa lentamente.

E sua ameaça não foi um blefe. Se antes ela era somente distante e passiva, passou a repeli-lo sem reservas. Quando Christopher chegou em casa à noite, exausto e nervoso, encontrou Beckye e Peter trancados no quarto. Ela comeu no quarto e não saiu mais até a manhã seguinte. Ele não a viu.

Na segunda noite, ele gritou e bateu na porta. – Não tranque a porta pra mim, Beckye! Eu vou derrubá-la! – preveniu possuído. Ouviu o pai lhe repreendendo e baixou o tom. – Precisamos conversar. Você está sendo incompreensiva... Por favor, Beckye, me desculpe por ontem – implorou.

Ela questionou docemente.

– Você vai me deixar ver Aleksey? – pressionou de dentro do quarto.

– Não! – ele negou decidido.

– Então me deixa, Christopher.

Ele afastou-se, soltando imprecações; ela inclinou-se e explicou tranquilamente a Peter que o tio Chris só estava chateado. Disse que adultos às vezes brigavam, mas que não era para se preocupar. A seguir, deitou-se na cama e agiu como se nada tivesse acontecido. Não deixaria mais que os altos e baixos de sua relação com Christopher emanassem amargura nela. Acabou e ponto. Congelaria o sentimento, os sonhos, o coração. Levaria seus planos adiante e Christopher teria sua lição.

– Mas Beckye ainda vai casar com tio Chris? – Peter perguntou ansioso.

– O que você prefere, que a Beckye case com o tio Chris ou que a Beckye viaje só com Peter para um monte de lugar, em um monte de parque? – orquestrou carinhosa, tentando convencer o garoto.

– Peter prefere que Beckye case com o tio Chris e nós três viajamos num monte de parque e num monte de lugar – explicou inocentemente, depois, sem sobreaviso, pôs a mão na barriga de Beckye. – Tem um nenê na sua barriga também? – perguntou curioso.

– Não. Por quê? – sorriu, surpresa com o comentário.

– O tio Chris podia plantar um nenê na sua barriga também – disse ingênuo. – O tio Sam falou que o homem põe uma sementinha na mulher quando beija na boca. É assim? Você come a sementinha e aí o nenê vai para sua barriga? – examinou curioso. – Não tem perigo do nenê cair no vaso, não?

– Peter... – Rebecca abriu a boca, pasmada, sem saber como explicar, ou se era hora. – Não. Ele não cai no vaso – limitou-se a dizer isso, então pegou um livro, rapidamente, e começou a ler para fugir do assunto.

Os preparativos finais do casamento foram decididos por Carolyn, já que Rebecca negou-se a participar. E mesmo o vestido, Rebecca não quis tirar prova. Ela e Christopher pouco se viram nos dias seguintes. Ele insistiu em tentar levá-la à casa de recuperação, à porta da igreja, acompanhá-la à escola de Peter pela manhã. Mas ela rechaçou-o com teimosia. Com um olhar de congelar o fogo.

– Chris, o que está acontecendo entre você e Beckye? – Thomas perguntou quando viu o filho sentado teimosamente em frente à porta do quarto de Peter enquanto ligava insistentemente no celular de Beckye.

– Ela não quer falar comigo.

– Por quê?

– É porque eu não a deixei ir ver Aleksey. Nem ela nem Carolyn falam mais comigo – explicou carrancudo. Beckye estava deixando-o maluco.

– E se ela se manter decidida até sábado, você vai desistir de casar? – pressionou-o. Christopher desviou o olhar, acovardado.

– Não.

– Não? – franziu o cenho, incrédulo.

– Eu posso conquistá-la depois de casados. Pretendo conquistá-la – argumentou teimoso.

– Não vai. Vida de casado não é fácil. Você vai é espantá-la mais se casar nessa situação. Desista enquanto há tempo, filho. Volte atrás. Você está matando a luz dela, não vê isso?

– Pai, eu é que tô morrendo. Ela só me dá dor de cabeça – segurou a cabeça entre as mãos.

– Bom, só aviso que, na primeira oportunidade que ela tiver de voar, será o que ela irá fazer. Você aguentará viver nessa insegurança a vida toda?

No dia seguinte, após passar por outra avaliação psicológica da Corregedoria, Christopher seguiu rumo à Penitenciária Federal, sentou-se à mesa e deitou a cabeça nela, atormentado. Se desistisse agora, com menos de cinco dias para o casamento, teria sido em vão toda a pressão. Ele iria perdê-la para sempre. O que iria fazer?

Angustiado, olhou para as telas de monitoramento e seus olhos foram atraídos para o pátio onde os internos tomavam banho de sol. Quatro homens lhe chamaram atenção. Aleksey, Roney, Jânio e Félix. Os dois últimos eram os policiais que tinham sido presos na operação Tijuana a qual o FBI invadiu no momento em que a equipe da DEA iria fazer o assalto. Christopher suspeitou de que Aleksey estivesse armando algo. No mínimo, tráfico na cadeia.

Levantou-se da cadeira e ligou para o telefone do pátio.

– Boa tarde. É o Agente Especial Adams, do departamento antidrogas – avisou. – Eu preciso

interrogar o interno nº 361. Leve-o à cela especial em cinco minutos – pediu, dispôs-se do relógio, da Glock *baby* no coldre de calcanhar, das algemas, celular, guardou tudo no seu armário e entrou no corredor de celas.

Esperou Aleksey encostado à parede. Aleksey entrou, vestido com a camiseta justa branca e calça laranja, e deu um sorriso sarcástico ao vê-lo.

– Qual é a sua, Chris? – quis saber irônico. – Visita íntima? – escarneceu.

– Qual é a sua, você! – aumentou o tom e desencostou-se da parede. – Eu vi você de conluio no pátio. O que você está tramando?

– Ai, ai, você e suas ideias de conspiração – rolou os olhos e lhe deu as costas.

– O que você estava armando com aqueles caras? – pressionou. – Você não vai fugir daqui! – vociferou, apontando-lhe o dedo, fora de si.

Sua vida já estava trágica, se Aleksey saísse de lá antes que cumprisse o que planejou, ou melhor, antes que casasse com Beckye, tudo poderia dar errado.

– Eu não preciso fugir, Christopher – disse tranquilamente. – Eu estava fazendo o que vim fazer aqui. Enquanto você brinca de ser policial fazendo só merda, eu trabalho.

– Trabalha. Trabalha, sim – enfatizou com ironia. – É por isso que você está preso – criticou. – E se existe justiça, você vai mofar aqui! – apontou para o chão, emocionalmente instável. Aleksey não reagiu. Pelo contrário, encostou-se à parede indolente, estudando-o e vendo a expressão de perturbação em seu rosto.

Christopher esfregou a nuca, frustrado em não ter sua reação, e aproximou-se mais de Aleksey, observando suas roupas, sua aparência mais magra. Pensou um dia que ver sua decadência traria alguma realização, mas há tempos tinha consciência de que não. Pelo contrário, doía. E não entendia essa merda.

– Você roubou o que eu tinha, agora eu vou tomar o que você ainda tem – declarou baixo, com a garganta ardendo. – Sabia que eu vou adotar legalmente o seu filho? – provocou sardonicamente. Queria levar Aleksey, motivo de sua última frustração com Beckye, ao limite. Iria descontar em alguém seu fracasso com ela. Se não fosse aquela tentativa de visita, ele estaria bem com ela.

– O quê? – Aleksey entrecerrou os olhos.

– Isso mesmo. Vou obrigar sua irmã a casar comigo e adotar legalmente Peter – explicou com prazer doentio.

– Você não pode estar falando sério – deu um passo à frente, perplexo.

– Seriíssimo – riu desafiante.

– Por quê? – Aleksey balançou a cabeça, incrédulo. – Por que fazer isso com Rebecca?

– Por quê? – Christopher repetiu e encostou de novo o ombro na parede. – Seria porque ela é sua

irmã, é bonita e tem 17 anos? – importunou-o, só para canalizar sua raiva. Aleksey não percebeu o tremor em sua voz.

– Você é um moleque! – Aleksey avançou em sua direção, entendendo que se enganou na noite da prisão ao cogitar que Christopher gostasse de Rebecca. – Mantenha-a fora disso, seu porra! Já fomos longe demais. Seja homem e enfrente suas diferenças comigo – segurou a gola da sua camisa e arremessou-o na parede. Christopher não reagiu ou esquivou-se.

– Vá em frente. Estamos só nós dois aqui – incitou-o, débil, com os olhos vermelhos. – Isso não é nem a metade – riu amargurado. – Eu a chantageei a casar – revelou dramaticamente.

Aleksey manteve-o erguido pelo punho, furioso. Christopher continuou instigando sua raiva. – Eu disse que, se ela não se casasse, a entregaria para a mãe dela.

– No lugar dela, eu preferiria ser uma puta no bordel da Natacha a ser uma puta de um moleque fraco e idiota como você! – bateu suas costas na parede novamente e finalmente notou uma lágrima rolar nos olhos de Christopher, o que o fez recuar, confuso e assustado. Christopher baixou o olhar e passou as costas da mão no rosto.

– Eu também – revelou num tom monótono. – Eu também preferia ser qualquer coisa a viver com um fracassado como eu.

Aleksey entrecerrou os olhos, desentendido.

– Se eu fosse ela, eu fugia de mim – Christopher observou com o olhar vazio e novamente limpou os olhos, esfregando o rosto. – Mas se ela se fosse, eu não deixaria... Eu não posso deixar – disse entre dentes, escorregou na parede e sentou-se no chão.

Aleksey afastou-se e observou-o com a mão na cintura, apanhado de surpresa.

– Nada fez mais sentido desde que eu a conheci... – confessou, como se falasse sozinho. – No começo eu ainda continuei a perseguição a você. Mas depois tudo perdeu a motivação. Você se lembra do nosso acordo antes de você ir a Tijuana? – olhou-o ansioso. Aleksey não respondeu. – Eu quebrei o acordo, sumi o *chip* e pedi sua irmã em namoro. Você não entende, mas o seu perseguidor tinha desistido de te perseguir. Eu queria ficar em paz com Beckye. Então esperei por meses você voltar, você voltou e tudo saiu do meu controle – exasperou-se movendo freneticamente os dedos nos cabelos. – Agora eu perdi tudo. Perdi o rumo. E me apeguei à única cartada que tenho: obrigá-la a ficar comigo... Mas até Samuel me pediu ontem para desistir dizendo que é errado prosseguir... E eu não vou desistir, porra. Não vou!

Abraçou o joelho, com os olhos desviados dele, sentindo-se miserável por se expor, ainda assim decidido a ir adiante.

– Mas isso não vem ao caso agora – acalmou-se. – Eu vim aqui para confessar que no dia da prisão eu não fui a sua casa para te prender. Fui para te pedir para fugir. É repreensível admitir que, mesmo policial, eu pouco me importava com o que você fazia. Só tirei fotos para me blindar com Beckye, caso precisasse. Minha vida girava em torno de um novo eixo. Não era mais você, Aleksey, o motivo de tudo. Deixou de ser há muito tempo... Ainda hoje procuro aqui raiva, rancor, qualquer

sentimento, e não vejo nada. Você pode ser culpado pela morte da minha mãe, que parou de doer... E é estranho. É estranho não te odiar mais.

Clareou a cabeça aliviado por ter se aberto. Necessitava tirar esse peso dos seus ombros. Precisava se libertar de uma vez disso.

– Vou ainda mais longe... Você pode ter contribuído para o vício de Christine, pode ter arruinado a adolescência da minha irmã, mas eu só consigo pensar que você me trouxe Beckye. Você a salvou das garras da mãe e deu uma vida digna a ela – levantou o olhar e encarou Aleksey. – Agora ela é tudo o que eu ainda tenho, cara, é o que importa pra mim – declarou efusivo. – Eu compreendo que, do seu modo, você amou Christine. Por isso não sabia dizer-lhe não. Então sei que você me entende. É errado apoiar um criminoso? Eu sei que é. Mas, para que ela me perdoasse, eu seria capaz de te tirar daqui, se ela exigisse... – Parou de falar e se levantou do chão.

Ergueu os ombros e examinou Aleksey, que se encontrava inexpressivo.

– Bom, resolvi dizer isso tudo porque você precisava saber o motivo pelo qual vou casar com ela. Acho que você tinha o direito – abriu a porta e deu as costas para Aleksey. – Só prometo uma coisa, eu vou amá-la muito, cuidar e respeitá-la. Vou dar uma vida digna, abastada e uma família de verdade – prometeu e passou pela porta.

Antes que ele fechasse a porta atrás de si, Aleksey chamou-o.

– Chris...

Christopher colocou a cabeça dentro da cela. Aleksey torceu os lábios e balançou a cabeça.

– Você não mudou nada. Continua um teimoso e cabeça dura, cego, que, quando coloca algo na cabeça, ninguém tira – enumerou sério. – Eu errei uma vez com Christine. Fiz besteira. Pulei fases... Não cometa o mesmo erro com Rebecca. Deixe-a decidir o que viver – aconselhou objetivo.

Christopher sorriu sem humor.

– Se eu deixá-la decidir, ela vai me deixar. E eu não vou permitir, repito.

Capítulo 07 - Lírios & Redenção

“Quem ama não se alegra com o erro, mas regozija-se com a honestidade. Tudo crê, tudo perdoa. Quem ama nunca desiste, porém suporta tudo com fé, esperança e paciência”. Coríntios

Há três horas, o que Rebecca via ao olhar pela janela era um batalhão de pessoas uniformizadas decorando o quintal com lírios, rosas, copos de leite. Ela usava um roupão lilás e tinha o olhar vago, pensando no que aconteceria nas horas seguintes. Com um suspiro, pegou seu celular e discou o número de Daniel.

– Oi, Dan. Você já a pegou no salão de beleza? – ela perguntou, sentou-se na cama e acariciou a aliança em seu dedo.

– Sim. Quatro horas eu tenho que chegar *aê, né?*

– Sim – ela olhou nervosamente para o vestido pendurado no cabide, foi até ele e tocou as flores naturais que o compunham. – Ela está bonita?

– Sim. Muito. Pena que ela é muito coroa pra mim, mas é gata – ele sorriu. – Por que todo esse suspense em volta dela, Florzinha?

– Mais tarde eu te falo. Obrigada, amigo.

– Ok. Até mais tarde.

Duas batidas na porta chamaram a atenção de Rebecca. Era Peter, vestido num fraque preto, que veio avisar que as maquiadoras chegaram.

Uma hora depois, Christopher olhava ansiosamente rumo às escadas, já vestido com um fraque igual ao de Peter, preto, com um colete creme; o sapato também era preto, e o cabelo cortado, curto. Alguns convidados de seu pai já tinham chegado e vagavam pela propriedade. Jason e Rachel Freeman se encontravam bebendo próximos a amigos. Christopher lhe acenou um cumprimento e perguntou-se como ela ousou vir, já que só a convidou por formalidade no convite enviado a Jason Freeman.

Sorriu satisfeito quando notou o antigo namoradinho de Beckye, Daniel, chegar acompanhado por uma moça alta, bem magra, de cabelos pretos, num penteado cheio de cachos, e vestido azul combinando com um chapéu da mesma cor que cobria parte do rosto. Era bom que o garoto tivesse partido para outra, pensou territorial, e voltou para sala, nervoso, ainda olhando para os lances duplos de escadas.

Bebia uma dose de uísque para tranquilizar-se, na sala, conversando sobre os processos com Ethan e Samuel, quando foi surpreendido pela visão de Beckye no alto da escada usando um roupão lilás e pequenas manilhas nas pontas do cabelo. Ela desceu ao seu encontro com uma expressão determinada no rosto. Ele levantou-se e a recepcionou.

– Você não devia estar se arrumando, meu amor? – bajulou-a com um sorriso diplomático.

– Temos algo para conversar, Christopher – noticiou sombria. – Chame seu pai e me encontre na biblioteca – instruiu séria.

Christopher assentiu sem retrucar, evitando desavença no dia de seu casamento, e buscou o pai no quintal. Thomas pediu licença a Olga e acompanhou-o à biblioteca. Surpreenderam-se ao encontrar Samuel gritando com o dedo em riste no rosto de Beckye. Christopher estranhou ver a moça que chegou acompanhada pelo amigo de Beckye presente na biblioteca, de costas, olhando distraída pela janela.

– Você não tinha o direito de se intrometer! – Samuel acentuou entre dentes.

– Eles merecem saber! – retrucou Beckye no mesmo tom.

– Isso era por ela! – ele indicou a moça. – Não queríamos confundi-la!

Thomas atravessou a sala e intrometeu-se na discussão.

– O que está acontecendo aqui, Samuel?

Os dois participantes os registrou alarmados.

– Pai... – sussurrou a moça de chapéu e estendeu a mão. Ela tremia por causa dos anos de anticonvulsivos administrados. Thomas olhou-a confuso inicialmente, entrecerrou os olhos e deu um passo vacilante em direção a ela. Ela sorriu incerta. Thomas levantou seu queixo contra a luz e avaliou-a incrédulo.

– Quem é você? – tirou-lhe o chapéu e pegou em uma mecha negra de cabelo.

– Christine, pai – revelou suavemente. Ele olhou-a da cabeça aos pés.

– Não – olhou acusador para Samuel e Beckye. – Que brincadeira é essa?

Samuel abaixou a cabeça e suspirou resignado.

– É Christine, pai.

– Vocês estão loucos? Eu permiti a eutanásia de Christine! – gritou, transtornado. – Eu recebi os restos mortais cremados.

– Não foram os restos de Christine – Samuel revelou, sem olhá-lo nos olhos. – Foi de outra mulher. Uma indigente.

Christopher saiu do estupor e opôs-se: – Você está mentindo! – olhou de viés a mulher. – Essa não é Christine. Christine era loura, tinha corpão – destacou.

– Olhe pra ela, Christopher – Samuel apontou. Ele olhou-a relutante. – É sua irmã.

Christine sorriu, e o choque do reconhecimento o atravessou. Ele abriu a boca estarrecido, com sensação de irrealidade, esfregou a nuca e desviou o olhar. Os minutos seguintes foram preenchidos por silêncio, perguntas e respostas não feitas pairando no ar.

– Explique-se, Samuel – Thomas solicitou alterado e serviu-se de um Brandy na bandeja em cima de sua mesa de carvalho. – Relate tudo que aconteceu.

– Bom... – Samuel apertou a gravata. Christine segurou sua mão, encorajando-o. Rebecca encolheu-se tensa, encostada à parede. Estava curiosa com o que iria ouvir, mas também ansiosa em como Christopher receberia a constatação de que Aleksey era inocente.

Christopher manteve o olhar fixo em Christine, vivendo uma espécie de filme mental com a ordem dos acontecimentos. Samuel relatou toda a parte que Christopher sabia.

– ... Então Aleksey me ligou – Samuel continuou. – Eu era somente um formando em Direito, mas tinha alguns colegas dispostos a ajudar. Com um pouco de dinheiro e contato com pessoas certas, conseguimos sequestrar e transportar Christine em uma ambulância rumo a San Diego. O médico responsável pela eutanásia foi comprado e responsabilizou-se por enviar um corpo indigente ao crematório. Meses depois, Aleksey transportou Christine para o México, porque lá a manutenção dela era mais barata. Ele a assumiu financeiramente desde então com o dinheiro da patente da minha mãe que registrou.

– Por que você nunca nos falou? – Christopher interrompeu-o irado.

– Você deu alguma chance? – questionou acusador. – Quando eu começava a falar sobre Aleksey, nós discutíamos!

– E por que não falou para o meu pai, pelo menos?! – replicou.

– Porque meu pai não aceitaria que o corpo da filha fosse usado em experimentos – argumentou incisivo. – Ele já tinha autorizado a eutanásia para não vê-la sofrer, imagine permitir por anos que ela fosse usada como cobaia!

– Continue, Samuel, por favor – Thomas interveio baixo, em estado catatônico.

– Bom, meus contatos providenciaram documentos frios tanto para Christine quanto para a irmã de Aleksey – apontou para Beckye. – E ato contínuo Aleksey começou pesquisas para induzir a reversão do coma. Um projeto caro. Ele teve que se envolver em negócios sujos para poder financiar, porque, se eu ajudasse, minha herança seria consumida e havia o risco de o senhor desconfiar – deu uma pausa e sentou-se cansado no sofá. Não contava ter que revelar isso hoje, no dia do seu casamento. Mas iria prosseguir. – Desde então, nos últimos anos, ele vinha fazendo experimentos. A última fórmula, que ele testou há quatro meses, deu resultado, mas ficou sequelas em Christine que necessitavam de acompanhamento. Depois que Beckye se acidentou, liguei pedindo para ele voltar. Então ele internou Christine na Casa de Recuperação em que Beckye é voluntária.

Christopher observou Beckye e questionou-se sobre os motivos de ela ter trazido Christine exatamente aquela tarde. Cedo demais uma suspeita o acertou com a força de um murro no estômago.

Sentiu a dor da traição em ser o último a saber.

Ambos os olhos se enfrentaram. Ele suspirou incapaz de ver a visão de si mesmo nos olhos dela. Alguém vingativo que se negou a prestar ajuda a Aleksey quando tudo que ele fez foi por sua irmã.

Desviou o olhar.

Samuel continuou. – Eu ainda não a tinha visto. Também é uma surpresa para mim que ela esteja aqui e bem – novamente olhou para Beckye. – Pelo que Beckye acabou de me falar, ela não recuperou totalmente a memória. Ela não lembra o que aconteceu com minha mãe no dia da overdose. Mas se lembra de todos nós.

– Então é verdade... – Thomas arfou com olhar remoto, totalmente perplexo. – Christine está viva – segurou o rosto de Christine entre as mãos. – Perdoe-me, filha – pediu e abraçou-a, trêmulo. Christopher segurou a cabeça entre as mãos num caos emocional. Ouviu o pai chorando, reconciliando com a filha. Sua autorrecriação crescia a cada segundo.

Christopher diminuiu a distância e parou em frente à Christine.

– Me perdoe, Christine – disse emocionado, com cenas execráveis de suas atitudes e acusações contra Aleksey se repetindo por trás de suas pálpebras. – Eu fui estúpido – segurou sua mão. – Não acreditei em Aleksey ou em chances para você – confessou dolorido, culpado e arrependido por seus pré-julgamentos, atordoado e em choque ante a descoberta de que todas as suas verdades eram uma mentira. – Pelo contrário... – sua voz embargou-se, angustiada. – Desde o começo eu só o atrapalhei, perseguindo-o... – parou de falar abruptamente e abraçou-a emocionado, trêmulo, o corpo tremendo com soluços mudamente sufocados.

Ao ver aquele homem grande desabar no braço da irmã, Rebecca abriu bem os olhos e o que viu foi um menino perdido, infeliz e carente. Uma rajada de dor atravessou seu estômago. Presenciar seu desconsolo quebrou algo em seu interior. Teve que pôr a mão na boca para sufocar um soluço que irrompeu em sua garganta. Vê-lo em decadência a abateu e machucou mais do que contava ser possível. Pensou que teria paz quando o visse cair em si e reconhecer a luta de Aleksey por Christine, mas não podia ter paz vendo-o sofrer. Lágrimas escorregaram de seu rosto. Massacrava seu peito vê-lo desamparado e cheio de culpa.

Amava-o, aceitou sem defesas, e seus joelhos quase se dobraram ao admitir. A aceitação sacudiu seu corpo com intensidade, fazendo seu corpo tremer de soluços. Nunca, por um segundo, deixou de querê-lo. Por isso doía. Doía porque quem ama não quer ver seu amado sofrer ainda que seja cheio de defeitos.

Tão forte como a constatação, era sua resistência. Mas não podia mais lutar ou sufocar esse poder espiritual indissolúvel que os uniu de um jeito inquestionável e que nada, nem ninguém, fazia diminuir a intensidade... Restava viver com isso. Aceitar o que o destino escreveu.

Depois do que pareceram horas, ela se sentiu intrusa num momento tão familiar ao ver os quatro abraçando-se, limpou o rosto e aproveitou a distração para fugir, em silêncio.

– Beckye... – Christopher percebeu o movimento na porta e impediu-a de sair. – Espere – pediu. Ela olhou-o incerta. Ele passou a costa da mão no rosto e respirou fundo, com vergonha, remorso e autodesprezo colidindo em seu interior. – Se você puder esperar, eu fico grato – pôs a exame, humilde.

Rebecca segurou as lapelas do roupão num gesto de proteção e cruzou as mãos na altura do peito, nervosa.

– Se sua intenção era fazer-me ver meus erros e me induzir a mudar de ideia, você venceu – anunciou rouco, suspirou, desabotoou a gravata atrás do pescoço e abriu a gola da camisa, cansado.

Todos os olhos da biblioteca se voltaram de um ao outro, surpresos com a declaração repentina. Thomas assentiu ao filho, aprovador. Samuel também balançou a cabeça com deferência, mas ao mesmo tempo pesaroso. Esteve errado quando pensou que Beckye amava Christopher o suficiente para perdoá-lo. E a prova de seu julgamento errado veio hoje. Com seu espírito inflexível, ela lutou até o fim. Dobrando-o. Tão irredutível quanto ele.

Rebecca respirou fundo, em tormento, mas não era como se ela não esperasse por isso. De fato, foi o que ela planejou: um choque capaz de fazê-lo repensar suas atitudes. Entretanto...

Ele caminhou a passos lentos até a mesa do pai e serviu-se também de uma dose de Brandy.

– Eu só tomei decisões precipitadas até hoje – continuou Christopher. – Só fiz besteira – confessou, ignorando a dor que lhe oprimia o peito, as garras que lhe rasgavam as entranhas. – E não é certo fazer mais isso – suspirou e bebeu todo o conteúdo de uma vez, sentindo-se um egoísta, cego e estúpido, um manipulador desprezível.

– Isso...? – ela perguntou hesitante, mesmo consciente da resposta.

– Você está livre do... bem, está livre de mim... – disse, por fim. – Ninguém vai tirar Peter de você, Beckye. Eu prometo. Nunca foi minha intenção em absoluto – torceu os lábios revoltado consigo, incapaz de suportar a consciência de si. – Eu só espero algum dia ser perdoado por todo mal que fiz a sua família e a você – serviu-se de mais uma dose, sentou-se na cadeira giratória atrás da mesa e fitou o copo detidamente. – Prometo deixá-la em paz daqui em diante... Lamento termos que ficar mais algumas horas no mesmo local. Mas adianto que só ficarei até o casamento do meu irmão acabar, em seguida você não precisará mais me suportar – disse cheio de amargura, e só Deus sabia como foi difícil tomar aquela decisão. Girou a cadeira, respirou fundo, dominando a sensação de perda, e ficou de costas para os presentes, olhando pelo vidro da janela.

Um silêncio desconfortável se seguiu. Rebecca olhou o seu perfil, e ele tinha um olhar distante, sem vida, que distribuiu um frio glacial nela. Sentiu o estômago revolver-se de receio, angústia e algo mais, que fazia sua garganta arder.

A porta abriu-se bruscamente, e Peter entrou apressado ao encontro de Beckye.

– Mamã, Carol quer falar você! – disse ofegante, tentando puxar Beckye pela mão.

– Calma, bebê – pediu rouca, relutante em sair. Peter estranhou a voz e olhou em seu rosto.

– Hei, porque Beckye chorou? – olhou-a atento, levantou a mãozinha e tentou tocá-la, preocupado. Depois olhou em volta. – Por que *tá* todo mundo triste? – viu Christopher e caminhou até ele. – Ei, tio Chris, por que você *tá* com o olho molhado? – tocou o rosto de Christopher. – Homem não pode chorar – ralhou, o cenho franzido.

Christopher sorriu triste, consciente de que também perderia o menino adorado.

– Homem chora sim, garotão – explicou. – Homem chora quando está infeliz ou perde algo importante.

– Quem é o menino? – Christine perguntou e estudou Peter no colo de Christopher. – É o filho dela? – apontou para Beckye.

– Sou – Peter respondeu, orgulhoso.

– Você é lindo – disse ela e inclinou-se para tocá-lo no cabelo. – Ela me disse que tinha um filho, mas eu pensei que era um bebê.

– Eu sou o bebê da Beckye – disse matreiramente. – E quando o tio Chris casar com minha mãe, ele vai ser meu pai e meu tio. Eu vou ter dois pais – explicou mostrando os dedos. O clima tenso na sala aliviou-se. – E quando minha mãe engolir a sementinha do meu irmão, meu irmão vai ser meu primo e irmão. Não é legal? – perguntou inocente. Christine riu encantada. – Meu pai Aleksey vai ser meu pai e meu tio.

Christine fez uma careta confusa e olhou desentendida para Beckye. – O que ele disse sobre Aleksey?

– Que Aleksey é meu pai – Peter respondeu como se fosse o óbvio.

– Ah, então o menino o chama de pai por consideração – ela deduziu com um sorriso.

– Não – Rebecca balançou a cabeça, preocupada. Pensou antes que o assunto Peter poderia ser adiado e contado por Aleksey, principalmente porque envolvia Aleksey com outra garota. Mas como o assunto veio à tona, teria que explicar. – Ele chama a mim de mãe por consideração – revelou e deixou assentar.

Podiam-se ouvir as engrenagens no cérebro de Christine trabalhando. Christine encarou intensamente Peter com os olhos entrecerrados. Ele brincava de tirar e colocar a gravata de Christopher.

– Veja bem, Christine... – Thomas começou, estendendo a mão para explicar.

– Qual a idade dele? – ela quis saber.

– Seis anos e cinco meses – disse Rebecca, antes que mais alguém falasse.

– Nossa, ele é tão pequeno para seis anos – comentou distraída. – Há quantos anos e meses eu entrei em coma? – ela perguntou diretamente ao pai e sentou-se no sofá.

– Seis anos e dez meses – Thomas respondeu.

– Ou seja... – Christine disse com olhar vago. – Aleksey engravidou alguém antes de eu entrar em coma.

– O Peter é prematuro. Nasceu de seis meses – Rebecca esclareceu.

– Portanto, um mês antes do meu coma ele engravidou outra garota – balançou a cabeça incrédula.
– E eu, burra, direcionava todo o meu ciúme a minha mãe... Que patife!

– Filha, isso passou – Thomas interveio, pacificador. – A maior demonstração de cuidado e amor de Aleksey com você foi os últimos anos.

Ela calou-se, pensativa, e olhou especulativa para Peter, que não prestava atenção no assunto. Sem mais palavras, Christine levantou e deixou a biblioteca para pensar.

Rebecca tinha o ombro encostado à parede, esgotada pela tempestade emocional vivenciada nos últimos instantes. Nem percebeu os olhos tristes de Christopher sobre ela, até que ergueu o olhar e o encontrou.

– Vocês podem nos deixar a sós uns minutos? – ela pediu a Thomas e Samuel. Samuel foi o primeiro a levantar-se e caminhar rumo à porta. Thomas o acompanhou, chamou Peter, olhou para os dois um tempo pensando em dizer algo, desistiu e saiu.

Rebecca deu alguns passos até a mesa de carvalho, rodeou-a e encostou o quadril ao lado da cadeira de Christopher. Ele fitava a parede.

– E minha mãe? – perguntou Rebecca, baixo. – O que eu irei fazer com ela?

– Sua mãe não vai mais te incomodar – respondeu indolente, pensando que se houvesse uma possibilidade, a sentaria em seu colo e a abraçaria. Choraria em seu ombro pelo que poderiam ter sido, pela vida que poderiam ter se não fossem tantos enganos. A despeito disso, sabia que era um atraso na vida dela. Sufocava-a com seus fracassos e sentimentos conflitantes. Matava diariamente a alma livre e cheia de vida que existiu um dia nela. – Além disso, Beckye, em sete meses você completa 18, então ganha o direito legal de morar sozinha. Será pouco tempo de briga judicial com meu pai, se ela resolver tentar novamente ficar com você – balançou o copo na mão, os olhos fixos nele.

– E Peter? – questionou relutante.

– Continua como sempre foi – bebeu mais um gole da bebida avermelhada. – Ele é seu. Ninguém vai te tirar.

Ela suspirou, com as mãos trêmulas, sentindo o medo lhe varrer o corpo.

– E eu?

Ele finalmente olhou em sua direção, deixou o copo na mesa e segurou sua mão, tirando-lhe vagorosamente a aliança.

– Você? – sorriu triste e jogou o anel dentro do copo. – Você vai viver sua vida, Beckye. Suas fases. Uma vida de sucesso te espera – ergueu o copo em um brinde, bebeu, depois desviou o olhar, incapaz de manter o olhar nela naquele momento tão lúgubre. – O futuro é seu – completou sem emoção.

– E se eu não quiser assim? – deu um passo à frente, ficando entre as pernas dele, apoiou as duas

mãos no seu rosto e o obrigou a olhá-la.

– O que mais você poderia querer? – fixou os olhos nos seus, o coração pulsando esperança.

– Quero a emancipação e a possibilidade de adotar Peter legalmente – explicou, crendo ser inoportuno revelar a mudança. – E só tem um meio disso acontecer.

Ele compreendeu a assertiva com uma torcida de lábios.

– Não era você que não queria se casar?

– Eu não queria me casar sob chantagem, mas pensei melhor e vi que me trará vantagens.

– Quando chegou a essa conclusão?

– Hoje – tirou a mão de seu rosto e deu um passo atrás, insegura ao ver a relutância em seus olhos. Talvez ele tivesse perdido o interesse por ela, pensou. Ele não tinha mais motivos de atingir Aleksey.

– Hummm – ele levantou-se da cadeira, cruzou os braços no peito e aproximou-se mais da janela. – Sob quais termos seria o novo arranjo? – ergueu a sobrancelha.

– Bom, não seremos marido e mulher na raiz da palavra – improvisou para ganhar tempo. Ele parecia somente dispor-se a reparar um erro sendo nobre. – Teremos liberdade – acentuou decidida.

– É... Eu mereço isso – suspirou, compreendendo a desforra. Por um momento seus olhos perscrutaram-na, traço por traço, com um olhar desamparado de quem se julgava um perdedor. – Por mim tudo bem. Não tenho mais nada para fazer... – deu de ombros, apático e encostou o quadril na mesa. – Durante o processo de adoção, receberemos algumas visitas de assistentes sociais – esclareceu. – Portanto teremos que dividir a mesma casa por um tempo.

– Tudo bem – concordou.

O silêncio se ampliou tenso entre os dois. Ele a encarou sem palavras e não podia mensurar ou prever o que acontecia por trás da capa serena de Beckye. Ela dizia para si que ainda que ele não a amasse, ela amava esse homem difícil pelos dois. E sentia-se flutuar entre a alegria mais absoluta e uma estranha paz ao decidir lutar por eles. Suas forças eram revigoradas, seu desejo de acreditar e lutar voltavam a florescer, fazendo-a sentir-se viva e vibrante. O inverno se ia do seu coração. Ela sobreviveu ante a provação desértica e recuperava o equilíbrio emocional.

– Temos um acordo? – ele estendeu a mão, num conflito turbulento entre medo, expectativa, agonia e incerteza de quem se apegava a tudo que pudesse. – Amizade e boa convivência como o começo do reparo? – propôs ele gentil.

– Sim... – anuiu. – Como o começo... – ela sorriu enigmática, puxou-o, sem aviso, pela mão e passou os braços em volta de sua cintura, o rosto em seu ombro.

Inicialmente ele entrou em choque, surpreso com a atitude conciliatória, depois a cobriu com seus braços fortes, aumentou a pressão do abraço e beijou sua cabeça, contente pela suspensão de hostilidades que viveram nos últimos dias.

– Algum dia você vai me perdoar? – ele fechou os olhos e esperou, sentindo a angústia da dúvida. Ela não respondeu, mas sorriu silenciosa em seu pescoço, deliciada com seu perfume que rescendia até as profundezas da sua alma.

Ele apertou mais a noiva nos braços e enterrou a face em seu pescoço.

– Ainda que o único motivo seja Peter, obrigado pela chance de me deixar fazer algo por você – agradeceu, ela o apertou mais, e ele sentiu uma receptividade diferente, aquecendo-o até seus ossos.

– Então te encontro no altar – ela deu um passo atrás, sentindo-se leve, esperançosa e feliz.

Ele não sabia ainda, mas um novo começo era escrito. Sem mentiras, sem vingança, sem promessas que não cumpririam, sem pressa. Ela iria estar ao lado dele para reinventar a vida. Encheria de cores seu mundo, de planos, de sentido, de sorrisos e de amor.

– Okay – ele juntou a sobrancelha, com suspeita e desconfiança ao ver o seu estranho sorriso, algo tão raro nos últimos três meses. – Você será a que estará de branco – brincou para descontrair, visivelmente confuso e inseguro sobre o que o esperava.

– Não. Eu vou estar de... – Rebecca balançou a cabeça e lembrou-se do vestido que escolheu com a ideia de irritá-lo, o qual só usaria no caso de Christine não ter ido.

E, poxa vida, agora que a rebeldia arrefeceu, a perspectiva de usá-lo era enervante.

Quase em pânico pelo que se procederia tanto no decorrer da tarde quanto em sua vida, deu as costas, sentindo os joelhos fraquejarem ao lembrar que era uma noiva de verdade agora, acenou e caminhou apressada para a porta.

– Me espere – pediu ela antes de sair.

**

No pátio externo do presídio federal de segurança máxima da Califórnia, encostados à parede de cinco metros, na ala provisória, quatro figuras distintas destacavam-se das demais. Perto deles, outros custodiados que aguardavam julgamento amontoavam-se para o banho de sol e distribuíam-se em aparelhos de musculação, partidas de futebol americano. O odor de cigarro, suor e sujeira enchia o ar. Era um ambiente opressivo, com olhares desconfiados, onde cada passo devia ser dado com vigilância.

Meses atrás, quando Jânio e Félix foram presos na operação Tijuana, os brindes de recepção foram: tratamento hostil por parte dos internos, ameaças e algumas brigas devido à repercussão de suas corruptas atividades policial. *Canas* corruptos e estupradores eram as classes mais propícias à morte na cadeia. Delitos anteriores levantados pelo FBI, anexado ao dossiê da denúncia, os levaram à ala comum, temendo pela vida.

O objetivo de Aleksey, no entanto, com toda a abordagem em cima dos policiais desde que entrou no presídio, era, além de sair da linha de fogo, convencer Jânio e Félix, testemunhas oculares de negociações das quais Aleksey foi precursor ou parte, a testemunhar contra *ele*, o chefe do tráfico de toda Califórnia. Ninguém conseguiu derrubá-lo devido às suas participações furtivas e favorecimento

político. *Ele* era alguém que estava na ponta da pirâmide. Mandava e desmandava em todo Estado.

Fazendo isso, Aleksey iria, com efeito, livrar-se de permanecer no submundo do crime. Embora sempre temesse tocá-*lo* antes, devido ao fato de ter familiares e pessoas inocentes dependendo de si, Aleksey não se conformava mais em ser refém dessa situação. O *mentor* era o principal objetivo a atingir com toda aquela armação. Foi *ele* o maior responsável pelo vício de Christine. E depois que se resolvesse com *ele* e cumprisse seus objetivos, sairia livre para viver sua vida como bem desejasse.

Como planejou.

– O único jeito para que a pena de vocês seja diminuída será cooperando com o FBI – Aleksey condicionou, com uma máscara impassível. – Eu vou fugir, de qualquer maneira – deu de ombros. – Tenho dinheiro e respeito aqui dentro para conseguir isso. Mas e vocês? – tentou convencê-los. – Se não for assim, podem morrer a qualquer momento aqui dentro. Mas, caso concordem, ganharão o benefício da delação premiada – sugeriu, fingindo indiferença.

– De um jeito ou de outro, iremos morrer. Aqui ou fora – Jânio exasperou-se. – Merda! – acuou-se, temeroso. *O homem* era poderoso. Poderia exterminá-los a qualquer momento caso suspeitasse de traição.

Félix sentia-se tentado. Já não impunha resistência. E Roney assistia a tudo, atento, admirado com o poder de persuasão e inteligência de Aleksey.

– Por que você está traindo-o? – Jânio quis saber.

– Eu não o estou traindo. Eu fui traído por ele – mentiu, pois sabia bem que estar aqui era uma manobra que, além de desviar o foco de si, convenceria os dois a cooperar. Depois fugiria, até que o julgamento terminasse.

– Ok, eu coopero – Jânio aceitou.

**

Rebecca subiu as escadas de dois em dois degraus. Passou direto pelas mulheres que a aguardavam no seu quarto para lhe arrumar, abriu o guarda-roupa e olhou todas as suas peças de roupas. Não tinha nada branco ou bege, discreto e bonito.

Estava sem opção.

– O que vocês acham deste vestido – apontou para o vestido cheio de flores naturais pendurado no cabide.

As duas mulheres cercaram-na novamente, de posse dos produtos de maquiagem e arranjo para o cabelo.

– É lindo e jovem – a maquiadora disse. – Ele pede uma maquiagem alegre, não a sóbria e escura que você pediu.

Rebecca deixou os ombros caírem, impotente. – Então faz isso. Ponha uma maquiagem alegre.

Carolyn bateu na porta do quarto de Rebecca para chamá-la meia hora depois. A prima vestia um vestido longo, tomara-que-caia, branco, com pequenas rosas naturais no busto e parte frontal da saia. Alargava-se abaixo da cintura e disfarçava a barriga de quatro meses.

Olhou avaliativamente Beckye da cabeça aos pés. Rebecca prendeu o ar, em expectativa.

– Você vai roubar a cena! – Carolyn animou-a ao vê-la olhar-se no espelho com semblante preocupado. Dos últimos minutos, Rebecca usou quinze para ter retocada a maquiagem, dois para vestir o vestido e o restante ficou parada em frente ao espelho quase em pânico, sem saber o que fazer para minimizar a impressão. – Vamos, Beckye? – Carolyn chamou-a. – Está na hora. Por que você não foi ao meu quarto quando eu te chamei? – puxou a mão gelada de Beckye para sair do quarto.

– Porque eu estava atrasada para me arrumar – sussurrou tensa. Mesmo que a maquiadora tivesse dito que estava linda, que a cabeleireira repetisse que nunca viu um vestido mais criativo e lindo, Rebecca não se sentia confiante. Temia desagradar a Christopher.

– Ah, eu estou bonita? – Carolyn perguntou quando desciam as escadas seguidas por duas moças do cerimonial. – Queria saber se alguém vai perceber meu bebê – acariciou carinhosamente a barriga.

– Você está linda e o vestido disfarça bem a barriga – acalmou-a com um sorriso forçado.

Saíram pela porta da frente onde um carrinho de golfe ornamentado as esperava para conduzi-las, pelos próximos trezentos metros da propriedade, para onde os convidados as esperavam.

Uma orquestra tocava ao fundo. O sol refletia-se no espelho d'água e, no início da pequena ponte ornamental de madeira, Christopher, Samuel e o reverendo esperavam as noivas.

Peter entrou primeiro, sorrindo confiantemente enquanto carregava as alianças. A marcha nupcial iniciou e as noivas pisaram juntas no tapete bege; Rebecca, enervada e tímida por causa do vestido, e Carolyn, excitada e exibida.

Christopher não ergueu o rosto para vê-las. Mantinha o olhar vago dentro do lago, abatido e distante. Ao lado dele, Samuel sorria alegremente.

Olga, Thomas e Christine estavam na primeira fila. Christine agia acanhada com o pai, em oposição, Thomas beijava-a na testa e cabelo vez ou outra, ignorando as especulações sobre as duas desconhecidas ao seu lado.

Antes de chegar ao genuflexório no altar, Rebecca sentiu o peso da decisão entrar em conflito com o significado do acontecimento. Olhou em dúvida para Carolyn ao seu lado e questionou-se se realmente fazia o certo. Um violino solava, mas ela sequer ouvia. À sua frente, a menos de alguns metros, estava um futuro desconhecido. Um futuro que sequer planejou... E que sinceramente temia.

Seus joelhos tremeram ao prever o momento em que Christopher lhe dirigiria o olhar. Em câmera lenta, ele começou a perscrutá-la. Seu olhar foi da saia ao corpete e, finalmente, para o seu rosto. Ela prendeu o ar, esperando a resposta em seus olhos. Seu coração disparou e encarou-o fixamente com

um misto de apreensão e expectativa. Ele fitou-a por um tempo interminável. Balançou a cabeça levemente e sorriu de canto... Rebecca soltou o ar. *Seria de aprovação o sorriso lindo que viu?*

Ela não podia prever o que ele via. Christopher via além do vestido. Via a beleza, a leveza, a juventude. Estudou-a novamente e pensou que nada teria lhe caído tão bem. O conjunto total do vestido furta-cor rosado com flores em todo o corpete e uma saia de organza e renda, que se abria sobre os pés, dava-lhe um toque jovem, inocente e alegre. Fixou os olhos no busto e admirou as flores naturais que o enfeitavam. Flores que combinavam com o arranjo que tinha no cabelo meio solto e cheio de cachos. Parecia uma ninfa da floresta. A deusa da primavera. E incrivelmente ela brilhava. Brilhava nos olhos, na bochecha.

– Está linda – ele sussurrou com um sorriso cálido de apreciação.

Ela sorriu de volta e, com os olhos dentro dos dele, um filme começou a ser revivido por ela. Lembrou-se da primeira vez que o viu. Ele estava magro, com os olhos fundos e aparência cansada. Nos dias seguintes, conheceu um homem amargo e fechado, arredio e com o olhar distante. Desencadeou-se entre eles atração e flertes hesitantes. Depois conheceu o fulgor da paixão nele, uma chama incandescente que fazia seus olhos frios queimar-se.

Foi por este homem que se apaixonou.

Ele estendeu a mão para recebê-la com expressão ansiosa e ao mesmo tempo humilde. Era um convite. Uma súplica que ela o aceitasse mesmo com as diferenças e com os princípios errados que os uniu.

Ela percebeu, ao tê-lo segurando tremulamente sua mão, que, por mais que ele tivesse magoado-a, por mais que ela tivesse chorado por causa dele e prometido a si esquecê-lo, ela jamais conseguiu deixar de crer que terminariam assim, juntos. Sentiu uma lágrima rolar nos olhos, parou em frente ao ministrante e o trabalho foi iniciado.

Christopher notou as lágrimas descendo dos seus olhos e massageou a palma de sua mão com o polegar, tranquilizando-a.

– Você não precisa fazer isso... Não precisa casar comigo para ficar com Peter – inclinou-se para sussurrar. – Não chore – implorou preocupado.

Ela virou um pouco o rosto e observou-o contra o sol de fim de tarde. O azul dos seus olhos contrastavam num *flash* de cores com o azul do lago logo atrás. Lindos e carentes. Ela suspirou e voltou a atenção ao ministro. De repente, tudo parecia certo em seu coração. Todos os caminhos que tomou convergiram até ele. Quem sabe, se não fosse da forma como foi, Christopher nunca teria olhos para ela.

Se Christine não tivesse sofrido a overdose, se o intrincado acontecimento trágico nunca tivesse ocorrido em sua família, talvez Christopher tivesse seguido seu curso de vida normal e já estivesse casado, resolvido, feliz... E os dois não teriam chances. Agora, sob a luz de um novo ângulo, Rebecca podia vislumbrar o futuro que poderiam ter.

O reverendo pediu que se posicionassem um em frente ao outro, ela levantou os olhos e respirou

fundo ao encontrar os seus, tão tristes e contritos, indolentes e sem vida. Devagar, ergueu hesitantemente a mão enluvada e acariciou o queixo dele lentamente, amorosamente. Ele entreceerrou os olhos, confuso, ela sorriu.

Ele registrou novamente o sorriso cheio de promessas de uma hora atrás. Aquele que ela não lhe dava há meses. Talvez, depois de tudo, ela estivesse decidida a lhe dar uma chance – por causa de Peter. Talvez, só talvez, ela estivesse disposta a perdoá-lo. Ele não merecia, mas, se ela o perdoasse, iria compensá-la com seu amor.

– Eu prometo... – começou Christopher a recitar os votos logo que Carolyn e Samuel terminaram. – ... Amar, respeitar... Todos os dias da minha vida – disse solenemente, os olhos fixos nela.

Ela foi a próxima a recitar. – Eu prometo amar, respeitar, cuidar de você – improvisou, e ele franziu o cenho. – Prometo ser sua alegria, te fazer sorrir. Prometo envelhecer ao teu lado no bom ou mau humor, nas dificuldades... Por todos os dias de minha vida – disse com emoção. Ele sorriu comovido, mas incerto.

Terminado os votos, o reverendo declarou-os casados e autorizou que os noivos se beijassem. Christopher inclinou-se lentamente, testando-a, segurou seu queixo e encostou os lábios nos seus respeitosamente. Ela ergueu os dois braços e subiu em seu pescoço. Ele sentiu os lábios ansiosos abrirem-se nos seus e estremeceu quando dedos o acariciaram na nuca. Teve certeza então de que ela lhe oferecia uma oportunidade. E ele, necessitado e carente, recebeu sem relutar, disposto a absorver tudo que pudesse ter dela.

Deus, ela continuava sendo tudo que ele queria. Dava-lhe tudo quando menos merecia. Por um segundo, ele se retesou, em dúvida, ao pensar nisso. Ela aumentou a pressão, forçou passagem da língua e, em total rendição, ele passou os braços em sua volta, pressionou-a a si e esqueceu o motivo da cautela, beijando-a avidamente, apaixonadamente, como se no mundo só existissem eles, ainda que possivelmente aquele beijo fosse só um espetáculo público para dar credibilidade ao casamento.

Foram interrompidos por uma cotovelada de Carolyn, que sorriu, quando os viu separarem-se, e depois abraçou Beckye, parabenizando-a. – Vocês querem roubar a cena, é? – brincou, ignorou Christopher e abraçou Beckye. – Eu que estou grávida. Eu que tenho que ser a noiva escandalosa – ralhrou brincalhona. Christopher deu um último olhar ansioso a Beckye e foram separados pelos cumprimentos dos convidados.

– Tio Chris – Peter exigiu sua atenção quando Christopher terminava de cumprimentar mais um amigo do pai.

– Fale, garotão.

– Você consegue uma dessas para mim – apontou para a aliança de Christopher esperançoso.

– *Pra quê?*

– Vou chamar uma garota para casar comigo – explicou num tom sério e decidido. – Aquela ali – apontou para uma menininha loura, no canto do salão, de uns onze anos, filha de um conhecido de Thomas. – Ela é lourinha como minha mãe era – o menino explicou. Christopher riu, inclinou-se e

bagunçou seu cabelo.

– Você tem que conhecê-la primeiro, namorar – aconselhou divertido. – Depois, você tem só seis anos. Tem muito tempo para pensar nisso – piscou e olhou em direção a Beckye, a menos de três metros, rodeada por amigos da pastoral. – Por enquanto, você devia ajudar o tio a continuar casado – apontou Beckye, com olhar conspirador. Peter sorriu compreensivo ao ver Daniel abraçar efusivamente Beckye.

– Você está linda, Florzinha... – Daniel sorriu, o braço em volta dos ombros de Rebecca. – Nem acredito que minha ex-namorada casou tão rápido. E com um coroa! – fingiu repugnância. Ela sorriu e deu uns murrinhos em seu braço.

– E eu também sou mais velha que você! – lembrou sorridente. – Eu fui só um namorico – brincou.

Ele soltou-a relutante.

– Você foi muito mais que um namorico. Foi você que me tirou das ruas. Então mora para sempre no meu coração – declarou carinhoso, o dorso da mão deslizando no seu rosto.

– Você também mora no meu – sorriu meiga.

– Falando em pessoa mais velha, quando vai me explicar o motivo de ter trazido a Roza?

Rebecca não via motivo de mentir ou esconder a verdadeira identidade da recuperando mexicana Roza.

– Ela é minha cunhada. Irmã gêmea do meu... – olhou no meio da multidão e encontrou Christopher pegando naquele instante uma bebida servida por um garçom. Ela não se sentia à vontade em dizer a palavra *marido*. Não ainda. – Ela é a irmã gêmea do Christopher. Um dia te explico com tempo.

– Tudo bem. Seja feliz, Florzinha – ele deu-lhe um novo abraço afetuoso e demorado. Foram afastados por um ser pequeno que se colocou entre os dois.

– Mamã, tem alguém querendo falar com você – tentou puxá-la pela mão disposto a tirá-la de lá.

Daniel ainda tentou estender o tempo com a amiga. – O David ligou e mandou votos de felicidade – avisou.

– Ele está bem? – perguntou antes que fosse afastada por Peter.

– Sim – baixou o tom e adicionou com pesar. – Está escondido, mas parece tranquilo.

– Tudo vai ficar bem – deu um sorriso tranquilizador, afastou-se com um aceno e deu alguns passos para receber os próximos cumprimentos. Primeiro falou com Matthew e Jeniffer, depois com Ethan e com outro colega de trabalho de Christopher. Voltou para perto dos amigos da pastoral e esqueceu que era seu casamento. Juntou-se a eles numa discussão amistosa com um Senador sobre recursos para casas de recuperações, ao tempo em que comia entradas servidas pelos garçons uniformizados de branco com luvas. Expôs animadamente os méritos da pastoral para uma juíza com uma série de

sorrisos atenciosos.

Carolyn avisou-a discretamente que ela tinha que posar para algumas fotos, já que não fez a prévia por teimosia. Rebecca pediu licença e afastou-se da juíza.

– Ai, Beckye, é tão estranho estar casada – Carolyn comentou, pegou um canapé servido na bandeja pelo garçom e molhou no coquetel de frutas que bebia.

– Eu também acho – concordou sincera, mas não queria pensar sobre o casamento agora. O fotógrafo posicionou a máquina, Rebecca fez poses e deu sorrisos radiantes para os *flashes*. – Ficou lindo tudo aqui – Rebecca apontou o quintal decorado, ao terminar as fotos. Uma chuva de fogos de artifícios chamou sua atenção quando iluminou o céu. – Que lindo! Você ajudou a organizar tudo?

Carolyn deu de ombros.

– Ajudei com pouca coisa – fez um bico de falsa modéstia – Eu escolhi a comida com o *buffet*. Christopher escolheu quase tudo da decoração, tipos de rosas, cores predominantes, contratou os serviços dos fogos de artifício – enumerou. – Ele avisou que queria algo alegre. Já o ministrante e os músicos, o pai dele que escolheu.

Rebecca suspirou preocupada e olhou ansiosa a Christopher. Separando-os, havia uma diversidade de pessoas que conversavam, comiam em suas mesas. Garçons transitavam. Isso além de um enorme abismo emocional entre os dois. Carolyn notou seu olhar desassossegado e juntou as sobrancelhas.

– O que foi?

– Christopher está bebendo – torceu os lábios, desgostosa, dando a primeira desculpa que veio à mente. – Não acho bom.

– Ai ai, por quê? – balançou a cabeça, desentendida.

– Eu não gosto de bebida, você sabe – cruzou os braços, notando que ele parecia triste, isolado, encostado a uma pilastra, e olhava compenetrado para o copo. Nem mesmo fazia questão de dissimular o tédio. Ela suspirou, relutante em ser ela a tomar a iniciativa de se aproximar novamente dele.

– Não é porque sua mãe bebia e se drogava que você precisa carregar esse trauma pra sempre, Beckye. Beber um pouco não faz mal. Além disso, ele é presbiteriano. Os presbiterianos podem beber.

– Você *tá* errada – teimou com um sorriso cândido. – Presbiteriano é proibido beber.

– E daí? Você é ortodoxa, lá é proibido dar antes de casar, e você deu – acusou com insolência. Rebecca rolou os olhos para a indiscrição de Carolyn.

– Não acredito que *isso* seja pecado. Principalmente quando é feito com... Bem, feito com amor.

– Lá vem você com suas teorias e desculpas – criticou brincalhona. – Ou obedece ou não obedece.

Rebecca ignorou a crítica de Carolyn e lembrou-se de algo. – Carol, você sabia que a irmã do

Christopher está viva e está aqui?

– Sei. Samuel acabou de mostrá-la. Ele já me falou dela antes, quando Aleksey estava no México – explicou simplesmente.

– E por que nunca me falou? – abriu a boca incrédula.

– Porque ele não tinha falado claramente. Além disso, tem segredos que ele me confia que não posso revelar. Eu lamento ter que agir como surda e cega – lamentou sincera.

– Eu entendo – tranquilizou-a, dizendo para si que no lugar da prima também optaria pela lealdade.

Deu um olhar furtivo novamente a Christopher, e ele agora recebia os cumprimentos de Rachel, um abraço caloroso e íntimo num canto isolado perto de uns arbustos. Rebecca sentiu o estômago embrulhar com a repentina insegurança. Todas as dúvidas possíveis rodearam sua mente. *Será que marcaram um encontro escondido, depois de tudo? Quem a convidou para seu casamento?*

– Nem pense em se encolher e agir como uma alface fria e afetada! – Carolyn repreendeu ao flagrar seu olhar e puxou-a disfarçadamente ao local onde Christopher estava. Orgulhosa, Beckye tentou soltar-se. Mas Carolyn foi firme. – De uma vez por todas, você tem que se impor, Beckye. Faça a lagarta de cabelo de fogo tirar as patas de seu homem! – exigiu séria, depois sorriu dissimulada. – Igual eu fiz com a Mariah. Rubei Samuel, dei o golpe da barriga e obriguei-o a ficar comigo.

Rebecca rolou os olhos. – Você sabe que não foi assim. Você nem mesmo gostava de criança ou queria se casar!

– E daí? Eu sempre posso colorir a história para os meus netos – deu de ombros, entraram nas sombras isoladas e pararam escondidas atrás de um arbusto, de modo que Christopher não as visse.

– Eu não desisti de você, querido – Rachel declarou com confiança, os braços em volta do seu pescoço. – Meu pai disse que dentro de uns meses você vai ficar entediado dessa menininha e é comigo que irá procurar diversão enquanto a bobinha vê desenho animado em casa.

– Você é sem noção, Rachel. Hoje é o meu casamento – disse baixo, tranquilo, ao tempo que dava passos para atrás, distanciando-se mais das pessoas. Tentou tirar educadamente a mão possessiva de seu pescoço. Ela não o soltou e acariciou seu rosto.

Rebecca queria sair de lá e não presenciar a cena humilhante.

– Eu te perdoo pelo seu ato desesperado, meu amor – A ruiva disse com um risinho malicioso e olhou malignamente por cima do ombro dele. – Desde quando você era um garoto, eu decidi que você era meu... E sempre vai ser – declarou e inclinou-se para beijá-lo.

– Você enlouqueceu, Rachel! – rosnou baixinho e apertou seus pulsos, enojado e incrédulo. – Tire suas mãos de mim! – rangeu os dentes e inclinou-se para falar mais próximo. – Eu não gosto de você. Não quero você. Já disse isso dez vezes! Você é insípida, insistente e sem amor próprio. Pensa que

sendo boazinha ou usando seu pai vai me ter nas mãos? Engano seu! E se você não for embora daqui imediatamente, eu irei te tirar a pontapés – ameaçou encolerizado.

Christopher sentiu um braço cálido e familiar envolver seu pescoço.

– Olá – ouviu a voz melodiosa de Beckye, virou o rosto e temeu o que ela concluía daquele encontro. Ela tinha o semblante composto, um olhar sereno, mas pelo que a conhecia, notou a fúria sob a máscara. – Como vai doutora? – sorriu afetada e olhou superiora para Rachel. – Você não ouviu o que ele disse? Prefere ir embora daqui com dignidade, ou prefere que os seguranças varram a barata cor de portão enferrujado para fora? – sugeriu de queixo erguido, como uma rainha demandando com o cetro.

Rachel olhou de um ao outro, enraivecida. Num movimento rápido e traiçoeiro, retirou algo pontiagudo da bolsa, jogou-se sobre Beckye, separando-a dele, apontou-lhe uma faca em seu pescoço e a arrastou pelo cabelo até a beira do lago.

– Não se aproxime, Chris, se não a corto – Rachel vociferou, seu rosto de um vermelho que denotava desequilíbrio. – Se você não vai ficar comigo, com ela também não vai ficar – ameaçou, a faca tocando a jugular de Beckye. – Você agora vai assistir mais uma pessoa afundar no *lago dos seus sonhos* – escarneceu entre dentes, lembrando-o de seus antigos pesadelos.

Christopher levantou as palmas na altura da cabeça cautelosamente, o olhar sombrio, ódio e medo pulsando adrenalina em seus ouvidos e acentuando sua impotência. Carolyn pôs a mão na boca e olhou para os lados, procurando com os olhos alguma ajuda. Todavia, as plantas ornamentais do jardim e as sombras de início de noite os isolavam.

Do outro lado do lago, Christine assistiu à cena e fechou os olhos. *Flashes* do acontecido de quase sete anos atrás se repetiram sob suas pálpebras. Com o corpo tremendo por um espasmo causado pela lembrança, dobrou-se sobre si, apertando o estômago, e viu, de longe, o momento em que o menino louro, escondido pelas sombras, engatinhou próximo aos arbustos, deitou-se no chão, escondido atrás de Christopher, levantou a perna da calça dele e tirou algo do seu calcanhar.

– Você não devia ter se intrometido com o que era meu, *Florzinha* – escarneceu a psicóloga. Beckye encarou-a imperturbável. – Coitadinha, agora você vai ser uma florzinha no fundo do lago – ironizou.

– Solta minha mãe! – uma voz baixa foi ouvida. Rachel virou o rosto, incrédula, e deparou-se com Peter, ajoelhado ao lado da perna de Christopher, apontando-lhe uma arma.

Ela olhou-o com desdém e aumentou a pressão da mão no cabelo de Beckye.

– Eu não tenho medo de arma de brinquedo, *tampinha*.

– Não é de brinquedo, Rachel – Christopher avisou, ainda com as mãos para cima. – É uma Glock, calibre 28, com munição Gold de ponta oca – enumerou para distraí-la, tentando soar seguro. – Conhecida como Glock *baby* – adicionou. – E o menino sabe atirar. Eu mesmo o ensinei – garantiu. –

Mas não se preocupe. A munição não estragará seu rosto. Só seus miolos que serão comida de peixe no *lago* – elucidou para aterrorizá-la com uma frieza e impavidez que passavam longe do temor e violência que queimavam em seu sangue.

Rachel tremeu indecisa, em todo tempo encarando o menino.

Para provar sua segurança, Peter ficou em pé, com intrepidez, e continuou encarando-a, valente. – Solta minha mãe, *dотора* – ameaçou com as duas mãos na arma.

Rachel não podia ver que suas mãos pequeninas tremiam. Rachel não podia ver que a criança fez beicinho e queria chorar de medo. Christopher percebeu.

– Peter, calma – pediu Christopher e ajoelhou-se devagar, olhando Rachel. – Dá a arma para o tio Chris, com cuidado – instruiu-o.

Peter obedeceu. Christopher assumiu a arma, incorporou e fez mira seguramente na cabeça de Rachel. – Solte-a, ou atiro – ameaçou. Suas pupilas dilataram de ódio mortal, o ar entrou denso em seus pulmões. Por um instante fugaz, encontrou o olhar de Beckye, e ela moveu o rosto minimamente, num pedido mudo de que ele não fizesse.

Rachel encarou-o e riu histérica. – Você não atiraria. Você nunca atirou em ninguém nos anos de Federal – zombou, mas suas mãos tremiam de insegurança.

– Carolyn, chame a polícia – Christopher comandou com ferocidade, aproveitou o instante em que mais fogos de artifício cobriram o céu, mirou diligentemente a lateral da cabeça de Rachel e apertou o gatilho com precisão cirúrgica. Rachel arregalou os olhos, abriu a boca e soltou lentamente a faca, chocada. Rebecca aproveitou aquele instante de fraqueza, soltou e correu para trás de Christopher.

– Você... – Rachel ergueu a mão perplexa e tocou o brinco de diamantes, anteriormente em forma de cascata, agora quente e partido pelo projétil. – Você teve coragem! – avançou fora de si em direção a ele.

Christopher deu um passo à frente, irado, e afastou-a de si com uma mão fechada em sua garganta. *Podia estrangulá-la por ameaçar algo dele.* Empurrou-a impiedosamente e a fez dar passos para trás propositalmente, até ela pisar em falso na borda do lago.

– Nade no *lago dos meus sonhos*, Rachel – recitou gelado ao vê-la cair de costas na água. Ela afundou, voltou à superfície e olhou em pânico para água, debatendo-se e rosnando como se tivesse mil demônios perseguindo-a.

Ele lhe deu as costas com a agressividade controlada sob uma máscara de indiferença e aproximou-se de Beckye, que abraçava Peter ajoelhada no chão.

– Peter protegeu mamã – o menino repetiu alegre e orgulhoso. – Peter já é homem. Protegeu mamã.

– Sim, meu amor. Protegeu – Beckye concordou e o beijou amorosamente, como se nada tivesse acontecido. – Você é meu herói. Mas Beckye ficou com medo por você. Nunca mais pegue numa arma – exigiu quando viu Christopher voltar a arma ao coldre de seu calcanhar, surpresa e grata que ele tivesse vindo armado para o próprio casamento e perplexa com o fato de Peter ter tido a ideia de

pegá-la. – E está proibido qualquer *game* com armas – determinou. O menino assentiu movendo a cabeça e voltou a abraçá-la com ternura.

Carolyn chegou segundos depois com Ethan, Matthew e dois seguranças. Os dois seguranças ajudaram Rachel a sair do lago. Matthew e Ethan sorriam.

– Estava com calor, doutora? – Matthew gracejou. Ela esperneou e grunhiu.

– Levem-na para fora discretamente e chamem uma viatura – Christopher instruiu a Ethan com intuito de controlar os danos. – Mais tarde eu peço a meu pai que resolva questões legais – avisou. E foi rapidamente obedecido.

Depois de vê-los arrastá-la discretamente pelo jardim, Christopher suspirou, fechou os olhos e apontou o rosto para o céu, cansado.

Capítulo 08 - Aliança & Fé

– Desculpe por isso, Beckye – pediu, ainda de olhos fechados. – Ela quase estragou a festa.

Rebecca observou-o silenciosa. Ele parecia a cada segundo mais chateado. Decidiu que o melhor era esquecer o ocorrido e tentar salvar a noite. Deu um tapinha no bumbum de Peter, mandou-o brincar, e o menino correu.

– Não foi nada. Vamos esquecer. Como eu estou? – apontou para o vestido e espanou-o. – Ah, não, ela bagunçou meu cabelo! – tentou arrumar alguns cachos, dissimulando seu estado real de nervosismo.

– Você está bem.

– Falando em festa... – sorriu e enlaçou corajosamente os dedos nos dele. – Você organizou tudo muito bem. Eu não faria melhor que você.

Ele olhou-a de lado meio desconfiado. Mais uma chuva de fogos de artifício coloriu o céu. Os dois olharam para cima, presenciando as explosões coloridas.

– Eu imaginei que você merecia algo assim, jovem e leve – explicou sem ânimo na voz.

– Ficou ótimo – ambos permaneceram no jardim, de mãos dadas, e ouviram em silêncio a música que tocava ao fundo. – Vamos voltar para festa e nos misturar? – ela propôs entusiasmada.

– Podemos – assentiu e voltaram ao local de movimento, deixando para trás as sombras, o lago e o acontecido. Um garçom passou por eles, e Christopher serviu-se de outra bebida.

Rebecca podia quase tocar no muro os separando. Aquele era o dia do seu casamento e agiam como estranhos. A despeito disso, ele exercia a mesma fascinação sobre ela. Ela queria diminuir a distância. Queria tocar seu rosto, afagar seus cabelos e fazê-lo esquecer.

– Você nunca me disse... – começou, ansiando poder deitar o rosto em seu ombro e familiarizar-se com o perfume que o vento trazia ao seu rosto.

– O quê?

– Você nunca me disse que ela não significava nada para você. Sempre me deixou imaginar, pensar...

– Muita coisa não foi dita entre nós, Beckye – lembrou pesaroso e manteve os olhos, sem ver, no movimento de convidados próximos a eles, enquanto sufocava o desejo de abraçá-la, pressioná-la ferozmente contra si e inspecionar ansiosamente se ela estava bem. Afinal, ela foi ameaçada com uma faca no pescoço. Entretanto, ela era teimosa o suficiente para não demonstrar fragilidade. Aliás, ela não parecia estar em sua própria lista de prioridades... Diante de tudo que passou minutos atrás, só preocupou-se com Peter... *Sempre Peter.*

Rebecca olhou em volta. Convidados riam, a orquestra tocava, luzes piscavam, flores compunham

arranjos, jasmims e flores aromatizavam o ar... Mas por dentro Rebecca sofria a agonia da incerteza. Percebia a expressão desesperançada no semblante de Christopher e não sabia o que fazer para mudar. Teriam que restaurar a intimidade cedo ou tarde, óbvio. Ergueu decididamente a mão e acariciou-o desde a fronte à nuca.

– Olá! – disse tímida e encostou-se em sua frente. Não poderiam mudar o passado ou o que viveram, sabia disso. Mas poderiam recomeçar. Adotou uma postura mais segura e animada. – O que você está bebendo? – ergueu a mão ao copo que ele segurava e cheirou.

Ele teve uma vaga sensação de *déjà vu*. Então ela fez uma cômica cara de alívio.

– Ufa, pensei que você estivesse ingerindo álcool – devolveu o copo, e ele finalmente se lembrou de onde reconhecia a cena. Ela continuou a brincadeira, faceira. – Sabia que viciados costumam recair quando ingerem bebidas? – encenou a conversa que tiveram na primeira vez que se encontraram. Ele queria saber aonde suas atitudes bizarras os levariam.

– Prazer, sou Fllor, com dois L...

Ele sorriu levemente e balançou a cabeça, lembrando-se da menina de rosa que entorpecera seu senso prático e fisgou seu coração, deixando-o impotente e desarmado.

– De linda e legal – ele completou com um sorriso e adicionou: – E você queria o terceiro L de loura, mas como agora você é morena...

– Você lembra?! – ela deu um pulinho, surpresa.

– De tudo – sussurrou e exalou um longo suspiro. – Você quer dançar? – estendeu a mão, em dúvida.

– Isso não está no seu *script*. Sou eu que faço essa pergunta – lembrou animada. – E você responderia que não sabe dançar – acusou e minimizou o ressentimento com um sorriso.

Ele aproveitou a deixa para se redimir.

– Podemos fazer a história diferente desta vez, Beckye – sugeriu, e a proposta saiu como uma súplica. – Eu posso não repetir erros do passado, se você permitir... Quer dançar? – propôs novamente, a mão estendida. – Eu danço valsa muito bem.

Rebecca estendeu a mão solene, caminharam de mãos dadas e postaram-se ao lado de Carolyn e Samuel para iniciar a valsa tocada pela orquestra.

**

Carolyn relatou o ocorrido no jardim a Samuel e agora sorria despreocupada enquanto valsavam.

– Eu queria que sua barriga estivesse maior – Samuel sussurrou carinhoso em seu ouvido.

– Pra quê?

– Para que meus amigos vissem meu bebê crescendo em sua barriga.

– Você está querendo se mostrar – Carolyn ralhou brincalhona com um tapinha em seu ombro. – Um garanhão exibindo a égua fecundada.

– Não. Lógico que não – pôs a mão na boca com horror fingido. – Eu estou é orgulhoso em ter você.

– Sério?

– Nunca falei mais sério – ele desceu a mão e acariciou levemente sua barriga.

Contagiada pela magia do momento, pelos sorrisos em volta, pelas luzes que os iluminavam e tornava o clima romântico e promissor, Carolyn suspirou e ousou abrir o coração.

– Eu quero ser o melhor para você, Sam. Quero fazer você feliz – declarou calorosamente.

– Você já faz. Eu amo sua autenticidade, sua honestidade... – encostou as testas, ainda movendo-se lentamente ao som da música. – Amo você, docinho. Casar com você foi a melhor decisão que tomei na vida.

**

Christopher inclinou o rosto até o ombro de Beckye e inspirou furtivamente seu perfume floral, hesitante ao pensar no futuro.

– Você deve ser tímido – Beckye voltou a dizer, reproduzindo deliberadamente a mesma conversa da noite em que se conheceram.

– Não – fechou os olhos pensativo, disposto a dar continuidade ao que ela começou e falar um pouco de si. – Tímido não. Mas sou difícil de fazer amizade – disse sinceramente, movendo os pés ao som da música. – Além disso, demoro a confiar nas pessoas. Sou cabeça dura e teimoso.

Ela afastou-se e registrou contente a abertura que ele lhe dava, ergueu a mão e deslizou em seu cabelo. – Gosto do seu corte de cabelo – disse carinhosamente, explorando seu rosto com fascínio.

Ele ficou repentinamente sério, suspirou e fechou os olhos.

– O que você quer, Beckye? – segurou seu queixo e acariciou o lábio com o polegar. A eletricidade crepitou entre eles quando ela abriu instintivamente a boca e encostou a língua no dedo. – Eu não consigo te acompanhar.

Ele estremeceu como se tivesse levado um choque e afastou-se sutilmente para ocultar a reação.

– Primeiro você me odeia e não quer casar. Aí você traz minha irmã aqui, expõe minhas culpas e me obriga a desistir de você. Mas então você impõe o casamento como forma de me punir, ou eu me redimir, que seja. Daí você chora na cerimônia como se estivesse cometendo o pior erro da sua vida. Ato seguido você me beija loucamente, fazendo um *show* em público. Depois abraça seu ex e fica de sorrisos afetivos com ele – torceu os lábios, desgostoso e prosseguiu:

– Agora está aqui, me olha como se eu fosse comestível e me acaricia! Não dá para entender. O que você quer? É um acordo só no papel ou não? Será assim o nosso casamento? A mesma montanha

rusa do nosso breve noivado? – expôs exasperado.

– Quem é você? – Beckye ignorou seu desabafo com um apelo silencioso nos olhos para que ele colaborasse. Que deixasse as coisas irem levemente.

Ele deu um bufo impaciente, sem saber que tipo de resposta ela queria ouvir.

– Quem eu sou...? – fez uma careta, cético. – Você sabe quem eu sou!

– Não. Não sei! – olhou-o séria. – Eu não conheço você, Christopher. Tudo que sei é que é um homem bonito, com belos olhos azuis, corpo viril e um perfume bom. Mora sozinho, trabalha para o governo, pratica defesa pessoal e sabe atirar precisamente... Porém, de você não sei nada. Aliás, tudo que sei, não tenho certeza do que é verdade. É o homem que encontrei numa rua quase um ano atrás, que me enganou, e eu me casei com ele. É um homem territorial, arbitrário certas vezes, vingativo e protecionista. O que mais eu deveria saber desse homem que não tenha sido editado quando namorávamos? – pressionou séria, indiferente às pessoas que dançavam próximas.

Ele baixou a guarda diante do seu tom incisivo e buscou na mente o que deveria ter falado desde o início para que tivessem começado diferente. Descobriu rapidamente suas falhas. Decidiu recomeçar do jeito certo.

– Tudo bem – voltou a acompanhar o ritmo lento da orquestra. – A vida toda tive uma sensação de vazio e deslocamento – começou sem um rumo certo, olhando distraído para seu cabelo, os dedos enrolados em alguns cachos artificiais.

– Continue – ela encorajou e acariciou seu peito por dentro do fraque, no lugar de seu coração.

– Quando eu tinha onze anos, vivia aborrecido. Só queria minha irmã e mãe... – contou detalhes de sua convivência, movendo-se com a música, que trocou e trocou, sem que percebessem. – Eu as perdi e, perseguindo alguém, adotei uma vida que eu também não me encaixava – lamentou. – No entanto, você apareceu e foi como se uma luz expulsasse o frio, o vazio. Foi doce. Cálido. Fácil. Eu encontrei meu lugar. Você me fez querer viver ao invés de viver a vida de outros.

– Fui? – sorriu surpresa.

Ele segurou o rosto querido em suas mãos, decidido. – Eu preciso de você, Beckye – declarou fervorosamente, com todo o rastro de apatia apagado.

– Você não parece precisar de ninguém. A imagem que fiquei de você é a de um homem durão, sério, frio, um líder treinado que comanda a Narcóticos de L.A – enumerou calculadamente.

– Pelo jeito você parou no tempo e não lê jornal – comentou com um sorriso amargo. – Sim. Ainda sou policial. Mas um policial fracassado. Um agente que envolveu profissão com vida pessoal. E por você, jogaria tudo para o alto, se isso fizesse você feliz – expôs honestamente.

– Será que Christopher vai liberar você para dançar com outro parceiro pelo menos uma vez? – interrompeu-os Thomas com um sorriso amistoso.

– Eu danço, mesmo se ele não liberar – concedeu Beckye carinhosamente e pôs as mãos nos

ombros de Thomas. Christopher afastou-se com um sorriso.

– Obrigado, Beckye – Thomas agradeceu, ao tempo que girava com a menina nos braços. – Obrigado por ter dado uma chance a Christopher – elaborou. Ela iria protestar, dizer que não foi uma chance, mas sim um acordo. Ele prosseguiu. – Eu sei o que fez. Perdoou-o porque o ama. E foi muito valente em tê-lo enfrentado como fez.

Ela sorriu. Sorriu porque não conseguia esconder nada dele.

Christopher afastou-se pensativo, passou por um garçom e serviu-se de outro guaraná.

– Christopher – foi surpreendido com uma mão em seu ombro. Era Jason Freeman. – Eu preciso ter uma conversa com você.

Christopher seguiu-o desconfiado a um local isolado.

– Parabéns pelo casamento – aplaudiu-o no ombro. – Engraçado, eu sempre pensei que no fim você fosse ficar com minha filha – comentou com um sorriso. Christopher intuiu que ele não devia saber do ocorrido mais cedo com Rachel ainda. – Ela tem certa fixação por você, e eu sempre julguei que fosse algo no DNA da família – comentou sugestivamente. Christopher demorou alguns segundos para compreender.

– Como assim, no DNA? Mais alguém da minha família...? – parou abruptamente de falar e lembrou-se de anos atrás quando Jason costumava visitar Lisandra no laboratório. – Você não quer dizer que você e minha mãe... – interrompeu-se horrorizado. Jason riu.

– Sua mãe foi uma destruidora de corações – comentou maliciosamente.

– Por que isso agora? – perguntou ofendido. Sua atenção fixou-se em Christine. *Ainda era tão irreal saber que sua irmã estava viva!*

– Porque eu confio em você – disse Jason. Christopher voltou sua atenção a ele. – E nesse nosso mundo, encontrar alguém confiável para negócios é muito difícil.

– Que negócio? – espreitou curioso.

– Christopher, Christopher, sua propensão natural à inocência é admirável – riu. – Bom, você vai sair em lua de mel agora, mas, quando voltar, irá novamente assumir a Narcótico de Los Angeles – revelou. Christopher abriu a boca, surpreso. – Antes, eu te contratei por consideração a Thomas, então, fatidicamente, nossa Divisão virou alvo de uma perseguição à minha revelia. Sorte a nossa Matthew ter entregado Sebastian e relatado que tudo foi feito sem que você soubesse – lembrou com um sorriso enigmático. – Depois, para provar sua integridade como policial, teve aquele vídeo de uma ação real em Washington D.C. em que você se manteve íntegro. E isso contribuiu para influenciar a opinião pública. Portanto, agora te darei o cargo por mérito seu.

– Não é bom que eu volte – Christopher opôs-se sensato. – A Narcóticos ficou muito exposta.

– Lógico que não. Você se saiu muito bem de tudo. No começo, eu achei que você cairia como os

outros. E fiquei na reserva. Então eu vi você se levantar pouco a pouco. Foi um golpe de mestre expor os vídeos das armações para o público. Você é bom – deu-lhe um novo tapinha. Christopher percebeu que ele se referia aos vídeos que Ethan soltou na internet. Jason continuou. – Como você está enfrentando a Justiça e regularizará sua situação, poderemos trabalhar juntos...

Christopher iria questionar por que, necessariamente, *ele*, quando tinha planos futuros de mudar de vida. Mas Jason viu Samuel aproximando-se e encerrou o assunto.

– Quando voltar, me procure – afastou-se com um mover de cabeça. Samuel olhou-o desconfiado e esperou que ele saísse de vista.

– Chris, nosso avião decola às 23h. Está na hora de nos prepararmos – Samuel avisou e pôs a mão em seu ombro. – O que Jason queria?

– Eu não sei bem – confessou. – Falou algo sobre eu voltar a assumir a chefia da Divisão de Los Angeles.

– Estranho. Ou ele crê na sua integridade, ou... – Samuel olhou de canto para Jason e conjecturou qual seria sua ideia em abordar Christopher. *Não se meta conosco, Jason. Sua vez chegará*, pensou. Seguiram para a mesa do bolo e posicionaram-se próximos às noivas para algumas fotos. Meia hora depois, Christopher segurava Peter no colo, enquanto Beckye e Carolyn jogavam o *bouquet*.

– Tio Chris, agora que você é casado com a Beckye, o coração dela é maior para o Peter ou para você? – Peter questionou, interessado.

– É claro que é maior para o Peter? – Christopher tranquilizou-o com um sorriso e apertou o nariz do garoto esperto.

– Posso te falar um segredo para Beckye gostar de você igual de Peter? – Peter sugeriu, o rosto de Christopher nas mãos.

– Sim. Sim. Sim – Christopher concordou balançando a cabeça várias vezes, brincalhão.

– Peter não faz a Beckye chorar. Por isso ela gosta mais dele. Se você parar de fazer ela chorar, ela também vai gostar de você – disse com ar adulto e sério. – Peter viu Beckye chorar duas vezes por causa de você. Ela disse que não, mas Peter sabe que sim.

– Eu lamento – torceu os lábios com dissabor.

– Você promete fazer ela rir muito, beijar bastante o rosto dela, dizer o quanto ela é bonita de manhã, dizer que a ama todo dia? – questionou com os olhos inteligentes ansiosos. – Se você fizer isso, o coração dela vai crescer pra você.

Christopher suspirou, pensando com nostalgia o quanto gostaria de ter de volta as diversas manhãs que acordaram juntos com sorrisos, beijos e cumplicidade. Balançou a cabeça, assentindo.

– Eu prometo – jurou solenemente. Peter o abraçou forte, Christopher abraçou de volta. Não notaram por trás deles o olhar ávido de Christine observando-os.

Beckye aproximou-se suada e eufórica, pegou Peter do colo de Christopher e abraçou-o.

– Você vai ficar bem, meu amor? – perguntou carinhosamente.

– Sim.

– Você não vai levá-lo? – Christopher questionou surpreso.

– Não.

Rebecca tinha decidido que se fosse obrigada a viajar, levaria Peter porque ele serviria de escudo contra as investidas de Christopher, caso o casamento continuasse uma imposição. Mas agora que a decisão foi sua, alguns minutos atrás conversou com Peter e perguntou se ele a deixava viajar sozinha com o tio Chris. O menino aceitou tranquilo.

Christopher pôs a mão no bolso, olhou para o decote do vestido tomara que caia e sorriu com antecipação, imaginando os dois sozinhos em um lugar tão exótico. Se ela permitisse, ele a faria feliz.

– ... Bebê, não dê trabalho a tia Olga – Rebecca instruiu. – Será somente uma semana. Coma bastante legumes, verdura. Escove os dentes antes de...

– *Tá bom, mamã* – beijou seu rosto dispensando as instruções as quais sabia decoradas. – Peter já é homem. Não é para se preocupar – segurou o rosto da adorada mãe nas mãos. – É para você ficar feliz. Quero que você case sempre com o tio Chris, porque hoje que você casou você está feliz.

– Beckye não estava triste – retrucou com um sorriso e escondeu o rosto para que Christopher não visse seu embaraço. Christopher afastou-se e passou a conversar com a irmã.

Rebecca desceu o garoto, seguiu para a mansão pelo caminho de pedras iluminado e entrou na casa de mãos dadas com Peter, seguida por Christopher e Christine a alguns metros. Christopher tinha o braço sobre os ombros da irmã, familiarmente. Christine explorava cada pequena atitude de Peter com Beckye. Na base da escada, Christopher parou em frente à irmã.

– Eu senti muito sua falta, Christine – declarou emocionado.

– Eu te amo, irmão – abraçou-o efusiva, querendo recuperar todo tempo perdido.

Rebecca entrou no quarto de hóspedes que ocupava e deparou-se sobressaltada com sua mala negligentemente no canto do quarto, sem nenhuma roupa. Abriu as portas do guarda-roupa apressada e observou as sacolas de roupas que Carolyn comprou, agradecida que a prima tivesse se ocupado disso. *‘Mesmo que você não case com ele...’*, Carol disse ao chegar com as compras. *‘... o dinheiro dessas comprinhas não vai fazer falta para eles’*.

Sorrindo, Rebecca jogou tudo que precisava na mala e deu instruções a Peter para que ele pegasse suas sandálias enquanto organizava cosméticos. Os dois moveram-se a passos apressados e desordenados. Num tempo recorde, ela fechou as malas e sentou-se com um suspiro de alívio na cama. Peter sorria animado pela aventura.

– Conseguimos mamã! – jogou os braços em volta do pescoço dela e sentou-se em seu colo.

Após o transtorno de passar pela Agência do FBI no Aeroporto Internacional de Los Angeles, para validar a autorização de saída do país para Christopher, os dois casais seguiram uma viagem tranquila rumo às ilhas da Polinésia Francesa.

Rebecca deitou o banco do avião e dormiu quase todo o trajeto. Enquanto Christopher vigiava seu sono, conjecturou diversas explicações para sua resolução de viajar sem Peter sendo o menino o motivo principal deste casamento. Deitou-a em seu colo e cobriu-a com sua jaqueta, ao tempo em que lhe acariciava o cabelo. Tinha tanto medo de fazer as coisas erradas novamente. Não queria precipitar-se, atropelar tudo e tirar conclusões equivocadas.

Três da manhã, pousaram na costa. Usaram uma lancha para chegar ao Resort e um Buggy os levou ao chalé que ocupariam, o qual distava pelo menos 200 metros do próximo hóspede. Beckye mal entrou no quarto, caiu cansadamente na cama e dormiu. Christopher permaneceu algum tempo observando-a do sofá, assistindo-a mover-se inquieta no vestido soltinho florido, com coxas expostas. Lutou contra o sono um instante, deleitando-se com a visão. Ansioso com o futuro, deitou-se ao lado dela totalmente vestido – *para não convidar a tentação* –, e entregou-se ao sono.

Acordou com a claridade do sol no rosto, esfregou os olhos, atordoado pela série de acontecimentos no dia anterior e tateou a cama... Sozinho. Absolutamente sozinho. Levantou-se mal-humorado, caminhou de olhos semifechados até o banheiro, jogou a roupa no cesto e tomou um banho. De volta ao quarto, visualizou a mala de Beckye aberta. Abriu a sua própria mala e vestiu uma sunga preta, bermuda de brim branca e camisa tropical verde que Carolyn comprou. Comeu umas frutas na mesinha de lanche, passou protetor solar no rosto e saiu do chalé usando boné e óculos de sol.

O complexo era rodeado por chalés com praias privadas, interligados por passarelas de madeiras que levavam ao centro da ilha, local onde ficava a recepção do Resort, restaurante e bares. Christopher caminhou pela passarela distraído com a beleza natural do lugar, passando por jardins e vegetações tropicais. Atravessou a luxuosa recepção: um bangalô com piso de vidro sobre uma lagoa com a visão de um viveiro de coral com várias espécies de peixes nadando sob os pés na água turquesa. Cumprimentou, sério, as recepcionistas e desceu os degraus para a praia.

Passou entretido ao lado da grande estrutura do restaurante em madeira natural e bambu e avistou de longe Samuel sentado em uma banquetta no bar, próximo às espreguiçadeiras enfileiradas na areia branca. Tirou as sandálias, segurou-as na mão para caminhar na areia e apressou-se até o irmão.

– E *aê* – cumprimentou-o e sentou-se na banquetta do bar. Olhou todos os lados, procurando Beckye.

– Bom dia! – Samuel respondeu alegre.

– Pelo jeito vocês acordaram cedo – comentou Christopher ao olhar o relógio de braço. 10:40AM. Queria que Beckye o tivesse acordado para acompanhá-la. Em todo caso, não ia ser pegajoso, ciumento, nem possessivo. Não iria sufocá-la nem agir precipitadamente, repetiu mentalmente.

– Sim. As mulheres estão tomando sol desde oito – Samuel levantou-se e recebeu do garçom dois copos enfeitados com guarda-chuvinhas artesanais. – Tive que vir ao bar, porque o pedido da minha

mulher é especial. Ela ficou com medo do garçom não entender – rolou os olhos, divertido. – Ah... – parou como se lembrasse de algo importante quando já caminhavam em direção às cadeiras. – Só pra registrar, sua mulher tem bustos bonitos – disse brincalhão.

– Quê? – Christopher juntou a sobrancelha sem entender. Samuel apontou despreocupado para frente, onde Christopher percebeu perplexo que dezenas de mulheres expunham-se em espreguiçadeiras de junco fazendo *topless*. – Que merda é aquela? – ofegou boquiaberto ao perceber Beckye na oitava cadeira.

– Um monte de mulher tomando sol – rolou os olhos como se fosse o óbvio.

Esse não era o caso. Pro inferno se um monte de mulher dos outros fazia *topless*. A *dele* não!

– Isso eu vi – manteve os olhos fixos lá, carrancudo. – E que falta de respeito é essa de você falando dos *bustos* da mulher dos outros? – inquiriu emburrado.

O que estava dizendo mesmo minutos atrás? Ah, nada de ser possessivo. Bem, falar era fácil.

Samuel riu zombeteiro e deu de ombros.

– Ai, ai, e agora você vai ter ciúme do próprio irmão quando estrategicamente o bar fica bem ali... – apontou para o lugar de onde vieram. – Com todos os homens podendo apreciar abertamente – arregalou gracejador.

Christopher olhou para trás, viu os diversos rostos masculinos, fechou as mãos em punhos e ficou mais mal-humorado.

– Relaxa, irmão – Samuel riu e bateu com o cotovelo em sua costela. – Quando se vê de dúzia assim, fica tão comum como ver bumbuns – piscou. – Desmistifique os seios! Liberte-os da opressão! – dramatizou. – Além do mais, todo mundo que está aqui tem companhia. O Resort é especializado em famílias. Ninguém aqui veio à caça – tranquilizou-o. – Por falar nisso, como foi seu resto de noite? Deu pra relaxar? Vocês se acertaram?

– Deu pra relaxar – respondeu evasivo, de maxilar travado com o furioso e impotente ciúme.

Seu irmão não sabia sobre os novos termos do arranjo, nem sobre sua insegurança e dúvida. E Christopher não queria se expor. Quando comprou o pacote para a lua de mel, imaginou que mesmo que Beckye trouxesse Peter, com o passar dos dias, o ambiente afrodisíaco uniria naturalmente os dois. Agora não sabia como agir, nem o que esperar. As atitudes dela eram imprevisíveis. Quem imaginaria que ela iria colocar os peitos de fora? Deus o ajudasse a ser homem suficiente para aguentar as provas, ficar na passiva e esperá-la ditar as regras!

Rebecca fechou os olhos e apreciou o calor nas costas e o cheiro salgado do mar, absorta.

– Quando você coloca uma ideia na cabeça, não há quem tire. É intransigente – comentou Carolyn.

– Eu não sou assim – negou com um sorriso. – Pelo contrário, sou muito fácil de adaptar a novas situações sem reclamar.

– Não é, não. Quer ver um exemplo? – Carolyn se virou de lado e apoiou o rosto no braço. – Você determinou-se a nunca pôr uma gota de bebida na boca e cumpre à risca. E eu penso que você deveria ser mais maleável, talvez experimentar um coquetel, um ponche, sei lá, qualquer coisa mais excitante ou errada.

– Eu já fiz coisa errada e excitante sem bebida. Inclusive na noite em que seu bebê foi feito – espetou e apontou para a pequena barriga da prima.

– Ah, aquilo não foi tão errado – sorriu maliciosa e acariciou a barriga.

– Então a que coisa errada você se refere? Drogas e *Rock and Roll*? – brincou.

– Não, sua boba. Drogas sabemos o mal que faz à saúde. Mas vinho, por exemplo, se tomado numa dose pequena e casualmente, não faz mal. Inclusive é aconselhável – argumentou segura.

– Hummm, pode ser – Rebecca rendeu-se. – Mas não vou mudar meus conceitos.

– Sua resistência é por causa *dela*. É como se tentasse ser melhor ou se redimir. Uma espécie de expiação porque a mãe não presta – expôs naturalmente. – E é por isso também esse seu negócio de resgatar drogados – salientou e mordeu uma fruta.

– Não é por isso – Rebecca defendeu-se. – Pode ser que esse motivo possa influenciar, mas ajudar me traz alegria – esclareceu sincera. – Você disse que eu sou intransigente, mas eu aprendi muito esses dias, Carol. Eu tomei uma decisão séria para o futuro e compreendi que preciso ceder, perdoar, entender, se quero realmente ser feliz. Tenho que ser flexível e estar disposta a fazer sacrifícios.

– Eu também penso isso. Inclusive estava pensando numa coisa. Que tal você me ensinar a cozinhar? – pediu animada.

Rebecca balançou a cabeça e fechou novamente os olhos, rindo da mudança brusca da prima.

– O Samuel tem condições de pagar uma cozinheira ou te levar para almoçar fora todos os dias. Não sei por que você quer aprender.

– A questão é que eu quero ter algum atrativo. Eu quero ser boa para ele – deitou-se novamente de barriga para cima e pôs um lenço no rosto para se proteger do sol.

– Faça-o feliz, Carol. É a única coisa que ele espera de você.

– Sim, vou me empenhar – deferiu decidida. – Ele gosta de mim exatamente como eu sou. Não exige nada. Por isso eu quero dar o meu melhor – disse sem notar Samuel ao seu lado ouvindo a última parte da conversa.

– Não precisa aprender a cozinhar, Carol – Samuel intrometeu-se presunçoso. – Basta servir-se assadinha no sol igual *tá* agora. Hummm, deve ficar tão crocante – gracejou, sentou-se ao seu lado e acariciou sua barriga.

– Ai, Sam, quem mandou ouvir escondido a conversa dos outros? – tirou o pano do rosto e ralhou.

Ele riu.

– Foi aqui que pediram dois coquetéis de morango sem álcool, um com amendoins torrados sem triturar? – estendeu um coquetel para Carolyn.

– Foi. Também foi aqui que encomendaram um louro de olhos azuis – Carolyn estendeu a mão e puxou-o para um beijo carinhoso. Rebecca ignorou-os, ainda de olhos fechados.

Christopher apreciava distraído o bonito traseiro exposto com um minibiquíni branco enfiado na nádega. Um mísero tecido que não devia ter dois dedos de largura. Na verdade, ficou quase tentado a inclinar-se e medir o tamanho. E enquanto perscrutava-a, ponderava sobre tatuar seu nome nas costas dela, talvez marcar a ferro sua posse diretamente no traseiro.

Coçou a cabeça se censurando. Se não pudesse fazer isso, queria poder ao menos demarcá-la toda com beijos. Ela agora era dele de papel passado, não é isso? E aquele anel no seu dedo incrustado com pequenos diamantes e o nome dele gravado devia significar que ela era sua propriedade, não é isso? Sim, certamente - afirmou seu lado primitivo.

– Beckye, seu marido está aqui segurando seu coquetel feito um cachorro em frente à máquina de frango – Samuel avisou divertido, e Rebecca voltou-se de costas na cadeira.

– Bom dia, Christopher! – ela saudou-o receptiva. Ele abriu a boca para responder, mas sua mente embaralhou-se e perdeu totalmente a capacidade de raciocínio ao ver o brinde de seios generosos e perolados expostos livremente ao vento. Tragou ar, lambeu os lábios e fixou-se hipnotizado, recordando automaticamente o gosto na língua.

Pela lógica, a comoção não devia ser tão grande em absoluto. De fato, já presenciou seu seio tantas vezes antes que devia ser impassível. Não obstante, ver ao ar livre submeteu-o a uma agradável tortura de excitação repentina. E que saudade sentiu da época em que tinha livre acesso. O cérebro perdeu toda a lógica.

Percebeu três pares de olhos fixos nele e buscou foco.

– Bom dia – limpou a garganta e estendeu o copo de coquetel. – Dormiu bem? – procurou um assunto, embaraçado por ter se portado como um adolescente pervertido que via peitos pela primeira vez.

– Sim. Eu estava realmente cansada – bebeu um gole, observando-o com a sobrancelha arqueada, com um ar de divertida provocação. – Que bom que você chegou. Já lanchou? Está com fome?

Sim, estou, de você.

– Comi uma salada de frutas – respondeu com os olhos desviados propositalmente de seus seios, fixos no copo que ela segurava na mão.

– Ah, senta aqui e passa um bronzeador nas minhas costas – pediu natural e apontou a espreguiçadeira de casal acolchoada. Ele sentou-se hesitante na ponta ao lado de seu quadril, pegou o tubo de bronzeador e ficou olhando-o, como se a se perguntar para o que servia aquilo. Ela terminou de beber o coquetel e se virou novamente de bruços. Ele suspirou resignado, espalhou o bronzeador nas mãos e distribuiu vagarosamente da cintura para cima.

– Hummm, você podia aproveitar e fazer uma massagem – ela propôs de olhos fechados. Ele balançou a cabeça e olhou mais embaixo, para a carne arredondada portadora do minúsculo biquíni intrigante. Engoliu em seco e sentiu um calor subir no pescoço, ao tempo em que todo o seu sangue se concentrava na parte inferior do seu corpo.

– Onde? – conseguiu perguntar.

– Em tudo. Dos pés aos ombros.

– Ah – respondeu, espalhou mais produto nas mãos e desceu massageando costas, ombros, braços.

– Hummm, que bom – ela incitou-o com voz lânguida, o que automaticamente o fez lembrar o ato de amor, mas sua parte objetiva rejeitou o apelo sexual. Fechou os olhos e concentrou-se, descendo pelo dorso até chegar à nádega.

Carolyn e Samuel concentraram-se em si mesmos. Ele acariciava sua barriga e cochichavam. Christopher recusou-se a olhar Carolyn. Seria embaraçoso ver os peitos da cunhada.

Rebecca suspirava prazerosamente ante a promessa de felicidade, sentindo as mãos fortes e viris deslizando em seu corpo. Ele era como um polo oposto de adjetivos. Inconscientemente sensual, desprendidamente sedutor. E até o seu protecionismo amava nele. Ele a fazia sentir-se forte, ao mesmo tempo frágil e dependente.

– O Resort oferece massagens, banhos de vapor, serviços de *coiffeur* – esclareceu ela. – Acho que vou dar uma passada por lá mais tarde. O que você acha?

– Você está me perguntando se pode ir, me comunicando ou me convidando?

– Os três.

– Não sei se gosto de receber massagens – continuou tocando-a. E tê-la sob seus dedos lhe deu uma sensação de controle que acalmou momentaneamente sua euforia e fome dela. Por outro lado, a proximidade mantinha seu sangue quente e a mente trabalhava em intensa atividade, tomada por imagens de deliciosos prazeres lascivos.

– Eu já fiz massagem em você e penso que você gostou – ela ressaltou. – Até dormiu na ocasião – lembrou-o sorridente, numa mistura de jovialidade e leveza. – Você passou protetor solar? – sussurrou deliciada com a sensação de relaxamento.

– Só no rosto – respondeu roucamente.

– Nossa! Esse sol daqui queima tudo! Tira a camisa que eu passo em você – propôs solícita. Ele demorou em silêncio a responder. Ela abriu os olhos e olhou para trás. Ele acariciava suas coxas, concentrado. – Chris... – chamou-o. Ele ergueu o rosto, perdido. – Tira a roupa – pediu.

Ele olhou-a confuso. – Pra quê?

– Vou passar protetor solar em você – elucidou com um sorriso quase inocente.

Ele iria protestar. Ela estava indo longe demais, quando não tinham resolvido nada abertamente e

ele não pretendia precipitar-se ou iludir-se com algo que estava fora de alcance. Queria precaver-se, antes de qualquer coisa, até onde deveriam ir nessa nova oportunidade. Se seriam um casal normal, se podia acreditar nos dois. Entretanto, ao vê-la afastar-se para ceder lugar ao seu lado, foi contagiado pelo convite e, sem força de resistência, desabotoou devagar a camisa florida, dobrou-a e colocou na mesinha onde ficava a bolsa de praia.

– A bermuda também – instruiu. Ele moveu-se desconfortável, novamente pronto a protestar devido ao seu estado rígido. Apesar disso, desabotoou o botão da bermuda e a fez descer em sua perna, juntando-a a outras peças.

Ela desviou o olhar ao notar o motivo de sua tensão, deitou-se de lado na cadeira e espalhou o protetor na mão para passá-lo em suas costas. Os músculos abaixo de seus dedos retesaram-se ao toque, suas costas se arquearam em respirações longas. Ela própria não conseguiu ficar imune a ele. Seus músculos internos contraíram, antecipando a proximidade.

– Deita para eu passar no peito – pediu sedutoramente, ele respirou uma longa arfada e deitou-se de costas na cadeira acolchoada, passivo e em expectativa. – Estamos quites – Rebecca comentou displicente, acariciando-o sobre o peito. Ele arqueou as sobrancelhas sem entender o comentário. – Nós dois estamos sem a parte superior da roupa – apontou com o olhar para o próprio seio exposto. Ele acompanhou o seu olhar e engoliu em seco. Ela continuou. – É estranho estar sem a parte de cima.

– É? – ele balbuciou, obrigando os olhos a não se fixarem nos seios tão tentadores... Inútil tentativa. Vã e ineficaz autonegação.

– É – ela sorriu e desceu a mão pelo abdômen. – Mas é libertador – declarou triunfante, com os seios orgulhosos agitando-se suavemente conforme ela se movimentava. Deus, como ele queria colocar a mão embaixo para que eles pesassem sobre sua mão! Ela continuou a falar, como se fosse a coisa mais natural do mundo estar assim. – Tem uma praia de nudismo há dois quilômetros daqui. É só pegar o Land Rover e ir – sugeriu casualmente.

– É? – objetou incoerente.

Ela riu de puro contentamento ao ler seu estado ausente e hipnotizado, secando-a abertamente.

– Bom, se ficar sem a parte de cima já é libertador, imagine tomar sol sem nada! – disse ela entusiasmada, e só então ele voltou a atenção para suas palavras.

– Quê? – ele franziu o cenho, confuso.

– Quero conhecer a praia de nudismo – desceu a mão e passou o protetor na barriga masculina. Ele prendeu o ar e encolheu uma perna na cadeira. Ela aproveitou, desceu a mão e passou protetor em sua coxa.

– Beckye... – ele segurou sua mão, restringindo-a. – O que você está fazendo? – perguntou indisfarçavelmente excitado, com um volume escandaloso sobressalente na sunga preta. Ela engoliu o ar e olhou-o com os olhos bem abertos.

– Passando protetor solar em você – explicou. Ele fechou os olhos e virou a cabeça para cima, buscando se concentrar. *Deus, ajude-me a ser um bom homem que não pense só em sexo. Principalmente numa praia afrodisiaca, com vegetação exótica, vento excitante e com os peitos soberbos de minha mulher balançando em minha cara.* Ela continuou tocando-o, atormentando-o. – Sabe aquele dia que fiz a primeira massagem em você?

– Sim.

– Você *já* tinha atração por mim naquela época?

Ele abriu os olhos e observou-a, percebendo a curiosidade por trás da pergunta aparentemente casual. De novo ela lhe dava a chance de ser honesto e consertar sua história, ou dar uma nova versão aos fatos.

– Sim. Eu era atraído por você. Mas achava um absurdo sentir o que sentia por uma garota que vestia roupa escolar.

Ela capturou a sinceridade em sua resposta e inconscientemente o bico do seu seio arrastou-se na lateral das costelas de Christopher. Ele estremeceu como se tivesse levado um choque e fechou novamente os olhos, concentrando-se.

Rebecca, aos poucos, conseguia reconstruir mentalmente a história dos dois, tentando analisar impassivelmente. Só precisava entender. Desde o início da manhã, repassava mentalmente tudo que viveram. E existiam algumas lacunas que tinha curiosidade de ouvir de sua boca.

– Você tinha vergonha de sair comigo – afirmou seguramente, sem deixar de tocá-lo, espalhando tranquilamente protetor acima do joelho. Ele sentiu o formigamento no corpo todo e tentou ignorar a tensão. Tinha que se acostumar, repetiu como um mantra e ficou calado uns segundos, deliciado. Sentia-se vivo, eletrizado, até esperançoso. E decidiu ser franco. Se estavam começando de novo, tinha que ser solidamente aberto.

– Sim. Mas não era vergonha de você – disse sinceramente. – Eu queria ser mais novo para poder viver a sua idade, não roubar sua juventude – explicou pesaroso.

Ela suspirou e levantou o olhar para seus olhos. Ambos estavam de óculos de sol, mas o poder do olhar foi tão penetrante que podiam sentir através das lentes. Ela fechou o tubo do protetor, moveu-se na espreguiçadeira e pousou a cabeça em seu peito, abraçando-o. Ele demorou uns segundos para registrar o significado daquele abraço, a seguir baixou a mão cautelosamente até suas costas, mudou-a, posicionou-a sobre ele e manteve as pontas dos dedos subindo e descendo das costas à coxa.

O instante que antes estava dotado de mensagem sexual transformou-se em doce ternura. *Bem, não totalmente.* Ter os seios livres pressionados nele, as pernas ajustadas e a mão acariciando o local em que o biquíni se escondia não o ajudava no todo.

– Você já experimentou um mergulho neste mar? – ela questionou, tirou os óculos e aconchegou-se mais, curtindo a extasiante intimidade.

– Não.

– Eu mergulhei. A água é maravilhosa. Morna. Não é muito salgada – expôs tranquila e moveu-se minimamente sobre ele. *Maldição!* Será que ela não percebia a tortura que esses sutis movimentos provocavam em sua teimosa *reação*?

Tinha sérias dúvidas.

– Bem, acho que eu preciso de um mergulho – insinuou, um pouco relutante em afastar-se, riu ao ver o sorrisinho pretensioso de Beckye e ficou satisfeito com o grau de intimidade que se reconquistava progressivamente.

Deitou-a novamente ao seu lado, olhou mais uma vez os belos seios soltos com esperança de estar dissensibilizado, mas a pontada na virilha lembrou-lhe que nunca estaria imune a ela. Ela era sua droga. Seu vício.

Tirou óculos e boné e caminhou pela areia fina até o mar, onde se jogou na água morna com braçadas vigorosas. Ela assistiu-o fascinada com o exibicionismo de testosterona. *Tão homem, viril... E dela.*

Minutos depois, ele voltou refrescado, secou-se na toalha e deitou-se novamente na espreguiçadeira de junco. Ela tinha um lenço cobrindo o rosto do sol. Ele podia apreciá-la livremente. E foi o que fez, embevecido com a visão. Depois, curioso, moveu a cabeça e deu um efêmero olhar às cadeiras próximas.

Surpreendeu-se com os garçons que passavam e não davam ao menos um segundo olhar. Talvez, ao fim, fosse tão comum que não os lhes chamassem atenção. Torceu os lábios e perguntou-se quando isso iria acontecer com ele. No momento, seu único pensamento era baixar, abrir a boca em suas mamas e lambê-la até ela se arquear implorando por mais.

Depois, colocaria a perna dela sobre sua coxa, afastaria o biquíni e entraria nela conscienciosamente e vagorosamente, sem mover-se muito. Ela estaria quente, aconchegante, molhada. Juntos apreciariam o sol, o vento, o cheiro salgado do mar. *Acorda, Christopher!* Respirou fundo, empurrando para longe o desejo. A essa altura o efeito do banho já tinha evaporado.

Outros casais que ocupavam as espreguiçadeiras concentrava-se em sua própria companheira, ele notou. Acariciando, bebendo, conversando. Como Samuel e Carolyn faziam.

Disposto a aproveitar o clima e desviar o foco sexual, passou o braço em volta da cintura de Beckye, posicionou-a de lado e aconchegou o rosto abaixo de seu pescoço, *a boca a exatos dois dedos do bico rosado do seio.* Ela levantou a mão receptiva e acariciou seu cabelo molhado.

– É estranho – Beckye começou depois de um tempo de silêncio confortável. – Eu tinha uma resistência à palavra casamento – comentou pensativa. – Pensei que mudaria algo, mas não mudou... Não me sinto totalmente casada.

– Não acredito que tenha muita diferença entre ser casados e ser namorados – esclareceu Christopher, objetivo. – A diferença é que casados moram juntos e compartilham tudo.

– Também tem a diferença de que namorados pensam que a qualquer hora podem terminar – ela

pontuou com neutralidade. – Já casados, não. É um compromisso mais sério. Quando as pessoas se casam, elas fazem um voto de não se deixarem até a morte. E depois de prometer, não se deve quebrar o juramento. Por isso eu não tinha a pretensão de casar tão cedo. Casar é uma decisão séria. É um pacto diante de pessoas, do ministro e de Deus. Se não for para honrar o sacramento, é melhor só namorar.

– Você se importou que a cerimônia fosse feita por alguém que não fosse de sua religião? – perguntou distraído com a mão que o acariciava na nuca, ao tempo em que ele descia a sua pela lateral do corpo feminino tranquilamente, nas costelas, cintura. Sentia choques atravessarem a pele onde se tocavam. Mas o prazer da intimidade obliterou a luxúria.

– Não – disse tranquila. – A religião está em nós. A vida é tão maravilhosa para nos prendermos a paradigmas preconceituosos. O importante é que tenhamos fé na benção sobre nós, fé que há Alguém além de nós, cuidando de nós – declarou apaixonadamente. – O ser humano é todo igual. Estamos em busca de vida plena. E é bom sonhar com um futuro próspero, com o Paraíso, é bom ter pessoas próximas para nos aconselhar no *caminho*, para desabafarmos, porque todos somos carentes, temos receios. Necessitamos nos apegar a algo para nos sentirmos cuidados – pausou e tirou o lenço que cobria o rosto para olhá-lo.

– A luta contra os sofrimentos às vezes nos assolam, nos confundem, nos afastam do *caminho*. Mas o importante é não perder a fé na vida, nas pessoas e em Deus. Isso é religião! – defendeu com veemência. Ele sorriu de canto tocado por sua defesa. Ela continuou de um jeito solene. – E como eu sou uma pessoa de fé, independente do ministro que celebrou nosso casamento, eu creio em tudo que prometi diante do altar – professou esfuziante.

Comovido pela promessa nas entrelinhas, ele afastou completamente o lenço que a protegia do sol, ergueu-se sobre o braço e inclinou-se para beijar seus lábios, docemente, gentilmente, com os dedos acariciando sua bochecha, selando a promessa. Ela declarou que tinha fé neles, que investiria neles. E, devido à relevância da promessa, o coração de Christopher inchou de esperança.

Ela o beijou de volta calmamente, com selinhos molhados, depois aventurou a língua sinuosamente em sua boca, a respiração acelerando-se no processo. Tremeu de prazer quando ele pressionou seu corpo, gemendo baixinho em sua boca, e os sentidos adolescentes reagiram famintamente. Ela acariciou sua nuca e apertou-se em sua boca, deixando a paixão fluir. Isso o pôs quente, seu amor por ela cegou-o e passou a devorá-la avidamente, amassando-a a ele. O barulho do mar, o farfalhar dos coqueiros e o calor de seus corpos tornaram o momento abrasador.

No coração de Christopher, o conflito entre desespero e esperança diminuiu. A linguagem física entre os dois era uma linguagem de amor muito eficaz, afinal.

– Que tal almoçarmos? – ele se afastou de sua boca e propôs arfante, os olhos brilhando.

Ainda tinham muito que conversar e se acertar, ele sabia. Precisava ouvir que foi perdoado, fazê-la crer em seu sentimento verdadeiro. Por isso resolveu retardar a chama da paixão. Principalmente por estarem tão expostos e ter que manter regras básicas do complexo.

– Sim. Mas vamos tomar um banho antes – sugeriu, sentou-se e pôs a saída de praia, notando que

Carolyn e Samuel já os tinham deixado, discretamente.

Voltaram num silêncio confortável para o chalé e, como ela não o convidou para juntar-se a ela no banho, ele deu-lhe espaço e sentou-se na cama para assistir à TV. Teriam uma vida pela frente, pensou. Por hora, iria galgar cautelosamente o novo terreno conquistado. Mudou de canal e entrecerrou os olhos. *Que merda é essa?* Mexeu novamente no controle da cama. *Só tinham canais adultos!* Desligou a TV, preocupado em ser flagrado e rotulado como perverso; sentou-se em frente à lareira ornamental e deu um segundo olhar minucioso ao quarto. A cama cheia de dosséis brancos, o espelho no teto, o cetim vermelho e branco cobrindo a cama luxuosa, os quadros sugestivos nas paredes projetando diversas posições de casais em atos sexuais; dados e jogos de posições sexuais na cabeceira, óleos afrodisíacos e lubrificantes, os vinhos no bar, tudo era uma sugestão apelativa ao sexo.

No que estava pensando quando escolheu este Resort na revista de noivas?

Seu corpo todo ficou em alerta ao conjurar imagens de corpos nus movendo-se sobre a cama com o reflexo projetado no espelho do teto. *Argh*, merecia um banho frio. Ajustou a desconfortável posição da sunga. Suspirou e fechou os olhos. *Inspira, respira*. Ele podia retardar, podia esperar, repetiu. Mas enquanto tomava banho alguns minutos mais tarde, nada podia demovê-lo da ideia de que ela estava no quarto, nua, passando creme no corpo, e que cedo ou tarde os dois mover-se-iam entrelaçados naquela cama... Mais banho frio.

Capítulo 09 - Velas & Flores

Como um casal normal hóspede do Resort, deixaram de mãos dadas o chalé e seguiram para o restaurante pela passarela de madeira para o centro da ilha. No bangalô da recepção, ele foi surpreendido por quadros nas paredes que não prestou atenção antes. Alguns borrões discretos faziam alusão a atos sexuais. *Ou seria sua imaginação?* Perturbado, ele inventou um assunto, fingindo não ver ao entregar a chave. Beckye deu um sorriso divertido vez ou outra, observando-o curiosamente.

Por um segundo, ele pegou-se pensando em como agiria se Peter tivesse vindo. Por Deus, ele devia ter prestado mais atenção quando leu na revista que o hotel era especializado em lua de mel e casais, e que inclusive não faziam reserva para solteiros. Que ideia! Um menino de seis anos não podia ligar a TV e ignorar aqueles filmes. Pelo menos, não Peter. Podia até imaginar a fria que estaria em ter que responder suas perguntas sobre os quadros nas paredes.

Olhou curioso o quadro da recepção pintado em carvão com uma mulher ajoelhada em frente ao homem, a anatomia dele totalmente tragada. Abriu a boca e quase parou em frente para estudá-lo melhor... Ele era, era... Sensacional!

– Está em choque, Chris? – Beckye alfinetou-o com um sorrisinho ao surpreender sua expressão.

– Não, er – balbuciou. – Arte bonita – comentou embaraçado pelo flagrante. *O que a necessidade física não faz!*

Ela sorriu deliciada.

– Sim. Bem inspirada – gracejou divertida.

Sentaram-se numa mesa no restaurante próxima ao *deck* e foram privilegiados pela visão das águas tranquilas e transparentes, numa estrutura que harmonizava decoração rústica com luxo, preservando em cada cor a identidade nativa. Enquanto esperavam os pedidos, ele puxou assunto sobre parte da vida dele que lhe tinha ocultado antes. Era um bom momento para conversar e esquecer as coisas torpes e promiscuidades que viu e que desejava fazer.

– Mas e a polícia? – perguntou Beckye após ouvi-lo falar detalhes de sua infância e adolescência.
– Por que resolveu ser policial ao invés de seguir a carreira de químico, como sua mãe?

– Essa parte você já deve deduzir, Beckye – tentou evadir-se, em todo tempo evitando falar sobre Aleksey.

– Mas eu quero que você fale – insistiu. O garçom rodeou a mesa e os serviu de frutos do mar.

Christopher aguardou o garçom retirar-se, depois segurou a mão dela.

– Bem, eu estava abalado. Não tinha mais estrutura e tinha que me apegar a algo. Na ocasião, eu precisava continuar estudando, morava em outra cidade. Tinha pesadelos e entrar na Academia foi minha válvula de escape para não surtar – explicou pausadamente.

– Seu objetivo era só perseguir e se vingar de Aleksey? – Não pôde esconder a pequena mágoa na pergunta e, para disfarçar a breve tensão, serviu-se de camarão e imergiu-o num molho de hortelã. Até esse instante, não sabia o grau de hostilidade entre Christopher e Aleksey. Amava os dois. E sua lealdade a Aleksey e amor a Christopher a induzia a agir com imparcialidade.

Ele respirou fundo, preparando-se para responder à pergunta perspicaz.

– Inicialmente sim – admitiu com uma torcida de lábio. – Mas depois eu gostei de lutar contra a injustiça.

– E eu? Quando e como entrei nessa vingança? – perguntou tranquila porque realmente necessitava ouvir. Nunca puderam conversar honestamente desde que terminaram. E precisavam se resolver para que nada ficasse entre eles.

Christopher esclareceu detalhadamente dados importantes desde o momento em que soube quem ela era. Expôs quantas vezes sentiu-se culpado por mentir. Falou da paixão por ela que se negou sentir, mas que foi vencido.

– Era confuso – explicou. – Doía e sufocava. A minha desculpa por me sentir assim era a vingança. Talvez a fixação de tomar algo de Aleksey, atingi-lo. Mas não – segurou o olhar nela, implorativo. – A verdade é que você deixava o meu mundo melhor. Eu me apaixonei fácil por você – sorriu, bebeu um pouco de coquetel e balançou a cabeça, desconcertado. – Isso foi piegas, não?

– Não – sorriu e mordeu a bochecha interiormente, contente. – Foi bom ouvir.

– E você acredita? – perguntou hesitante e limpou a boca com o guardanapo, em expectativa.

– Estou realmente tentando – desviou o olhar dele.

Ele suspirou e ergueu o seu queixo, fazendo-a olhar para ele.

– Algum dia vai me perdoar realmente? – perguntou suplicante.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

– Perdoar por quê? – instigou-o.

Ele dotou-se de coragem e inclinou-se sobre a mesa.

– Por mentir, chantagear, coagir. Por fazer besteiras desde que te conheci. Por... querer você mais do que deveria – enumerou com olhar intenso. – Eu cometi vários pecados com relação à Aleksey, erros esses que minha consciência é responsável pela punição. Mas querer você foi meu maior pecado. Foi minha ruína e decadência. Ainda assim, eu te quero. E é agonizante ter dúvida se serei perdoado de verdade.

– Você precisa me conhecer, de fato... – comentou enigmaticamente, segurou a mão dele próxima ao rosto e beijou o dorso. – O que você pretende fazer daqui pra frente com relação à profissão? – mudou abruptamente de assunto, moveu o talher e serviu-se de salada tropical.

– Eu não sei ainda, Beckye. Não sei o que fazer do futuro. Por enquanto, estou tentando somente me

acertar com a lei. Eu não tenho certeza, mas tenho pensado em deixar a polícia e trabalhar para algum laboratório. Não sei. Tudo pra mim é uma incógnita – baixou o tom.

– Eu pretendo ir ao spa. Quer ir comigo? – propôs, adiando o tema principal. Iria abrir seu coração a ele, mas precedentemente, queria ouvir de sua boca tudo que tinha direito. De justificativas a declarações.

Após uma sessão de banho de vapor, ela fez limpeza de pele e massagem, depois foi ao *coiffeur* e fez luzes e hidratação no cabelo. Ao fim da tarde, voltou ao quarto, encontrou-o dormindo, tomou um banho, secou o corpo e sentou-se displicentemente na cama para espalhar óleo no corpo.

– Gostou do spa? – perguntou ele sonolento ao sentir o peso na cama.

– Sim. Quase dormi na mesa de massagem – riu. – E você? Gostou da massagem?

– Gostei – moveu-se na cama e olhou-a, notando-a somente de calcinha branca, os cabelos cobrindo os seios à vontade. Como uma simplória criança em sua seminudez. Bom, com aqueles peitos – peitos cheios, por favor –, não tinha nada de criança. Balançou a cabeça, desanuviou o cérebro e voltou a dizer. – Mas penso que você deveria ficar com ciúme daquela nativa me apalpando – brincou e sentou-se, espreguiçando-se.

Ela riu e passou o óleo corporal afrodisíaco na outra perna.

– Se ela não pesasse quatro vezes mais que eu, até poderia ficar – retrucou com um sorriso, apreciando o momento de intimidade. Depois encostou as costas na cabeceira da cama, repartiu o cabelo e passou a escova nas mechas, penteando-as para frente. Christopher automaticamente lembrou-se da cena familiar dos meses que namoraram quando era comum que ela posasse para ele presunçosa como uma sereia penteando-se. Hoje ela não tinha os cabelos louros como antes, nem seu olhar era tão inocente e crédulo. Magoava-o saber que teve para si até três meses atrás a melhor fase dela, a da menina ingênua e indulgente, feliz e ousada. Agora algo íntimo mudou, e ele sabia. Ela foi obrigada a crescer. E tinha nela agora um olhar maduro e prudente que não existia antes... E a culpa era dele.

Eles conversaram trivialidades enquanto se arrumavam, mas ambos ainda podiam sentir a tensão que irradiava e se mantinham alertas e cautelosos. Beckye usou um vestido bege, soltinho, tomara que caia, com umas florzinhas amarelas no busto. Mas o que o surpreendeu, foi a flor artesanal nativa que ela prendeu no cabelo. Afinal, desde que terminaram ele não a viu mais usar no dia a dia florzinhas no cabelo.

– Pronta? – perguntou ele, vestido com uma bermuda cargo bege e camiseta verde clara.

– Acho que sim – disse com um suspiro audível, depois o encarou de um jeito intenso e caminhou até ele. – Eu estou pronta, Christopher – parou em sua frente, ergueu as mãos e rodeou o seu pescoço, parando os dedos em sua nuca. Ele esperou-a concluir. – Estou pronta para você – sussurrou, ficou na ponta dos pés e encostou os lábios nos seus.

Ele demorou uns segundos decifrando as palavras, desceu as mãos à base de suas costas e progrediu o beijo. A resposta física foi automática. Seu coração acelerou, a respiração descompassou. A reação a ela era incontrollável. Quando o beijo terminou, ela sentia o tremor da antecipação. Foi ele quem encerrou o beijo antes que desistisse de sair e a jogasse *naquela* cama.

– Vamos? – pegou com um sorriso promissor na mão de Beckye e deixaram o quarto.

Luminárias e tochas foram acesas para iluminar a passarela. Dezenas de casais dirigiam-se ao restaurante onde ocorreria o jantar com programação para casais, gincanas e premiações. Christopher e Rebecca passaram na recepção para entregar a chave e desceram a escadaria para o restaurante.

Serviram-se à vontade de frutos do mar e frios numa mesa de entrada, sentaram-se e conversaram animados.

– Bem, pelo jeito vamos ficar sozinhos – ele olhou para os lados e observou os casais dançando com marabus de flores nativas pendurados no pescoço. – Carol e Samuel não desceram. E no programa de boas-vindas o jantar é servido às seis. Os quartos devem ficar vazios.

– Eles estão em lua de mel, Christopher. Devem querer ficar sozinhos – ela comentou sugestivamente e serviu-se de uvas na cestinha que enfeitava sua mesa. Ele sorriu compreensivo, pegou sua mão e trouxe-a até a boca.

– Bom pra nós. Eu também pretendo ficar sozinho com você – declarou com uma piscada cheia de sugestão, ficou em pé e estendeu a mão. – Você dança comigo?

– Essas músicas? – questionou surpresa e observou o ritmo ensinado pelo casal de nativos, algo parecido com salsa.

– Sim – afirmou. Ela deu um suspiro em dúvida e apreensão, acompanhou-o, passaram por uma nativa vestida numa saia de palha e coco seco nos seios e pegaram com ela um marabu de flores naturais. Ele segurou sua cintura e se pôs em frente a ela, tentando lentamente sincronizar-se no ritmo e observar o casal de instrutores.

Rebecca levantou as duas mãos no ar para seguir o ritmo, até que a cintura e quadril adquiriram uma cadência conjugada com os passos. – Muito bem – ele encorajou-a e manteve a mão em sua cintura, admirando os cabelos soltos. Percebeu então que durante as horas que ela passou fora, fez algumas luzes douradas na parte baixa dos cabelos, que se destacava sob o fulgor amarelo da luz.

– Hei, ficou linda! – elogiou brincalhão e pegou uma mecha para trazer ao nariz. – Bom ter você de volta – declarou caloroso, com franca apreciação ao vê-la brilhar com um sorriso de parar o coração. – Senti sua falta – sussurrou e deu um beijo tépido abaixo de sua orelha.

Ela colocou mais os quadris, rebolou, e o corpo contido e sofrido de Christopher sofreu uma pontada na pélvis, com o desejo renascendo. Ele afastou-se um pouco, indisposto a pressioná-la com sua fome.

– Bem, então agora que aprendemos o ritmo com os instrutores, vamos gastar as energias – ele

empurrou-a, puxou-a de volta e a fez girar, caindo em seu braço. Ela ria e se divertia, como se o mundo só tivesse eles.

Samuel chegou ao restaurante mancando ao lado de Carolyn. No início da tarde, tomava banho com Carolyn nas piscinas naturais, caiu e machucou a nádega em um coral. Teve que levar quatro pontos no local. Após isso, passou a tarde deitado de lado no quarto. Somente à noite Carolyn o convenceu a sair para a festa de boas-vindas.

– Ai, Samuel, vamos desistir disso – Carolyn reclamou da fita de cetim que ele mantinha enrolada na mão. Ela tinha prometido minutos antes que não o deixaria sozinho. E que para garantir isso, ele poderia amarrar uma fita de cetim em sua cintura. – Eu falei brincando. Deixe-me dançar – resmungou.

O marido ignorou seu protesto, divertindo-se depois de aguentar uma tarde de piadinhas com sua queda.

– Vai, Sam, por favor. Eu empino a barriga, se é o que você quer. Todo mundo vai saber que estou dançando sozinha, mas que já fui emprenhada por você – tentou novamente.

– Não. Não vou ficar aqui sozinho. *Tá* tudo doendo.

– O que está doendo é seu orgulho – zombou, afastou-se um pouco e balançou-se ao ritmo da música. – Onde já se viu rasgar o bumbum na lua de mel! – brincou. Usava saia havaiana, um bustiê de flores e tinha a pequena barriga exposta. – Bom, a parte triste é que você danificou meu patrimônio – deu uma piscada, brincalhona.

– Não ria do traseiro dos outros – resmungou sem humor e ajeitou-se sentado de lado na cadeira.

– Não sofra, Sanzinho – acariciou seu cabelo. – Um promotor brilhante como você, de uma família de renome e brasões, capaz de deixar os outros se borrando de medo, não pode deixar-se abater com um machucadinho no bumbum – enumerou bajuladora. – Além disso, eu passei a tarde pela ilha e descobri uma mandinga. Se você cortar o rabo de um calango, colocar numa dose de pinga e tomar, um novo rabo nascerá em você, assim como no calango! – bateu palminhas animadamente.

– Você arrancou o rabo de um calango? – exclamou horrorizado.

– Lógico que não. Um nativo arrancou pra mim – explicou. – E você vai tomar – garantiu. – De repente nasce um traseiro em você mais gostoso do que o que você tem – piscou graciosa. – Eu também vou tomar uma dose. Vai que nasce um traseiro bem maior e bonito em mim! – olhou para trás e arrebitou o bumbum para ilustrar o comentário.

Samuel riu e puxou-a, aconchegando o rosto em seu abdômen. – Você já é deliciosa, docinho – beijou a barriga da esposa. Ela abraçou a cabeça loura do marido, contente por vê-lo melhor.

Rebecca girou, encaixou as costas no peito de Christopher e mantiveram o ritmo. Ele pôs o rosto

na curva do seu pescoço, afastou o cabelo e aspirou seu perfume, meneando, com uma mão levemente apoiada na barriga. Todavia a curva suntuosa do traseiro pressionando-o não o ajudou no seu intento de ignorar a fome. Empurrou-a, fazendo-a girar, parou-a em sua frente, enfiou a coxa entre as suas e deitou-a sobre o seu braço. Ela sorriu alto.

Após um tempo, afastaram-se da pista e pararam no balcão do bar.

– Tequila, canela e laranja para mim – ele pediu ao garçom, animado e ofegante. Afastou o cabelo de Beckye do rosto e seus dedos acariciaram o contorno macio do pescoço, roçando de leve a pele ruborizada. – E pra você? – ele puxou-a para perto, os olhos fixos nos seus lábios.

– Um coquetel de frutas – pediu sorridente, com um leve brilho de suor na testa. Ele inclinou-se e beijou-a de leve na bochecha em ligeiras pressões pela face e pelo queixo até o pescoço.

– Ah, esqueci que você não gosta nem do cheiro de bebida alcoólica – ele se lembrou e virou-se de frente ao garçom para desistir do pedido.

– Não, Christopher! – ela segurou seu rosto, impedindo-o.

– Você não se importa? – questionou indeciso.

– Não. Desde que você não fique bêbado – condicionou, sincera, desejando que ele voltasse a fazer o que fazia antes, beijos que lançavam chamas ansiosas por todo o seu corpo.

– Não vou ficar – prometeu e sentou-se na banqueta do bar. O garçom terminou o pedido e saiu. – Quando era mais novo experimentei de tudo – contou aberto. – Decidi cortar radicalmente e fiquei muitos anos sem pôr álcool no sangue – torceu os lábios numa careta. – Recentemente tive uma recaída e fui à lama, ficando por dias bêbado na varanda do apê – explicou sem recorrer a subterfúgios para adocicar sua história. – Hoje busco o equilíbrio. Nada em excesso – concluiu solene.

A bebida chegou, ele salpicou canela na boca, bebeu um longo gole e lambeu a canela que grudou nos lábios.

– Quer experimentar? – ofereceu o copo.

– Não – negou, balançando a cabeça.

– Um gole não lhe faria mal – persuadiu matreiro e chupou a laranja entre o indicador e o polegar. – E depois, seria um brinde à sua emancipação e independência – lembrou-lhe com uma piscada, referindo-se aos motivos do casamento.

Ela encarou o copo detidamente, debatendo-se entre causas e razões. Por que não? Não faria mal experimentar. Certamente ela teria algum equilíbrio e saberia quando parar.

Deu um suspiro de rendição ao ver sua expectativa e aceitou a bebida oferecida, levando-a hesitantemente à boca.

– É bom – comentou e lambeu a canela na borda.

– Eu sei – riu e espremeu a laranja na boca de Beckye. Foi muito *agradável* vê-la chupar. – Agora vamos beber água e voltar para a pista – agiu como o responsável, segurou em sua mão e voltaram animados a dançar entre a diversidade de casais.

Cumprimentaram com um aceno de mão Samuel e Carolyn à distância e vez ou outra se serviram de drinque ou espetinhos de camarão que eram oferecidos por garçons. O clima transformou-se, Rebecca deixou de ser passiva, e a dança sensual criou um amplo ar de sedução.

Para ela, que começou a noite sentindo o nó de ansiedade na boca do estômago por antecipar que hoje teriam uma noite a dois, depois dos dois drinks, uma sensação nova de langor esquentava e apertava seu ventre. Sua saia subiu conforme dançavam, e o pano era tão leve que sentia ampliadamente todos os roces de coxas e estímulos na área baixa do corpo. Pôs a mão em volta do pescoço de Christopher e olhou-o por baixo dos cílios, provocando-o com o olhar cheio de promessas. A seguir, inclinou e passou a língua na boca de Chris, de um lado ao outro do lábio superior, sedutoramente.

Ele percebeu em choque suspeito a mudança de atitude nela, afastou-a um pouco e respirou fundo, sentindo o coração disparar.

– O que você está fazendo, Beckye?

Ela acariciou sua nuca e mordeu o lábio inferior dele com uma ligeira pressão.

– Seduzindo você.

Uma percepção amarga e angustiosa caiu sobre o corpo de Christopher como um balde de água fria. Afastou-a levemente, sorriu triste, serviu-se de um copo de água oferecido pelo garçom, segurou na mão de Beckye e saiu do restaurante, descendo a escada de madeira que daria na areia.

– Vamos dar uma volta? – propôs, segurou a alpargata na mão, e Beckye o acompanhou, firmando os pés também descalços na areia. Caminharam pela beira-mar deserta, coroada pela noite de lua cheia, de mãos dadas, e Christopher, hesitante, interrompeu o silêncio com o assunto que o colocava ansioso.

– Bem, Beckye, conversamos sobre fatos passados, sobre o hoje, mas não resolvemos nada sobre o nosso futuro. E eu preciso saber para que não tenha esperanças vãs e não confunda tudo. Ontem acertamos algo na biblioteca. Hoje você mudou o discurso antes do almoço. E eu preciso saber o que e por que mudou.

Ela tragou ar e fechou os olhos.

– Eu pensei que tivesse deixado claro hoje.

– Sim, deixou claro que quer me seduzir – lembrou amargo, indisposto a ser só isso para ela. – Principalmente depois dessas doses de álcool – salientou desgostosamente.

– Você não viu nada mais? – entrecerrou os olhos, incrédula por ter dado tantos sinais, e ele não ter percebido.

– Sim, vi que te atraio e que você está disposta a levar o voto nupcial adiante. Mas e aí? Será por conveniência? Por causa do voto? Por falta de escolha numa união de útil a agradável devido a sua necessidade de estar com Peter? Porque se for, eu preciso saber – enfatizou sério.

Ela virou o rosto para olhar o mar. Em seu coração também havia a incerteza. Sim, estava casada. E foi decisão sua dar uma chance aos dois. De qualquer maneira, uma vez afetada a confiança, teria que ser gradativo o restabelecimento. Principalmente por saber que a reciprocidade dos sentimentos não era verdadeira.

– Eu penso que devemos deixar as coisas acontecerem devagar. O tempo será nosso aliado.

– Era o que eu temia que você dissesse – deixou os ombros caírem num suspiro desiludido e infeliz. Por um momento pensou que ela se arriscaria, que se entregaria e os permitiria ser feliz sem restrições ou medos. Todavia podia sentir que ela não era, nem seria a mesma. Não era mais a garota que se entregava generosamente em seus braços, confiava nele e vivia como se não existisse amanhã, como se fossem ficar juntos para sempre. Havia nela aquela maldita reserva e cautela adquirida nos meses de separação.

Continuaram a caminhada em silêncio, perdidos em seus pensamentos, e ele se perguntou o que mais podia querer. Inicialmente tinha programado a viagem contando que ela agiria como uma pedra de gelo ou como sua inimiga. E prometeu a si que a seduziria e a conquistaria. Por que não tinha força de ânimo de prosseguir com o plano?

Simplesmente porque não tinha fé em si mesmo. A incerteza o impedia de dar um passo adiante dela.

– Vamos voltar para o quarto ou você ainda quer dançar? – propôs inanimado, apontando para o restaurante.

– Quero ainda falar com Carol – Rebecca engoliu saliva e sorriu tentando esconder qualquer reação à sua surpreendente frieza. – Eu vi o Samuel mancando. Quero saber o que aconteceu – explicou. E como ele não expressou qualquer reação em acompanhá-la, ela adicionou. – Não vou demorar.

Ele hesitou parado uns segundos, notando a particularidade das frases: *‘quero falar e não vou demorar’*. Em nenhum momento ela o incluiu, pensou. Certamente não queria a sua companhia.

– Okay – concordou, deixou-a de volta perto do restaurante, passou na recepção para buscar a chave e caminhou pela passarela rumo ao seu chalé de madeira.

Deparou-se com a decoração romântica que comprou no pacote para a primeira noite de núpcias, velas e rosas vermelhas espalhadas na cama e chão do bangalô. Suspirou e observou desiludido o jardim privado, onde nele a jacuzzi foi ornamentada com pétalas, seguido de velas nas laterais. Desanimado, tirou a roupa, entrou na banheira e deitou a cabeça na borda, de olhos fechados, pensando no fiasco que prometia ser o restante da viagem.

Podia seduzi-la, ter sexo, mas não podia fazer nada mais para restaurar a afinidade e confiança. Certamente na primeira oportunidade que tivesse, ela o abandonaria. E não adiantava, no calor da

emoção, ela dizer que acreditava nas promessas que fez quando ela não pretendia estar realmente aqui.

A agonia absurda da frustração o carcomia, embrenhando-se nas vísceras. A dor da incerteza era comparada à dor de não ter. Não sabia como agir, não sabia o que dar, o que cobrar. Ele era um fracasso, sentenciou. Nem mesmo com a mulher que ele amava, por quem sabia ser amado, ele conseguia lidar.

Esfregou os olhos, tomou uma decisão e, por fim, teve paz. Não iria mais viver de insegurança. Se, no fim, a intenção dela seria deixá-lo quando fizesse dezoito anos, ele cortaria o mal pela raiz. No dia seguinte ele voltaria para Califórnia. Não se permitiria sofrer mais expectativa.

Sim, ele mereceu passar por tudo isso. Mas agora sabia que quitou sua dívida com ela, propiciando a guarda de Peter e emancipação. Restava a ele decidir o que faria de sua própria vida. Não podia viver um futuro pressionando-a, sufocando-a com seus sentimentos. Ela tinha sua própria vida para viver. E propiciar o amparo do seu nome e proteção foi o ato mais nobre que fez por ela. Daria liberdade a ela.

Decidido, voltou ao quarto, vestiu uma bermuda e camiseta, pôs a mala sobre a cama e tirou as roupas do cabide para dobrá-las. Deveria estar pronto, quando na primeira hora da manhã fosse alugar uma lancha.

– O que você está fazendo? – perguntou Rebecca sobressaltada logo que entrou no quarto.

Ele torceu os lábios e dobrou uma camiseta.

– Fazendo minha mala – dispôs, tranquilo.

– Aconteceu alguma coisa? Temos que ir? – questionou confusa.

– Não... Você não precisa me acompanhar. Sua prima e meu irmão estão aqui. Eles não se importarão se ficar com eles – sorriu simpático, tentando esconder a dor da escolha. – O pacote é de oito dias. Acho que são férias bem merecidas para você – fechou a mala.

Ela deu um passo à frente num súbito acesso de fúria e jogou a mala no chão, surpreendendo-o.

– Para de fazer a coisa errada, Christopher! – gritou transtornada. – Eu estou com medo, estou apreensiva com o futuro, mas não sou covarde! – acusou com lágrimas de decepção ameaçando transbordar. – Eu não estou mais fugindo. Estou tentando restaurar o que temos. E você, na primeira oportunidade, arruma suas malas e diz que vai embora! – caminhou para a porta frontal da cabana. – Você só estraga tudo!

– Beckye, eu sinto que é melhor te dar espaço – expôs apaziguador.

– Melhor pra quem? – o tom magoado e decidido lhe tirou toda chance de reação. – Você não nega o que é! Enxerga coisa onde não tem com essa sua mania de tecer fábulas! – acusou e desceu os degraus de madeira do bangalô. Sentou-se na areia, abraçou as pernas e apoiou o queixo no joelho.

Ele demorou uns segundos se autoflagelando por sua atitude infantil e precipitada, caminhou com

pés pesados para porta e desceu lentamente os degraus. Ajoelhou-se diante dela e limpou seus olhos.
– Não era uma fuga, Beckye. Só pensei em parar de te pressionar.

– Meu Deus, Christopher. Algumas vezes você é esperto como uma porta! Estamos em nossa lua de mel! Não se vai embora e deixa a mulher assim, sozinha, numa ilha de encontro de casais! – protestou revoltada. – Além do mais, é impossível me pressionar mais do que você me pressionou nesses últimos três meses!

Ele suspirou derrotado.

– É isso – afastou as mãos de seu rosto. – Eu percebi tarde, mas agora sei que não podemos dar certo tendo baseado nossa relação em princípios errados, principalmente porque sei o quanto é difícil você me perdoar e esquecer.

– Ah, e é para se sentir liberto que você precisa do meu perdão? Pois se sinta perdoado, Christopher! – fez um gesto largo em direção ao horizonte. – Por que, se você não entendeu ainda, eu já te perdooi. Perdooi ontem quando vi o amor em seus olhos por sua irmã. Perdooi quando vi o seu arrependimento pela perseguição a Aleksey. Perdooi no altar quando fiz uma promessa de te amar – respirou fundo e pôs-se em pé, sacudindo a areia do vestido. – Perdooi quando percebi que nada tinha mudado no meu coração – disse mais baixo e brando. – E amor não se explica. Eu simplesmente sinto. Sinto. E nunca consegui esconder. Não queria sentir, porque me deixa vulnerável. Mas sinto. E sinto muito por sentir isso – esfregou o peito.

– Não sinta – ele parou em sua frente e espalmou sua bochecha, implorativo, com o coração palpitando de emoção. – Eu também me sinto vulnerável com esse sentimento nauseante... Eu te amo, Beckye – sussurrou baixinho.

– Não precisa mentir – afastou o rosto de sua mão e deu um passo atrás.

– Amo, sim – segurou seus ombros, incisivo. – Amo. Amo. Amo. Vou repetir até você acreditar – disse sério, inclinou e tomou seu queixo entre o polegar e indicador, forçando-a a manter os olhos nos seus. – E se você acreditou que eu merecia o seu perdão, é porque acredita no meu amor – declarou com veemência.

Aquela verdade ressonou como as águas que quebravam ritmadas nas rochas, repetindo-se mais alto na mente jovem, com insistência. *Se ela o perdoou, é porque acreditava no seu amor...*

Talvez, só talvez ele realmente a amasse, pensou enquanto analisava as linhas perfeitas de seu rosto... E, por causa da mágoa da traição, uma cegueira a envolveu e ela foi impedida de enxergar. Talvez o sentimento entre eles fosse recíproco, afinal, e tão forte que, ainda quando separados, a atração indelével entre eles não os permitia realmente distanciar-se... Porque se amavam... Sim, por mais que tudo tenha começado errado, ele podia estar sendo sincero quando dizia que a amava. De todas as mentiras, isso podia ser verdade.

– Acredite em mim – ele insistiu ao vê-la em estado ausente, olhando-o sem ponto fixo.

– Acho que... – ela começou, e uma nuvem densa de convicção envolveu lentamente seu coração.

Por que teimou tanto em duvidar? Seria mais uma camada da velha capa para não se iludir e se proteger? Que outro motivo ele teria para insistir tanto se não fosse amor?

Tão forte como sua percepção do engano foi a esperança e o otimismo que renasceu no seu coração. Foi como se uma luz automática brilhasse diante dos seus olhos, fazendo-a enxergar. Um sorriso apareceu nos lábios femininos, e Rebecca fechou os olhos, com a cabeça inclinada para o céu numa oração silenciosa.

– Você me ama – ela afirmou, os olhos fechados. Ele apertou-a ao corpo ferozmente e beijou-a na testa.

– Sim. Eu amo – sorriu com o coração acelerado. E isso foi tudo que ele precisava para selar os lábios dela com os seus, quase com reverência, agradecido por alcançar finalmente o eixo de equilíbrio entre os dois. Ele esteve tão carente de aceitação e afeto que sua deferência era uma promessa de felicidade, trazendo uma sensação acolhedora e inebriante que ele desejava ser eterna. – Amo – enfiou os dedos nos cabelos macios e com a outra mão pressionou o corpo jovem a ele, dando beijos longos e urgentes. A alquimia de suas bocas unidas distribuiu faíscas em seus corpos e queimou no sangue como artefato incendiário. Os corações palpitavam e corriam em uníssono até que ela esteve tonta e buscou ar. Ele sorriu e afastou-se brevemente, dedicando beijos molhados e ardentes no pescoço e ombro. – Amo muito – repetiu, mantendo-a apertada ao seu amplo peito que subia e descia com rapidez.

– Então faça amor comigo... – ela murmurou ofegante. Algo morno fluiu e rastejou do seu coração a sua lombar. E ficou ali, queimando suas entranhas, enchendo de antecipação e umidade sua parte sensível. – Por favor... Eu quero esquecer que estivemos longe algum dia – declarou com intensidade.

Ele sorriu e contemplou-a detidamente. Ela olhava-o como se ele fosse seu porto e desejo mais profundo. Uma explosão de ternura desencadeou no seu interior, fazendo-o sentir-se poderoso e fraco ao mesmo tempo.

– Eu vou fazer – prometeu com um sussurro comovido, num tenaz esforço de manter para trás a inconveniente palpitação na virilha. – Com calma. Tempo... – mordiscou-a no queixo, pôs uma mão entre eles e deslizou-a com intimidade no monte firme e macio dos seus seios, o qual esteve morrendo o dia todo para tocar. Ela se arqueou, oferecendo-se, numa muda exposição de amor e indulgência. Sua reação o acendeu furiosamente, deixando sua boca seca. – Mas você tem certeza de que quer isso hoje? – avaliou e beijou-a atrás da orelha, brandamente, para depois morder o lóbulo. – Podemos somente conversar. Fazer planos. Acertar as nossas vidas – ponderou, cauteloso, antes de descer a mão até a base da sua coluna e puxá-la ao encontro dele.

Ela podia senti-lo rígido e inchando-se mais em sua pélvis e arrepiou-se tremendo quando poderosas sensações se apoderavam dela, enchendo seu corpo de ansiedade. Em resposta a sua pergunta, ela segurou sua nuca, buscou-lhe a boca e pressionou-o com outro beijo, numa imposição irresistível.

Sem forças para negar o desejo, a língua de Christopher encontrou-se a dela e trouxe-a para sua boca, explorando, provocando e prometendo volúpias. Entretanto, pretendia só trocar carinhos ali.

Se iriam iniciar a vida conjugal, seria no chalé, na cama. Ele podia fazer isso. Podia esperar. Daqui para frente, não teria nada de sexo na varanda, nem no sofá da casa do pai, nem em paredes, nem em locais públicos. Sexo, com a mulher dele no papel, tinha que ser na boa e velha cama. Com muito respeito. Sim. Muito respeito. Nada de colocá-la de quatro e cobri-la. Nada de colocar o pau em sua garganta até o talo. Seria o responsável da relação. Não lhe importaria nada de promiscuidades. Nada de perversão. Respeitá-la-ia como toda mulher casada merece.

Ela ofegou, tragando o gosto salgado da praia, afastou a gola da camiseta e beijou-o na clavícula. Depois segurou na barra da camiseta, passou-a por sua cabeça e jogou no chão, ao tempo em que o acariciava avidamente no peitoral.

– Quero hoje... Quero agora – arfou e deslizou os lábios com beijos molhados pelo seu peito. Ele fechou os olhos e deixou-a prosseguir, aproveitando o excitante de ser despido e seduzido por sua mulher. – Basta de conversa – determinou com um sorriso. – Precisamos consumir logo este casamento.

E ali estava ela. Inocência e ousadia. Decisão e intenção. Perdão e confiança. Há quanto tempo ele esperou por isso! Há quanto tempo queria-a desinibida e doada novamente.

Ela acariciou o abdômen com os dedos, ao mesmo tempo beijou o mamilo, concentrando-se em beliscá-lo com os dentes. Ele estremeceu, com a necessidade disparando por sua coluna, o furor crescendo em seu íntimo. Ela sorriu do próprio poder e da vulnerabilidade e entrega dele, desceu a mão, apalpou e apertou a poderosa virilidade por cima do brim. Ele gemeu, perdeu todo o controle, segurou a frente do vestido tomara que caia e a abaixou, inclinou-se e tomou as mamas na boca com ardor.

Ela ofegou longamente e fechou os olhos, amando o modo como ele mordiscava seus seios, com fome, rugindo a cada sugada forte, e a necessidade e saudade de se entregar sem receios a fez acariciar seus cabelos, encorajando-o, dizendo em seu ouvido a aprovação.

Beckye abriu o zíper da bermuda, ousada e segura de si, tirou a dura extensão para fora e ato contínuo acariciou-o com o polegar, espalhando os fluídos. Ele estremeceu, ela afastou a boca masculina do seu seio, desceu mordiscando o abdômen e, no processo, ajoelhou-se diante dele, olhando-o com uma expressão ávida que fez todos os pelos dele se arrepiarem.

– Não, Beckye... Isso não. Agora n-nã... – engasgou quando Beckye tomou a glândula na boca, segurou na base e o estimulou rodeando a língua, sumindo a seta na boca. Ela ignorou-o e fechou os olhos, apreciando cobiçosamente o impressionante e soberbo membro. – Não faz... – ele voltou a dizer com os protestos traidores sumidos na luxúria. – Não era isso... oh, que... – chupou o ar, estremecendo, e sentiu a língua quente o acariciando na carne sensível, num sereno e doce prazer.

Deus sabia que tinha programado uma noite decente para sua lua de mel quando encomendou velas perfumadas, flores e champagne; não sua mulher ajoelhada diante dele, com sua bermuda baixada no joelho e ela metendo-o na boca. Não era isso que queria. *Jurava*. Ela merecia muito mais que isso... Hummm, mas todo o homem tem um limite. E o dele, Deus sabe, é muito curto. Principalmente com ela. Ele nunca foi homem suficiente para resisti-la. Todo aquele clima tropical contribuía para que as sensações luxuriantes se intensificassem, e a necessidade lasciva do seu corpo ultrapassava o desejo

de adiar e esperar que estivessem no quarto.

– Eu senti sua falta – ela declarou e lambeu até embaixo, mordiscou cuidadosamente e voltou a chupar forte a ponta brilhosa. – Há dias eu queria isso – sorveu sensualmente e observou com olhos ávidos a aparência indefesa e domada do grande homem em sua frente. – Cada vez que, humm... – lambeu, alternando palavras. – Eu te... via de... sunga pela casa... quis lambê-lo... desse jeito... no jardim... na piscina... no sofá – contou. Ele apertou as mandíbulas para travar o formigamento precoce que já subia pela medula.

– Ah... – lamentou desamparado e esticou o corpo, elevando o quadril à frente. – Você pensava nisso? – ofegou extasiado. Ela apoiou a mão em sua coxa e o incitou a mover-se. E cada vez que ela sugava, ele podia sentir a pressão se elevar nas correntes sanguíneas que pulsavam na espessa haste. Hummm, delícia. Deu um suspiro de prazer e aprovação. – Quer dizer que enquanto brigávamos, era nisso que você pensava? Em se ajoelhar diante de mim e me tomar? – questionou tenso. Pronto. Muito pronto. Ela murmurou um assentimento, ele pôde sentir o som vibrando em volta dele e quase se deixou ir com a descarga que recebeu. A língua ondulava, a mão estimulava, o prazer rastejava, e ele percebeu que não se conteria muito. – Então, *Florzinha*, faça, tome.

E ela obedeceu. Levou-o até a garganta com pressão, aqueceu-o e esteve ordenhando-o, obrigando-o a mover os quadris com as tragadas longas e ávidas. Os dedos dele se moveram ansiosos em seus cabelos, encorajando, até que ficou desorientado.

Era seu fim.

Ela cravou a unha no seu quadril, percebeu que ele perdia o controle e sugou mais forte, com gana e determinação. Ele passou a arfar convulsivamente, sem nenhum foco. Ela pressionou-o, até que ele não pôde mais suportar, estremeceu fortemente e grunhiu, o som vindo rouco de seu pulmão, dando vazão à erupção quente extorquida em jorros de seu interior, o corpo tremendo.

Ela drenou tudo dele, acariciou, consolou-o. Ao fim, ele cambaleou para trás, encarando-a intensamente, dobrou os joelhos, nocauteado, e deitou-se de costas na areia, curtindo egoistamente o torpor pós-orgasmo. *Putaquepariu*, que selvagem ela foi! Gananciosa. Avara. Foi a primeira vez. E o fato de saber que ele estaria na sua corrente sanguínea nos próximos dias o fez sentir-se um macho primitivo, orgulhoso e ao mesmo tempo humilde.

– Beckye... – chamou-a, suspirando, o peito se expandindo em tragadas longas de ar. Ela se incorporou, orgulhosa de si, e parou em pé ao seu lado. Ele sorriu encantado. – Foi delicioso – levantou a mão por sua perna e acariciou sua coxa. – Obrigado.

– Não é como se eu tivesse lhe preparado um jantar para que você agradeça – brincou, afetada.

– Eu sei – segurou na lateral da calcinha e desceu pela perna, tirando-a. – Por isso serei justo e lhe devolverei o favor – prometeu com uma piscada e forçou atrás do seu joelho para que ela se inclinasse. – Eu preciso ter você aqui... – Molhou os lábios quando ela ajoelhou-se de pernas abertas na altura de seu rosto. – Quero ver se é bom como eu me lembro – enrolou o vestido até a cintura, ergueu o rosto e lambeu-a na separação entre as coxas, fazendo-a estremeecer antecipando o prazer que ele lhe daria. Ela fechou os olhos. A língua cavou a intimidade, ela arquejou, e ele a explorou de

cima abaixo. O prazer animal do ato formava redemoinhos em seu corpo, num banquete de sentidos à sua masculinidade. – Humm, amor... Que saudade – incitou-a sensualmente. – É tão bom ter você assim de novo. Sabe, é como voltar a viver.

Ela estremeceu ansiosa, tocou seu cabelo e enroscou os dedos nos fios macios, encorajando-o, quase exigindo. Ele riu, amando atormentá-la, estimulando lento e tranquilo as sensíveis terminações nervosas.

– Mais – ela gemeu rouca. A mão grande apalpou suas nádegas para pressioná-la a ele, abriu a boca em sua válvula de prazer e chupou delicadamente, a língua brincando na ponta como se degustasse uma fruta.

Ela queria gritar de frustração... Precisava de tão pouco... Estava tão perto.

– Hummm, deliciosa. O gosto é melhor do que a minha memória registrou – passou o vestido pela cabeça, subiu uma mão e acariciou o seio. Ela choramingou impaciente. – Sabe, *Florzinha*... – soprou e podia sentir que seu membro resistia, totalmente erguido ao tê-la em abandono, pronta para o auge sobre ele. Abriu-a com os dedos e pôs o indicador dentro dela, apreciando o contato de suas paredes internas, as pequenas contrações que o apertavam na cavidade úmida. – Aqui você também é como uma florzinha – explicou didaticamente e voltou a lambê-la como um gatinho, retardando propositalmente seu clímax, ora com paradas, ora com menos pressão. Argumentou consigo que poderia fazer isso pelo resto de seus dias, nutrir-se de seu gosto, saciar-se dela. Poderiam ficar para sempre naquela ilha, longe do mundo, dos outros, longe da Justiça. Ela sentada sobre seu rosto como se ele fosse seu escravo sexual pronto para satisfazê-la.

Ela tremia nas coxas, com todos os músculos tensos. O som distante de festa, o barulho de tambores e o rebentar das ondas não a desconcentravam do único som que prestava atenção: o barulho da boca úmida massageando-a, o som do seu dedo encontrando-a e retirando.

– Por favor – ela suplicou.

Ele ergueu-a um pouco, aumentou um dedo e trabalhou arduamente, agora com pressões e movidas precisas no músculo alerta. Grunhiu um som primal quando preveniu a contração interna nos dedos, alcançou o ponto g e com a língua esfregou-a mais. – Agora, *Florzinha* – ela o ouviu vagamente, por trás da névoa do clímax que começou a lhe atravessar. – Deixe vir... – convidou.

E ele veio. Veio com a força de um tufão rasgando-se através dela, dobrando-a em tremores, fazendo-a gritar afogada com a garganta contraída, incitando-a a cair num abismo intenso de prazer.

Ele teve que apertá-la para conter as convulsões. Linda. Deliciosa. Ousada. Honesta. Tão ela mesma. Sem pudor ou fingimento.

Seu membro vibrou duro de fome e vaidade, ansioso por ocupar o lugar que retinha e umedecia seus dedos. Ele cuidou-a e sugou a carne eletrizada até que suas pernas pararam de tremer, conduziu-a a posicionar-se sobre ele, ergueu a ponta de seu pênis e guiou-a, ainda entorpecida, a sentar-se nele, antes que as ondas finais de êxtase nela se cessassem.

– Isso – gemeu, realizado ao sentir-se ocupando-a centímetro por centímetro nas malhas cálidas,

estreitas e úmidas. – Foi assim que você quis a nossa primeira vez... – Ele empurrou tudo, numa sobrecarga sensorial que o embevecia. – Assim consumaremos nossa união – jurou, ela apenas ouviu as palavras vagar na mente sem realmente compreender, com os olhos desfocados. Christopher fechou os olhos, registrando e degustando as ondas de calor que o envolviam. Ela lhe pertencia agora.

Acariciou suas costas e sentou-se para capturar sua boca. Ela pôs os dedos em seus cabelos, chupou sua língua, e murmúrios desconexos deixavam sua boca enquanto promessas de uma vida de delícias eram pronunciadas por seus corpos ardentes.

Ela era mulher o bastante para ele – aceitou maravilhada –, era amada e apreciada. Apoiou os joelhos no chão e moveu-se no eixo volumoso, com o apoio da mão forte apertando-a na nádega, a boca nos seios. Abraçou seus ombros, sentindo-se feminina e amada.

– Está bom assim? – ele levantou-a pelo quadril como se não pesasse nada, mostrando a dominação masculina e afastou a boca do seio só para olharem juntos para baixo e ver, além de sentir, a longitude molhada enterrando-se profundamente dentro dela. Ambos gemeram deliciados.

Se estava bom? Todos os sentidos dela estavam sobrecarregados de luxúria. Vê-lo com a mandíbula travada, um leve fio de suor na testa, os ombros e braços tensos, e as mãos apertando-a no quadril para que ela subisse e descesse era um cataclismo de sentidos e *show* de vigor masculino.

A noite seria pequena com as chamas que os consumiam. Não importava o lugar. Não importava onde. O que importava é que estavam juntos. Dando-se prazer. Amando-se.

Ele rolou na areia, ficando por cima, sobre o vestido dela, e o céu testemunhava com aprovação as roupas dos amantes espalhadas na praia, os corpos movendo-se nus na areia úmida, numa confusão de membros entrelaçados, gemidos suprimidos pelo barulho das ondas.

Realizada, Beckye olhou absorta às estrelas, enquanto tinha o corpo quente e grande cobrindo-a, num movimento langoroso e amoroso. Eram marido e mulher agora, pensou com um sorriso. E tinha algo misterioso nisso, uma aura diferente. Parte romantizada do seu cérebro dizia que eram um, que ali selavam a união de vidas. Mas o que mudou? Um papel? Perguntou-se inebriada de prazer. Sabia que não. Era muito mais. Um magnetismo inexplicável, *Yin Yang*, a parte no quebra-cabeça que se completava. Sem ele, era como se só existisse. Com ele, sentia que tudo era completo. Com suas fraquezas, com suas falhas, ele era o homem da sua vida. E não havia mais o que questionar. Ela era dele. Seria sua para sempre.

– Eu amo você – sussurrou absolvida no prazer da epifania e sua anuência. E ele repentinamente congelou-se, ergueu um pouco o rosto e olhou-a uns segundos, com uma série de emoções entrando em ebulição em seu interior, fervendo, incontrolável, como se estivesse prestes a explodir. Ouvi-la dizer que o amava tão espontaneamente foi a maior das realizações que podia ter, depois de meses sem ouvir. Beijou-a na testa, abençoando-a, desceu os lábios com beijos molhados por seu rosto e capturou a sua orelha.

– Vou envelhecer ao seu lado – prometeu, ela puxou-o contra ela, sentindo os músculos da nádega contraírem-se sob sua mão a cada movida. – Eu te amo, te amo e vou te amar sempre e sempre – ele

apertou-a, golpeando-a contra a areia. Seu corpo incontrolável foi agitado por tremores. Mordeu-a ligeiramente no pescoço, os quadris moveram-se por reflexo.

O prazer dela veio primeiro. As pernas apertaram seu quadril com mais força e um extenuante clímax a fez arder ao ritmo das contrações. Ele exclamou roucamente em seu pescoço e explodiu em contínuos e desordenados movimentos, com sacudidas violentas, as mãos e braços em um agarre forte em volta dela, até que sua semente derramou-se no convulsivo interior feminino.

Foram necessários minutos para que sua pulsação e respiração voltassem ao normal. E, quando toda a tempestade de emoções acalmou, Christopher sorriu saciado e beijou-a na bochecha reverentemente, apoiado no braço. Teve algo de encantado e belo nesse ato sexual, percebeu rápido. Talvez fosse o compromisso. Talvez fosse o fato de não ter mentiras ou mistérios os envolvendo. Fora algo abençoado e mágico. Encontrava nela refúgio e amor que nunca teve antes. Seu amor iluminava as escuras trevas de seu coração.

Suspirou e agradeceu por enfim sua tormenta ter cessado. Fazia tempo que não olhava para o céu e enxergava Deus. Podia ter fé nele, aquela fé que nos faz recorrer a alguém lá em cima quando estamos à beira da morte ou em perigo. Mas não costumava lhe pedir nada. Todavia, naquele instante, fechou os olhos e pediu por eles.

– Eu li num *site* que as águas desta ilha são sagradas – começou, e num ato impulsivo, pegou Beckye no colo, levantou-a da areia e caminhou rumo ao mar. – Dizem que elas abençoam o amor, simbolizam o recomeço, por isso é um local de lua de mel e encontro de casais – Christopher expôs solenemente, molhou os pés na água e deu leves passadas rumo ao fundo. – Sendo assim, vamos tomar vários banhos nelas. Recorrerei a todas as crenças e fé para que possamos ser fortes e abençoados – jurou, ela sorriu assentindo e mergulharam juntos.

Capítulo 10 - Concessões & Fraqueza

Sentado em frente à lareira ornamental da mansão Adams, Thomas não lembrava a figura austera que representava a Corte. Em seus trajes casuais, camisa polo branca e bermuda creme, tinha a imagem doméstica de um avô enquanto balançava um copo de vinho na mão. À sua frente, Peter rabiscava seu caderno de desenhos observado por ele e Olga. Ela estava sentada no chão, ao lado de Peter, assistindo-o.

– Pretendo ir embora amanhã, Thomas – Olga avisou, casual.

– Por quê?

– Não faz mais sentido eu ficar aqui – explicou, sem olhar em sua direção. – Vou alugar uma *kitinete*, depois irei ao Fórum informar meu endereço.

– E o Peter? – Thomas perguntou. Temia não se acostumar novamente com a solidão de sua casa depois de experimentar esses meses cheio de companhias.

– Peter vai comigo, por enquanto.

No instante em que ouviu seu nome, Peter levantou o olhar do papel e olhou de um ao outro curiosamente. Depois sorriu sozinho, inclinou a cabeça novamente e olhou para o papel.

– Vocês podiam ser casados – comentou, distraído com o desenho, pegou o lápis de cor azul e pintou as formas geométricas que tinha de tarefa de casa.

Os olhos dos adultos tomaram a direção do menino, confusos. Peter continuou, como se eles não estivessem perto. – Avô e avó deviam ser casados para Peter poder ficar com os dois. Aliás, o Peter devia morar com todos juntos. O tio Chris, o pai Alek, o tio Sam – trocou de lápis de cor, entretido.

Olga queria que o chão se abrisse para se esconder. Sentia a pele queimar de constrangimento. Não que já não tivesse pensado no juiz como homem. Porque já pensou. Porém, sabia que ele era superior, quase inalcançável para alguém como ela. Portanto, qualificava seu sentimento deslocado como gratidão ao juiz por sua disponibilidade em ajudar sua família e ter se disposto a ajudá-la a sair da prisão. Também o admirava. E vez ou outra se pegava pensando nele como homem... Em como seria se sua história fosse outra... Mas o choque de realidade mostrava sua incapacidade de ao menos iludir-se com alguém da estirpe dele. Alguém como ele jamais se interessaria por ela. Somente policiais casados, bêbados de beira de estrada e caminhoneiros lhe deram um segundo olhar. E desde muito tempo ela excluiu esse e qualquer tipo de homem de sua vida.

– Você também acha isso, Olga? – Thomas perguntou, tranquilo, estudando o semblante embaraçado da mulher.

– O quê? – perguntou e, para ocultar a face, guardou os lápis de Peter no porta-lápis.

– Que os avós de Peter deviam ficar juntos – instilou sugestivamente. Ela suspirou, encarou-o e sentiu o clima pesado. Ele estava testando-a, ela sentiu. E sua resposta desencadearia uma série de

probabilidades.

Encararam-se até que perceberam o movimento de Peter juntando os materiais.

– Peter está morrendo de sono – parou em frente à Olga e lhe deu um beijo. – Boa noite, tia-avó Olga – ela também se levantou para acompanhá-lo. – Não precisa ir com Peter – levantou a mão para impedi-la e caminhou até Thomas. – Boa noite, vovô.

Os dois presenciaram em silêncio Peter subir devagar as escadas. Olga sentiu o coração pulsar de ansiedade. Olhou para cima da lareira e vislumbrou a foto da falecida senhora Adams, como se estivesse vigiando-a.

– Boa noite, Sr. Adams – deu um passo desajeitado em direção às escadas. Thomas registrou o movimento e suspirou, pensando nas complicações que um avanço seu desencadearia. Jogou tudo para os ares e seguiu-a antes que ela alcançasse as escadas.

– Podemos conversar? – Thomas propôs. Olga parou com a vista baixa. – Por que você não olha para mim?

– Por quê? – torceu os lábios com desgosto. – Pelo óbvio.

– Não é claro para mim. A única coisa clara é a atração entre nós – disse direto.

– Deixe-me subir. Não vamos estragar a amizade que conquistamos – tentou afastar-se, recriminando-se.

– Somos adultos, Olga. Por que você quer fugir? – inclinou-se e segurou seu queixo. – Diga não, apenas.

– Olhe para você...? – apontou para ele, exasperada. – Eu sei onde é meu lugar.

Ele deixou os dedos caírem de seu rosto. Por anos, conviveu com pessoas que se aproximavam dele por causa de seu nome, bens e influência. E agora, Olga, em quem via uma beleza simples e cálida generosidade, negava-o pelo mesmo motivo. Era frustrante.

– Se você pensa assim, não vou defender um ponto que já está sentenciado – afastou-se um passo atrás. – Em todo caso, eu peço que fique aqui pelo menos até quando as crianças voltarem de viagem. Depois você decide o que fazer. Seria bom ter companhia para minha filha que virá morar aqui a partir de terça – sugeriu com um sorriso amistoso.

– Pode ser – respondeu, intimamente arrependida por ter podado todas as possibilidades.

– Hoje eu aceito sua companhia para um filme e uma pipoca – ele rematou decidido, segurou sua mão e puxou-a para sala de TV sem lhe dar chance de negar. Não deixaria sua falta de segurança afastá-lo. Não perderia algo precioso quando, depois de muitos anos, encontrou.

**

Na segunda manhã de lua de mel, Christopher e Beckye deitaram-se juntos na cadeira acolchoada para tomar sol, e foi Christopher a desamarrar a parte superior de seu biquíni. Quando ela perguntou

confusa o que ele estava fazendo, ele respondeu simples assim: *terapia de dissensibilização*. Piscou e deitou-se de lado, acariciando-a lateralmente, o polegar deslizando sorrateiramente no volume lateral enquanto admirava os picos apontados para o céu. – De repente, se eu vir você assim o tempo todo, fico imunizado – lambeu os lábios com o olhar escuro, os dedos coçando de vontade de tocar e eriçar.

– Pode olhar – sorriu presunçosa. – Só não ouse beijar – disse ao vê-lo molhar os lábios. – Que aí, sim, iremos de encontro às regras públicas do Resort. E já basta estarmos enrolados com a Justiça – ela cobriu o rosto com o chapéu branco e fechou os olhos, sorrindo. Ele sorriu de volta e encostou o nariz em seu pescoço sob a proteção do chapéu.

– Sabe, Beckye, eu estava pensando em esperamos um pouco mais para termos nossos filhos. Não sei, penso que você ainda tem uma vida pela frente antes de tomar essa decisão. Quero que você estude. Realize-se profissionalmente. Quero que tenha muitas experiências, em minha companhia, claro. Não quero que pule fases por causa do casamento – expôs seriamente.

– Hummm, você está falando como um preocupado e protecionista pai – gracejou.

– Não, mocinha. Meus pensamentos não são nada paternalistas. Na verdade, estou sendo bem egoísta. Estou pensando em mim, em poder te curtir sem ter que te dividir com ninguém. Quero poder viajar, namorar – beijou-a no pescoço.

– Ainda vou pensar nisso – concedeu. – Como a Dra. Débora disse que há possibilidade de gravidez, mesmo tendo ovários policísticos, se usado um remédio indutor de ovulação, no tempo certo, tentaremos. – acariciou-o do peito à barriga.

No terceiro dia, Christopher estava saciado e preguiçoso como um urso gordo depois de roubar e comer todo o lanche do piquenique. E quando ela o acordou para o passeio nas ilhas vizinhas, resmungou sonolento, relutante em deixar a cama tão cedo.

– Deixa eu dormir mais um pouco – abraçou o travesseiro, cobrindo o rosto. – Não vamos ao passeio coletivo, não.

– Ah, eu quero passear – pediu manhosa. – Tenho que procurar umas pedras coloridas e conchinhas para a coleção do Peter.

Ele abriu os olhos e inspecionou-a cuidadosamente. Ela passeava charmosa pelo quarto vestida numa minúscula saída de praia branca, que em outra mulher passaria despercebida, mas que nela, com as pernas longas de fora, parte do bumbum aparecendo quando ela se inclinava ou levantava o braço, e os seios expostos pelo pequeno biquíni, causava um efeito devastador. O que aquela roupa cobria mesmo? Mulheres casadas deveriam cobrir-se mais, não?

– Hei, num *tá* faltando pano aí, não? – resmungou ao se levantar contrariado para ir ao banheiro.

– Não – respondeu simplesmente. – Eu sinceramente *tô* querendo é andar sem nada – comentou sugestivamente, referindo-se à praia de nudismo que ele relutava em ir. – Vem aqui. Vou tirar seu mau

humor matinal – pôs os braços em volta do seu pescoço quando ele voltava do banheiro. – Eu amo você, sabia?

Ele sorriu comovido, apertou a base de suas costas e ergueu-a em seu colo, antes de derrubá-la na cama e cair por cima dela. – Também te amo, *Florzinha*. Bom dia.

– Bom dia. Agora que você já reclamou, resmungou, podemos nos arrumar? – acariciou seu cabelo amorosamente.

– Acho que *tô* ficando velho para aguentar essa rotina – cheirou seu pescoço.

– Eu não estou cansada. Fiz as mesmas coisas que você e *tô* novinha em folha – provocou.

– Não foi você que fez sexo em pé na porta do chalé com uma garota nos braços por quarenta minutos – acusou com severidade fingida. – E o esforço não foi seu nas duas outras vezes que fizemos amor no chuveiro e no carpete.

– Hummm, está reclamando? – ela provocou.

– Não. Essa é a penitência por casar com uma garotinha – fez uma careta cômica de pessoa resignada. – Tenho que passar por isso como homem – dramatizou e fungou o seu perfume. – Acho que dou conta do castigo.

Ela gargalhou gostosamente.

– Falando nisso, eu tenho planos malignos para hoje à noite – acariciou seu cabelo. – Não experimentamos aquilo ainda – apontou para o quadro de posições na parede onde a parceira estava de quatro segurando a coluna da cama e o parceiro a cobria por trás. Ele demorou uns segundos estudando a figura. Afinal, aquela posição não era inédita para eles. Quando enfim a sugestão assentou, ele arregalou os olhos, alerta. *Mas o quê...?* Grunhiu e mordeu suavemente seu ombro ao intuir ao que ela se referia, completamente excitado e animado com a promessa promiscua e indecente... e deliciosa.

– Meu Deus, se vou ser casado com uma *senhora* gulosa, curiosa e cheia de vigor, tenho que procurar umas receitas afrodisíacas com os nativos da ilha – brincou, desceu a boca por sua barriga e beijou seu umbigo. O ritual de amor começou todo de novo. Quando enfim saíram, tiveram que correr para pegar a lancha que os levaria às outras ilhas.

Os dias seguintes transcorreram lentos, cheios de sol e sorrisos. Foram caminhadas e exploração na ilha, passeios de barcos, e suas noites eram preenchidas com ritmos quentes de bandas nativas, frutos do mar e muito amor. Usufruíram juntos da estrutura do complexo, fazendo massagens, esfoliações, banho de ervas; tomaram banho nas piscinas naturais com golfinhos; usaram as saunas individuais com óleos corporais afrodisíacos. E não perdiam uma oportunidade para estar íntimos.

Fizeram amizades... Bem, Beckye fez amizades, não Christopher. Ele estava mais ocupado em vigiá-la, girar em torno dela. Beckye conheceu do pessoal da lavanderia aos casais de hóspedes, sempre com sorrisos simpáticos, abordando assuntos de culinária à religião e, ao fim, acabava

comentando com orgulho sobre o que fazia na casa de recuperação.

Visitaram todas as praias do complexo. Inclusive a de nudismo. Não foi fácil convencê-lo, no entanto. Ela teve que usar de todo seu poder de persuasão para domá-lo. E quando, enfim, chegaram à ilha, ele relutou como um menino teimoso em se desfazer da sunga ou ficar perto de outros.

– Não, não, não! – Christopher tapou os olhos com as duas mãos dramaticamente, impedindo-se com horror exagerado de presenciar Samuel e Carolyn caminhar faceiros e nus rumo à entrada da praia de nudismo. – Meu Deus, meu irmão vem de uma geração puro-sangue de egocêntricos promotores e juízes! Ele tem uma reputação imaculada a velar! – apontou exasperado para o irmão.

– Para de tempestade – Beckye censurou com um sorriso. – Seu irmão já foi supostamente abandonado no altar e chamado de homossexual pela ex-noiva. Casou quatro meses depois com outra noiva grávida de exatos quatro meses, então acho que ele não tem mais reputação imaculada a velar – citou divertida.

– Vê aí o que vocês fazem com a gente! – apontou para ela, indignado. – Sua prima enfeitiçou meu irmão. Ela balança o chicote na cara dele e ele pula. Isso é ridículo!

– Pena que você não me ame como ele a ama – fez biquinho, fingindo mágoa.

Ele bufou irritado, porque compreendia que ele mesmo era pior que Samuel. Beckye nem precisava balançar o chicote que ele já pulava.

– Tá, podemos ir... – Christopher concedeu resignado. – Mas só eu e você – condicionou, relutante.

– Não fique tão tenso – acariciou seu rosto docemente. – Será natural.

– Sim. Natural – repetiu desgostoso. – É muito natural ver a *carinha* da minha *bichinha* exposta, me flertando, e ser obrigado a permanecer indiferente como um rei bicha – resmungou apontando para baixo. – Eu sou homem, Beckye. Você não vai nem poder se encostar nua em mim que vai dar choque – argumentou pela décima vez.

Ela permaneceu teimosa, decidida, com um sorriso divertido nos lábios por estar obrigando-o a fazer isso.

– Tá, tá – ele cedeu com uma carranca cômica ao ver o queixinho erguido. – Mas você não vai sair de perto de mim um segundo. E vamos ficar bem longe deles – apontou novamente para o casal que caminhava a certa distância, depois fechou os olhos fortemente, fazendo uma careta. – Meu Deus, que embaraçoso ter que ver nua minha cunhada grávida e a bunda branca e machucada do meu irmão exposta! – reclamou, segurando protetoramente a cintura de Beckye. Ela sorriu mais e segurou seu rosto entre as mãos.

– Esquece tudo. Será uma experiência. Você não quer que eu desfrute de muitas experiências? Então aja naturalmente – ficou na ponta dos pés e lhe deu um selinho, depois se desfez da parte superior do biquíni. Os olhos de Christopher acompanharam seus movimentos possessivos e vigilantes. Ela continuou. – Qualquer emergência você corre para água. Em todo caso... – disse ao se

desfazer da parte inferior. – Eu posso aliviar suas tensões dentro do mar se você não aguentar a pressão – sugeriu maliciosamente e acariciou com as pontas dos dedos o peito exposto do marido.

Christopher franziu o cenho. – Aqui? Pretende aliviar aqui? – sua voz aumentou um tom, um pouco entusiasmada. – Perto de todos?

– Por que não? – piscou graciosa e fez menção de descer sua sunga. – Além disso, eu trouxe essa florzinha nativa aqui para tampar você, se você começar a se animar – mostrou uma flor lilás do tamanho da mão, depois olhou avaliativa para baixo, para a amplitude que se avolumava nele. – Bom, se bem que no seu caso tinha que ser um girassol gigante – admitiu com um impassível olhar clínico.

Ele riu lisonjeado e a apertou a si. – Acho melhor, antes de entrarmos, aliviar logo minha tensão no mar. Não se pode falar essas coisas para o marido viril e esperar que ele aja como um velho com a bengala mole balançando de um lado ao outro.

Ela riu por ter despertado seu humor, pôs suas roupas na bolsa de praia, segurou em sua mão e caminharam nus para o mar.

No sétimo dia de lua de mel, Beckye acordou desorientada, o sol entrando no quarto, espalmou a cama e não encontrou Christopher. Abriu os olhos, incomodada com a claridade das cortinas cremes abertas, e viu pelo canto do olho Christopher sem camisa, de costas para ela, olhando com expressão remota para o mar.

– Bom dia – cumprimentou preguiçosa, puxou o lençol de cetim e cobriu o quadril nu. – Que horas são?

– Dez horas – respondeu conciso.

– Droga – abraçou o travesseiro. – Eu queria aproveitar o penúltimo dia, acordar mais cedo que todos e explorar as areias do norte da ilha – sugeriu travessamente, porque no dia anterior tinham *explorado* a areia branca da parte sul da ilha, numa praia quase deserta.

– Beckye... – chamou-a, ela tirou o travesseiro do rosto e observou-o. Ele sentou-se na cama, acariciou sua cintura e hesitou.

– O que foi? – alarmou-se quando viu o olhar sombrio no seu rosto. – Aconteceu alguma coisa com Peter? – sentou apressada. – Não pode ser. Eu liguei para ele ontem à noite!

– Não – adiantou-se em acalmá-la.

– Então o quê?

– Meu pai me ligou avisando que seu irmão fugiu da cadeia.

– Sério?! – apertou o lençol nos seios. Christopher não mudou a expressão, parecendo carrancudo aos olhos de Rebecca. – O que foi, Christopher? – entrou na defensiva. Até aquele momento não tinham falado abertamente sobre Aleksey. Tinham uma espécie de acordo tácito de não se tocar em

assuntos complicados. – O fato de ele ter saído te incomoda? – ela quis saber, magoada.

– Não, Beckye – balançou a cabeça negando. – Francamente sinto até certo alívio que ele tenha saído – disse sinceramente. – A questão é que, segundo meu pai, ele entrou em contato com Christine, que está na casa dele... – suspirou, preparando-se para a tempestade que se desencadearia. – E, como fugitivo, Alek vai levá-la com ele – esperou, apreensivo.

– Nada mais justo. Eles perderam muitos anos na vida. É bom que recomecem longe de tudo.

– Mas não é só isso, Beckye... – esfregou os cabelos, nervoso.

– O que mais...? – Rebecca inclinou-se, sem entender o ponto que o deixava tão tenso.

– Bem, ele quer Peter – disse quase sem som.

– Quê? – Rebecca ficou em pé, alarmada. – Não... Ele não pode – abraçou-se e esfregou os braços com ar ausente.

Christopher levantou-se e foi até a janela de vidro, pensativo. Rebecca fechou os olhos e começou a hiperventilar, com a sensação de que iria desmaiar, enquanto apertava o lençol ao corpo.

– Eu já adiantei o voo – continuou. – Em duas horas pegaremos a lancha que nos levará à costa. Dormiremos em casa – avisou triste enquanto afundava os dedos na nuca. – Nossas malas já estão prontas.

Depois de uma viagem exaustiva e tensa, os dois casais encontraram-se com o motorista do juiz no estacionamento do aeroporto e seguiram rumo a Malibu, silenciosos. Beckye manteve-se em constante quietude, mas abraçada ao marido. Christopher seguia ansioso, beijando vez ou outra a jovem esposa para confortá-la, sabendo que os acontecimentos os afetariam e que toda a paz conquistada poderia ser gravemente atingida.

Christopher desceu com as malas, e Beckye correu aflita para encontrar Peter. Mal entrou na sala, surpreendeu-se ao presenciar Peter sentado familiarmente no colo de Aleksey. Parou e esperou, incerta.

– Mamã! – Peter pulou do colo do pai e correu em sua direção, sorridente. Ela ergueu-o no colo e abraçou-o forte, saudosa e preocupada. Christopher entrou logo atrás.

– Hei, garotão, como está? – encostou o punho no punho do garoto e inclinou-se para beijar a cabeça loura.

– Peter está bem – desceu do colo de Beckye e puxou a mão de Christopher. – Tio, vem conhecer o pai do Peter – parou animado em frente ao sofá. – Papai Alek, esse aqui é o tio Chris – apontou para Christopher.

Rebecca prendeu o ar esperando um ato hostil, no entanto Christopher estendeu a mão num gesto educado e Aleksey levantou-se, encarando-o.

– Como vai, Chris? – Aleksey perguntou.

– Estaria melhor se você não estivesse aqui – espetou com uma torcida de lábio.

– Christopher! – Rebecca repreendeu-o.

Ele deu de ombros, afastou-se e beijou a testa da irmã, que estava retraída ao lado de Aleksey.

– É o que penso – continuou sem arrependê-lo. – Se ele não estivesse aqui, nós ainda estaríamos na ilha – retrucou aborrecido, caminhou até o pai e cumprimentou-o, depois deu um beijo em Olga.

– Mas não vou estar por muito tempo – Aleksey adiantou-se. – Já devo estar sendo procurado – pelo menos contava com isso, adicionou mentalmente. Tinha que ser uma perseguição real para dar veracidade aos fatos.

– Então por que veio? – Christopher atacou-o, direto. – Podia ter sumido do mapa!

– Christopher, por favor – Beckye segurou seu braço, implorativa. Christopher suspirou chateado, passou os braços em volta dela e abraçou-a protetor.

– Calma, Florzinha – Aleksey riu curioso ao ver o gesto territorial de Christopher, agindo como se ele fosse o inimigo dela. – Está tudo bem. Eu vim porque preciso conversar com vocês antes de *sumir do mapa*, como disse *meu cunhado* – zombou.

Aleksey recebeu um olhar questionador de Samuel. Em resposta, balançou a cabeça em negativa, garantindo que não revelaria tudo... Somente parte.

– Bem, então vamos ao escritório – Thomas intermediou, apontando para o corredor.

– Vou levar Peter para brincar – Olga avisou, pronta para sair.

– Não vá, Olga. Eu te convido a ficar – Thomas pediu com íntimo olhar. – É uma reunião de família.

– Er, e Peter? – ela perguntou sem jeito.

– Não se preocupe, tia – Aleksey se adiantou. – Filho, vai jogar um pouco que daqui a pouco papai fala com você.

Peter olhou desconfiado de um ao outro, relutante em deixar Beckye.

– Vai lá, bebê. Beckye trouxe coisas legais para sua coleção e daqui a pouco vai te dar – encorajou-o, ajoelhou-se diante dele e lhe deu um beijo.

– Até daqui a pouco, mamã – assentiu.

Christine moveu as mãos desconfortavelmente uma na outra e olhou de canto para Peter, que beijou Beckye molhado e sorridente e saiu piruetando rumo à sala de jogos. Aleksey suspirou preocupado com a série de revelações que se seguiria. Amava a irmã e não queria magoá-la. A situação exigiria dela maturidade e compreensão.

– O que pretende fazer, Aleksey? – perguntou Rebecca, direta, logo que chegaram à biblioteca. Christopher tocou sua mão em apoio e sentaram-se lado a lado, de frente a Aleksey.

– Vou sair do país – revelou sério. – Por um tempo – adicionou.

– Mas como fugitivo você nunca poderá voltar – Rebecca salientou, preocupada.

– A princípio, não – evidenciou enigmático.

O silêncio se ampliou na sala, era quase sepulcral.

– Por favor, Aleksey, pare de suspense. Fale de uma vez – a irmã pediu aflita.

– Eu pretendo levar Peter – esclareceu resolutivo.

– Eu não acredito que você cogite obrigar Peter a viver clandestinamente em outro país – retrucou nervosa, quase em pânico, ao imaginar que poderia ficar longe de Peter. Estava disposta a dissuadi-lo da ideia já que nunca foi um pai muito presente. – Seja razoável. Ele ficaria muito melhor comigo – implorou. Christopher pôs a mãos em suas costas e esfregou, preocupado. – Se você for sem ele, poderá recomeçar com Christine.

– Eu não posso – negou chateado ao ler o medo no rosto da irmã.

– Pense bem, Alek. Será muito mais fácil para vocês dois recomeçarem sem o bebê. O filho é só seu. Pense em como Christine se sentiria ao ter que conviver com... – interrompeu-se e olhou para Christine, implorando apoio com o olhar. Lembrava-se da atitude dela logo que descobriu que Aleksey teve um filho com outra.

Christine permaneceu de cabeça baixa, olhando para as mãos.

Aleksey arrependia-se de ter envolvido a irmã adolescente em seus problemas. Por diversas vezes quis livrá-la do encargo, mas ela apegou-se ao menino de uma maneira tão indiscutível que não pôde intervir. Entretanto, agora precisava recomeçar sua vida. Precisava dar uma chance a si de ter paz com sua família.

Ele se levantou, rodeou a mesa e ajoelhou-se diante de Rebecca.

– Florzinha, você ama Peter? – questionou, terno.

– Sim.

– Você acredita que o lugar certo para ele é ao lado do pai e da mãe dele?

Ela ergueu o queixo, obrigando-se a ser lógica e resoluta.

– Eu sou a mãe para ele, mas eu não quero ser fugitiva – defendeu determinada.

Aleksey ficou em pé, suspirou e enfiou a mão no bolso da jaqueta, tirou um envelope pardo e abriu, colocando-o no do colo de Rebecca.

– O que é isso? – ela perguntou desconfiada, com o presságio de que as coisas não estavam bem.

Abriu e cautelosamente leu o documento. Era um registro de nascimento de seis anos atrás. Ela abriu a boca no automático e olhou em choque para Christine, que desviou o olhar. Depois se virou para Christopher e mostrou-lhe o documento.

– Mas como? – perguntou Rebecca num estado de tensa contenção, o medo envolvendo em tentáculos sua mente. – Ela estava em coma – a voz soou distante até para seus ouvidos.

Atento à comoção, Thomas levantou-se de sua poltrona e sentou-se ao lado de Christopher para ler o documento que tinha transformado o semblante de Beckye de calma forçada a desespero explícito.

– Christine é a mãe de Peter – esclareceu Aleksey, antes que Thomas lesse. Carolyn abriu a boca pasmada e olhou Samuel, que desviou o olhar, culpado. Christopher abraçou Beckye pelos ombros ao notar o tremor no corpo e nas mãos.

Thomas demorou a concatenar o fato, terminou de ler o documento e suspirou, dizendo para si que estava velho demais para tantas surpresas. Olga permaneceu quieta, embora surpresa.

– Depois de saber que Christine estava viva, nada mais é surpresa para mim – Thomas comentou cansado e voltou a sentar-se. – Bem, isso requer uma longa explicação – sugeriu tranquilo.

Aleksey olhou a irmã um tempo, pesaroso. Ela mantinha o rosto escondido na curva do braço de Christopher, sem reação, com fungadas trêmulas e nervosas, além de um olhar de canto ressentido para Christine.

– Christine me disse que vocês são cientes de parte da história do coma, então resta contar sobre a gravidez – explicou Aleksey, nervoso. – Como sabem, Thomas autorizou a eutanásia quando Christine completou dois meses em coma. E, nesse mesmo tempo, um médico, com quem fiz amizade, me informou que, de acordo com exames, Christine estava grávida de três meses. E que, em alguns casos, o feto conseguia sobreviver à gestação, desde que fosse assistido. Na ocasião, eu estava meio revoltado com Thomas por ele não ter me ouvido quando pedi que ele não autorizasse o desligamento dos aparelhos. Por isso, liguei para Christopher, pedindo ajuda, sem de fato revelar o motivo do meu desespero.

Aleksey apontou para Christopher, que tinha toda sua atenção dedicada a Beckye em seus braços, então continuou:

– Depois liguei para Samuel. Ele me ajudou sem argumentação. Daí em diante, seguimos o plano de sequestrar Christine. E a mantemos em San Diego... Logo que a gestação completou seis meses, o médico precisou fazer a cesárea. Peter ainda ficou internado um mês, depois eu o levei para casa. Concomitantemente, atravessei a fronteira com Christine, pois no México era mais viável as pesquisas com substâncias proibidas. Rebecca passou a cuidar de Peter como se fosse seu, rejeitando os cuidados da vizinha paga por mim. No início eu fiquei preocupado, pois tinha fé que em breve Christine iria acordar. Com o passar do tempo minhas esperanças oscilaram. E ver Peter com as mesmas características da mãe despertava em mim saudade, frustração e tristeza, por isso eu passei grande parte da vida dele distante como pai... Mas agora, eu preciso de uma oportunidade de estar junto da minha família – olhou para Rebecca suplicante.

– Você não foi justo, Aleksey – ela murmurou baixinho, incapaz de controlar os tremores na voz. – Nunca me deu nenhuma pista de que a mãe dele iria voltar – um soluço trêmulo escapou antes que pudesse detê-lo. Christopher a apertou mais a si.

– Você o amaria menos? – Aleksey perguntou exasperado. – Teria se dedicado menos? – desafiou. – Eu tentei de tudo que é modo, flor... No começo, eu nem percebia. Com o passar dos anos vi a dependência e tentei evitar. Inclusive o fato de apressar minha tia para morar conosco foi para tentar diminuir o vínculo. Não só por você, mas por ele, porque eu sabia que um dia você iria ficar adulta e poderia deixá-lo de lado.

– Mas eu não deixei. Eu nunca o deixaria de lado. Peter sempre foi o primeiro lugar na minha vida! – Beckye defendeu com veemência. Ainda que Christopher soubesse ser infantil ressentir-se, ouvir isso doeu como se um golpe fosse dado no seu estômago. – Ele sempre será... Você não pode afastá-lo de mim – soluçou e as lágrimas impotentes desceram teimosas.

– Rebecca, eu não posso ficar no país... – Aleksey tentou novamente. – Seja compreensiva.

Rebecca fechou os olhos, aceitou o abraço do marido e chorou baixinho. Sabia que ninguém ficaria do seu lado nessa hora. Nem mesmo Christopher a apoiaria a se opor. O que ela era? Uma mãe de mentira. Era somente tia de Peter. A série de documentos falsos que usou durante anos não valia de nada. Sentia-se traída. Até a suposta adoção nunca esteve em perigo de lograr êxito. Que ingênua foi! Como Samuel entraria com o pedido de adoção sem antes ter que revelar que Peter era filho de sua irmã?

– Eu preciso vê-lo – afastou-se da segurança do abraço do marido, limpou os olhos e levantou-se, mas, antes de sair, se lembrou de algo. – E Peter? Você não está pensando nele? Como pensa em mudá-lo de ambiente, de cidade e de escola sem ao menos dar uma chance de ele se adaptar? – questionou melancólica, embora insistir em argumentos de dissuasão exigisse energia mental que ela não dispunha.

Aleksey deixou os ombros caírem, angustiado. Ao ver o desapontamento na leal e dedicada irmã, tentou outra vez argumentar.

– Se a recuperação de Christine tivesse acontecido um ano atrás, tudo seria mais fácil. Eu não teria sido preso, ainda. Você não estaria casada... E a nossa convivência seria fácil – explicou, e os olhos de Rebecca encontraram os de Christopher uns segundos, um lendo no outro a alternativa.

Um hiato dolorido foi aberto na mente de cada um ao imaginar uma vida sem o outro. Depois ambos desviaram os olhares.

– Mas devido às circunstâncias... – Aleksey voltou a dizer. – ... Durante um mês pretendo deixar Christine aqui para que ela se acostume com ele, e ele com ela. Depois disso... – olhou em dúvida de Christopher a Rebecca, imaginando se eles tinham se resolvido ou não. – Fica a seu critério decidir ir ou continuar casada – segurou na mão da irmã. – Eu só peço que você seja sensata, como sempre foi, e o conduza, como só você sabe fazer, a amar a mãe. Christine teve seis anos perdidos de sua vida. É justo que ela tenha uma chance – pediu e olhou Christine. Rebecca nunca tinha visto aquele brilho nos olhos do irmão.

Respirou fundo e massageou as têmporas, pensativa.

– Isso quer dizer que você me levaria com vocês, caso eu resolvesse ir – ponderou. – Você não está me jogando da vida de Peter?

– Lógico que não, Florzinha – riu, quase aliviado ao ver a irmã mais calma. – Você é minha irmãzinha querida – bajulou carinhoso. Christopher moveu-se na cadeira, incomodado com a proposição implícita que percebeu Beckye considerar. – Eu quero para você o que te faça feliz. Eu só não posso deixar meu filho aqui – Aleksey enfatizou.

– Minha tia também vai? – ela apontou para Olga.

– Não – Aleksey negou. – Como a acusação dela será arquivada por falta de provas, não é bom que ela saia do país neste momento.

Rebecca ergueu o queixo após um tempo de silêncio, deu um suspiro, obrigando-se a pensar positivo e, determinada a enfrentar a situação com praticidade, caminhou até Christine, que se encontrava amuada, e segurou sua mão. Não decepcionaria seu irmão com egoísmo em dividir o amor de Peter. Se esperavam uma atitude adulta dela, era assim que agiria.

– Vem, Christine – concedeu diplomática. – Venha conhecer seu filho – puxou-a para sala de jogos, com o coração ardendo sob a máscara de aceitação, entrou e sentou-se no carpete próximo a Peter. – Hei, mocinho! – chamou-o animada. – Olha a moça bonita que veio jogar conosco – apontou Christine, forçando um sorriso no rosto.

– Oi, namorada do papai. Você sabe jogar? – Peter perguntou receptivo, desviando minimamente a atenção do jogo.

– Não – respondeu tímida.

– Peter te ensina – avisou solícito. – Senta aqui – apontou para o lugar ao seu lado e começou a lhe ensinar o funcionamento do sensor. Ele não tinha dificuldade em fazer amizade.

Por um instante, num minuto de fraqueza, Rebecca desejou que ele fosse mais retraído. Segundos depois balançou a cabeça, negando os sentimentos débeis e desviou os olhos. *Pare de ser fraca. Ordenou-se. Ciúmes é um sentimento degradante.* Disse para si. A torrente de emoções ameaçava desabar. Mas disse-se que iria manter-se firme.

– Chame-a de mãe, Peter – Rebecca precipitou-se com a voz rouca, ardendo de emoções reprimidas.

– Por quê? – Peter olhou de Beckye à Christine, desconfiado, depois voltou os olhos para a tela de LCD, sem dar muita atenção.

– Porque ela vai casar com seu pai – Rebecca explicou naturalmente.

Peter olhou-a de novo, torceu os lábios em uma careta e moveu um pião no xadrez virtual.

– Mas Peter já tem você de mamã – argumentou decidido. – Ela pode ser minha tia, se ela quiser.

– Peter, por favor – implorou e observou Christine, impotente. Já estava doendo demais ser a ponte que o levaria à mãe, pior seria sua resistência. – Vamos subir para você tomar banho. Depois a sua nova mamãe vai ler para você dormir.

– Peter quer você – ele deixou o jogo de lado, como se lesse a tensão que se anunciava, e subiu no colo de Rebecca. – Beckye ficou sete dias sem colocar Peter para dormir, e o bebê da Beckye está com saudade – disse carinhoso, ignorando e rejeitando Christine deliberadamente, e beijou Beckye na bochecha. Ela afundou o rosto em seu pescoço e abraçou-o forte. Christine viu a cena e desviou o olhar, embaraçada e constrangida com a demonstração de afeto. Mas Rebecca não desistiu de cumprir o que esperavam dela, mesmo magoada e talvez até revoltada com toda a situação.

– Vamos, mamãe Christine, colocar o Peter para dormir – insistiu, saiu da sala de jogos com Peter no colo e subiu as escadas.

Após ver Beckye passar com uma capa de bravura, Christopher deu um suspiro pesaroso, despediu-se dos presentes e subiu logo atrás com as malas para o seu quarto. Tomou banho, vestiu uma bermuda, deitou-se na cama e ligou a TV, esperando que Beckye chegasse. Três horas depois, por volta de meia-noite, Beckye entrou no quarto, trancou a porta e encostou-se a ela. Encararam-se uns segundos. Christopher abriu a boca para dizer algo, mas ao ver o olhar desamparado de Beckye, a expressão de angústia, levantou-se da cama e caminhou cauteloso até ela, buscando mentais palavras de conforto.

– Tudo bem? – beijou sua testa, preocupado.

Ela balançou a cabeça duas vezes, assentindo, mas seu queixo tremia. Ele segurou sua mão e a conduziu à cama, fazendo-a sentar-se no seu colo. Ela estava quieta, ausente. Ele absteve-se de palavras que não a consolariam.

– Vamos comigo – ela pediu depois de um tempo, com súplica nos olhos.

Ele torceu os lábios numa careta. – Eu não posso, Beckye – negou com pesar. – Não posso sair do país sem autorização judicial. Tenho que resolver meu caso com a Justiça. E se eu fugisse, teria que nunca mais voltar.

Um silêncio longo se fez. As emoções punham, nela, intensas e dolorosas.

– Eu não posso deixar Peter – justificou-se e segurou implorativa seu rosto nas mãos. Ele já contava com isso, com essa desagradável realidade que ameaçava destruí-los. – Também não posso deixar você – disse com lágrimas doloridas nos olhos, a garganta ardia. Ele sentiu o coração abrandar e abraçou-a ferozmente, sem palavras. Ela percebeu sua dúvida e segurou seu queixo, lendo o sofrimento nos olhos azuis do marido. – Eu não vou deixar você, sabe disso, não?

– Sei? – questionou com a sobrancelha arqueada. Embora quisesse se manter neutro para não exercer pressão sobre ela, era humano, e a dúvida o machucava.

Ela segurou o olhar no seu. – Sabe – confirmou incisiva.

No fundo, sentia-se como se tivesse abrindo mão do filho, traindo-o ao afirmar aquilo. Mas talvez

só ela se considerasse mãe do Peter. Obviamente ninguém mais entendia a conexão dos dois, por ela ser tão nova. Inclusive Christopher já afirmou eloquentemente que *ela não era mãe de Peter* quando brigaram certa vez.

Bem, ela não se arrependia de todo amor dado ao menino no decorrer dos anos. Não. Faria tudo de novo. Perderia anos escolares, deixaria de viver fases, dispensaria companhia de amigos. O amaria igualmente. Embora a perda iminente a machucasse, como se parte dela fosse arrancada aos poucos, iria decidir pelo que Peter merecia: sua mãe de sangue. Não havia motivo para chorar. Ninguém morreu. Pelo contrário, alguém ressuscitou, voltou à vida e reivindicava o que lhe era direito.

Christine merecia viver com o filho.

– Acho que realmente devemos demorar a ter nossos próprios filhos. Não estou pronta – ela interrompeu o silêncio, apesar do aperto na garganta. – Você se importa? – encostou a testa na dele, com cumplicidade.

– Não, Florzinha. Não me importo – conseguiu dizer com voz rouca, sentindo alívio e gratidão por ela não descartá-lo quando tinha tudo para optar por isso. – Você terá muito que viver antes de tomar essa decisão – dispôs com sensatez.

Neste momento, queria muito presenteá-la com um filho legítimo, alguém que não pudessem nunca tirar dela. No entanto, as decisões dela seriam prioridade... Além disso, sabia que não podia preencher o lugar de Peter em seu coração com outro filho.

Ela curvou a cabeça para trás, disposta a recrutar determinação no rosto e suspirou, de olhos fechados.

– Pensei que iríamos começar a vida juntos sem grandes problemas – ela começou a dizer, desculpando-se, e o beijou docemente no queixo. Ele riu.

– Não existe casamento perfeito – brincou, desceu a alça do seu vestido rosa envelhecido pelo ombro e o deixou cair pelo braço. Beijou-a no pescoço, beijos molhados. – Você aceita um banho? – propôs, disposto a adulá-la. – Eu sempre sonhei em trazer uma mulher para o meu quarto de solteiro e levá-la para minha banheira quando era adolescente – sugeriu com um sorriso persuasivo. – Acho que ainda estamos em lua de mel – piscou sugestivamente. Não sabia outro jeito de demonstrar que queria cuidar dela se não fosse amando-a.

– Eu aceitarei o banho – ela sorriu mais animada e disse-se que nem tudo estava perdido. Pelo menos ela o tinha agora. E ela o amava. Não estragaria seu relacionamento com tristezas irreparáveis e sem solução.

Na madrugada daquela noite, inquieto com os acontecimentos, Christopher deixou Beckye dormindo na cama e desceu as escadas para beber água. Surpreendentemente, no instante em que cruzou o corredor que daria na cozinha, ouviu sons de cochichos de Samuel vindos do canto próximo aos armários da despensa – *É muito arriscado você voltar, seja quando for* – Samuel alertou, nervoso. Christopher desacelerou os passos, curioso.

– Lógico que não – o outro interlocutor era Aleksey. – De acordo com Roney, será rápido. Eu só preciso dar um tempo sumido até que me esqueçam e me desvinculem de tudo.

Christopher franziu o cenho, confuso com o tema discutido. Não era certo ouvir conversas particulares, no entanto o assunto lhe interessou. Ouviu mais algumas frases sussurradas e abriu a boca, desconfiado.

Agora que sabia que Samuel era cúmplice no caso Christine, em que mais estaria metido? Perguntou-se atordoado. Será que seu irmão foi corrompido? Christopher fechou os olhos e encostou o topo da cabeça no portal, debatendo-se se os confrontaria ou não com o assunto.

Mas e se Samuel fosse mesmo cúmplice de Aleksey, o que poderia fazer? Até seu pai deu abrigo a um fugitivo! Portanto, quem era ele para fazer julgamentos ou intrometer-se em assuntos que não era da sua incumbência? Iria complicar mais a sua vida fazendo caso de algo que não era da sua conta?

Obviamente não.

Agora mesmo, poderia agir egoistamente e denunciar Aleksey como fugitivo à Justiça. Assim, Peter não teria que ir embora e sua mulher poderia ficar em paz com o garoto. Por outro lado, sabia que magoaria Christine, magoaria Olga, magoaria principalmente Beckye com essa perfídia. As duas famílias estavam tão intrinsecamente ligadas que qualquer novo ato seu de traição atingiria a todos.

Resolvido a ignorá-los, Christopher deixou o esconderijo fazendo barulho para que os dois se advertissem de sua presença e dirigiu-se ao purificador de água.

– E *aê*? – cumprimentou-os indiferente, apertou o botão do filtro de água gelada e olhou de canto para os dois, que, surpreendidos, olharam um ao outro.

– Oi... Estava, er, me despedindo de Aleksey – Samuel justificou-se claramente embaraçado.

Embora o flagra sugerisse obscuras intenções, não se permitiria ser pressionado por Christopher, pensou Samuel, principalmente porque precisava usar a verdade de acordo com as conveniências e necessidades da causa em que trabalhava. – *Tô* subindo – evadiu-se rumo às escadas, deixando Aleksey na cozinha.

Aleksey permaneceu onde estava com os braços cruzados no peito, observando, audaz, Christopher, que encheu mais um copo com água tranquilamente e sentou-se sobre o balcão de mármore, em silêncio. Ambos se encararam, inexpressivos, sem ódio, sem hostilidade. Christopher quebrou o silêncio.

– Desculpe-me, Aleksey – disse impulsivamente, sabendo que não teria outra oportunidade como esta. E pensava, agora, que às vezes uma palavra dita, uma pequena satisfação, consertava mágoas profundas. O pedido de desculpas pelo passado de mal-entendidos era obrigatório. – Por toda a perseguição – aclarou. – E... por não ter estado ao seu lado – pediu sinceramente, olhando contrito para o copo que apertava na mão. – E... obrigado por ter salvado minha irmã – adicionou com um suspiro, satisfeito consigo.

Aleksey franziu o cenho, impressionado com sua atitude e sentou-se de guarda baixa à mesa,

observando curiosamente o cunhado que tinha iniciado a noite bem hostil e que agora o surpreendia. Para ele, Christopher ainda era o mesmo garoto de anos atrás, desconfiado e arredio. O garoto que Aleksey tinha se importado e tomado por amigo. Lamentava muito pelo que os anos fizeram com eles ao obrigá-los a traçar caminhos diferentes.

Por que, diabos, Lisandra teve que se interpor entre ele e Christine? Por que armou aquela cena do beijo na frente do Chris? Por que Christine optou pelo caminho mais fácil, que era a fuga de problemas? Por que um desastre tão grande aconteceu para separá-los por tantos anos?

Aleksey não acreditava que a perseguição do amigo iria se aferrar por densos anos. Não pensou que a teimosia iria terminar em um casamento forçado com sua irmã. E no íntimo, Aleksey condenou-se por não poder confiar em Christopher, mesmo agora. Se não fosse pela segurança de todos e sigilo da operação, não o deixaria sofrer a incerteza. Diria a ele do que fugia, ou em que estava metido.

Não pensou que um dia voltaria a desejar ser próximo a Christopher, mas desejava. E, contudo, o admirava, com todos os defeitos. Admirava sua persistência. Admirava mesmo sua teimosia. Principalmente o admirava pela humildade de admitir seu erro e pedir desculpas.

Queria poder reconquistar sua amizade. O fim dessa amizade doeu por anos. Sentiu-se traído quando Christopher negou-se a confiar nele, mas agora que Christine lhe contou o porquê de Christopher ter atribuído a culpa a ele, perdoaria ele por todas as tolices e perseguições. Mais que isso, o motivo para Aleksey querer vingar-se do chefe costas-largas do tráfico na Califórnia avultou. Iria fazê-lo ficar impotente, sem saída. Não haveria negociações, subornos, compras de sentenças. Seria seu fim, e ponto. Por outro lado, Aleksey tinha outra opção: continuar colocando Christopher à margem, sem de fato revelar-lhe.

– Esquece isso, Christopher – disse por fim, depois de um longo silêncio.

– Você também errou, Aleksey – Christopher acusou sem preâmbulos. – Seu erro foi grotesco com alguém que sempre foi leal a você. Alguém que nunca te questionou ou julgou. Que teve como objetivos primários encaixar-se, ser aceita, cuidar e proteger... Era elementar que Rebecca estivesse a par da maternidade de Christine – expôs com neutralidade.

– Eu só não revelei porque pensei que quanto menos pessoas estivessem envolvidas melhor – defendeu-se culpado.

Christopher compreendeu e aceitou sua posição.

– Deixe o garoto, Aleksey... Por Beckye. Eu garanto que os dois ficarão bem cuidados – enfatizou implorativo.

Aleksey balançou a cabeça, negando. – É uma questão de segurança, Chris. Deixar meu filho fará com que quem quiser se vingar de mim, toque nele – argumentou. Christopher fechou o punho, impotente.

Capítulo 11 - Mãe & Filho

“Difícil não é lutar por aquilo que se quer, e sim desistir daquilo que se mais ama”. Bob Marley

No dia seguinte, Aleksey se foi. Samuel e Carolyn voaram para Nevada, e Beckye estabeleceu uma rotina firmada em racionalidade, empenhada com obstinada intrepidez a levar adiante a tarefa de aproximação entre mãe e filho. Ela enumerou as rotinas recorrentes, e Christine passou a acompanhá-la nas atividades pré-estabelecidas desde as idas de Peter à escola, a passeios e missas. Christine também passou a acompanhar Peter na execução de tarefas escolares, atividades extras como desenhos e prática de flauta, tentando ao máximo ser atenciosa e prestativa. E Peter, que era absolutamente esperto e sensitivo, percebeu rapidamente a mudança brusca na rotina e aproximação forçada.

Certa tarde, Peter pintava um quadro pequeno, no jardim, com Christine em seu encalço, e com Beckye, a metros dele, dando-lhes espaço, deitada num *cheslong*, com as mãos do marido deslizando nos seus braços enquanto ela observava Peter atenta pintar.

– Mamã... – Peter chamou Beckye. Christopher prendeu-a pela cintura à sua frente e abraçou-a, impedindo-a de ir.

– Não vai, não vai – brincou em seu ouvido. – Você é minha – sibilou divertido.

– Deixa eu ir – pediu manhosa. Ele riu, deu-lhe um tapinha no bumbum e liberou-a para ir.

– Vá, mas volte rápido para seu coroa.

Ela sorriu e caminhou pressurosa até Peter.

– Fala, bebê – inclinou-se em frente a ele. Christopher rolou os olhos para o relacionamento claustrofóbico dos dois. Bastava Peter chamar, espirrar ou resmungar para que Beckye o atendesse.

– Eu quero você aqui para ajudar Peter – ele pediu manhoso e olhou de canto Christine, ao tempo em que se afastou sutilmente dela. Ela estava sufocando-o com suas atenções. – Você emprestou seu perfume para Christin? – apontou para Christine. – Ela está com seu cheiro – pareceu uma acusação mal-humorada, antes dele voltar a mover o pincel sobre a tela num desenho de avião azul.

– Não, filho. Quer dizer, não Peter – olhou embaraçada para Christine. – A Christine usa este perfume desde quando ela era adolescente. Eu que achei nas coisas do seu pai e comecei a usar igual – explicou docemente e sentou-se no chão, ao lado dele na grama.

– Ah – afastou-se mais de Christine, numa velada atitude de rejeição, e colou-se à perna de Beckye. O ato inocente não passou despercebido.

– Peter, você lembra que a Beckye falou que era para você chamar a Christine de mamãe? – lembrou casualmente.

– Sim – continuou pintando.

– Lembra que eu te expliquei que a sua sementinha foi colocada na barriga dela, e por isso ela é sua mãe?

Peter olhou uns segundos para Christine, sisudo, depois inclinou até o ouvido de Beckye e cochichou.

– Ela não é você – segredou conspirador. – Peter quer só Beckye de mamã.

Rebecca abraçou-o com o coração aflito, olhou para Christine culpada e afastou-se do abraço.

– Mas nós duas podemos ser sua mãe – deu a opção. – Você poderá dizer para todos os seus amiguinhos que tem duas mães – tentou manobrá-lo.

– Peter pode chamar ela de mãe só amanhã? – interrogou e pôs as mãozinhas no rosto de Beckye, adulator.

– Hummm, deixa eu ver... – ela olhou para cima, fingindo pensar. – Pode – balançou a cabeça, assentindo com um sorriso.

– E depois de amanhã? – olhou de canto para Christine, que baixou o olhar.

Beckye suspirou impotente. – Peter... – ela estava a ponto de gritar por clemência, controlou os próprios ânimos e passou a mão no cabelo louro do menino, com olhar desamparado. E foi Christine a responder a pergunta.

– Pode, Peter. Pode me chamar de mãe só quando você quiser – sugeriu compreensiva, tentando ser amigável.

Aquela foi só uma das oposições de Peter que requeria de Beckye cautela para habilidosamente contornar.

No decorrer dos dias, Christopher observava-a zeloso como uma sentinela, captando e lendo a dignidade de seu sofrimento silencioso. Também se dividia com atenções a sua irmã, de quem adorava estar perto. Mas sempre agia com neutralidade na situação. Para compensar a jovem esposa por sua dor pela inevitável separação, era um marido atencioso, dedicado e apaixonado.

Com seu amor, fazia o coração suportar as intempéries, encontrar segurança. Sua atenção, calor e devastadora presença eram um acalento a Rebecca. Ela necessitava dessa troca espiritual para seguir adiante. E podia sentir o quanto ele a queria quando a abraçava forte durante toda a noite, como um polvo protetor. Podia sentir o quanto ele a amava quando cuidava dela.

Hoje ela sabia o quanto esteve errada ao duvidar um dia do seu amor. Podia ler o amor nos olhares, nos toques e gestos diários. Custava muito camuflar os sentimentos perto de outros e esperar o momento certo para estarem juntos da forma que ansiavam.

– Só minha – declarou possessivo. O corpo embaixo dele esticou e aqueceu-se diante de seu olhar ardente. – Aqui dentro você é só minha. Quero sua mente, seus pensamentos, seu corpo – disse enquanto beijava-a na cintura, com ela se contorcendo de cócegas e prazer. Os dois tinham um

consentimento tácito, uma estratégia matrimonial de que dentro do quarto esqueceriam tudo. E era o certo. Ali os dois eram nada além de recém-casados apaixonados em lua de mel.

Ela sorriu acolhedora, deitada na cama de solteiro, e abriu os braços para envolvê-lo quando ele se desfez de sua última peça, embevecido com a imagem *sexy*, porém doce, da garota que lhe sorria. Ele queria aliviar a carga de responsabilidade de seus ombros, sabendo que o amor físico era o passaporte, uma forma de unidade e alívio.

A boca dele baixou sobre a dela, encaixando-se de várias formas, sugando a língua cálida, esperando com o beijo absorver seus anseios, aflições e dúvidas, numa troca mútua de conforto.

Ali ela não era a mãe e tia de Peter, era somente sua jovem, linda, ousada e quente mulher. – É tão injusto o que sinto.

– Por quê? – gemeu e rodeou-o com as pernas, mantendo-o preso, enquanto seduziam-se, beijavam-se e moviam-se com um amor que exigia ser saciado. Ela queria guardar cada sensação do corpo maravilhoso, cada músculo, cada pulsar de coração.

– Porque às vezes tenho medo de ser o único envolvido assim. Você é tão nova, sem experiências... – confessou com a boca aberta em seu ombro. – Dói só de pensar em ficar sem você. Pensar que posso acordar um dia e você não fazer mais parte da minha cama. E pensar nisso me deixa desesperado para tomar tudo de você. Por isso, a cada intervalo nosso, a cada segundo, eu estou em volta de você, na sua órbita, te beijando, vigiando teu sono, te amando – ele ergueu sua perna e ajeitou a posição. – Você é uma extensão de mim.

– Eu te amo – sussurrou ela apaixonadamente, fechou os olhos e apenas sentiu o olhar intenso cravado nela.

– Você é uma febre em mim que nunca passa, uma fome contínua – declarou. Queria imprimir-se nela, como se um mau presságio o espreitasse. O medo lhe fazia absorver mais, e mais, e mais. – Amo você. Você é minha alma. Não posso sair de casa sem me perguntar se você ficará bem. Não posso deixá-la no quintal sem perder o medo de que você caia no lago. É desesperador isso.

Ela observou-lhe a expressão de tormento e, ao mesmo tempo, de prazer. Ela o puxou para si, beijou-lhe apaixonadamente na boca, e de um jeito tenro e promíscuo, fez que ele movesse. Quando o prazer os percorria em ondas, ela sussurrou em sua boca.

– Eu nunca vou deixar você, você entende isso? Não vou deixá-lo – declarou com veemência.

Os dias se seguiram assim. Ele a dividia de dia com Peter e acercava-se dela nas mínimas oportunidades, reclamando-a sempre que via uma brecha, exigente e intenso.

– *Crianças recém-casadas* – ouviram certa vez Thomas justificar, constrangido, para Olga quando os flagraram aos amassos no sofá da sala.

Portavam-se como dois namorados apaixonados, agarrando-se no jardim, na sala de visitas, na beira do lago, na praia em frente à mansão. Ela voltou a abusar de sua feminilidade posando,

charmosa, pela casa em suas saíngas curtinhas e *shorts*.

– Hei, Florzinha, assim você mata o *coroa* aqui – brincou em seu pescoço ao surpreendê-la pintando na estufa de *shortinho* e bustiê. Ela sorriu, girou e enlaçou seu pescoço.

– Está calor – justificou com um sorriso que não tinha nada de inocente, a não ser provocador.

– Vamos nos refrescar na minha banheira – convidou-a malicioso. – Podíamos aproveitar que Peter está na escola – arqueou as sobrancelhas três vezes, sugestivamente, depois olhou de um lado para o outro, conspirador. Ela riu.

– Acho que você não cresceu – comentou e deu selinhos em seu queixo. – Me trata como sua namoradinha adolescente.

– É ruim isso? – ele questionou brincalhão, ela descansou o rosto em seu peito, aspirando seu cheiro de homem suado e sal marinho após ele ter corrido de sunga pela praia e dado um mergulho.

– Não. Às vezes até esqueço que casamos. E, wow, continua sendo estranho. De qualquer maneira eu adoro essa sua cercania – sussurrou embevecida.

– Eu sei – ele riu e afagou-a. – Não vejo a hora de terminar a reforma do nosso apê – comentou, acariciando-a na nuca, observando sobre o ombro dela o desenho que ela pintava. Era um coração humano nas mãos de um garoto louro, os traços bem delineados impossíveis de confundir. Peter. Um ciúme nocivo rastejou em seus sentidos. Fechou os olhos, concentrando-se para que o sentimento não se cevasse como um tumor maligno em seu coração. *Você é homem, ele uma criança*, recriminou-se pela insegurança. Mas que homem não se sentiria abalado com a ameaça que o espreitava ante a falta de evolução no relacionamento de Peter e Christine?

– Por quê? Enjoou do seu quarto de solteiro? – sorriu alheia a confusão em seu interior.

– Não. Quero poder ter um cantinho só nosso. Algo parecido conosco – sugeriu carinhosamente e deslizou os dedos por sua coluna.

– Você não vai mesmo me deixar vê-lo antes de terminar a reforma? – questionou falsamente ressentida.

– Não. É uma surpresa. Vai demorar ainda uns dias para concluir.

Ela beijou docemente seu peito, silenciosa. – Não quero que os dias passem rápido. Quanto mais rápido passar, mais rápido Peter se vai – lembrou, e automaticamente mudou o tom para melancolia.

Ele preferiu o silêncio. Quanto mais afundavam no tema, mais inseguro ele ficava por saber que ela poderia desistir dele e ir embora.

Nos fins de semana, Rebecca continuou fazendo costumeiros trabalhos voluntários da pastoral. E a primeira discussão do casal veio, num domingo pela manhã, quando Rebecca retornou da igreja para deixar Peter em casa e avisou, apressada, que estava atrasada para buscar Daniel antes de ir para as ruas com o grupo.

– Por que aquele menino vai com você? – Christopher questionou irritado logo que Beckye entrou no seu Lótus e baixou o vidro. Ele ficou do lado de fora.

– Porque está ameaçando chover e não tem como ele ir de moto – explicou apaziguadora.

– Mas você é casada agora. Não tem que dar carona para homens no seu carro – enfatizou sério.

– Chris... – ela respirou fundo e levantou a mão para tocar o rosto do marido inclinado sobre a janela. – Ele não é homem. É um menino e também é meu amigo.

– Mas já foi seu namorado – retrucou aborrecido.

– Ai, namorado, namorado – rolou os olhos. – Aquilo era coisa de criança. Agora eu sou sua mulher. Você tem que confiar em mim – pediu com um sorriso persuasivo. – No mais, se você está tão preocupado, devia ir comigo – sugeriu carinhosamente e acariciou seu queixo e pescoço. – Vamos? – propôs esperançosa.

– Não, flor – fechou os olhos para sentir a carícia. – Não tenho o que fazer lá – inclinou o corpo acrobaticamente para beijá-la dentro do carro. – Faça aquele menino manter as mãos bem longe de você – deu selinhos, lutando para não agir primitivamente, tirá-la do carro e arrastá-la de volta para casa. – Nada de abraço de amigo, nada daquele bombado ficar tirando casquinha da minha mulher – pediu alternando mordidinhas com instruções sérias. – Fala que seu marido é muito bravo e matador e que é para ele ficar bem longe do que é meu – disse sério. Ela soltou uma gargalhada.

– Hei, eu te amo – segurou seu queixo na mão, presunçosa com sua possessão. – Sou sua esposa, esqueceu? Só sua. Acho que esse anel no meu dedo declara isso – apontou para o anel para distraí-lo.

Ele aceitou sua manobra com um suspiro vencido e deu-lhe um último beijo, a seguir assistiu-a sair, impotente. Entretanto, não a queria longe de sua vista. Queria guardá-la de toda criminalidade que acompanhava as ruas da Califórnia – argumentou uma desculpa –, foi à garagem, montou, como toda semana, em sua *bike* e desceu as ruas de Santa Mônica rumo a Beverly Hills.

Mais tarde, ela sentiu sua presença espreitando à distância e ignorou-o.

– Por que seu marido não vem com você já que ele não desgruda? – Daniel arreliou com um cutucão brincalhão. Ela deu de ombros, fingindo não ver Christopher, e dirigiu-se, com uma garrafinha de água, a mais um viciado que tinha a cabeça encostada no muro de um beco.

– Ele não quer se misturar por ser policial, por ser da Narcóticos, sei lá – justificou resignada. – Só fica me rodeando por excesso de zelo – sorriu de canto em direção ao marido e balançou a cabeça. Não o censurava. Ele só estava sendo superprotetor. Além disso, essa sua veia policial o deixaria para sempre suspicaz.

Certa manhã, quando o mês estipulado por Aleksey chegava ao limite, a fim de tentar por outro ângulo a aproximação entre Peter e Christine, Beckye pediu que Christine o buscasse na escola sozinha, o que, obviamente, não foi muito aceito pelo garoto. Quando Peter chegou em casa, sentou-

se à mesa, olhou magoado para Beckye e questionou, sério.

– Por que Beckye não foi buscar Peter?

Beckye tentou agir o mais natural possível enquanto pensava numa resposta leve e convincente. Entendia que em meio às bruscas e repentinas mudanças, o menino se sentisse confuso e negasse os cuidados de Christine. E um sexto sentido seu rebelde sentia-se encantando com a lealdade inconsciente de Peter. Entretanto ele não era dela de verdade. Ele tinha uma mãe. E essa mãe estava ansiosa pelo seu amor e pelo tempo que perdeu dele.

Pensando assim, Beckye separou os legumes que Peter comeria por cores e entregou para Christine dar na boca do menino. Abdicar daquele mimo que tanto adorava também era um exercício de autoflagelação.

– Por que Beckye vai ter que voltar a estudar qualquer hora e vai dividir as tarefas com sua nova mamãe – improvisou atenciosa, contendo a aflição com toda disciplina.

Peter olhou de canto para Christine, aceitou a porção de beterraba que ela lhe serviu e não questionou mais. Porém, comeu menos, Beckye logo percebeu. À tarde, ele não quis jogar, pintar ou tocar flauta. Pediu para ver TV sozinho na sala. Mas o que surpreendeu mais foi que, na hora de dormir, ele trancou o quarto para que ninguém fosse ler para ele, inclusive Beckye, e, quando ela apareceu na porta, encontrou um bilhete no chão, passado por baixo da porta.

– O que faz aqui, Florzinha? – perguntou Christopher quando a viu sentada no chão da sacada, no segundo andar, em posição de yoga, com a brisa vindo do mar, em frente à casa, balançando seus cabelos.

– Estou buscando equilíbrio e força interior – sussurrou rouca, os olhos fechados e a cabeça erguida, concentrada.

– Ah... – Christopher sentou-se atrás dela, deixando-a entre suas pernas. – Fui ao quarto de Peter e a porta está trancada – afastou o cabelo do ombro e depositou beijos doces ali.

– Ele não quis companhia hoje. Achei este bilhete na porta – ela pegou, ao lado da perna, uma folha de caderno de desenho cheia de corações e entregou na mão de Christopher.

Para mamã.

Peter sabe lê. Mas Peter gosta de vê Beckye leno, fazeno careta, sorrino. Peter adora quando Beckye pega o transformes e finje que o Optimos Praime tá contando istoria. Peter acha a mamã dele a mais bonita e legal do mundo. E Peter não quer outra mamã. Peter ama Beckye.

Beckye desculpa Peter por não querê outra mamã? Sim ☐ Não ☐

Christopher fechou os olhos e passou os braços em volta de sua cintura, sentindo-se egoísta e beligerante ao pensar que podia competir com o amor de Peter. Sentiu vergonha de si quando viu o

medo de perdê-la alargar-se no seu coração. E um violento espasmo de ansiedade vibrou em seu estômago.

– Eu concordo com ele – comentou comovido. – E o entendo completamente. Eu também te acho a mamãe mais linda do mundo. Também adoro o seu sorriso – beijou-a no pescoço. – Meu lado mais primitivo e egoísta queria você só para mim – levantou-se e estendeu a mão para que ela se levantasse. Ela se levantou e o acompanhou confusa. – Mas como eu tenho vinte e seis e Peter seis, acho que ele precisa de você um pouco mais do que eu. Por isso aconselho você a dormir com ele – parou em frente a um quadro no corredor e removeu-o.

Beckye juntou as sobrancelhas sem entender.

– Mas como? Ele trancou a porta!

– Aqui no cofre tem a chave – ele digitou uma senha e tirou um molho de chaves. A seguir devolveu o quadro ao lugar.

Ela sorriu enternecida por seu ato, abraçou sua cintura e caminharam pelo corredor rumo aos quartos.

– Ainda assim, como eu não abro mão totalmente de você... – ele continuou com um sorriso conspirador. – ... Vou levar meu colchão para o quarto dele e nós dois iremos dormir lá, pode ser? – sugeriu e deu um beijo em sua testa.

– Lógico. Obrigada – apoiou o rosto em seu peito, feliz pela compreensão. Passaram no quarto deles, escovaram os dentes, vestiram pijama e levaram o colchão para o quarto de Peter.

Peter via TV quando os dois entraram sem bater. Ele arregalou bem os olhos surpreso e sentou-se. Beckye entregou o bilhete respondido na mão dele.

– Nós viemos dormir com você – ela avisou com um sorriso doce enquanto Christopher colocava seu colchão no chão. Peter sorriu surpreso e sentou-se no colo dela, abraçando-a contente.

– Levantem-se daí para eu tirar esse colchão – pediu Christopher. A seguir pegou o colchão de Peter e posicionou-o ao lado do dele no chão. – Vamos brincar de acampamento – explicou animado, vendo os olhos de Peter brilharem. Tirou alguns lençóis das gavetas, prendeu-os nas portas dos armários e fez uma espécie de cabana. Rebecca o observava com um sorriso orgulhoso. – Vamos dividir Beckye essa noite, garotão. Ela vai dormir entre nós dois – ergueu o punho no ar e bateu no punho de Peter.

– Que tal chamarmos a mamãe Christin para dormir conosco na nossa cabana? – Beckye sugeriu. E viu instantaneamente o sorriso sumir do rosto de Peter.

– Podemos chamar só depois de amanhã? – Peter propôs quase que implorando.

Christopher encarou Beckye e fez um gesto com a cabeça assentindo, pedindo com o olhar que ela concordasse e desse mais tempo ao garoto. Só Beckye não via que, a atitude que tinha como objetivo desenvolver afeição, obviamente teve efeito contrário. Peter passou a inconscientemente repeli-la.

– Sim – Beckye concordou, mesmo sabendo que tinha pouco tempo para tentar.

Os três deitaram-se no colchão com Beckye no centro abraçada pelos dois e, depois de uma leitura de uma estória, adormeceram.

No meio da madrugada, Christopher acordou, beijou a nuca de Beckye que estava encaixada nele igual colher e notou que ela estava acordada, abraçada a Peter como uma mãe canguru, com ele agarrado com braços e pernas a sua cintura enquanto ela acariciava seu cabelo. O primeiro sentimento que teve foi preocupação por ela estar acordada. Depois se sentiu um intruso, e o sentimento degradante de ciúme e medo cresceu em seu peito porque sabia o que a incomodava e tirava seu sono.

Movido por insegurança, mudou-a para ficar de frente a ele, *desgrudando Peter dela*, e, sem outra arma eficaz, segurou seu queixo e beijou-a, com um turbilhão de pensamentos o oprimindo. A competição era injusta, pensou. O insofismável amor por Peter estava arraigado numa espécie de cordão umbilical invisível. Tudo de mais importante para ela era o garoto. O único motivo de ela ter se casado.

– Beckye, se eu pudesse, iria para onde você fosse, para onde te fizesse feliz – começou descontente com a proposição mental. – Mas como eu não posso sair do país antes que responda a todos os processos, eu... – Esperou para ter certeza. Conceder isso depois de vislumbrar a felicidade que poderiam ter era dolorido e exigia dele um altruísmo que não tinha nem queria ter. Mas tinha que ser sensato. A situação exigia que fosse adulto. – Acho que não deve deixar Christine e Aleksey separar Peter de você – disse por fim.

– Não posso – murmurou baixinho. – Peter deve ficar com a mãe. Eu não sou a mãe dele.

– Para ele você é. Não é justo que ele sofra essa quebra de vínculo quando ele te ama e a considera como a mãe dele. E eu sei que a única coisa que te prende aqui é o casamento. Se Aleksey tivesse voltado uma semana antes, sua escolha estaria feita. Então... – afastou-a e segurou-a pelos ombros, de modo que ela lesse a sinceridade nos seus olhos na penumbra do quarto iluminado pelo abajur. – Pense melhor, Beckye. Não deixe ninguém separá-los – aconselhou, sem verbalizar claramente que ela tinha escolhas, embora internamente sofresse em conjecturar que não fizesse parte delas. – Vocês precisam um do outro.

Por instantes longos, ambos se encararam silenciosos. Ela ergueu a mão até o seu rosto e acariciou seu queixo. – Só me abraça, por favor – pediu e deitou-se com a cabeça em seu peito, sem dizer sim ou não. Ele abraçou-a forte até que, cobertos por silêncio, adormeceram.

Na manhã seguinte, Beckye repetiu a rotina da anterior, preparou o desjejum de Peter e arrumou o sanduíche e suco em sua lancheira, sempre cheia de sorrisos e toques afetivos no garoto, ainda que fosse com mais cautela na exposição de carinhos para não ofender Christine..

As incertezas rondavam seu coração, depois do conselho de Christopher. Mas ela continuaria tentando.

– Tenha um bom dia! – inclinou-se e beijou-o na bochecha quando se despedia dele para que Christine o levasse à escola. Ele abraçou-a forte no pescoço, relutante em ir, deu um olhar triste e entrou no carro dirigido por Christine.

Christopher aguardava Beckye logo atrás, esperaram até que Christine deixou a garagem e puxou-a para um abraço.

– Eu justifiquei para Peter que hoje você não ia porque vamos encomendar no médico um irmãozinho para ele – ele contou e cheirou seu cabelo.

– Não posso inventar uma desculpa todos os dias – redarguiu com um sorriso desanimado. – Quanto ao bebê, pensei que iríamos esperar. – ela lembrou-lhe e pôs a mão em volta de seu pescoço, esperançosa com o futuro que se prometia, cheio de crianças lourinhas correndo pelo quintal do vovô... Porém, não teria Peter. Suspirou desiludida.

– Temos que começar, de alguma maneira – apertou-a mais e mordeu o lóbulo de sua orelha. – Aliás, falando em fazer bebês, já que você não cumpriu suas obrigações matrimoniais essa noite, podíamos voltar aos nossos aposentos para minha senhora me servir – brincou, fingindo seriedade. Beckye sorriu feliz com sua agradável companhia. Era bom saber que tinha Chris por ela. Tinham um ao outro. Que pela primeira vez na vida era cuidada e adorada por alguém.

Com um sorriso, ele pegou-a no colo e subiram as escadas rumo ao quarto para aproveitar a ensolarada manhã.

Mais tarde, em frente à escola de Peter, uma série de pais esperava os filhos junto ao portão. Era o segundo dia que Christine o buscava sozinha, ela o aguardava sob a sombra de uma árvore, ansiosa por contato e aceitação. Para ela, tudo era novo e difícil. Acordar anos mais velha e descobrir tudo que perdeu era angustiante. Ainda mais agora que se lembrou do que aconteceu na noite da overdose.

Não podia abrir mão de Peter, repetiu para si. Um bebê que amou intensamente quando descobriu a gravidez. Também não podia abrir mão de Aleksey, o amor de sua vida, por quem brigou com a mãe.

Fechou os olhos atingida pela lembrança e, novamente recordou as cenas angustiantes daquela noite, no laboratório de sua mãe.

– Christine, não me enche. Estou bem ocupada agora. Pega logo o que Jason mandou e saia daqui – Lisandra disse logo que Christine entrou no laboratório.

Christine suspirou, determinada. Iria confrontar sua mãe hoje. Lisandra teria que se colocar no seu lugar e entender que Aleksey só aguentava os flertes descarados e avanços indesejados por falta de escolha e descrição, pois precisava manter o emprego de ajudante de laboratório e concluir os estudos pagos pelos Adams.

– Eu vou casar com Aleksey – Christine disse e sentou-se numa banquetta, fingindo tranquilidade.

– Quê? – Lisandra prestou-lhe finalmente alguma atenção ao desviar os olhos da pipeta que

tinha nas mãos.

Christine ergueu o queixo. As crises depressivas e shows de sua mãe não iriam lhe afetar dessa vez.

– Vou falar hoje para ele e para o papai que tenho suspeita de estar grávida e que quero casar – explicou com uma nota de triunfo na voz.

– Eu não acredito! – a mãe tirou os óculos de proteção e desligou o condensador. – Como ousa engravidar em pleno século vinte e um!

– Aconteceu – Christine deu de ombros, despreocupada, o que incendiou a fúria na mãe.

– Você vai tirar! – a mulher ditou transtornada e bateu a mão na mesa de inox, fora de si.

– Por quê? – Christine desafiou. – Está preocupada em ter uma filha de dezenove anos grávida ou medo de perder o objeto de seus delírios?

Sem que previsse, Christine recebeu uma bofetada no rosto.

– Olha o jeito que fala comigo! – Lisandra vociferou.

– Você não devia ter feito isso! – Christine gritou e deu dois passos atrás rumo à saída do laboratório. – Você não é uma mãe! – sentiu a garganta queimar e lágrimas de revolta molharam suas bochechas. Estava cansada de ter que se resignar em ver sua mãe aproveitar-se do trabalho para ter poder sobre Aleksey. – Eu vou falar para o meu pai que é você e o Jason quem facilita droga para mim! – ameaçou alto e deu as costas para sair do laboratório. – Vou falar que vocês dois me pediram para viciar riquinhos aqui de Malibu em troca de mais drogas. E que foi tudo uma proposta sua e de Jason.

– Você não vai falar! – Lisandra gritou, sabendo que Thomas a faria pagar, se soubesse. Olhou frenética para um armário, tirou alguns pacotinhos e misturou uma série de substâncias num béquer.

– Vou sim! – Christine teimou, sem fazer caso de que a mãe preparava apressada uma solução química. A seguir, viu a mãe pegar uma seringa num armário e abri-la.

– E vou falar para o Christopher também – Christine continuou. – Uma vez eu disse a ele que era Aleksey que facilitava cocaína só para proteger sua imagem. Mas agora vou falar a verdade sobre Jason e você – expôs com um sorriso diabólico. – Vou dizer que você queria me manter alienada enquanto tramava tomar meu namorado de mim... Mas não vai conseguir. Aleksey é meu! – desafiou e andou decidida pelo jardim que levaria à casa. Mal deu alguns passos, Christine sentiu os longos cabelos louros serem puxados fortemente, fazendo-a dobrar-se para trás. Ela se virou e deparou-se com a mãe com olhos vermelhos de fúria.

– Sua ingrata, você vai manter a boca fechada! – disse entre dentes e ergueu a seringa longa na mão, apontando para o pescoço de Christine.

A jovem abriu os olhos com terror ao sentir a ameaça próxima.

– Mãe... – choramingou com terror. – Não faz isso. Vamos esquecer o que eu falei. Eu estava brincando. Prometo que não falo.

Lisandra, também viciada em estimulantes e antidepressivos, estava fora de si, segurando ainda com força Christine pelo cabelo. Christine tinha os olhos arregalados em pânico ao suspeitar o conteúdo na seringa.

Num movimento desesperado, contorceu-se e caiu no chão, rolando, trazendo junto sua mãe. Sem ver muito bem o que acontecia, rolou na grama e, quando menos esperou, caíram as duas dentro do lago. Debateram-se cegamente por salvar-se e afundaram-se agarradas para o fundo escuro do espelho d'água. Lisandra não sabia nadar e colocou todo seu peso sobre Christine na tentativa de salvar-se. Depois do que pareceu muito tempo numa luta por sobrevivência, Christine conseguiu libertar-se, nadou para a borda e deitou-se na beira do lago enquanto tossia e ofegava. Ao sair do choque de deparar-se duas vezes com a morte, olhou para o lago iluminado pela lua, observou bolhas de ar subindo na água e deitou-se novamente, sem forças.

– Mãe... – chamou com a garganta inflamada pela tosse. As bolhas pararam de subir.

O vento frio fustigou o corpo de Christine, trazendo arrepios. Um choro baixo e convulsivo ardeu em sua garganta. Com medo e culpa, olhou para a seringa caída na beira do lago, segurou-a nas mãos e se levantou, sentindo-se desprezível. Ela não poderia viver carregando aquela culpa... Não poderia... Preferia morrer.

Christine foi arrastada de volta à realidade quando percebeu que o movimento de pais diminuiu em frente à escola. Ela viu um casal sair de mãos dadas com o filho, depois outra mãe com uma criança e estranhou que Peter se demorasse tanto. Nas últimas três semanas, ele era sempre um dos primeiros a sair saltitante e sorridente para os braços de Beckye.

Desconfiou quando não restou mais nenhum aluno, aproximou-se mais do portão e chamou a monitora, uma senhora de avental azul com a logomarca da escola.

– Olá, o Peter Mattel não saiu ainda? – perguntou preocupada.

A monitora franziu o cenho. – O Peter saiu faz tempo – respondeu atenciosa.

Confusa, Christine tateou a bolsa em busca do celular e procurou imediatamente o telefone de Christopher.

Após o almoço, Christopher saiu para resolver questões referentes ao seu processo, depois iria à Narcótico, confirmar o local onde seria escalado no dia seguinte quando voltasse de férias. Sozinha em casa, Rebecca vestiu um *short jeans* e *top* e resolveu aproveitar o sol tranquilo caminhando pela praia em frente à mansão. Surpreendeu-se por Christine não ter voltado para o almoço com Peter, mas atribuiu o atraso ao caso de que talvez Christine tivesse resolvido sair a passeio com Peter. Se Christine conseguiu convencê-lo a passear, já era uma evolução.

Fechou os olhos e sentiu o sol morno e vento no rosto, pensativa quanto ao que Christopher lhe

disse na madrugada. O amor entre eles se firmava sólido e forte, e também amava Peter. Todavia, não tinha escolhas. Não podia interpor-se entre o menino e seus pais, dificultando assim sua aceitação e convivência. E, por eliminação, o correto era ficar com Christopher.

Ainda desafiando a assertiva, caminhou até a cozinha, pôs o avental e começou a preparar os ingredientes para fazer seus bolinhos, com a sensação de perda apertando o coração. Tinha que ver o lado bom de tudo, afinal. Ter Peter em sua vida foi uma força que a fez crescer e seguir adiante. Ele ensinou-a a viver. Ensinou-a a amar.

Por outro lado, quem sabe, no último instante, um milagre acontecesse, como por exemplo, Christine desistir de levar Peter. Suspirou esperançosa e ligou a batedeira.

– Beckye... – Christopher chamou-a ao encontrá-la enchendo as forminhas de massa sobre a mesa. Ela terminou de encher a última forminha e virou o rosto.

– Olá – sorriu contente ao encontrá-lo. – O que foi? – franziu o cenho notando-o tenso. Atrás dele Christine se materializou, chorosa.

– Beckye... – hesitou e caminhou até ela. – O P- Peter sumiu – balbuciou hesitantemente, temerosa com sua reação.

Instantaneamente Rebecca deixou a espátula cair no chão, em choque.

– Peter...? – repetiu inconsciente. – O que aconteceu?

– Ele não apareceu na saída da escola – Christine explicou nervosa. – Eu não o vi... Não sei se ele passou por mim direto, ou se alguém o abordou antes que eu o visse.

– Mas ele não vai com ninguém... – Rebecca argumentou letárgica, sentindo o pânico a percorrer vagarosamente. Christopher aproximou-se e pôs o braço em volta dela para sustentá-la. – Ele não pode ter ido com ninguém. Eu sempre falei isso para ele – repetiu quase no piloto automático, balançando a cabeça. O medo indefinido e ameaçador crescia no seu estômago. – Ele tem que estar lá na escola.

Ao ouvir a comoção na cozinha, Olga, que conversava com uma funcionária, entrou e pegou a última frase.

– O que aconteceu?

– Peter sumiu – Christopher respondeu direto. – Não estava na escola quando Christine foi buscá-lo.

– Já informaram as autoridades? – Olga perguntou rapidamente.

– Eles foram avisados, mas, para acionar o *Alerta Amber*, precisa haver indícios de que foi sequestro – Christopher respondeu.

– Ligaram para o seu pai? – Olga questionou, como se fosse a coisa mais imprescindível a fazer.

– Eu tentei ligar, mas ele está numa audiência. Não atende o celular.

Houve um silêncio sepulcral na cozinha. Rebecca sentia o medo acariciar sua espinha e conjecturou mentais razões para Peter ter sumido. Sequestro? Vingança? Um meio de fazer Aleksey se entregar? Seu corpo tremeu ao pensar nisso e um soluço mudo brotou em sua garganta. Christopher lhe apertou contra o corpo num abraço.

– Por quê...? – questionou Rebecca mais para si, com ar ausente, os joelhos fracos de tensão.

– Eu vou entrar em contato com alguns colegas para procurarmos nas ruas – Christopher avisou. – Ele pode ter ido com algum amiguinho. Pode ter ido brincar em algum parque – expôs, tentando tranquilizá-la.

– Ele não faria isso – disse Beckye, distraída. Christopher pegou o celular e discou um número.

– Vou chamar o Ethan e o Matthew e pedir que façam uma ronda extraoficial nas ruas – esclareceu enquanto completava a ligação. – Vamos procurar nas intermediações da escola. Alguém deve tê-lo visto. Com que roupa ele estava? – adquiriu aquela postura que ela tinha presenciado uma vez, um tom autoritário de quem tomava conta de uma situação.

– Calça azul e camisa do uniforme branca e vermelha – respondeu apática.

Do outro lado da linha, Ethan atendeu, e Christopher passou as instruções com postura decidida.

– Pegue viaturas descaracterizadas, chame algumas pessoas de confiança e faça a varredura das intermediações – ditou e, ao fim, completou. – Obrigado, amigo.

Encerrou com um suspiro, estendeu a mão e cingiu a cintura de Beckye. Ela precisava de todo estoque de autoconfiança que ele tivesse. – Vamos dar uma volta por aí – chamou-a, ajudou-a a tirar o avental e dirigiram-se ao carro.

Durante o trajeto, Christopher ligou para Samuel e pediu que ele contatasse seus amigos para apoiar as buscas informalmente, enquanto isso, subiam e desciam ruas de Beverly Hills observando parques, quadras de esportes, bombonieres, sorveterias.

– Por favor, aparece, Peter – Rebecca sussurrou uma prece baixinho, com a cabeça encostada no vidro. Se Peter tivesse sido sequestrado, poderia estar com fome e logo começaria a chorar, pensou, sentindo-se débil e enjoada de pavor.

Christopher olhou de canto para ela, suspirou e ergueu o olhar para o retrovisor. Viu Christine, chorosa.

– Eu perdi... Sou irresponsável. Não consigo ser uma mãe para ele – Christine murmurou. – Foi minha culpa. Eu não prestei atenção – disse com o queixo tremente, o som estrangulado de um sofrimento culpado. – Não sei por que eu voltei.

Instantaneamente Rebecca ergueu as costas no banco e olhou para trás.

– Como você pode pensar isso?! – repreendeu frágil em forças, mas ao mesmo tempo destemida. – Você quer bem a Peter, não quer? – segurou na mão da cunhada, prestando um apoio que ela mesma

necessitava.

Christine assentiu, balançando a cabeça fervorosamente. – Sim, eu sempre quis. Eu sempre sonhei com um bebê nosso – assegurou. – E essa é a segunda chance que eu precisava!

– Então você terá – Rebecca anunciou determinada.

– Eu me arrependo, Beckye – Christine continuou, disposta a quebrar aquela barreira invisível entre as duas. – Arrependo-me muito por ter sido uma adolescente impulsiva, insegura, fraca. Que, ao invés de lidar com meus medos enfrentando-os, como você o faz, recorria à fuga num vício – balançou a cabeça, contrita. – E eu sei que não devia fazer isso com você, pedir que você me dê o Peter, que entregue o amor dele para mim... Mas eu o quero tanto. Eu quero tudo. Eu quero Alek, quero viver, quero meu filho. Perdoe-me, por favor, por ser egoísta – suplicou envergonhada.

Rebecca respirou fundo, buscou forças, tentando lidar com aquela sensação dolorida de incerteza, mas ainda assim disposta a ver tudo com fê e determinação, apertou a mão magra de Christine e fechou dentro da sua.

– Vai dar tudo certo, Christine. Nós vamos encontrar Peter e ele vai amar você, eu prometo – sorriu confiante. Christopher estendeu a mão e acariciou orgulhoso seu rosto, vendo nela a combinação de tudo que amou e que o conquistou. Sabedoria, leveza, amor e coragem. A vida tinha sido injusta com ela, ainda assim ela tinha um otimismo enérgico e ilimitado.

Passava das cinco da tarde quando o celular de Christopher tocou novamente. Era Ethan passando informações de que mais cedo uma pessoa viu uma criança na rua com aquela descrição. Após desligar, Christopher parou o carro em frente a uma praça.

– Alguém o viu aqui no horário do almoço – informou e olhou em volta. – Pelo jeito, ele estava sozinho.

– Sozinho? – Beckye repetiu ansiosa. – Então pode ser que ele não tenha sido sequest... – Tampou a boca, interrompendo-se de expor abertamente seus medos.

– É uma esperança – Christopher tranquilizou-a ao perceber a direção dos seus pensamentos, segurou em sua mão e passaram a perguntar no parque se alguém viu a criança da foto que Beckye mostrava no celular.

Depois de um tempo infindável sem pistas ou notícias, Rebecca começou novamente a entrar em pânico, com uma nova ideia do que podia ter acontecido.

– Será que ele fugiu da escola? – juntou as sobrancelhas intrigada, olhando sem ver Christopher. Ele não respondeu. Tinha cogitado essa hipótese, mas não queria desfiar possibilidades com Beckye, o que provavelmente a deixaria mais nervosa. Como ele não respondesse, ela questionou novamente. – Mas por que Peter faria isso?

– Não sei, meu amor – passou os braços por suas costas e abraçou-a para abrandá-la, dando-se conta de que a situação estava fora do seu alcance. Sentia-se impotente. – Vamos encontrá-lo e descobrir – sussurrou e beijou-a na testa, rezando internamente que fosse rápido, antes que o dique

de emoções dela desabasse. – Vamos esperar Ethan aqui, depois vou levar vocês para casa e continuaremos procurando – explicou. Beckye assentiu no automático, esgotada mental e física, e imergiu num estupor decadente de emoções.

Ela abriu a porta do carro e sentou-se no banco com meia perna do lado de fora e com olhos fechados voltados para o céu enquanto pedia por Peter em silêncio. Christopher sentou-se no meio fio com o braço sobre o ombro de Christine e conversou o tema que vez ou outra debatiam nos últimos dias.

– ... Você não devia levá-lo, Christin – sussurrou após ouvir o argumento da irmã.

– Você sempre esteve do meu lado em tudo. Eu preciso de você agora.

– Eu não posso ficar do seu lado quando isso magoa Beckye. Só eu sei o que ela está passando para ceder Peter. E embora ela mesma julgue que não tem o direito de se impor, ela tem sim – defendeu. – Ela foi a única mãe que ele sempre teve – acrescentou. Christine baixou o olhar.

Rebecca ouvia vagamente o que Christopher dizia e depois de desfiar o tema no cérebro entorpecido, impôs o que pensava em defesa de Christine.

– Amor nunca é demais, Christopher – argumentou com suavidade. – Só precisamos encontrá-lo, então... – fungou audivelmente, saindo do estupor e imediatamente entrando em desespero. Christopher levantou-se em alerta ao percebê-la desabar. – ... Podemos lhe dar todo o amor que temos – soluçou, Christopher abraçou-a. Ela agarrou-se a camisa dele, olhando-o com súplica, absoluto terror e angustia. – Temos que encontrá-lo, Chris – pediu, e um novo soluço saiu alto de sua garganta ao romper o último dique de controle. – Eu quero meu bebê de volta – e chorou um pranto sofrido, tremido, impotente, que rasgava sua alma enquanto seu corpo tremia de soluços estrangulados.

No início daquela tarde, numa rua ruidosa, de onde carros iam e viam, uma criança loura caminhava pela calçada com a mochila nas costas, repetindo para si que sabia, sabia, sim, o caminho de casa e que deixaria sua mamã orgulhosa em saber que ele já era um homenzinho. Que ele não precisava da mulher que lhe diziam que era sua mãe para ir para casa.

Duas horas depois, um casal de namorados o viu sentar-se no chão do parque e perceberam que ele chorava. A moça inclinou-se na frente dele e tentou se comunicar. O garoto aceitou um chocolate oferecido, pois estava faminto, mas só respondeu o mínimo de perguntas por gestos e mover de cabeça. Passava das três da tarde, e o casal suspeitou de que ele estivesse perdido. Pressionaram o menino, ele escreveu algo no papel e entregou para eles.

No segundo piso da Corte Suprema de Los Angeles, o Juiz Federal Thomas Adams presidia um julgamento de duplo homicídio, sessão que durou toda a manhã, com receso de uma hora para o almoço, e que novamente se iniciou sem horário de término. Um casal o aguardou do lado de fora de sua sala por duas horas, desistiram da espera, deixaram uma criança sob a guarda da secretária e se foram.

Ao sair da sessão, exausto, o juiz suspirou, pendurou a toga no cabideiro e jogou a pasta sobre a mesa antes de tirar o telefone no bolso e examinar o registro de chamadas do celular. Tinham cerca de dez ligações de Christopher, outras de Olga e Samuel. Girou sobre seus pés ao ouvir um ronco baixo e arregalou os olhos quando se deparou com uma familiar criança loura deitada no sofá de sua sala.

– Mas o quê...? – aproximou-se do sofá no instante em que fazia a ligação para Christopher. Sua secretária entrou na sala com um copo de água na mão.

– Ah, Excelência... – disse constrangida ao observar o confuso juiz examinar e tentar acordar o garoto. – Um casal trouxe essa criança aqui dizendo que o menino conhecia o senhor – explicou sem jeito.

– Sim, é meu neto! – explicou com uma torcida de lábio. Christopher atendeu do outro lado da linha e falou no mesmo instante em que o pai.

– *O Peter sumiu.*

– O que o Peter está fazendo aqui?

Um minuto de silêncio se fez, o juiz ouviu um suspiro audível do outro lado da linha, e Peter abriu os olhos sonolentos. Logo que viu o avô, sentou-se e jogou os braços em volta do seu pescoço.

– *O Peter está aí?* – Christopher questionou entre fôlego, e ouviu-se o alívio e surpresa em sua voz. Ao lado dele Beckye e Christine abraçaram-se e choraram, aliviadas.

– Sim – Thomas respondeu perdido e acariciou o cabelo do garoto.

– *Foi o senhor que o buscou na escola?* – perguntou Christopher com cautela.

– Não – negou e observou o quanto o menino estava amuado. – Vou descobrir isso agora enquanto o levo para casa – Peter imediatamente se incorporou e balançou a cabeça freneticamente, os olhos arregalados, implorando que não fossem embora. – Aliás... – o juiz pensou melhor. – Eu estou morrendo de fome. Vou passar no *McDonald's* perto de casa para fazer um lanche.

– *Ok* – Christopher compreendeu a delicada sugestão.

Thomas pegou na mão de Peter como se nada tivesse acontecido, deixaram a Corte e encaminharam-se para a lanchonete. Durante o trajeto, Peter mantinha os olhos fixos na rua, em silêncio.

– Quem te levou para conhecer o trabalho do vovô? – Thomas perguntou cautelosamente assim que fez o pedido. Peter fez uns gestos com os dedos sinalizando *um homem e uma mulher*.

– Vovô nunca te disse, mas o vovô Thom ama o Peter – declarou afetuoso, disposto a resgatar a alegria no garoto. – Peter foi o melhor presente que o vovô teve nos últimos anos.

Peter assentiu, mas a tristeza não saiu de seus olhos angustiados.

– Peter não quer falar com o vovô? – Thomas questionou.

O menino balançou a cabeça negativamente. O juiz insistiu. – Aconteceu alguma coisa na escola? Algum amiguinho te irritou? A professora...?

Peter sacudiu a cabeça de novo. Então deu um suspiro e deixou cair os ombros, para em seguida fazer gestos e mímicas. *‘É Beckye’*. Desenhou uma florzinha no ar. *‘Ela não coração Peter’*. Apontou para si. *‘Vai mandar Peter embora com a outra mãe. Ela não quer Peter. E Peter queria mostrar que não vai dar trabalho para ela se ela deixar ele ficar, por isso ele queria ir para casa sozinho. Mas Peter falhou. Peter não é homem grande. Peter ficou com medo de nunca mais ver Beckye. Peter chorou’*. Lágrimas copiosas desceram dos grandes olhos azuis do garoto.

Christopher, Beckye e Christine entraram apressados na lanchonete que o juiz indicou e chegaram a tempo de presenciar a conversa gesticulada ansiosamente com o avô. Grande parte do que o garoto gesticulou o avô não entendeu, mas Rebecca tinha parado à distância quando percebeu que ele falava dela e conseguiu compreender tudo que o garoto queria dizer. Thomas os viu e incitou a conversa com Peter. – Mas por que você acha isso?

Peter gesticulou novamente. *‘Eu ouvi ontem à noite eles conversarem. E hoje o tio Chris me disse que ela e o tio Chris querem outro bebê. Iam hoje ver a doutora dos bebês’*.

Rebecca soltou o ar e olhou culpada para Christopher.

– Peter... – ela chamou e ajoelhou-se ao lado de sua cadeira. Ele encolheu-se ao vê-la, preocupado em tê-la magoado. – Como você pode achar isso? Beckye ama você – disse fervorosa, segurando em suas pequenas mãozinhas. Peter baixou os olhos, envergonhado.

– E a Beckye nunca vai deixar você, Peter – Christopher afirmou sério, agachado em frente ao garoto.

– Promete? – questionou ansioso, numa credulidade infantil comovedora.

– Prometo – disse ele solene, registrando o golpe na alma.

Peter passou uns segundos calado, olhando de um ao outro. E lembrou que Christopher sempre foi sincero com ele, sempre o tratou de igual para igual. Então podia confiar nele.

– Vocês desculpam Peter por ter ido da escola? – perguntou ele inseguro. – Peter teve medo – disse baixinho.

Rebecca ignorou onde estava, pegou a criança no colo e abraçou-o ardorosamente, sussurrando palavras de conforto em seu ouvido, dizendo que o amava, que nunca iria deixá-lo. Lágrimas de gratidão e alívio desceram em seus olhos enquanto repetia que também teve medo de perdê-lo. Peter afastou-se um pouco do abraço e limpou com as duas mãozinhas as lágrimas.

– Não chora, mamã. Peter não queria fazer Beckye chorar – pediu ansioso. Beckye abraçou-o mais, aliviada por tudo ter terminado bem, e voltou a repetir palavras tranquilizadoras.

Os três expectadores assistiram à cena de amor entre os dois hipnotizados. Era um momento tão íntimo, tão único. Uma exibição de ligação que não deixava dúvidas do inquestionável amor materno.

O coração de Christopher martelou no peito. O desfecho daquilo estava claro. E a certeza do que aconteceria desolou e machucou o profundo do seu coração.

Somente Christopher e Beckye levaram o garoto à escola no dia seguinte, depois Christopher deixou Beckye em casa e seguiu para Agência da Narcóticos no Centro de Los Angeles para voltar ao trabalho, como Jason prometera no casamento. Mas Christopher negou-se a assumir chefia, por precaução. Seu processo se arrastava na Justiça e, nessa altura dos acontecimentos, a imprensa já o tinha esquecido, portanto não a provocaria. Preferia o anonimato burocrático cumprindo só meio expediente.

No decorrer dos dias, Rebecca voltou a agir naturalmente com Peter, sem atenuar ou mascarar seus sentimentos e exposição de carinhos. Não mais forçou Peter a aceitar Christine. Desistiu de impor um ao outro... E embora o motivo disso não tivesse sido abordado, ficava ressonando como um eco entre os dois. Ele não sentia forças para verbalizar o medo que comprimia seu coração. E a falta de conversa sobre o assunto distanciava os dois. Todavia, essa deficiência era preenchida pelos carinhos, atenção e amor um pelo outro.

– Chris... – Beckye finalmente resolveu abordar o tema quando completavam dois meses que Aleksey se foi. – Eu vou – informou hesitante ao caminharem um fim de tarde na praia em frente à mansão. Christopher suspirou, pôs-se de frente a ela, passou os braços em volta de seus ombros e a abraçou fortemente. Doía. Mas ele não iria pressioná-la para mudar de ideia. Ela já foi pressionada demais durante a vida. E essa era uma decisão que só ela poderia tomar.

– Eu sei – pôs o rosto sob seu cabelo para ocultar a mágoa de não ter sido o escolhido. – E nós dois? – ele questionou inseguro.

– Eu não posso pedir que você me espere... – preveniu objetiva.

Rebecca não se achava no direito de pedir mais do que ele já dava.

– Somos casados – ele lembrou.

– Eu sei. Mas Aleksey é fugitivo. Como poderemos manter contato? – sussurrou descrente e encostou a testa em seu queixo.

– Podemos disfarçar, de modo que dificulte a associação de ligação entre nós.

– Isso pode te prejudicar com a Justiça... Ter ligações ou acobertar um fugitivo – ela que nunca ficava doente, sentia-se fisicamente enferma, o corpo doía junto ao coração.

– Nada importa. Eu crio um *fake* para nós dois e conversaremos por meio de *lan house*, assim nossas conversas não levarão a polícia ou os perseguidores de Aleksey até vocês. Podemos usar códigos, evitar falar nomes de cidades ou pessoas. O importante é que mantenhamos contato. Eu comprarei uma passagem para a Europa e direi aos meus conhecidos que você foi estudar na Itália – ele propôs, tentando passar segurança, mas o frio da brisa do mar não tinha nada a ver com os calafrios que o atravessavam.

– Eu me sinto egoísta. Quero você, quero Peter. E está doendo. Que direito tenho eu de pedir que você me espere? – fungou, e ele passou os braços em sua volta, apertando-a. – Não posso te pedir, porque não sei se algum dia serei capaz de me separar de Peter...

– Enquanto você levar o meu nome, eu serei seu. No mais... – pôs a mão no bolso. – Quero que você use dinheiro dessa conta – entregou-lhe um cartão magnético, como se estivesse se preparando para aquela conversa há tempos. – Eu vou depositar mensalmente dinheiro nela. Usei uns contatos para abrir essa conta fria – segurou seu rosto nas mãos quando ela fez menção de negar. – Sim. Eu vou sustentar você. Sou seu marido. E enquanto isso, eu quero que você dê um jeito de estudar, divertir-se, curtir seu filho. Se, quando eu pagar a minha dívida com a Justiça, você ainda me amar, eu irei para você – prometeu e beijou-a na testa, ocultando por trás da fachada de tranquilidade, um medo inflamado e corrosivo.

Apesar da dor, o fato dela começar a olhá-lo com gratidão, como se ele fosse a pessoa mais sensata e compreensiva do mundo, decente e altruísta, trouxe uma sensação de que estava fazendo o correto. Droga, ele não era essa pessoa altruísta e boa. Não queria ser. O adolescente dentro dele se rebelava contra sua decisão. E, quando mais tarde ele a viu com Peter aos carinhos enquanto o colocava para dormir, a criança nele rebelou-se mais ainda, sentindo-se traído. Queria esmurrar as paredes em negação.

Não teve nada de carinho, senão desespero exigente no ato de amor daquela noite. Mal a recebeu na cama, reclamou seu corpo.

– Promete que não vai deixar de me amar – ele pediu com um rosnado e mordiscou-lhe a bochecha. Ela esticou-se na cama, acariciou seu cabelo e abraçou-o, querendo consolá-lo, acolhê-lo com seu corpo e neutralizar toda dor.

– Nunca vou deixar de te amar – ela prometeu e apertou os músculos em volta dele, as pernas em volta de seu quadril. Ele moveu-se até o limite do insuportável, com uma paixão desenfreada, um amor intenso que lhe fazia arder os olhos em lágrimas. Foi assim até que, com a pele escorregadia de suor e lágrimas ocultas, ele deixou a liberação atravessá-lo e, em violentos espasmos, sentiu que os sentidos se perdiam. Lamentou contra o cabelo dela num glorioso êxtase. Ela se esgotou na cama e permaneceram assim, suados, abraçados, desesperados, os braços dela em volta dos ombros dele protetoramente por quase toda a noite.

E nas noites seguintes, enquanto a amava incansavelmente, as malditas lágrimas o perseguiram, mas ele não a permitia ver. Manteve-se firme, por ela. Não queria magoá-la com sua fraqueza. Talvez esse fosse o preço cobrado retardatariamente por tê-la obrigado a casar com apenas dezessete anos quando ela era alguém com lacunas da vida em aberto. E ela tinha direito de viver sua vida, de alçar voo, resolver-se.

Para segurança dos três, a viagem deu-se de modo cauteloso. Elas foram instruídas a seguir de carro alugado até o México e, de lá, tomaram um destino desconhecido que um contato de Aleksey providenciou com uso de documentos frios. A despedida, acontecida às quatro da manhã, foi a parte mais dolorida. Beckye abraçou-o, pensando que deixava naquele quarto os melhores dias de sua vida. Provavelmente nunca mais acordaria em seus braços depois de uma noite de amor intensa,

nunca mais encontraria seus olhos azuis possessivos e sensuais pela manhã numa intimidade quente e acolhedora.

Ele se despediu da irmã pesaroso e ressentido pelo pouco tempo que tiveram juntos. Depois beijou Rebecca demoradamente, apaixonadamente, numa fome que sabia nunca iria amainar. E ele quase teve um súbito e imaturo impulso de implorá-la para ficar. No entanto, manteve a imagem de controle e impassibilidade ainda que o coração ardesse pela dor de estar perdendo algo que amava de forma desesperada.

Ao entrar no carro, ela se dobrou sobre si chorando um sofrimento agudo e aterrorizador. Peter abraçou-a. Christine pediu desculpas segurando sua mão. E seguiram seu destino.

Capítulo 12 - Recomeçar sem flores

Embora o vazio e solidão fosse insuportável, Christopher obrigou-se a levar sua vida em frente. Como nos últimos anos tomou decisões por motivos errados, tinha que recomeçar pelo jeito certo, ver onde errou e pôr de volta a vida no eixo.

Pediou que limpassem o antigo laboratório de sua mãe fechado há mais de seis anos e comprou aparelhos modernos. Passou a ocupar seu tempo livre pondo em prática seus conhecimentos de Química.

Começou despretenso, só para matar o tempo. Testou sabonetes, aromatizantes. E o que lhe inspirava a desenvolver era o perfume de Beckye que ainda enchia o ar do quarto, impregnado no travesseiro, no banheiro, nas roupas. Os primeiros dias de vazio e distância foram difíceis, mas as correspondências iniciais o deixaram otimista.

~~~~~~~~~~**

De: Tio Chris

Para: Flor de Lótus

Olá, Florzinha. Sinto sua falta. Se eu pudesse pedir algo esta noite, pediria que você estivesse aqui para ficarmos abraçadinhos enquanto eu estudo a diferença entre o cheiro do seu cabelo, da boca, do pescoço, do vão do seu seio... Mas, enquanto não está, ocupei meu tempo livre experimentando captar e encapsular seu cheiro para mim. Quando não estou no trabalho, passo grande tempo no laboratório em casa fazendo isso.

Sabe aquele livro sobre o qual menti estar escrevendo? Comecei a rascunhar algumas páginas. Nada com muitas pretensões. É somente por passatempo. O título é: Recomeçar. Porque recomeçar é o que eu estou vivendo. Recomeçar é rever onde se errou e traçar novamente um caminho. Isso dói. Mudar tudo dói. Mas estou conseguindo. Inclusive estou pensando em investir profissionalmente na vida que deixei para trás há quase sete anos. A carreira de químico. E você? Como vai? Faça algo por você também.

PS.: Sinta-se miserável sem mim, porque estou morrendo sem você.

~~~~~~~~~~**

De: Florzinha

Para: O coroa gostoso

Olá. Aqui é lindo. Terra dos cangurus. Estou feliz com o fato da língua oficial ser inglês. E o país tem, como rainha, Elizabeth. Imagina onde estou? Bom, estou estudando. Fazendo uma aceleração para, quando completar dezoito, fazer provas eliminando o secundário. E sabe qual a

*parte boa? Uso o nome de casada. * R. A. A. * Gostou? Soa tão bonito! No mais, aproveitei e me matriculei em um curso de aperfeiçoamento em pintura.*

Quanto a P., ele sentiu o baque da mudança de escola, de professores, amiguinhos... Consequentemente ficou mais apegado a mim. Mas, devagar, está se adaptando. Por outro lado, a relação dele com ela está na mesma. Eu sinto muito por ela.

Sinto bastante saudade de você.

PS.: A praia daqui lembra o local da nossa lua de mel... O que me faz pensar muito em nós. Te amo.

~~~~~**~~~~~

O tempo pareceu arrastar-se para ele. Dias transformaram-se em semanas. Semanas em meses. E, no decorrer dos dias, sempre que tinha um tempo, Christopher ia ansiosamente a pontos de *cybercafé* diferentes trocar *e-mails*.

Surpreendentemente, um abençoado entorpecimento abrandou sua dor. Uma espécie de anestesia emocional que o impedia de sofrer ou deliberar sentimentos frustrantes. Era como se tivesse se aberto um hiato no tempo.

Certa manhã, Christopher pedalava pelas ruas de Los Angeles sob um tranquilo sol de domingo, passou em frente à igreja que Beckye frequentava e parou embaixo da árvore que costumava ficar para vê-la com Peter. Foi nocauteado por uma corrosiva nostalgia e sentou-se no meio fio. Presenciou o momento em que Daniel saiu, juntou-se animado a outros jovens e entraram num carro. Christopher suspeitou para onde iriam e imediatamente montou na *bike*, seguindo-os pelas ruas de Los Angeles. Chegou a tempo de vê-los iniciar o trabalho da pastoral. Consistia em conversar com decadentes viciados, ler a Bíblia, alimentar, recolher.

Christopher franziu o cenho uns segundos, a saudade de Beckye aumentou e machucou. Era tarde, mas só agora deu atenção a algo que para Beckye era tão importante. Ela amava fazer aquilo. E nunca quis aplausos ou reconhecimentos. Fazia por gostar. Gostar de fazer o bem.

– Pai, o senhor tem visto a Olga? – perguntou logo que voltou para casa. Encontrou seu pai na sala lendo um livro. Tudo tinha mudado ali. Silêncio. Sem Peter e Beckye, restou somente vazio e solidão.

– Sim. Vi ontem, e hoje irei almoçar com ela. Por quê? – ergueu os olhos curiosamente.

– Eu preciso falar com ela urgente – avisou ansioso e sentou-se ao lado do pai no sofá.

Thomas assentiu, fez a ligação solícito e passou o aparelho para Christopher.

– Olá, Olga – Christopher cumprimentou-a.

– *Olá, Christopher. Tudo bem?* – questionou ansiosa.

– Sim – respondeu e foi direto ao ponto. – Olga, você estaria disposta a fazer aqueles bolinhos que

Beckye fazia?

No sábado seguinte, Christopher encheu seu SUV de mantimentos e seguiu para a casa de recuperação que Beckye prestava serviços voluntários. Foi um observador comedido, com silenciosa contemplação, entretanto sentiu-se feliz pelo pouco que fazia. Qualquer felicidade era melhor do que não ter nada. Principalmente porque estar lá evocava lembranças dela. Era como se ela estivesse lá. Podia imaginá-la sorrindo, conversando, enfeitiçando as pessoas a fazer o que ela queria.

****~~~~~**~~~~~****

*...Sabe, Florzinha, existem diversas formas de vícios. Eu fui viciado. Recebia doses diárias de amargura, que era o que alimentava o meu vício na vingança sem causa. 'Hoje sei que violência gera violência, revolta gera revolta, só o amor nos cura. O perdão anula tudo', *wow, essa vai para o meu livrinho!*. Risos.*

Quanto à família, C. vem para Los Angeles todo fim de semana. S. é um marido bobo. Os dois ainda nos fazem rir muito. Ela está uma grávida linda. Super bajulada por S. Sua tia mudou daqui quando vocês se foram, mas está saindo com meu pai de vez em quando. E eu suspeito que os dois estejam bem envolvidos. Ah, vou voltar para o apartamento. A reforma terminou. Saudades.

****~~~~~**~~~~~****

O julgamento final de Christopher ocorreu três meses após ela ter ido. No processo que envolvia a armação que Sebastian preparou na garagem ao colocar bolos batizados em seu carro, foi considerado inocente. Teve perdão do ofendido na acusação de corrupção de menor, por ter se casado com Beckye. Mas foi julgado culpado na tentativa de suborno com seus inferiores hierárquicos na casa de Aleksey. O que incidiu em penas restritivas de direito. Como consequência, não podia se ausentar do país por dois anos e adquiriu a obrigação de prestar serviços comunitários cinco horas nos fins de semana.

Ele uniu o útil ao prático e escolheu prestar serviços como pintura de parede e jardinagem na casa de recuperação onde Beckye foi voluntária. Ao fim de alguns dias, superada a resistência inicial, passou a dedicar por conta própria seu tempo, voluntariamente. No geral, não era alguém dado a conversas, mas procurava dar o máximo de si ouvindo os recuperandos. E descobriu que fazia muito mais pela sociedade assistindo a casa de recuperação do que já fez na Narcóticos. Ele concluiu que não adiantava perseguir o traficante quando a causa do vício estava na carência dos jovens, no desejo de serem notados, na falta de um conselho, de fé, na falta de princípios e base familiar. A prevenção e investimento era a melhor arma.

Encontrou regularmente Daniel lá e, ao contrário do que Christopher esperava, o amigo de Beckye recebeu-o com consideração e amizade. Foi bom conhecê-lo. Daniel não passava de um adolescente que queria bem a Beckye e, acima de tudo, respeitava Christopher como marido da reverenciada amiga.

Christopher também passou a frequentar à igreja de Beckye todos os domingos. Por vezes, olhava

para o lado vazio no banco e se lembrava quantas vezes Beckye o convidou a ir. Lamentava. Deus, quanto perdeu dela! Sentia tanto por não tê-la acompanhado.

No início, começou a ir para sentir sua presença. Depois sentia que se encontrava. Encontrava a fê. A sensação de deslocamento e inutilidade que o tinham acompanhado na vida se atenuava.

Com o passar dos meses, os *e-mails*, inicialmente alegres, animados e esperançosos, tornaram-se distantes, vagos, com poucas palavras. O último terminava exatamente assim: *Como estamos nós? Você algum dia vai me perdoar?*

Após ler, Christopher fechou a página de *e-mail* e esfregou as têmporas. *Como estamos nós?* Longe um do outro, suspirou ao responder para si. A distância faz isso: tira o calor, tira a emoção... Tira a intimidade, tira a esperança.

Nenhum dos dois se cobrava ou prometia nada. Será que ela ainda o incluía em seu futuro? Ante a dúvida, ele decidiu perguntar. Sentia-se só. E não adiantava meter a cara em pesquisas e fórmulas e benfeitorias quando sua vida estava paralisada, jogada no espaço. A apatia o carcomia lentamente.

~~~~~~~~~~**

*Olá, flor. Como vai? Sim, o filho de sua prima, **Liam**, está crescendo forte. Ela protege-o com garras. Minha gêmea grávida? Que novidade boa. Diga a ela que eu a amo e que sinto saudades. Sobre mim, tenho novidades, sim. Comprei uma shitzu. E todos os dias, no fim da tarde, quando vou para o laboratório na casa do meu pai, ela fica deitadinha no meu pé. Chama-se **Fleur**... Bom, eu estava precisando de uma presença feminina. Ela é manhosa e preguiçosa...*

Ele parou de digitar, lutando entre deixar o conteúdo leve ou despir-se do orgulho e abrir o coração. O desejo de ser honesto, o desespero e a saudade duelavam contra a sensatez e lógica. Sabia que, no momento em que expusesse sua fragilidade, ficaria vulnerável. Fechou os olhos e manteve os dedos tamborilando na mesinha no *cybercafé*.

...Na verdade, eu queria você como presença feminina.

Suspirou ao deixar seu lado carente falar.

Queria que você voltasse para mim. Não quero te pressionar quando sei que você está aí por alguém que necessita você. Mas, responda-me, Florzinha, responda-me para que eu saiba se minha esperança é vã... Um dia você disse que não tinha mudado muita coisa entre ser casada ou namorada. É lógico que há as promessas feitas no altar, mas você é nova. Pode mudar de opinião. Pode ser que você não se sinta casada, afinal passou somente dois meses casada e nem mesmo me considera seu marido, já que não usa o dinheiro que eu te mando todos os meses... Como você

quer que eu me sinta? Inútil na sua vida? Sou antiquado. Daqueles que pensam que mulher minha tem que ser sustentada por mim.

Cansei de tentar ser forte, de tentar ser o adulto e compreensivo quando essa solidão dói como se tivesse um oco enorme no meu peito.

A distância corrói a lembrança, a confiança, a intimidade. Tenho que lembrar como rir, como sentir. O coração dói. E não digo no sentido figurado. Ele aperta, me sufoca e tenho que reaprender a respirar.

E você? Ainda há amarras emocionais?

C. P.A.

Fechou os olhos, tentando subjugar a mágoa e recobrar esperança, engoliu saliva e apertou enviar.

No dia seguinte, reuniu todos os seus papéis em sua fria e impessoal sala na Narcóticos, preencheu um formulário e guardou dentro de uma pasta que estava sob o braço, pensando no alívio que sentia por Jason nunca o ter procurado.

Antes de Christopher subir para o departamento pessoal no andar superior, Ethan entrou em sua sala e sentou-se em sua mesa.

– É verdade? – Ethan perguntou. – Você vai largar de vez a Polícia Federal?

– Sim – afirmou com uma torcida desanimada de lábio. – Estou meio deslocado. Vou procurar outros ares.

Ethan desceu da mesa e parou em frente a Christopher.

– Você confia em mim, Christopher? – perguntou ansioso. – Eu confio em você – adiantou-se, antes de ouvir a resposta. – Sou seu amigo há anos. Conheço você. E você? Confia em mim?

– Sim – Christopher respondeu confuso.

– Então segura essa carta de pedido de exoneração por mais uns dias. Fique para uma última operação e saia – pediu suplicante. – Eu sei que você quer ser esquecido, mas essa última operação vai esclarecer muita coisa para você. Você merece participar dela – pôs a mão em seu ombro. O mundo já tinha esquecido Christopher. A imprensa o deixou de lado depois que o filmou pintando a casa de recuperação. Christopher juntou as sobancelhas ponderando.

– Ok – respondeu ainda incerto.

Ethan deu um sorriso satisfeito. – Então... *Tá* a fim de sair hoje à noite? Eu *tô* saindo com uma menina do administrativo, e o Matthew vai com a namorada.

– Não. Obrigado. Não nasci para vela – Christopher descartou e sentou-se na cadeira. – Hoje vou jantar com meu pai e a namorada dele.

– A tia do Aleksey?

– Sim.

– E sua mulher? Quando volta da Europa? – especulou casual. Fingia acreditar na história que Christopher disse a conhecidos sobre o curso de pintura fora do país, mas Ethan foi o contato de Aleksey nas compras das passagens.

– Não tem previsão – Christopher respondeu desanimado, olhou para o celular mudo e a nostalgia o engolfou. – Ela está gostando de lá – adicionou.

Dias depois, Christopher foi chamado às onze da noite por Ethan no telefone funcional, passou na agência para vestir a roupa tática e encaminhou-se para encontrar-se com ele na Rua Spring, na lateral da boate Sky.

– O que estamos fazendo aqui? – Christopher sussurrou logo que o encontrou no local combinado, atrás de dois contêineres de lixo, duas da manhã.

– Vamos cumprir um Mandado de prisão – avisou e mostrou um papel pardo, escrito em vermelho com letras garrafais: CONFIDENCIAL.

– Só nós dois? – sussurrou, sentindo a adrenalina pulsar nos ouvidos.

– Não – balançou a cabeça e olhou em volta, vigiando os arredores. – O nome da operação é *cavalo de troia*. Então, obviamente, temos federais disfarçados lá dentro, cerca de doze. Também tem quatro *snipers* nos arredores. E teremos cobertura daqui a pouco.

Quinze minutos depois, Ethan decifrou a mensagem, via sinalizador visual de fumaça, de que a hora exata era aquela. Ouviu-se um estouro, dois helicópteros rasgaram o ar, e, em menos de cinco segundos, cerca de vinte homens de preto desciam pelas cordas rumo ao segundo andar. Outro grupo isolou as quatro portas da boate, invadiram o ambiente e acenderam refletores, gritando *no chão, no chão. FBI*.

O tumulto foi geral. Garotas histéricas gritaram e corriam de um lado para o outro. Christopher entrou ao lado de Ethan, com arma empunhada, e olharam juntos para o alto das escadas, para a sala de reuniões. Foi então que seus olhos encontraram um dos homens que suspeitava ser o alvo daquela operação. Parados, petrificados, estavam Roney, o capataz de Aleksey que fugiu da cadeia com ele, David, o ajudante de laboratório que fugiu no dia da prisão de Aleksey, Jason, o chefe da DEA da Califórnia, e outros poderosos conhecidos por Christopher.

Enquanto agentes do FBI algemavam, Christopher manteve os olhos fixos em Roney. Jason fora abordado, em todo o tempo dizendo que aquilo era um erro, que aqueles policiais encapuzados não sabiam com quem estavam mexendo. E, confuso, Christopher percebeu que Roney não fora preso, esquivava-se para o fundo. Christopher entrecerrou os olhos com suspeita, pois sabia que Roney era fugitivo. Virou-se para Ethan a fim de compartilhar a informação e surpreendeu-o no instante em que ele fez um sinal disfarçado com a mão para Roney, alertando-o que se fosse.

– Mas, o quê...? – exasperou-se, atordoado, e viu Roney e David sumirem por outra porta na

multidão.

Christopher afastou-se surpreso, sem entender o que, de fato, ele e Ethan faziam ali em uma operação que, obviamente, era do FBI, não da Narcóticos. Ethan não lhe explicou nada e, no início da manhã, juntaram-se aos agentes do FBI para mais dez prisões na cidade. Um deputado, comerciantes, o prefeito da cidade, traficantes, policiais... Uma quadrilha organizada.

– Merda, dá para explicar o que está acontecendo? – Christopher inquiriu, às duas da tarde, quando terminavam de entregar os dois últimos presos no Núcleo de Custódia.

Ethan sentou-se exausto na calçada em frente à Delegacia, tirou a touca balaclava e abriu parte da jaqueta do uniforme.

– O FBI e a Corregedoria vêm levantando provas, há tempos, com informantes infiltrados tanto na DEA como no tráfico. Eles foram caindo, um a um, no decorrer dos anos. Mas os fortes não tinham sido atingidos, ainda. Hoje os maiores foram derrubados. As provas levantadas pelos infiltrados mais o testemunho de dois antigos policiais que presenciaram negociações, Félix e Jânio, contribuíram para o desfecho – explicou atencioso.

Por lealdade, Ethan queria muito revelar mais a Christopher, mas era algo que só podia ser esclarecido quando tudo estivesse resolvido, os envolvidos julgados. Enquanto isso, Aleksey devia estar protegido, até ser esquecido.

– Como você sabe disso? – Christopher inquiriu, desconfiado.

– Eu fui o informante – confessou sincero, porque parte do esquema terminou e não tinha mais por que manter Christopher no escuro.

Christopher abriu a boca sem palavras, sentindo-se traído. Despediu-se num gesto seco de mão e dirigiu-se para seu apartamento. Ele precisava pensar e falaria com Ethan depois, disse-se. Quando estivesse menos aborrecido pela falta de sono.

Vinte quatro horas de sono profundo depois, adiou o desfiar da questão e foi ao *cybercafé*. Deu um nome falso ao atendente, pagou em dinheiro e acessou seu *e-mail fake*. Sua garganta secou de antecipação. Certamente na caixa de entrada tinha a resposta que há dias esperava.

****~~~~~**~~~~~****

Olá, meu amor. Aqui tudo segue tranquilo. P. parece ter se adaptado à nova vida. Ele finalmente cedeu e passou a chamá-la naturalmente de mãe, acaricia a barriga imperceptível dela e começou a andar de mãos dadas com ela... No entanto, todas as noites é comigo que ele dorme abraçado. É a mim que ele repete que ama.

Bom, você me perguntou como me sinto... E confesso que, se eu não me sentisse comprometida com a aliança que vejo todos os dias em meu dedo, ainda assim meu coração estaria. Meu coração é teu. Somente teu. Daqui, longe de você, eu simplesmente existo. Eu flutuo. Não me sinto mais parte de algo... A não ser da vida dele.

Entretanto...

Christopher afastou os olhos da tela e sentiu um gosto amargo ao pressentir o que viria a seguir. Suspirou e voltou a ler, com a autoconfiança abalada.

... Não posso exigir mais de você. Não posso pedir que me espere. Não posso pedir que corresponda. É egoísmo meu. Portanto, você é livre. Te amarei para sempre. Mas agora que você aprendeu com a vida, voltou a ter planos e sonhos, sua vida precisa ser recomeçada... Por você, não me espere.

Ele imprimiu aquela folha, leu e releu. Ao chegar em casa, olhou para o balcão de mármore no banheiro e, ao ver os objetos de Beckye: xampus novos, escova de dente nova, perfumes que comprou, batons, objetos decorativos, parou em frente ao espelho, esfregou o rosto e suspirou, ferido e amargurado com a resposta.

Algumas horas depois, juntou-se a Ethan em uma festa na tarde de sábado, na casa de Cynthia. Encontrou novos agentes da Narcóticos, colegas antigos que não se envolveram em crimes. E por não ser mais chefe, foi bem recebido. O assunto principal foi a notícia sobre a operação sigilosa do FBI a qual Jason Freeman fora preso. Não se envolveu em especulações nem deu opiniões. Não podia revelar ter participado por causa da periculosidade dos envolvidos. Após evadir-se do assunto, Christopher foi questionado sobre sua mulher. Uma sensação corrosiva e desorientadora de perda apertou seu coração. Engoliu em seco e deu a desculpa de sempre: *ela está estudando fora*.

Ao fim, Christopher sentiu-se deslocado na festa, como se o Christopher policial não fizesse mais parte de sua vida. Os assuntos abordados não lhe interessavam. Aquela fúria e revolta em seu interior imanaram, deixando o lugar sereno, tranquilo. Ele não se via mais enfrentando perigo, correndo atrás de bandido. A vida calma o espreitava... A carta de exoneração estaria na Direção na próxima segunda-feira. Estava pronto para recomeçar.

Em resposta ao último *e-mail* de Beckye, depois de relutar muito, Christopher mandou poucas palavras.

****~~~~~**~~~~~****

Parabéns por seus dezoito anos. Bem-vinda ao mundo adulto. Torço pelo seu sucesso. Voe. Seja feliz. Viva. Se algum dia você precisar de papéis para liberdade, entre em contato. Te amo desesperadamente.

****~~~~~**~~~~~****

Em estado de absoluto estupor emocional, o tempo começou a correr para ele. Exigiu-se não abrir mais o *e-mail* daquele *fake*. Entretanto continuou a enviar sua pensão mensalmente. Ela ainda era a mulher dele, afinal. Pelo menos no papel.

Olga aceitou morar com Thomas concomitantemente ao tempo em que foi inocentada por

envolvimento com tráfico. O filho de Samuel sentou-se, engatinhou. Fleur crescia saudável e manhosa. Depois de exonerado da DEA, Christopher usou o favorecimento do sobrenome dos químicos Pemberton, apresentou fórmulas numa renomada grife de perfumes e fechou um contrato de prestação de serviços.

O sucesso profissional o alcançou quando uma fórmula que criou pensando em Rebecca foi vendida e estourou no mercado, o que o obrigou a frequentar lançamentos e emergir em um novo grupo de conhecidos.

Foi alvo de flertes, porém não mais sentiu emoções. Sorria. Falava. Existia. Mas pouco sentia. Tinha todas as sensações motoras e sensitivas entorpecidas. Não sentia desejo de tocar, admirar uma mulher bonita, sentir seu perfume. Vivia uma fria superficialidade. Apático e suspenso. De novo estava sozinho consigo. Agora mais sozinho do que nunca depois de ter brigado com Samuel e cortado relações com Ethan... Pelo menos por enquanto não iria desculpá-los.

Quinta-feira, o dia seguinte ao que se desentendeu com Samuel, chegou exausto do laboratório particular na casa do pai, acariciou o pescoço de Fleur, olhou para a tela do seu celular uns segundos e suspirou com um misto de desilusão e perda. Tirou a roupa, entrou no banheiro do quarto e deixou Fleur deitada no carpete da porta. Abriu o chuveiro e deixou a água escorrer pelo seu corpo, pensando na discussão que teve com Samuel no dia anterior.

– Filho da puta! – Christopher rosnou logo que Samuel abriu a porta do seu apartamento em Nevada. Samuel deu um passo atrás assustado.

– Hei, respeite seu irmão mais velho – levantou a mão no ar teatralmente.

Christopher balançou a cabeça, incrédulo com a irreverência de Samuel numa hora como essa. Queria arrancar-lhe a cabeça. – Custava você ter me colocado à parte disso?! – apontou o dedo em riste. Tinha nas mãos um jornal, ergueu-o no ar e o jogou nos peitos de Samuel. – Qual foi a sensação de saber que seu irmão é um otário, seu porra?

Samuel não se defendeu ao pressentir a dimensão do problema. Foi Carolyn a invadir a sala e intervir alarmada.

– Não pode xingar aqui na minha casa! – aproximou-se com Liam no colo. – Temos criança aqui – repreendeu e observou o rosto transtornado do cunhado. – O que está acontecendo, Chris? – aproximou-se preocupada, porque já amava e se sentia protetora do cunhado. – O que esses malvados e manipuladores do meu primo e meu marido fizeram dessa vez? – pôs Liam no chão, olhou censuradora para Samuel e abraçou carinhosamente Christopher pela cintura.

– Você também sabia? – perguntou sem afastá-la.

– De quê exatamente? – questionou confusa. Christopher voltou seu olhar para Samuel. Não importava se Carolyn também soubesse. O que importava é que ele foi o último a saber.

– Por quê? Por que você não me falou? – questionou magoado. – Você não vê pelo que eu e Beckye passamos por causa dessa farsa?

Samuel passou as duas horas seguintes lhe explicando que não poderia ter lhe falado. Disse que não era um assunto que pudesse ser vazado. Tratava-se de algo sigiloso. Todos eram suspeitos. Disse que a vida de Aleksey e afins corriam perigo se Aleksey não tivesse simulado a fuga e sumido enquanto as bombas estouravam. E afirmou que tomaram essa atitude porque tinham certeza de que com o tempo as pessoas que Aleksey prejudicou o esqueceriam, afinal, estariam presas... Ou mortas. Então Aleksey poderia recomeçar uma nova vida, como se seu passado não tivesse acontecido.

– Ele não merece desculpa, Christopher – Carolyn declarou solenemente após ouvir as explicações do marido. – Na verdade, ele merece um chute no traseiro, esse intrometido! – deu um tapinha no braço do marido, ele segurou-a e lhe roubou um beijo.

Christopher rolou os olhos para os carinhos do casal, um pouco aborrecido e um pouco invejoso, deixou os dois e foi brincar com Liam na outra sala.

Foi chamado de volta ao presente por barulho de unhas arranhando a porta. Era Fleur, chorando manhosamente. Ele passou sabonete líquido no corpo, esfregou o cabelo com xampu e fechou os olhos para que a água o enxaguasse, pensando que o que mais o irritava nisso tudo e o decepcionava foi sua falta de percepção. Só no dia anterior, quando leu o jornal, foi que conseguiu encaixar todas as peças do quebra-cabeça. Só então conseguiu descobrir o motivo de Ethan tê-lo levado para aquela última operação, meses atrás. Só então entendeu porque Roney saiu livremente da boate, indo embora sem ser preso. Só então descobriu porque Aleksey nunca fora preso em nenhuma operação... Deus, como não enxergou isso antes?

As unhas de Fleur novamente arranharam a porta e um choramingo sobressaiu. – Calma, menina – ele tranquilizou-a e apressou-se em terminar. – Você está ficando muito manipuladora – enrolou-se numa toalha macia. – Só faltava essa – brincou. – Não posso mais nem tomar banho que você reclama – abriu a porta, inclinou-se e acariciou a cabeça da cadela.

– Eu devo me sentir ofendida por ter o meu apelido francês em uma cadela?

Christopher levantou a cabeça ao som da voz conhecida e congelou boquiaberto ao deparar-se com a mulher na porta de seu quarto.

– Co-como você...? – balbuciou, surpreso e incorporou-se lentamente, encarando-a. Ela vestia uma saia florida lilás justa, um corpete branco, sapato de boneca e faixa da estampa da saia nos cabelos longos e repletos de mechas loiras. Parecia tão mais... reluzente e bonita do que ele se lembrava. Piscou longamente e balançou a cabeça para confirmar se era real.

Ela continuava lá quando ele abriu os olhos, sorriu descontraída e ergueu um chaveiro na mão.

– Eu tenho o cartão-chave, esqueceu? – brincou tentando soar segura, mas Christopher notou que sua voz tremera.

Ele passou a mão no cabelo, nervoso, e olhou distraído para o próprio abdômen, automaticamente lembrando que estava de toalha. Não sabia o porquê de ela ter vindo. Depois dos últimos meses e do

último *e-mail*, era difícil conjecturar seus motivos. Podia ter vindo atrás do divórcio, depois de tudo.

– Er, vou me vestir... – caminhou a passos tensos até o armário e abriu-o, pegando uma cueca, calça *jeans* escura e camisa polo azul com listras. Caminhou para o banheiro e vestiu-se lá. *Aja como homem. Pare de tremer.* Ordenou-se.

Quando saiu, encostou o ombro no portal e encontrou-a deitada na cama, de bruços, com os tornozelos cruzados no ar enquanto folheava um livro. Ele registrou o quadro e suspirou com agonia e dúvida. Nada tinha mudado dentro dele. Ela era um feitiço que o envolvia e o intoxicava, tirando todo o ar do quarto. Uma febre enrolada em sua medula.

– Senta aqui, Christopher – deu dois tapas na ponta da cama. E ele notou... Os dois anéis em seus dedos. O anel de noivado e a aliança de casamento. Ele se sentou, ela mudou na cama e, sem que ele previsse ou esperasse, ela encostou o rosto em seu ombro, suas costas sacudiram-se levemente num soluço.

– Eu o deixei – disse com a voz estrangulada.

Demorou uns segundos para que Christopher compreendesse a que ela se referia, então passou os braços em volta de sua cintura, enfiou os dedos entre os cabelos da nuca e aconchegou-a ao seu peito ao perceber que ela chorava. – Eu o deixei – ela repetiu em meio a soluços.

– Por que você fez isso? – quis saber, solidário. – Ninguém tinha o direito de afastá-lo de você.

– E-eu não pod-dia mais – gaguejou.

– Podia sim – afastou-a para olhar em seu rosto, ao tempo que limpava sua bochecha com a mão. – Você tinha todo o direito! – disse incisivo.

– Eu não podia mais, Christopher – sussurrou e acariciou seu queixo com expressão vaga, as lágrimas descendo abundantes. – Eu tinha que ir... Meu lugar não era mais entre eles.

– Eu não acredito que te obrigaram a decidir isso! – balançou a cabeça revoltado.

– Não. Ninguém me obrigou. Eu tive que decidir – esclareceu, com olhar vulnerável.

– Como assim? – olhou distraído para os seus ombros, vendo a pele bronzeada sem marca de biquíni e não pôde agir indiferente ao lembrar como ela gostava de tomar sol. A consciência física da lembrança foi assustadora. Engoliu em seco.

– Eu amo Peter – disse pesarosa. – Mas ele tem pais agora. Ele tem sua família.

– Mas ele precisa de você – defendeu veementemente. A interdependência entre Beckye e Peter podia ter resultado na situação que os separou, mas não carregava mágoa a ponto de desejar a ruptura entre ela e o garoto. Era adulto. Sabia que existiam escolhas que eram impossíveis de se fazer...

...Como era impossível afastar o olhar das pernas torneadas e bronzeadas expostas pela saia curta.

– Não se trata mais dele, nem das necessidades dele, Christopher. Trata-se das minhas. Desde novinha, eu fechei os olhos para tudo por anos, usando ele como escudo. Sufoquei minhas frustrações

me dedicando a ele – baixou a cabeça, ansiosa, com as mãos movendo-se nervosas uma na outra. – E foi errado.

– Não foi errado. Você não tinha maturidade para discernir – segurou sua mão.

– Deixe-me terminar, Christopher – pediu impaciente, sentindo-se instantaneamente corajosa. – Eu sei que a situação me induziu a cometer um erro com você e preciso que você me trate como mereço – determinou séria, reunindo toda força que dispunha. – Não quero condescendência por ser anos mais nova que você!

Ele somente observou-a, admirado porque, de um segundo para outro, ela adquiriu uma postura destemida.

– Quero que grite comigo, se achar que deve. Quero que me mande embora, se não quiser me ouvir. Mas não me trate como uma criancinha! – estabeleceu, depois suspirou, pondo em ordem as ideias. – Eu sou feliz por ter cumprido o que me dispus a fazer enquanto Peter precisou de mim. Fui amiga, tia, irmã e mãe ao mesmo tempo – levantou-se da cama e pôs o livro de volta no lugar, na cabeceira da cama, a fim de tempo para capitular. – Quando eu era mais nova, eu era tão acomodada e apegada a ele que pensava que nada mais me faltava. Aliás, eu conseguia mentir para mim de que nada me faltava... Até conhecer você – disse e observou-o, concedendo-lhe alguns instantes para que ele assimilasse. – Você me fez enxergar que as pessoas têm falhas, mas isso não quer dizer que não mereçam ser amadas. Enxerguei que o amor não é tão perfeito, cheio de flores e corações. Vi minhas próprias fraquezas quando eu julgava não ter nenhuma. Sou durona, teimosa e, por vezes, intransigente. Mas eu quero fazer e ser diferente...

Ela parou de falar, com expressão pensativa e ansiosa, olhando-o em silêncio, encostada ao armário. Ele a encarou de volta, tentando concatenar o que ela queria dizer, ao tempo em que guardava na memória nostálgica o rosto angelical, a expressão jovial e obstinada do queixo erguido, os olhos expressivos de longos cílios, os apetitosos lábios rosados. E, ao perceber que o silêncio se estendera por muito tempo, ele pigarreou.

– Beckye, er – tentou dizer, mas as batidas disrítmicas do seu coração saudoso mandou para longe a coerência. Sua inusitada presença punha de lado a objetividade do que tivesse planejado para uma situação como essa. – As coisas mudaram... – conseguiu articular.

Ela entrecerrou os olhos, surpresa com a entonação e escolha das palavras, e ficou olhando-o, imóvel.

– O quê? Eu voltei tarde demais? – deu um sorriso nervoso, retraindo-se no território seguro da autoproteção e orgulho. Ele tinha uma expressão de quietude, prudência e distância. – Você decidiu seguir em frente? – olhou em volta para disfarçar o repentino embaraço e insegurança.

Fingindo casualidade e leveza, uma prática que recorria sempre que estava nervosa, ela engoliu saliva para reprimir o desapontamento e caminhou a passos calculados e lentos para a sala, fixando-se então na decoração do ambiente. Ele a acompanhou sem, de fato, responder, analisando as pernas que dezenas de vezes enrolaram-se no seu quadril, o traseiro arredondado que tantas vezes ele fincou os dedos enquanto lhe met... Zangado com a falta de lógica do seu cérebro e rumo erótico dos

pensamentos, desviou os olhos para onde Beckye tinha o olhar fixo.

Ela observava as luminárias no teto com genuína fascinação, como se só então tivesse notado a mudança gritante no ambiente. Era uma alusão artística a uma flor, com uma infinidade de lâmpadas *leds* transparentes ocupando 9m² de teto. Ela girou o rosto e explorou o restante do ambiente. O sofá era outro, branco também, porém muito confortável, *pronto para abraçar alguém*. Em cima dele diversas almofadas rosa, lilases e brancas se acomodavam.

A parede principal da sala tinha duas faixas transversais texturizadas *pinks* atravessando a extensão branca e, nos cantos, dois objetos cilíndricos de cerâmica distorcidos faziam conjunto com as texturas. O quadro que Beckye pintou um ano e meio atrás ocupava o centro da parede. E, deixando o ambiente mais aconchegante, tinha dois *puffs* em formato de flor, cor de rosa. Todos os traços do antigo apartamento sóbrio, com decoração cinza, foram apagados.

Beckye virou o rosto encantada. O que antes era a sacada agora fazia parte da extensão da sala com o mais belo jardim suspenso que tinha visto, obviamente planejado por algum paisagista caro, com orquídeas, rosas... E as suas pequenas flores em um canto. Ela sorriu ligeiramente, inclinou-se e tocou as plantinhas. – Vocês estão aí – sussurrou emocionada, deduzindo que tudo aquilo fora feito para ela.

Ainda disposta a explorar, andou rápido pela sala, observada por Christopher, e seguiu até o aparador na entrada da sala, local onde porta-retratos disputavam espaço. Parou estagnada e pôs a mão na boca ao ver ali sua foto com Peter, a qual levou na primeira vez que trouxe Peter ali. Depois viu fotos sua vestida de noiva, fotos da lua de mel. Viu num porta-retrato digital a foto que tirou dois anos atrás, a qual registrou no celular dele no dia em que o resgatou na Rua Spring. Sorriu e balançou a cabeça ao comparar a menina inocente daquela época à mulher de agora. Lágrimas contentes represaram sob os cílios e olhou de canto para Christopher, que mantinha os braços cruzados, o ombro encostado no portal.

– Isso tudo é para mim? – perguntou timidamente. Impediu uma lágrima de cair com uma longa tragada de ar e caminhou hesitante até ele, querendo fazer cócegas nele e tirar aquela máscara composta de seu rosto. Como sentiu sua falta! O tempo que passou longe dele não diminuiu o impacto de sua presença e masculinidade. Tudo nele era devastador. O físico atlético, o rosto bonito, o cabelo incomum, os olhos, ah, os olhos... Tão carentes e pidões!

Certa vez se perguntara o que viu nele que lhe atraía quando na escola e no seu mundo tinha garotos belos à disposição. Agora via claramente. Não se tratava somente da beleza física. Sob uma aparência indolente, distante e sem humor, descobriu alguém carismático e intenso. Encontrou sob a pele dele quem ele realmente era. Desde o menino que ele fora, um garoto fechado e aborrecido, ao homem com profundidade de espírito, protetor e apaixonado.

Por vezes pensou que seu fascínio por ele fosse a visão colorida de olhos adolescentes apaixonados por um adulto. Mas não. Amou-o porque conheceu seu sorriso, seu amor. Um amor que ela esperava que nem o tempo, nem a distância tivesse conseguido matar.

– Sim, *foi* para você – ele respondeu com neutra inflexão. E sua resposta foi como um balde de água fria nos sonhos coloridos de romance que Beckye pintava na mente.

– Ah... – assentiu com um estremecimento de temor e, para distrair-se, contornou com os dedos as pontas da mesinha. *Seria tarde demais?*

– Onde você ficou hospedada? – ele quis saber curioso ao notar o cabelo dela ainda molhado nas pontas. – Suas malas... – ele interrompeu-se bruscamente ao inferir que notavelmente ela veio sem pretensões de demora. Talvez, afinal, ela tivesse vindo só pedir o divórcio e toda aquela conversa inicial fosse um quebra-gelo amistoso. O fato dela dizer que queria fazer diferente não queria dizer necessariamente que era com ele.

– Na casa do seu pai – respondeu quase sem fôlego por causa do nervosismo. – Eu fui direto para lá porque queria tomar banho e trocar de roupa.

– Ah... – assentiu em dúvida do que realmente sua atitude significava. – Er, eu não jantei. E aqui não tem nada... – apontou sem jeito para a cozinha. – Quer descer para comer algo comigo? – propôs amigavelmente, tentando soar casual.

– Eu já lanchei. Mas posso te fazer companhia – ofereceu-se com um sorriso acanhado, resistindo firmemente ao impulso de abraçá-lo, descansar a cabeça em seu ombro e lamentar pelo tempo perdido.

– Ok. Vou só pegar a chave do carro e carteira – avisou e caminhou tenso para o quarto.

Ela esgueirou-se até o banheiro social, sentindo-se estranha no apê, abriu a bolsinha e retocou vagarosamente a maquiagem. Passou um pouco de *blush* e *gloss* rosa, algo que maquiasse a antecipação e nervosismo que sentia. Voltou à sala e encontrou-o sentado no braço do sofá com os olhos entrecerrados, o semblante contemplativo. Seu habitual perfume logo foi registrado por ela... E que saudade sentiu. A ânsia por ele vibrou na boca do estômago.

Ela suspirou tensa, sentindo a distância dos meses que os separava, caminhou hesitante até ele, deixando que ele previsse o que ela faria, e abraçou-o, passando os braços por cima dos seus ombros.

– Eu sinto tanto – ela sussurrou com o coração acelerado. Ele enlaçou sua cintura e colocou a cabeça abaixo do seu queixo, olhos fechados enquanto sentia o familiar perfume adocicado e floral no seu colo. Como consequência do abraço acolhedor, os instintos básicos reagiram independentes do cérebro. O clima mudou, sua respiração acelerou e ele lambeu os lábios quando a lembrança do sabor dos seios firmes por trás da roupa mandou saliva a sua boca.

Afastou-a delicadamente pelos ombros.

– Melhor irmos – disse ele com a voz rouca, apertou os dedos na ponta do sofá e buscou um assunto que os livrasse da tensão. – Você estava na Austrália?

– Sim – concordou, percebendo sua tentativa de evasão. – Como descobriu? – questionou surpresa quando caminharam para a porta.

– Deduzi por algumas dicas suas – abriu a porta para que ela passasse. – Gostou de lá?

– Sim. Lá foi legal. Conheci pessoas diferentes. Integrei um grupo de voluntários... – começou a

detalhar animada sua estadia no país. Ele ouviu-a atento. Mas ela nunca o sentiu tão inacessível como quando abriu espaço para que ela entrasse no elevador, ou mesmo depois quando se manteve no canto oposto a ela, com as duas mãos nos bolsos, ouvindo-a tagarelar nervosa.

– Trocou de carro! – ela comentou surpresa ao notar o novo SUV branco da Mercedes na vaga habitual.

– Sim – respondeu lacônico e abriu a porta do carro para ela. Ela parou, embaraçada com as educadas formalidades.

– Chris, não. Não precisa fazer isso – não queria que ele lhe abrisse a porta como o mais perfeito e indiferente cavalheiro. Preferia as irreverências da lua de mel, com beliscos e palmadas no bumbum, beijinhos roubados antes de fechar a porta.

– Entre, Beckye – pediu inexpressivo, ela entrou, esfregou a saia nervosamente para desamarrotar algo invisível, e ele fechou a porta.

Quinze minutos depois, foram recebidos por um *maître* de *smoking* num restaurante luxuoso em Beverly Hills e foram conduzidos a uma mesa de canto. Ela deu uma olhada para a própria roupa e sentiu-se desproporcional.

– Eu entendi que iríamos somente descer para lanchar – ela sussurrou, e o comentário saiu mais como uma acusação. Ele não entendeu a princípio seu desconforto, mas depois de olhar em volta e recordar que os frequentadores do Geoffrey eram pessoas maduras e cerimoniaosas, compreendeu-a. Sua aparência jovial divergia das diversidades sóbrias.

Ele deu de ombros, tirando a importância do caso, porque, para ele, ela nunca esteve mais feminina e bonita. Além disso, nas diversas vezes em que precisou vir aqui em eventos sociais, sempre sonhou em trazê-la e exibi-las aos colegas formais e afetados. Queria lhes mostrar o exemplo de alguém naturalmente graciosa, doce, que se encaixa em qualquer lugar, que não dá importância a marcas, *status*, dinheiro. É simplesmente ela mesma, sem perder o charme e elegância. Sensualidade sem vulgaridade.

– Eu preciso realmente comer algo saudável – explicou e sentou-se ao lado dela, apreciando o som ambiente do *jazz* tocado ao fundo por um piano baixo. Não lhe diria que escolheu aquele lugar porque precisava estar num lugar respeitável e público para que tivesse uma conversa decente com ela sem pensar em levantar sua saia e derrubá-la na primeira extremidade horizontal que visse.

– Este, por favor – apontou o vinho na carta, e o garçom anotou. O vinho o ajudaria a relaxar e tiraria parte da tensão, além de ser uma bebida saudável. Não confiava em si mesmo neste momento. A despeito de sua vulnerabilidade a ela, precisava saber *por que exatamente* ela voltou. – Tem certeza que não quer nada? – perguntou ele logo que o garçom saiu com os pedidos.

– Não. Se eu ficar com vontade, como no seu prato – sugeriu naturalmente.

– Ok – concordou com um sorriso cômodo. – Você me parece bem – comentou e apontou com um

gesto indolente para ela. Na verdade, ela lhe parecia mais que bem. Bonita, bronzeada, saudável, cativante. Teve que apertar os dedos nas palmas para resistir o impulso de deslizar os dedos em seus cabelos.

– Você também está – ela respondeu com um sorriso amistoso. – Engordou?

Ele riu de canto e tocou o abdômen, divertido.

– Sim. Parei de treinar defesa pessoal na academia. Então ganhei dois quilos – não ia contar que se obrigou a comer quando não tinha fome, a viver quando não tinha graça só para não deixar a apatia o vencer.

– Continua bem – sorriu recordando o abdômen travado que ela viu mais cedo quando o encontrou só de toalha no quarto. – Mas você continua fazendo algum exercício – deduziu com um olhar aprovador para seu peitoral. Ele a flagrou. Ela desviou o olhar. Nunca foi tímida com ele, entretanto era assim que se sentia.

– Sim. Corro e pedalo. Só não estou exercitando braços – estendeu despretensiosamente o braço forte cheio de pelos claros. *Tão masculino.* Ela respirou fundo, com um desejo quente e líquido esquentando áreas escuras e esquecidas em seu interior.

Ele esperou o garçom encher a taça dela, então ergueu a taça dele no ar.

– Um brinde a você – propôs sombrio e fitou os lábios rosados por um tempo longo. *À sua beleza e juventude.*

Beckye o observou e, decidida, propôs seu brinde. – A nós dois – disse ela incisiva. Ele captou o convite nas palavras e seu coração acelerou-se novamente. Tocou os copos vagarosamente no ar, em seguida sorveu um gole, encarando-a curioso.

Ela não aguentava mais aquele suspense, pousou o copo na mesa e olhou-o com olhos suplicantes.

– Você precisa falar o que mudou... – virou-se de lado na mesa, com os joelhos encostados em sua coxa direita. – Eu preciso saber.

Ele sentiu mais do que queria o calor que irradiava em sua perna mesmo que ele estivesse de calça. E olhou mais uma vez para as joias nos dedos dela. *Será que significava o que ele queria?*

– Você leu algum jornal ultimamente, Beckye? – inclinou-se sobre a mesa, ficando a um palmo dela. Seus olhos migraram para os ombros nus. Queria afastar os cabelos e lhe beijar ali, subir a boca por seu pescoço, morder o lóbulo e, enquanto tivesse os dentes na orelha, desceria o zíper de seu corpete, entraria com a mão...

Não. Não podia. Balançou a cabeça para clarear. Aquele era um ambiente estimado pela formalidade e discrição dos frequentadores. Não podia correr o risco de perder ali o controle tênue que mantinha.

– Alguns – Beckye respondeu alarmada ao ler o desejo nu em seus olhos. E sentiu o coração acelerar. – Quer dizer, muito pouco – deu de ombros, segurou o copo e experimentou um gole. Não

gostou. Era seco. Gostava mais de bebidas doces, embora evitasse.

O jantar foi servido, Christopher separou uma garfada de salada e levou aos lábios. Beckye espetou uma rodela de batata assada no prato dele e comeu, à vontade. Christopher sorriu, achando a cena familiar. Ela espetou camarões, enquanto isso, comentou sobre os mariscos da Austrália, sobre restaurantes, temperos. Nos instantes seguintes recorreram a subterfúgios como meio de manter o tema leve.

Depois de um tempo, ele suspirou satisfeito e afastou o prato, disposto a voltar ao tema anteriormente iniciado. Tinha que pôr de lado aquela saudade, a carência, o desejo de ser amado novamente por ela, o desejo de ser encaixado na vida dela, esquecer o lado carnal e ser objetivo.

Precisava, necessitava saber por que ela voltou. Cansou-se de ser alguém elementar para ela, mas não indispensável. Carecido, mas não necessitado. Desejável, mas não exigível. Paixão, não amor. Essa pequena diferença de semântica os trazia ao ponto em que estavam agora... Porque foi ela que não exigiu que ficassem juntos e enfrentassem a distância.

– Aleksey foi julgado à revelia, Beckye – disse sem mais preâmbulos, pôs o cotovelo sobre a mesa e fitou-a. Ela não reagiu, provavelmente por não saber ao certo o que aquilo significava. O assunto inevitavelmente o deixava aborrecido, ele virou o rosto e cerrou os dentes, tentando ocultar a irritação. – E incredivelmente ele foi declarado inocente de todas as acusações – torceu os lábios, desgostoso. Ela abriu a boca perplexa com a ira que viu em seus olhos, e ele, prevendo o protesto, levantou a palma da mão para que ela o esperasse concluir. – A única infração que ele tem sobre as costas é a de fuga. Acredita nisso? – perguntou transtornado. – E a pena só incorreria em perda de regalias e medidas disciplinares se ele tivesse sido condenado por outro crime. Todavia, como ele foi inocentado... – interrompeu-se com o maxilar travado, incapaz de disfarçar sua revolta.

Beckye sentou-se ereta, triste com sua inflexibilidade e encolheu as pernas embaixo da mesa, ganhando alguma distância dele.

– Você ainda o odeia – afirmou com os cílios baixados sobre os olhos, incrédula e decepcionada. Pensou que Christopher tinha superado isso, mas pelo jeito ele continuava o mesmo.

Ele segurou seu queixo para que ela o olhasse e olhou-a, implacável, deduzindo a que se dava a mágoa que via agora.

– O quê? Você acha que eu o odeio por ele ter saído livre? – aumentou o tom e fez uma careta, estarrecido. – Se você pensa isso, é porque não me conhece! – balançou a cabeça. – Eu não lhe disse que nós dois conversamos? Por mim, Beckye, seu irmão pode fazer o que quiser que eu não dou a mínima. O problema é que só depois que ele foi inocentado eu encaixei os fatos – ponderou com desgosto. – Estive cego.

Ela não entendeu a que ele se referia, mas percebeu que ele se autocensurava. A raiva dele estava destinada a si mesmo.

Ele continuou, ansioso. – Eu confirmei ontem com Samuel. Tudo ficou claro após o veredicto – disse indignado. – Toda vez que eu ia prender Aleksey, alguma coisa dava errada. Ele conduzia toda

negociação, mas sempre se safava – narrou entre dentes. Levou mais um gole de vinho aos lábios antes de elaborar. – Alguns dias antes de te conhecer, Ethan me mostrou uma gravação sua com Aleksey. E ali começou minha fixação em você.

– Dessa parte eu já sei – ela o interrompeu, neutra.

– Não. Não sabe. Eu fui manipulado em tudo porque ele iria cair fora do esquema e precisava de uma perseguição real – inclinou-se sobre ela obstinado a expor sua lógica.

– Como assim? – juntou as sobrancelhas, confusa.

– Seu irmão nunca foi investigado pelo FBI nem por ninguém, Beckye. Só eu o investiguei. Era cômodo para ele ter alguém o investigando... Ou melhor, daria credibilidade.

– Como assim? E onde eu entro nisso?

– Eu demorei a entender essa parte – refletiu, olhando-a intensamente. – Cheguei a uma conclusão ontem – parou, o garçom encostou-se ao lado deles e serviu a sobremesa.

– E a qual conclusão você chegou?

– Que ele permitiu que eu me aproximasse de você pensando que, ao te conhecer, eu o veria de outro modo e questionaria suas atitudes, como a de fomentar a casa de recuperação sendo um traficante.

Beckye compreendeu.

– É claro que eu me debati sobre isso na época – esclareceu com o lábio franzido de desgosto. – Mas não dei importância. Queria mesmo era prendê-lo. Comecei a suspeitar de que ele tinha um informante na Narcóticos, além de um peixe grande acobertando-o, porque geralmente ele sabia da operação antes mesmo de ocorrer.

– Agora não entendo. Você quer me convencer de que Aleksey é culpado sim, e que a Justiça errou ao inocentá-lo? – examinou incrédula. – Quer dizer que na DEA tem alguém da máfia e que, além disso, tem alguém influente acobertando Aleksey?

Christopher riu e balançou a cabeça.

– Isso é loucura, não? – pôs um pouco de torta com creme *brulee* na colher e mastigou devagar. – Imagine o quanto fiquei louco com isso. Depois do nosso casamento, eu deduzi que fosse o Jason que o encobria, mas recentemente o Jason caiu, e eu fiquei sem saber o que achar – esperou-a interagir, mas ela comia a sobremesa dele pensativa. – Foi aí que cheguei a uma conclusão. Aleksey rezava para Deus e acendia uma vela para o diabo – acentuou triunfante. A sua mudança de humor estava deixando-a mais confusa. – E aí, sim, a minha linha de raciocínio teve sucesso – concluiu.

– Explique – apoiou o braço na mesa com o punho no rosto enquanto admirava pela primeira vez na noite o sorriso nos olhos azuis. E amou vê-lo sorrir, ainda que não soubesse exatamente o motivo.

O tempo longe dele não abrandou em nada a sensação de euforia, excitação e amor que nadava em seu sangue. Queria beijar seu rosto, seus olhos, nariz, boca. Queria abraçá-lo e fazer com que ele

esquecesse a solidão que o fez passar. Queria uma chance de provar que o amava com toda a alma, compensá-lo pelo tempo perdido.

Ele continuou. – Bom, a pessoa dentro da Narcóticos me manipulava conforme era instruído.

– Mas por que ele faria isso? – inclinou-se em expectativa.

– Por quê? – abriu os braços teatralmente. – Porque Aleksey é um infiltrado no tráfico a pedido da polícia – revelou triunfante em expor seu raciocínio.

Beckye abriu a boca, surpresa. – Como chegou a essa conclusão?

– Eu cheguei até aqui. Ontem obriguei Ethan a me revelar tudo, já que também deduzi que ele era o informante de Aleksey na Narcóticos – explicou tranquilo.

Beckye balançou a cabeça, atordoadada com tanta informação. E, para Christopher, ler a completa inocência em seus olhos foi como acalento ao seu coração... Era sinal de que ela não voltou por Aleksey ter se livrado.

– Você *tá* falando do Ethan japinha? Aquele que vai às vezes ver seu pai?

– Sim. O Ethan amigo da família – esclareceu tranquilo. – Ele me explicou que, meses depois de entrar na Narcóticos, foi abordado pelo FBI e convidado a participar. Foi então que ele passou a ter contato com um agente anônimo, por telefone.

– E qual o objetivo desse agente anônimo? – perguntou ávida, sentindo-se dentro de um filme policial.

– Investigar por meio de Aleksey, minar o tráfico, montar armadilhas, derrubar os policiais corruptos e, por fim, atingir as pontas que facilitavam o tráfico na Califórnia. O Coordenador Jason e o Prefeito Derek, por exemplo – enumerou animado.

– E quem é esse agente duplo, pelo amor de Deus? – pediu ansiosa.

– Ninguém mais que Roney, ajudante de Aleksey – revelou triunfante. – Ele infiltrou-se no tráfico com o apoio de Aleksey. Após embasar o dossiê para prender os traficantes mais fortes da Califórnia, armaram sua própria prisão, com o auxílio de Ethan. Mas eles não contavam que o Sebastian e sua trupe iriam entremear, adiantando a prisão por causa de Rachel que me queria de volta, e montar uma armadilha para incriminar você – disse com pesar, satisfeito por pelo menos Rachel ter recebido da Justiça o que merecia ao perder o registro no Conselho de Psicologia ao ser acusada de diversos crimes.

– E Aleksey também é policial? – ele podia ler a ansiedade em seus olhos cheios de perguntas.

– Não. Aleksey propôs infiltrar-se como civil em comum acordo com o FBI. Procurou Roney, colega de faculdade dele e agente do FBI, para propor o plano logo que Christine entrou em coma. Jason era o chefe do crime e introduziu Aleksey entre os poderosos. Alek tornou-se o *testa* do Jason. Modificava, distribuía, negociava, e foi desse modo que Aleksey levantou dinheiro suficiente e liberdade para concluir as pesquisas em Christine, além de encher os bolsos dele e do prefeito....

Tudo isso sob o aval do FBI, porque, até então, não existiam provas contra Jason. Então Roney se infiltrou na máfia como ajudante de Aleksey para lhe dar cobertura. Logo depois veio o contato com Ethan. Porque decidiram não derrubar só Jason, mas uma rede de corruptos fortes envolvidos com o tráfico.

– Aleksey devia odiar o Jason para aceitar ser aliciado e depois se voltar contra ele – comentou, e aos olhos de Christopher ela parecia linda, madura e compreensiva.

– O objetivo de Aleksey, desde que começou a trabalhar para Jason, era vingança, conforme Samuel. E eu deduzi que foi porque era Jason quem facilitava gratuitamente drogas para Christine.

– Foi ele. Christine me disse na Austrália. Ela disse que era o Jason e... – Parou indecisa. Se Christine não sentia necessidade de dizer que a mãe era conivente, ela não diria. – Bom, o Jason – concluiu. Christopher percebeu sua hesitação e deixou passar.

A algumas mesas de distância, uma bioquímica morena conhecida de Christopher acompanhada de outra funcionária da Victória's Secret acenou para ele e aproximou-se.

– Olá, Pemberton – cumprimentou-o usando o renomado sobrenome de sua mãe, depois desviou o olhar para Beckye avaliativamente. – Olá – sorriu afetadamente. – Sua irmã? – supôs com uma postura forçosa que quase fez Beckye rolar os olhos.

Antes que ele respondesse, Beckye se adiantou. – Não. Sou esposa dele. Rebecca Adams – estendeu a mão com um sorriso cômico. Pelo menos antes que ele dissesse o que mudou, poderia se apresentar assim, pensou insegura.

– Oh, prazer – a moça engasgou-se sem jeito, ajeitou os cabelos curtos, despediu-se apressadamente e voltou para sua mesa.

Christopher sorriu e, orgulhoso, desviou sua atenção para sua menina-mulher à frente, ignorando a interrupção.

– Antes eu achava que era Aleksey que facilitava drogas para Christine – voltou a dizer. – Ela me disse uma vez – esclareceu. E notou o olhar disfarçado de Beckye para as mulheres na outra mesa. *Seria insegurança?* Sorriu presunçoso. – Mas então concluí que não – rematou com um suspiro.

Finalmente o assunto Aleksey fora concluído e podia passar para o próximo tópico. Observou-a em silêncio, sentindo as emoções que bloqueara toda a noite inchar no seu peito. E nem imaginava a desconsolada instabilidade que se passava no interior de Beckye.

Ela novamente beliscou a torta, reflexiva, pensando na quantidade de mulheres que podiam ter entrado e saído da vida de Christopher nos últimos meses. Ele sempre lhe garantiu que sexo era só um meio de alcançar um objetivo: prazer. E viril e atraente como era, não devia ter se mantido em celibato com tantas mulheres rondando-o. Pensar nisso foi um golpe em sua frágil segurança. *Será que ela ainda o interessava ou o fascínio por ter uma adolescente perdeu a graça com o tempo? Afinal, encaminhava-se para os dezenove.*

O silêncio prolongado fez a ansiedade vibrar na boca do estômago de Christopher. A fome por ela

ruía dentro dele. Uma chama incandescente que, quando Beckye foi embora, ficou só em brasas cinza, mas que, neste instante, ardia em chamas, ardendo do peito à garganta.

Testando a receptividade dela, estendeu a mão e afastou os cabelos do seu rosto, permitindo-se por um instante suprir a saudade da textura, da maciez. Admirou a cor, que voltou a ser louro. Depois desceu os dedos pelos fios.

Ela sentiu a mudança sutil no clima, ergueu os olhos e encontrou os olhos azuis intensos perscrutando-a. E lembrou-se de algo que não foi esclarecido. – Mas por que Aleksey queria ser preso? – aproveitou-se do momento íntimo, virou um pouco o rosto e beijou a palma de sua mão, encorajada por seu toque terno.

Ele arrastou o polegar em seu lábio rosado, ansioso por inclinar e esfregar seus lábios com os dele. Já tinha a resistência nas últimas. Suspirou e obrigou-se a dar mais esta resposta. – Samuel disse... – começou baixinho e desviou os dedos para seu pescoço e nuca, olhando-a calidamente. – Er, que eles queriam resolver esse último caso e sair fora. E para sair, precisavam ser presos, não simplesmente sair – disse pausadamente. – Essa é a lei no tráfico. Você não sai simplesmente. Ou é preso, ou morre. E por isso eles se permitiram ser presos. E da prisão simularam uma fuga.

Ela fechou os olhos distraidamente, deitou o rosto e suspirou, receptiva à preciosa carícia dos dedos longos. Ele sentiu o corpo reagir tenso e criticou-se severamente pelo inoportuno do momento.

Beckye abriu os olhos e notou, apreensiva, seu semblante sério. Suspeitou que o momento de intimidade chegou ao fim e aquela expressão distante voltaria ao seu rosto. Disposta a prolongar o momento que sabia que mereciam antes dele dar a palavra final sobre os dois, alcançou sua mão livre, trouxe-a até a boca e beijou o dorso.

– Você vai me perdoar algum dia...? – perguntou humildemente e deu um beijo longo sobre o dedo onde deveria estar a aliança de Christopher.

– Pelo quê? – disse com a voz emocionada, aproximou mais a cadeira e passou um braço em volta do ombro dela, fechando-os numa bolha. Enfim iriam para o assunto principal. O assunto ele e ela.

– Por tudo... Por você ter desistido de ser policial. Por ter enfrentado os julgamentos sozinho – disse num sussurro arrependido.

– Eu saí da polícia porque quis, Beckye – deu de ombros para minimizar a importância, mas sentiu prazer em sua enternecida preocupação.

Ela continuou, porque precisava deixar tudo claro esta noite. Se ele não a queria mais, seria uma despedida aberta. – Você disse que as coisas mudaram. O que mudou? Você tem alguém? – perguntou aflita com a incerteza. – A paixão e desejo por mim cessaram?

– Rá, você acha que cessou minha paixão por você? – riu amargamente e trouxe a mão dela ao seu peito esquerdo, fazendo-a tocar a pele pela abertura da camisa. O coração batia acelerado. Ela moveu os dedos e acariciou ávida os pelos macios. Uma corrente elétrica oscilou o corpo dos dois. – Isto explica que não – ele garantiu com a voz rouca e percebeu que ela também sentia a violência da atração.

– Nesses últimos meses eu não passei um dia sem te querer – expôs acalorado. Ela continuou a acariciá-lo com os dedos, olhando-o desejosa enquanto os músculos do peitoral se contraíam tensos sob seus dedos e a respiração dele se tornava mais pesada. – Não passei um dia sem olhar para aquela casa e desejar você no sofá, no carpete, na varanda, na minha cama... Ou mesmo me lembrar de você na cozinha, cozinhando e dançando. Olhava o carpete e imaginava você fazendo yoga. Não passei um dia sem sentir seu perfume no jardim. Sem olhar para aquele quadro e ter lembranças de você pintando – explicou desolado.

– Então o que mudou? – implorou e afastou a mão de seu peito. Ele segurou seu queixo para manter sua atenção.

– O que mudou, Beckye? – perguntou desgostoso. – O que mudou é que eu perdi você por mais de um ano. Você viveu, amadureceu, e eu não vi. Não estava ao seu lado – esclareceu com dissabor. – Eu envelheci, Beckye. Tudo por quê...? – abriu as mãos no ar, revoltado. – Porque fomos vítimas.

– Me perdoa... – ela pediu suplicante, quase em lágrimas, sem importar-se que fossem alvos de curiosidade.

Ele fez uma careta. – Você não tem do que pedir perdão.

– Tenho sim – teimou.

Ele hesitou uns instantes, depois acariciou seu rosto. – Ninguém teve culpa de termos nos envolvido nessa trama toda... Aconteceu.

– Não estou falando disso... Estou falando de minha escolha.

– Você fez o que tinha que ser feito – acalmou-a, mas seu semblante carregava a dor do tempo perdido.

Ela inclinou mais o rosto até ficar abaixo de seu queixo.

– Uma esposa tem que ficar ao lado do marido, Christopher. E eu não pude – tornou a dizer, contrita.

O silêncio se ampliou entre eles. Ele queria acabar logo com isso, mas antes precisava ouvi-la. Beijou sua testa longa e calidamente.

– Por que você voltou, Beckye? – questionou placidamente, dando tempo para que ela pensasse na resposta, com a mão dela unida a sua. – Agora muitos dos traficantes da época de Aleksey foram presos, ou mortos. Muitos deles esqueceram até que Aleksey existiu... Bem, Aleksey foi absolvido, Roney voltou para Agência do FBI em Washington DC. O David, o ex-ajudante, está com a ficha limpa. Ethan continua tranquilamente na Narcóticos. E, então, Aleksey pode voltar, se quiser. E recomeçar uma nova vida – explicou pausadamente, porque saber dos seus motivos era um passo muito grande na vida dos dois. – Se você não sabia da absolvição de Aleksey e não sabia que ele poderia voltar quando quisesse, por que voltou? – insistiu, com o coração galopando de expectativa.

– Por quê? – ergueu o rosto determinada e limpou os olhos com o dorso da mão. – Porque eu amo você – disse como óbvio. – Se eu soubesse que Aleksey foi absolvido, teria poupado meu

sofrimento. Porém mesmo que ele tivesse sido condenado a uma vida de fugitivo, ainda assim eu voltaria para lutar por você – disse decidida. – Eu vinha preparando Peter para minha volta há algum tempo. E comprei minha passagem há três dias – esclareceu. – Peter foi muito compreensivo e me apoiou a vir cuidar de você enquanto ele ficaria cuidando da Christine e do irmãozinho – riu saudosa com a lembrança doce de Peter todo protetor com Christine e o bebê.

Christine tinha finalmente conseguido êxito com o garoto quando parou de pressioná-lo e mudou a tática, dando-lhe espaço, ao mesmo tempo em que mostrava precisar dele quando pediu que ele ajudasse a escolher enxoval e brinquedos. E depois que Brady nasceu, pedia que ele a ajudasse a dar banho, vigiasse, balançasse o carrinho para fazê-lo dormir.

– Foi como se tivesse ficado um pedaço de mim lá, mas eu precisava vir – estremeceu fragilizada pelo assunto. – Eu tive que decidir. E eu sei o que quero. Eu quero viver com você, quero ter filhos seus, quero ser a senhora de sua casa – apertou fortemente a mão dele à sua, em um gesto implorativo. – O tempo longe foi válido, por um lado. Se eu não tivesse ido e preparado Peter para a mudança, para viver com a nova família, eu mesma não estaria preparada para você. E eu não podia ser uma esposa dividida. Precisava estar completa – suspirou. – Agora estou pronta, Christopher – disse enfaticamente e prosseguiu:

– Sei que Peter está bem. Estou resolvida, com todas as lacunas da minha vida fechada... E, se você me aceitar de volta, estarei onde eu realmente preciso estar – declarou solenemente, encarando-o com intensidade para dar ênfase às suas palavras. – E você? Ainda me quer em sua vida? – perguntou com humildade novamente, superando suas limitações e orgulho. – Se houver uma chance para mim ao seu lado, prometo que me farei merecer todos os dias o seu amor... Eu não posso, nem sei mais viver sem você.

Ele ficou calado quando a emoção da declaração ardeu sua garganta e desceu quente para seu coração. Comovido, inclinou-se e selou seus lábios com um beijo, apenas um roçar suave de reconhecimento. – Sim, Beckye... Eu quero você – proferiu esfuziante em seus lábios, a seguir deu um beijo que expressaria a gratidão e realização por tudo que ouviu.

Ela pôs a mão em sua nuca, aumentou a pressão e ofereceu a ponta da língua, sentindo-o rir quando a capturou e acariciou-a sensualmente. O beijo mudou, ele sentiu a inconveniente excitação aumentar quando sua língua foi capturada por ela. Ela foi ousada, chupou e manipulou sua língua numa alusão atrevida a felação, e ele gemeu rouco, excitado com a reconquista de intimidade.

Amava-a. Desejava-a. Amá-la-ia para sempre. Sentia-se vivo com ela. Todas as células do seu corpo celebravam sua volta. E seu lado mais egoísta celebrava o fato dela ter voltado unicamente por causa dele, não por Aleksey ter sido inocentado e poder voltar.

Podia vislumbrar o futuro que teriam. Uma vida calma. Cheia de amor. E em breve Peter iria poder voltar para ela. Então tudo estaria completo. O menino seria deles, teriam uma família unida, onde todo o afeto seria dividido. Como solução, poderiam adotar métodos de pais separados que dividem filhos. Ou mesmo poderiam, todos os pais, *inclusive ele*, morar na mesma casa. O importante é que ficassem juntos, felizes.

A chama em seu coração e corpo aumentou com a esperança de futuro. Interrompendo o beijo que

já tinha há muito deixado de ser o beijo respeitoso que planejou, desceu a boca por sua bochecha, beijando, até que chegou à divisão do pescoço.

– Promete? – mordiscou-a, sentindo-se amado, escolhido, precisado. Ela estremeceu e apertou as pernas uma na outra, aliviando a pressão que seus músculos internos faziam. Ele captou isso com uma fígada na pélvis em resposta. Seus corpos atraíam-se como ímãs e respondiam um ao outro com o desejo acumulado de meses. Ele fez sinal para o garçom pedindo a conta. *Urgente, por favor.* Depois voltou ao assunto tentando recuperar o controle e conter-se decentemente. – Promete estar ao meu lado até que eu fique um velho ranzinza, mal-humorado, desdentado e impotente? – enumerou galhofeiro.

O amor que via nos olhos dela o fez ter vontade de se ajoelhar e agradecer.

– Sim – balançou a cabeça devagar, e ele leu o desejo ansioso nos olhos verdes. *Deus o ajudasse a chegar logo em casa para aliviar essa saudade!* Maldita a hora em que quis ser adulto e ter uma conversa honrada em público quando o que necessitava era se enterrar para sempre num cantinho dela! *Em todos os sentidos.*

Ele afastou-se, ajeitou a ereção insistente e observou-a, tentando novamente enfiar a língua na pequena e saudosa boca tentadora.

– Se você não tirar essa expressão de súplica do rosto, não cumprirei meu intento de esperar até chegar em casa – ameaçou e beijou-a provocantemente na orelha.

– Não espere – sussurrou com o langor da luxúria e novamente apertou uma perna na outra. Ele queria enfiar a mão entre elas e fazer *o confere...* Engoliu em seco. Ela pareceu ler seu pensamento. – Eu estou quente... úmida... pronta – provocou maliciosa. – Quase dói o desejo de te ter... Um ano, seis meses e três dias é muito tempo de contenção para um corpo bem instruído – sussurrou uma súplica dramática. E ao ler o significado de suas palavras, ele estremeceu. Ela continuou. – Eu necessito de você urgente – pediu provocante.

Ele apertou os dedos nas costas dela, tenso e excitado. E ela arqueou, sedutora. Os seios se ergueram mais, ele baixou os olhos e viu os mamilos rígidos sob a blusa. A boca secou e exalou um longo suspiro.

– Por quê, querida, você me provoca assim? – mordeu novamente o lóbulo da orelha. – Não sabe que eu não sou homem o suficiente para resistir a você?

Ela passou a mão furtivamente por sua perna e subiu até acariciar ao longo da masculinidade. Ele apreciou rouco em seu ouvido. E o som indefeso fez os músculos internos de Beckye contraírem-se.

– Por favor – ela implorou manhosa e afastou-se para fitá-lo, vendo a possessiva e apeteçida maneira como ele a encarava. Presunçosa e com um ar resolvido de quem sabia ser desejada, pendurou a bolsa no braço e deu um sorriso provocador ao ver o *maître* entregar a conta. – Vou ao banheiro. Aqui está muito calor – abanou o rosto com drama zombador, levantou-se e caminhou por um corredor próximo à saída. Ele observou-a atordoado com o balançar convidativo dos quadris, deixou algumas notas de cinquenta na mesa e seguiu-a.

Passou direto pelo banheiro masculino, parou em frente à porta do feminino e esperou, tenso. Não podia entrar. Não podia. Era um adulto, responsável, casado, tinha uma cama em sua casa o esperando...

Meia hora depois, ela abraçou-o pelos ombros e beijou seu cabelo. Ele riu silencioso com paz plena e alegria e beijou-a na testa repetidas vezes.

– Senti sua falta – declarou ele, abotoou a calça e ajudou-a a se arrumar, limpando-a e ajeitando-lhe a roupa. – Se você não tivesse voltado, eu iria buscar você.

– Estarei aqui pra sempre agora – prometeu lânguida.

– Para sempre é muito tempo para quem ainda não tem dezenove anos – brincou e abraçou-a, com o rosto sob seu cabelo.

– É pouco tempo perto da eternidade que eu quero ter ao seu lado para te compensar por ter me esperado e para te dar certeza de que, apesar de ter começado com você tão nova, eu escolhi você para amar por toda a vida.

Ele riu realizado. Abriram sorridentes e distraídos a porta do box e surpreenderam-se ao deparar com as duas colegas de profissão de Christopher. Ele congelou, em pânico. Beckye ergueu o queixo com toda dignidade que possuía e ignorou-as, deixando-as sem fala quando rodeou a cintura do marido possessivamente e saíram sem delongas do toalete.

Já no estacionamento, ele abriu silencioso a porta para que ela entrasse e esfregou os cabelos, sério.

– Por que agimos como adolescentes irresponsáveis e não nos comportamos? Em casa temos a honrada cama, preciosa ducha, cômoda toalha, seguros lençóis – sibilou autocrítico.

– Fizemos isso porque temos uma vida para nos comportarmos – segurou seu rosto nas mãos, olhando-o com ternura.

– Uma vida toda? – repetiu enlevado, lembrando-se da promessa anterior feita no box, enfiou os dedos entre seus cabelos e deu-lhe selinhos.

– Até ficarmos velhinhos e cansados – prometeu sorridente. – Você terá que ter muita resistência para aguentar uma *ninfeta* quente e insaciável.

– Eu dou conta – piscou num tom solene.

– Estou contando com isso – disse com uma piscada matreira, feliz, realizada.

Capítulo 13 - Flor de Lótus

– Chris, ligue para o Alek e avise que é ele que vai ficar com as crianças hoje! – Beckye gritou da cozinha. Christopher a ouviu da sala, mas ignorou-a, continuando a brincadeira no chão com Lily, sua filha de quatro anos e Brady, de seis anos, enquanto Peter, agora com doze anos, ria divertidamente dos três, sentado no sofá. Beckye continuou a falar. – Eles estão muito espertinhos. Este fim de semana é deles! – reclamou e apareceu na porta da sala. – CHRISTOPHER!!! – gritou quando o viu com o rosto todo pintado, a barriga, costas. Tinha as marcas das patinhas de Fleur pela barriga, braços; as mãozinhas de Lily em seu rosto; os pés de Brady no peito. – Chris, vocês estão todos sujos e nós temos que sair! – exclamou horrorizada.

Ele olhou para ela e sorriu, ainda impactado com as duas correntes distintas: a menina que tinha só para ele, em casa, e a artista plástica que fez o discurso duas noites atrás em um jantar beneficente promovido pelo pai dele na mansão, noite em que Christopher lançou seu livro *Recomeçar*. Os recursos seriam destinados à casa de recuperação. Beckye foi quem arquitetou tudo e foi a diligente anfitriã que levou sutilmente juízes, promotores e colegas de laboratório de Christopher a abrirem suas carteiras e contribuírem com a causa: *Flor de Lótus*.

Flor de Lótus foi o nome com o qual batizaram o novo programa o qual integravam – por sugestão de Christopher. Ele argumentou que o nome representava pessoas que estão na lama, mas que desejam se libertar... *Mera bajulação à sua mulher*. O grupo de voluntários, que envolvia agora psicólogos, médicos, e outros profissionais, expandiu-se, e, juntamente com eles, o trabalho. Eles se dispunham a cuidar, orientar e assistir pessoas que querem sair de vícios desde bebidas alcoólicas a cocaína. Os assistidos eram acompanhados e reinseridos na família e na sociedade.

O objetivo do jantar foi angariar fundos para a causa. Ocorreu um leilão de quadros e produtos artesanais feitos pelos recuperandos e outro leilão dos quadros da artista Rebecca Adams. Ela atraía os investimentos e doações com seu otimismo e graciosidade. *Christopher venderia as calças para dar tudo que ela pedisse*. Foi uma noite bem-sucedida em que ele sentiu orgulho e prazer de sua mulher.

– Florzinha... – ele estendeu a mão com um olhar cálido, agora a mãozinha de Lily tentava passar batom em sua boca. – Estamos brincando – argumentou encantando com o quanto Beckye continuava linda mesmo depois da maternidade.

Observou seu quadril mais acentuado no *short* curto e sorriu malicioso, lembrando-se da grávida charmosa, saudável e resplandecente que ela foi, em uma gravidez minuciosamente planejada e acompanhada.

Lembrava-se dos primeiros meses com bebê novo em casa, época em que enquanto ele portava-se nervoso a cada choro da criança, ela agia com segurança e diligência de alguém dotada de experiência. E por incrível que pareça, enquanto a observava cuidar de sua filha, o amor dele por Beckye inchava, crescia, amadurecia. Sentia plenitude. Saber que ela tinha gerado algo seu, que os dois fizeram algo juntos era sublime. Era um milagre, uma união além do compreensível.

Ele não entendia porque algumas pessoas abstinham-se de relações sexuais durante a gravidez. Lógico que se exigia mais cuidado, mas em nenhum momento sua fome por ela arrefeceu. Pelo contrário, cada vez que a via de *shortinho* e bustiê, fazendo exercícios de yoga pela casa, sua vontade era deixá-la nua e beijá-la toda.

Ela não foi uma grávida quieta. Pelo contrário, ele tinha que controlar seus excessos, embora não pudesse negar-lhe nada. Ela foi mimada pelos amigos da pastoral, recebeu dezenas de presentes dos assistidos pela casa de recuperação. E estava sempre alegre e sorridente, com os cabelos bem cuidados e maquiagem leve no rosto. Definitivamente uma grávida deliciosa e *sexy*. O que não contribuía para diminuir a paixão dele.

Logo que a criança nasceu, Christopher passou por uma dura provação quando tiveram que se distanciar para recuperação do parto, abstendo-se sexualmente. Ele dormia com ela na mesma cama, abraçado a ela, mas sofria de desejo não saciado. Ao fim dos dias exigidos, já subia pelas paredes pela contenção. Ele a amava com a alma e com o corpo. Ansiava por ela a cada segundo.

Para piorar sua situação, toda vez que via aquele serzinho de cabelos quase brancos mamando em seus seios, em parte ficava encantado com a boquinha miúda se alimentando, em parte sentia-se enciumado, porque ele não estava tendo acesso àquela parte.

‘É gostoso, é, coração?’ Cansou de repetir essa pergunta para a criança que sugava em deleite. ‘Papai também quer. Parece que você com esse sorriso vazio está tendo mais poder sobre a mamãe que seu velho aqui’ E ganhava um sorriso terno de Beckye sempre que dizia isso.

Certa noite, após Beckye alimentar a filha e a deitar no berço, tomou banho e vestiu uma confortável camisola de botão.

Tentando portar-se displicentemente, Christopher esperou-a deitar-se, diminuiu a luz do abajur e, sem que ela previsse, inclinou-se sobre ela e encostou a boca no seu queixo, cobrindo-a com selinhos.

– Hei, Florzinha, não pense que esse camisolão horroroso vai manter minhas mãos longe de você – declarou com um sorriso, cobriu a boca rosada com um beijo e pôs o dedo no último botão que ela tinha acabado de fechar.

De hoje não passava. Os duros trinta e oito dias se arrastaram lentamente. E nada nem ninguém o faria esperar a absurda quarentena. Só se não gostasse mais de mulher! E esse não era o caso.

– Eu tenho, er, que... Acho que eu vou dar uma olhada na Lily – desviou os lábios e olhos dele, rejeitando-o deliberadamente.

– Não – sentenciou decidido. – Ela está bem – disse ao tempo que passava as costas das mãos no colo da esposa.

Seus olhares se encontraram, os dele estudaram-na maliciosos, os dela desconcertados e ansiosos. Ele sabia que existia algo a incomodando e passou a acariciar pacientemente seu pescoço com os dedos.

– Sinto sua falta. Também *tô* precisando de atenção – ele cobrou matreiramente.

– A Lily me deixa muito exausta – ela justificou-se, ergueu a mão e acariciou maternalmente o cabelo dele. Ele não queria *só* esse *tipo* de carinho.

– Você está exausta agora?

– Um pouco.

– Posso pelo menos cobrir essa parte aqui com beijos? – ele passou a mão no seio dela delicadamente mostrando o lugar que queria beijar. Ela apressou-se em fechar as lapelas da camisola que ele sorrrateiramente tinha aberto.

– Por favor... Aí não – virou o rosto. Ele percebeu sua fragilidade.

– Por quê? Aconteceu alguma coisa? É ruim? Dói? – acariciou a lateral do seio cuidadosamente.

– Não – ela desviou o olhar, disposta a dar novamente uma sutil recusa. Ele nunca a tinha visto tão esquiwa. – Espere só mais uns dias – pediu suplicante.

– Por quê? Você não sente vontade? – inclinou-se e beijou-a na veia que pulsava mais rápido no pescoço. Ela deu um suave suspiro e contorceu-se rejeitando quando a mão masculina subiu pelas coxas, levantando a barra da camisola.

– Eu estou... Estou... Minha cintura está... diferente... É embaraçoso... – continuou afastando-se. – E aqui, quando menos espero, sai jatos de leite – revelou mortificada. – Tenho vergonha.

Ele sorriu de canto, compreensivo e paciente, apesar do seu voraz apetite. Desfez-se do restante dos botões e passou a acariciar o abdômen bem cuidado com cremes e exercícios de yoga durante a gravidez. Aos seus olhos, ela estava mais que bem. *Mais ainda com aqueles seios enormes.*

– Você nunca vai entender a mente animal de um homem, meu amor... – inclinou-se e beijou displicentemente as curvas internas dos seios, apreciando as formas enquanto a distraía. – Sabe, sempre que vejo meu bebê mamando, se alimentando de você, dá uma espécie de inveja. Na mesma hora quero cobrir esses seios leitosos com beijos – ele declarou sua intenção, mas notou ela bem retraída, coisa que não era seu comportamento comum.

Ela afastou-se discretamente um pouco mais para cima.

– Não estou à vontade... Ainda não *tô* com a forma bonita – justificou-se novamente, rígida.

– Sou só eu e você, meu amor. Só nós dois. Eu amo você de qualquer forma – deu-lhe um olhar desejoso, advertindo-a de sua apreciação enquanto lhe baixava a esquisita calcinha bege de lycra reforçada. *Aquilo devia ser proibido no guarda-roupa de mulheres casadas...*

– Chris... – pediu suplicante.

– Não. Pelo menos te beijar todinha eu vou, senão nem consigo mais trabalhar – avisou sério, deixou seus seios *proibidos* de lado e deslizou beijos pela sua cintura, pelo osso pélvico. Ela suspirou longamente e contorceu-se em reflexo, com relutância e ainda rejeitando-o.

Precisava de mais tempo, Beckye pensou. Sentia-se muito mais mãe que mulher. Sentia medo de doer por causa dos pontos que recebeu. Também tinha medo de não ser mais tão receptiva e estreita como antes, já que seu parto foi natural. Ela nunca foi insegura, mas agora que via seu saudável e bonito marido, tinha medo de não ser mais a mesma coisa. Não queria que ele perdesse o interesse. Além disso, não queria ver sua preocupação ou indulgência, caso tudo desse errado. Por isso o medo de voltar às relações.

Sua atitude receosa era meio discrepante, pois não teve vergonha do abdômen estendido na gravidez. Pelo contrário, quando estava grávida, exibia-se orgulhosa e cada contato era elétrico. Cada toque uma deliciosa troca. Agora experimentava as hesitações de uma mãe.

– E se eu tiver mudado *lá*? – perguntou agoniada quando o marido inspecionava habilidosamente a região íntima com a mão, ao tempo em que a beijava no baixo ventre.

Ele registrou suas palavras cautelosamente, preocupado em restaurar a sensualidade natural e segura de sua esposa, passou um longo tempo beijando-a persuasivamente na pélvis, quadril, coxas, para então abrir cautelosamente suas pernas e salpicar beijos íntimos, numa carícia terna e molhada.

– Não vê o quanto eu a amo? – abriu a boca e lambeu-a, como se se tratasse das maiores delícias da terra. Ela contorceu-se com o despertar tirânico do desejo. – Vai continuar sendo você. Você é sempre tão bonita. Se eu puder fazer só isso... – cavou a língua no botão, persuadindo-o para fora. Ela sentiu a força de um raio irradiando-se dali, contorceu-se e prendeu os lençóis nos dedos. – Se eu puder só deixá-la bem, apreciar sem ter nada de volta, ainda assim eu estaria satisfeito – ele acariciou-a com o dedo na borda da entrada, testando-a, medindo-a, fazendo um inventário. Ela estremeceu na cama e começou a ofegar. – Dói? – entrou com o indicador suavemente, ao tempo em que a acariciava com a língua, girando-a. – Se doer, então ficarei só aqui fora.

– Não – ela gemeu com a respiração acelerada. – Não doeu – piscou longamente, passiva.

Ele sorriu contra ela, acariciou-a com mais confiança e dedicou-se, ora estirando-a com o dedo, ora chupando-a, e fazia o corpo feminino arquear.

A consciência dela se afundava aos poucos sob a coerção prazerosa.

– Hummm – protestos misturados com gemidos escaparam de sua boca e os dedos moveram-se ansiosamente para os cabelos macios do marido, incentivando-o. Ele lhe deu tudo, adicionou um dedo e acariciou com perícia a parte frontal interna, fazendo círculos, com movimentos ritmados com a língua, que fazia incursões largas e rápidas. Ela grunhiu, tremendo em espasmos, rumo ao alívio. – Oh! – em poucos minutos ela se sacudia sob ele, tremendo convulsivamente, com a cabeça debatendo de um lado ao outro.

Após vê-la alcançar o clímax, ele engatinhou na cama e posicionou-se ao lado dela, abraçando-a com o rosto em seu cabelo para abrandá-la. Depois de calma, ela podia sentir o membro inquieto pulsando ao lado do seu quadril, por dentro do samba-canção de seda.

– Ignore-o – ele pediu com um sorriso de canto, sofrendo de dor física, mas satisfeito por tê-la favorecido.

Ela desceu a mão pelo abdômen do marido e alcançou o pênis ereto, incapaz de ignorá-lo. Pelo contrário, virou-se de frente a ele, pôs a mão em sua nuca e puxou-o para um beijo, enquanto acariciava com a mão a dureza espessa protegida pelo *short*.

– Se você continuar com isso, quando menos esperar, vai sair jatos de *leite* em você – ele zombou, fazendo alusão ao comentário anterior dela. – E eu estou seriamente constrangido de ter algo natural meu sujando você – dramatizou brincalhão.

Ela riu comovida e inclinou-se sobre ele lentamente, beijando o peito, abdômen, para então baixar a frente do *short* e abrir a boca em seu membro. Ele jogou a cabeça para trás, deliciado, e acariciou a nuca da mulher que habilmente o envolvia no calor da boca, rodeando-o com a língua. Depois ela o levou ao fundo da garganta e sugou forte.

– Isso, meu amor – encorajou grato. Ela continuou sorvendo-o, tirando-o e colocando na boca enquanto acariciava abaixo. – Mama, querida. Mama sim – brincou zombeteiro. O prazer o rodeava a cada sucção profunda, ele erguia o tronco e silvava entre dentes ao ter insinuações de mordidinhas.

– Ah, por favor, por favor, eu quero você – pediu, puxando o ar nos dentes. – Eu quero te sentir... Vamos fazer certo. Eu e você. Você comanda... – Acariciou sua bochecha, implorativo. – Prometo que vai ser devagarzinho. A gente põe só um pouquinho. Só a pontinha, vai – persuadiu-a como um menininho.

Rendida, ela sorriu, terminou de se desfazer do *short* dele, ainda um pouco insegura; ele pôs a mão atrás da própria nuca e deitou-se de costas, numa mostra de sujeição.

– Vem... Por favor – encorajou-a, mas manteve-se quieto, embora seus olhos estivessem ansiosos, com medo dela voltar atrás.

Vacilante inicialmente, Beckye sentou-se sobre seu quadril, pegou no membro duro e moveu-se sobre ele, sem de fato penetrar. Depois se inclinou e beijou-o no peito, fascinada com aquela mostra de homem grande só para ela. O movimento molhado sobre seu órgão torturou-o. Mas ela não fez caso do protesto mudo quando ele ergueu impaciente o quadril pedindo para ser abrigado dentro dela.

– Me toque – ela sussurrou. Como por instinto, ele direcionou as mãos imediatamente aos seios cobertos pelo sutiã reforçado. Ela balançou a cabeça e segurou suas mãos, impedindo-o. – Aqui não, por favor.

Ele respeitou sua vontade, *por enquanto*, e desceu a mão por sua cintura até o quadril.

– Senti tanta falta de você assim – disse ele. Reverentemente levou a mão à frente e tocou-a novamente na região íntima, acariciando-a cuidadosamente. Depois, sentou-se, encostou as costas na cabeceira da cama e cobriu sua boca com um beijo faminto, declarando com o ato que nunca perderia o interesse por ela. – Eu preciso disso, sabe – seduziu-a com beijos no pescoço, mordiscando-a, esperando o tempo dela até que ela estivesse pronta. – Eu preciso da afirmação de que sou eu que ocupo você de corpo e alma.

Ela consentiu com um gemido, moveu-se sobre ele e afastou-se para levantar a ponta tensa,

gerando antecipação e ansiedade nele, que respirava ofegante. As mãos masculinas rastreavam carinhosamente a curva de seu quadril.

Em dúvida, ela pôs a ponta em sua entrada cuidadosamente. Ele ficou imóvel sob ela, com o fôlego preso. Suas mãos descansaram na nádega redonda, relaxando-a e encorajando-a. Ele procurou sua boca para entretê-la, sugou seu lábio superior com tranquila paciência, *apesar da fome*, e fez incursões suaves de língua no interior de sua boca, saboreando-a, tranquilizando-a. Enquanto isso, sentiu-se vagorosamente entrar nela. O gemido que saiu de sua garganta foi involuntário, e ele fechou os olhos para suportar as suaves dosadas de penetração que ela comandava.

O beijo mudou, sua língua mergulhou no céu da boca, lambendo-a, pedindo para se aprofundar.

Ela relaxou suavemente o corpo, permitindo-o entrar, deixando que o desejo os unisse mais e mais. Com um suspiro, ela distendeu-se totalmente e notou que toda a longitude fora abrigada em seu interior. Ele gemeu, trêmulo, ofegou, registrando o momento doce, e passou a tirar e pôr vagorosamente a língua em sua boca, conforme a notava movendo-se sutilmente, um pouco insegura, examinando, conferindo, para enfim afastar-se do beijo e sorrir um sorriso íntimo, feminino.

– Deu certo – sorriu confiante e acariciou-o no cabelo.

– Está tudo bem? – perguntou, com medo de lhe causar algum incômodo e sem querer pressioná-la. Ela olhou grata em seus olhos enquanto testava para frente e para trás, acostumando-se com a invasão. Ele apertou os dentes no esforço de manter-se quieto.

– Sim. Está tudo bem... ótimo, na verdade – fechou os olhos ao saborear as contrações que se espalhavam em seu interior, sentindo-se completa de novo, totalmente realizada. Ele beijou-a no pescoço, acariciou suas costas e engoliu ar quando a sentiu subir e descer, pressionando-o dentro da familiar cavidade quente, abrigando-o. Estremeceu com a sensação de volta ao lar.

Antes que ela se desse conta, o fecho do sutiã foi aberto e as alças deslizaram pelos ombros. Surpresa, ela observou os olhos do marido brilharem de aprovação ao vislumbrar encantado os seios maiores. Arregalou os olhos quando ele lambeu os lábios, inclinou-se e lhe lambeu o bico. Então retesou-se, temerosa e constrangida com a ameaça de que as glândulas mamárias fossem estimuladas.

– É a mesma coisa para você? – perguntou ele e chupou suavemente. – Você ainda está sensível à minha boca?

Ela fechou os olhos para desfiar o que sentia.

– Está mais sensível. Parece que o cérebro sabe registrar a diferença entre você e nossa filha – murmurou incerta e ainda hesitante com a carícia sedutora. Ele continuou lambendo-a devagar e fazendo-a mover-se sobre ele vagorosamente, aliciando-a.

E tudo ia bem, normal, porém, para desgosto e constrangimento de Beckye, ela sentiu um efervescer nas mamas, registrou o momento em que seus seios se incharam mais e um seio derramou gotas do líquido.

– Oh, meu Deus... – ela tentou afastar sua cabeça e aparar com o protetor. Ele prendeu suas mãos

pelo pulso, olhou-a com desafio, e esperou que ela registrasse seu olhar febril. Gotas escorriam enquanto ele a olhava. Ela tinha um olhar angustiado, a respiração arfante em ofegos longos e envergonhados.

Para ele, as mamas úmidas posavam tentadoras. A soberba imagem tão mulher e mãe despertou seu lado primitivo, queimando como fogo em seu íntimo, sobrepujando lógica e convenção.

Inclinou o rosto vagarosamente, anunciando com o gesto o que faria; ela balançou a cabeça pedindo mudamente que não, *não o fizesse*, mas ele desobedeceu e lambeu o bico com a ponta da língua, experimentando o líquido ralo.

– Não faz... Deixe-me – tentou libertar-se envergonhada com o ato aversivo.

– Eu morria por saber o gosto. Deixe, meu amor – abriu a boca e chupou delicadamente, sorvendo pequenas gotas do líquido adocicado.

Ela queria afastá-lo. Aquilo era errado. Mas suas mãos estavam presas, e um tumulto ardente ia despertando-se em seu interior, esticando-se à medida que a língua curiosa a acariciava e a domesticava, como se fazer aquilo fosse a coisa mais normal do mundo.

– É do bebê – tentou dizer.

– É meu – declarou entre dentes, possessivo. – Está só emprestado.

A ardente excitação exigia que ele desse vazão à paixão em seu interior, portanto, ao senti-la mais dócil e pronta a ir adiante, soltou-lhe as mãos, acariciou o outro seio com a língua, estimulando, roçando, convidando, e passou o braço em volta de sua cintura, incitando-a a se mover mais regularmente sobre ele.

Ele prendeu os seios nas mãos, abriu mais a boca e sugou. Ela sentiu algo diferente. *Muito diferente*. Calor torceu no ventre, espalhou-se, ela rangeu os dentes e permitiu-se sentir além de ver aquela boca masculina lambendo-a.

Ela rendeu-se com um suspiro, num prazer tão insano, e seus músculos internos contraíram-se. *Tão animal isso!* Seria assim que ele se sentiu quando ela drenou com a boca sua essência masculina? Ele continuou, e continuou. Ela apertou os dedos em seus ombros ao senti-lo incentivando lá embaixo no clitóris e moveu sobre ele.

Ele tomou um, depois o outro, gananciosamente, sem fôlego, como se daquilo dependesse sua vida, ao tempo que gemia, impulsionava, e gemia. O clímax que a envolveu não deu lugar a questionamentos enquanto se estremecia. Foi a melhor sensação de sua vida. Animalesca, crua.

Incapaz de se conter, e em busca de mais, ela puxou seu cabelo, invadiu sua boca e passaram a se mover um contra o outro freneticamente, ela subia e descia na poderosa torre totalmente tensa e inchada. Era tudo molhado, quente, tanta sensação para registrar. Os dois retorciam-se, os murmúrios abafados pelas bocas passaram a ser lamentos deliciados com a extasiante cópula. Christopher suave e tremia contra ela, sem forças de prolongar. Sua mente ficou em branco, suas costas arquearam quando as unhas exigentes de Beckye fincaram nelas. Então tudo parou, foi seu fim. Jorros quentes de

sêmen foram injetados no âmago feminino.

Depois de ter a tormenta sob controle, ele deitou as costas na cama e pousou-a sobre o seu braço, lânguida e preguiçosamente saciada.

– É doce – ele revelou divertido em seus cabelos após um tempo de total paz. – E excitante.

– É promíscuo – acusou exaurida, o cérebro em branco.

Ele riu alto, brincalhão. – Não se preocupe. Não é como se eu fosse te pedir uma xícara no café da manhã todo dia – esfregou o nariz no dela. – Isso foi coisa de momento. Curiosidade. Tesão. Diversão. Brincadeira de amantes. Só isso – elucidou e baixou novamente a boca para o colo, dando beijos brincalhões. – E você continua a florzinha mais deliciosa desse mundo. Quente. Aconchegante. Deliciosamente apertada... Bem vinda à vida conjugal após a maternidade. *Tá* reinaugurada! – celebrou com suaves mordidinhas na lateral dos seios.

Beckye sorriu deliciada e acariciou-lhe os cabelos, sentindo-se realizada com seu marido. Não imaginou que aos vinte e um anos seria tão completa. Mas era assim que se sentia. Realizada com a vida que tinha. Uma vida tranquila, sem muitas ambições. Feliz, acima de tudo.

– Eu amo essa parte sua – ele continuou. – São tão formosos. É errado restringi-los de mim – ele acentuou manhoso enquanto lhe contemplava os montes altos dos seios e deslizava os dedos em volta.

– Eu não restringi.

– Sim. Você restringiu – acusou incisivo. – Negou quando eles dois são meus pra sempre. E eu sou muito possessivo – apertou-os suavemente nos dedos e aproveitou o ensejo para trazer o assunto à baila. – Eu quero mais atenção – exigiu com um ar carente. Beckye sorriu comovida e beijou sua testa, sentindo culpa por estar negligenciando o marido desde que Lily nasceu. – Por esse motivo resolvi contratar uma babá – ele informou cautelosamente. – Já fizemos o acordo de você não trabalhar fora para que você tivesse dedicação total à família. E eu quero mais tempo só para mim nessa sua equação – disse sério.

– Eu não quero uma babá! – ela negou alarmada. Não queria dividir seus filhos com ninguém.

– Quer sim. A partir de amanhã umas senhoras vão vir fazer entrevista com você – determinou, usando divertido da autoridade de marido.

Ela torceu o lábio com um lado rebelde seu incitando-a a argumentar, porém, depois de refletir sobre o que ele pedia, viu que ele tinha razão. Tudo que ele queria era cuidar dela. Além de merecida atenção.

– Só se for uma senhora bem sessentona e gordinha – ela brincou e arranhou as costas do marido.

– Uh, que pena... – lamentou dramaticamente. – Eu estava pensando numa *novinha* de dezesseis anos – arreliou brincalhão. Ela afastou-o, fingindo contrariedade, pôs a mão entre eles e passou a lhe fazer cócegas, fazendo-o se contorcer enquanto ria. Ele prendeu-lhe o pulso, encarou-a, beijou-a nos seios e a paixão entre os dois começou de novo.

Alguns tempos depois, ela acariciava seu peito cansado, ele beijou-a na testa e tranquilizou-a.

– Não precisa se preocupar. Eu quero só você, Florzinha. Você não entendeu que a ligação entre nós dois não teve nada a ver com idade? Não me interessa novinhas. Foi questão de ser um para o outro. Tinha que ser – declarou efusivamente.

Depois daquela conversa, mais um passo foi dado juntos no relacionamento: negociação. Ele contratou ajudantes para ela, o que lhe deu tempo para se ocupar de outras atividades. Beckye soube dosar suas atenções com as crianças. E, mesmo quando foi ele que se viu perdidamente enrolado no dedinho mindinho da filha, ambos sabiam qualificar e dosar as diferentes formas de amor e atenção.

Para ele, a filha era sua nova razão de viver. Vivia babando-a. Adorou quando a primeira frase dela foi papai. A menina ficou completamente apegada a ele, só queria dormir se fosse em seu colo. Se ele estivesse presente, era somente com ele que queria ficar. E, obviamente, quem estava constantemente cansado era ele por trabalhar no laboratório de dia e à noite ficar por conta dela.

– Ela é inquieta assim porque você não ficou quieta durante a gravidez! – Christopher acusou certa noite quando a filha estava com sete meses e pouco dormia durante o dia; e, à noite, era mais fácil os pais dormirem que ela, que queria pular e brincar. Só Peter dava conta de tanta energia. E nessa noite Peter foi dormir na casa do pai.

– Eu poderia ter ido colocá-la para dormir, já que você está reclamando – ela sugeriu e espalmou seu peito como uma gata, usando uma camisola *sexy* branca, de renda e curta.

Os olhos do marido brilharam de animação e cobiça.

– Não precisa. Desde que a recepção no quarto seja sempre assim, eu a ponho para dormir todas as noites... Nem que eu volte aqui para o quarto só o projeto de Christopher – brincou e caiu sobre ela.

De volta ao presente, ele decidiu que amava aquela vida e suas duas mulheres com aberta e descarada adoração. Beckye, com seu caráter forte, decência nata de quem não se deixou influenciar pelos meios. Alguém que mudou a vida dele, deu-lhe filhos e ensinou-lhe a ser marido e pai. Alguém que ele sempre considerou precocemente madura pelas situações impostas da vida. Mas maior que a idade dela, sempre foi sua índole e senso de justiça.

Orgulhoso, olhou para as crianças arteiras ao seu lado e lembrou-se por que estavam adiando os próximos filhos. Não só porque crianças são seres inquietos, desordeiros e exigem atenção. Mas também porque a família já parecia estar completa com duas crianças pequenas e um pré-adolescente. Tudo corria tão fácil, uma vida apreciada ao máximo, cheia de cumplicidade e companheirismo.

Rebecca era uma mãe cuidadosa, responsável pelo lar, controladora, das que orquestravam tudo em volta, o que, às vezes, tornava-a *mandona*. Ele era o paizão, porque costumava deixar os filhos fazerem o que queriam enquanto ela controlava horários, refeições e disciplina com mãos de ferro ao ter três crianças terrivelmente bagunceiras, travessas e hiperativas em casa.

– No fundo eu sei que você está com ciúme do seu maridão por ele estar manchado de batom de outra florzinha vinte e um anos mais nova que você – piscou com um sorriso maroto.

– Ciúme é? – pôs a mão na cintura fingindo severidade. – Eles fazem o que querem com você – reclamou e ajoelhou-se próxima a ele. – Isso não vai sair do seu rosto – choramingou e olhou desolada para Lily, que ainda tinha a prova do crime nas mãos, a maquiagem de Beckye.

Peter e Brady eram crianças cheias de energia, mas nada anormal. Ambos pareciam feitos da mesma forma, como eram. Não só em aparência, mas em personalidade. Já Lily veio com a determinação da mãe e teimosia do pai. Não que a mãe não fosse teimosa. De qualquer modo, Lily veio valendo por cinco: esperta, inquieta, serelepe, com olhos azuis inteligentes e arteiros, carinha de *vou aprontar*. Ela comandava a bagunça em qualquer lugar que chegava com apenas quatro anos. E o pai, este adorava suas artes.

No início, antes de conseguirem finalmente engravidar por meio natural, depois de muitos alarmes falsos, Christopher teve certo receio em dividir o amor de Beckye com mais uma pessoa, já que Beckye também queria praticamente tomar Brady para si. Como Christine foi morar na mansão Adams com Aleksey, Beckye ficava o dia inteiro lá, cercando Brady. E isso gerava certo ciúme em Christopher. Mas, logo que Lily nasceu, ele mesmo se surpreendeu com a sensação de amor que se alargou em seu coração ao perceber o amor diferente que se tem por um filho. Quando viu nela suas próprias características no formato dos olhos, na cor característica do sangue Adams, ficou orgulhoso. Então viu o narizinho decidido da mãe. Deus, os dedinhos, como algo pode ser tão igual ao da mãe como os seus dedinhos, a perfeição das unhas. Não restou nada além de entregar seu coração.

– Vem cá, mamã – Lily disse, manhosa, entrecerrando os arteiros olhos azuis. – Deixa Lily pintar você também. Lily e Brady vai ser pintor igual mamã.

– Vocês estão sujos, filhinha – disse docemente. – E já está na hora de sair. A brincadeira vai ter que terminar para eu dar banho em vocês.

– Mãe, esses meninos estão muito mimados – Peter comentou censurador. – Já estão grandinhos. Tá na hora de tomar banho sozinhos.

Beckye pegou Lily no colo, sentou-se no braço do sofá e apertou a bochecha de Peter. – Como se você tomasse banho sozinho antes dos cinco anos – ela rolou os olhos.

– É, mas eu fui o primeiro dos filhos, sobrinhos e netos. Tinha direito a mimos – comentou brincalhão.

– Pare de ciúme, Peter! – Beckye bagunçou seu cabelo. – Ninguém aqui nessa família foi tão mimado como você. Deixe seus irmãos viverem a fase deles.

Christopher interrompeu.

– Hei, eu também vou precisar de sua ajuda no meu banho – disse com uma piscada insinuante, deitado no chão, usando *short* de tãtel, sem camisa, com as mãos atrás da nuca. – Vou ficar aqui esperando minha vez – sugeriu, percebendo o avaliador olhar de sua mulher; olhar de quem ainda o

amava com avidez após anos, como se ele fosse único, importante e delicioso. – Acho que vou precisar de um banho bem caprichado – Christopher sorriu. Nenhuma pessoa nunca o olhou assim antes. Encontrara o seu lugar, sua família. Uma conexão além da física os ligava, como se tivessem esperado um pelo outro a vida toda; como se no mundo dele só houvesse flores e perfumes depois de encontrá-la.

Suspirou sonhador. Não lhe faltava nada. Tinha um lar, filhos, tranquilidade, uma mulher que o amava e que lhe cobria de carinhos e sorrisos, um corpo delicioso para lhe dar prazeres todas as noites, a alegria que lhe faltou parte da vida, e paz. Muita paz.

– Mãe, fecha a boca – Peter brincou.

Rebecca levantou-se com Lily no colo e segurou a mão de Brady. – Christopher, cadê sua aliança? – inquiriu séria. Christopher olhou confuso para a mão, depois bateu a mão na testa, lembrando-se de onde ela estava.

– Ow, merd... – arregalou os olhos ao perceber que quase xingou. – Er, esqueci de novo no laboratório – justificou-se sem jeito.

Ela o encarou contrariada.

– Pois, quando chegar na casa do seu pai, você coloque – determinou séria. – Você pensa que eu te perdoei por você ter passado quase um ano sem aliança?

– Eu não passei nenhum tempo sem aliança, Beckye – explicou-se intimidado. – Eu já disse que naquele dia que você voltou coincidentemente eu tinha esquecido no laboratório, por isso estava sem.

– Sei... – comentou desconfiada.

– Beckye, eu tiro aliança quando vou trabalhar no laboratório por causa dos produtos químicos, já disse isso – defendeu-se conciliador. As crianças assistiam divertidas. – Além disso, pra que aliança se meu coração é só teu? – piscou manhoso e lhe jogou um beijo bajulador. Ela riu de canto convencida e caminhou rumo ao quarto. Antes de entrar, deu instruções ao marido. – Encha a banheira, que o próximo a ganhar o banho será você – demandou carinhosa. Christopher sorriu mal-intencionado. Peter rolou os olhos logo que Beckye dobrou a esquina.

– Pensando bem, vou falar com meu pai que vocês estão precisando seriamente de folga da gente – Peter riu conspirador, como se desfrutassem de um segredo.

Mas realmente desfrutavam. Assim como Christopher foi quem prematuramente ensinou Peter a atirar anos atrás, também foi incumbido a ter uma conversa precoce sobre sexo com o menino quando chegou em casa dias atrás preocupado, amuado, dizendo que ia ser pai com onze anos de idade. O seu desespero era comovente.

Quando Beckye perguntou cautelosamente por quê, ele respondeu que uma menininha na escola o beijou e que ela chupou fortemente sua língua. Beckye quis morrer ao ouvir que seu bebê estava tendo a língua chupada por aí. Queria chorar. Começou a tremer. Então Christopher chamou Peter para passear e lhe explicou todo o processo real de *fazer* filhos, sem poupar detalhes.

Daí a situação ficou mais constrangedora quando Peter perguntou se era por isso que ouvia uns barulhos estranhos de madrugada. Christopher limitou-se a dizer de um jeito machista: *‘ela faz esses barulhos porque o tiozão aqui é bom no que faz’*. Peter rolou os olhos com horror e censura e retrucou. *‘Por favor, tio. Você não gostaria de ouvir esses detalhes sobre sua mãe!’*

A pior parte foi que, depois da constrangedora conversa, Peter teve no mesmo bimestre aula sobre puberdade.

Por que não deixou Peter pensar que teria um bebê chorão igual seus irmãos por mais alguns dias? Pensou Christopher. Isso o teria livrado do incômodo de explicar.

Mais tarde, após um banho rápido com Beckye – *rápido mesmo por causa das crianças esperando* –, Christopher sentou-se frustrado na sala com Peter e o pequeno Brady, e ficaram entediados em frente à TV, com os cabelos quase secos do banho, esperando as mulheres da casa se arrumar.

Ouviam vez ou outra a voz de Beckye conversando com Lily: *‘ora essa, mocinha, vá tirar esses saltos altos da mamãe... Não. Não pode se maquiar tanto... Tá, mamãe compra óculos branco para você também.’*

Era quase onze da manhã quando enfim as duas terminaram de se aprontar para o almoço de aniversário de Thomas.

– Hei, finalmente! – Christopher levantou-se impaciente e passou a mão na camisa polo branca para ajeitá-la. Todavia, logo que as viu, um sorriso aprovador cresceu no rosto. As duas eram como o sol e as flores juntas, cheias de raios incandescentes e perfumadas como um dia de primavera.

Femininas e delicadas, vestiam-se em uníssonos com uma saia de babados cheia de florzinhas rosas e tomara que caia branco, ambas com sapatos de bonecas na mesma estampa da saia e da faixa no cabelo. Chegaram à sala com um sorriso presunçoso de quem seriam admiradas e jogaram os cabelos longos e louros teatralmente no ar como se tivessem ensaiado, além de pôr as mãos na cintura.

– Fiu fiu! – Christopher assoviou e bateu palmas bajulador. – Com vocês, na passarela, as flores mais belas do mundo! – gracejou e imediatamente olhou culpado para a varanda. – Não levem a mal, meninas – brincou comicemente com as flores que cresciam majestosas no jardim suspenso. – Vocês também são lindas – piscou, levando todos a sorrir.

Lily empinou o queixo, imitando a mãe, desfilou até ele e subiu em seu colo. Beckye deu-lhe um beijo no rosto e parou ao lado do sofá. Franziu o cenho ao conferir sua bolsa: lanches, protetor solar, biquínis, sunga, creme de pele, sabonete de bebê, óleo de bebê, chinelas... Oh, senhor, com três crianças a bolsa tinha crescido consideravelmente.

Foi tirada da distração quando registrou o paternal olhar de Christopher na filha.

– Voxê acha, papai? *Flor-de-Lis* linda? – Lily pôs o rosto do pai nas mãos, em adoração.

– Sim – Christopher estendeu a mão e enlaçou Beckye pela cintura. – Você e sua mãe são as lindas

namoradas do papai – disse, pegou a chave do carro na mesinha e caminharam para a porta.

– Lily disse que namora o Liam – Brady dedurou, referindo-se ao filho de Carolyn e segurou a mão livre de Beckye.

– Não namora, não! – Christopher contradisse. – Enquanto não completar vinte e cinco anos minha filha só namora o papai – cheirou o pescocinho da filha.

– Ah é? – Peter intrometeu-se rindo do ciúme de Christopher, fechou a porta do apartamento atrás de si e pararam em frente ao elevador. – Por que a Lily só vai namorar depois dos vinte e cinco se minha mãe tinha só dezesseis quando você começou a *pegá-la*? – provocou zombeteiro, com cumplicidade e camaradagem.

– Peter! – Christopher ralhou com uma cara cômica. – Esse assunto da idade de Beckye é proibido aqui em casa – disse, fingindo-se de sério. – Minha filha só namora depois dos vinte e cinco e ponto.

– Se ela tiver o mesmo gosto que a mãe por homens mais velhos, o Liam não vai servir. Ele é só três anos mais velho que ela – espetou Beckye brincalhona. Christopher fechou a cara, sisudo.

– Será que ela pode puxar a mãe nisso? – questionou com o cenho franzido. – Não. Nada de homens mais velhos. Nem pensar – balançou a cabeça para enfatizar.

Beckye sorria discretamente, vendo o semblante carrancudo do marido pelo espelho do elevador.

Ele continuou, como se realmente considerasse o problema e estivesse disposto a solucionar. – Eu mesmo vou dizer para minha filha que homens mais velhos só querem saber de aproveitar... – disse ao descer na garagem

– É mesmo? – Beckye ironizou.

– É – afirmou distraído. – São de péssimo humor, estraga prazer e controladores – completou. – Além disso, eles não aguentam o pique de suas mulheres mais novas – ponderou com sensatez.

– Você se esqueceu de dizer que são machistas, ciumentos, superprotetores e não gostam que suas mulheres trabalhem fora – Beckye lembrou com um sorriso.

– Sim. Tem isso. Definitivamente nada de homens mais velhos.

Ela continuou. – Mas também são fáceis de dobrar – brincou, maldosamente, quando ele prendia a filha e Brady na cadeirinha.

– Qualquer homem é fácil de dobrar – admitiu ainda distraído. Beckye esperou-o entrar no carro, ansioso e reclamão, enlaçou seu pescoço e o puxou para si.

– Faltou uma coisa. Temos que avisar que ele vai adorá-la, dormir com ela presa debaixo dele com todas as mãos e pés em volta dela, que vai encher a caixa dela de mensagem durante o dia, além de dar cerca de dez telefonemas por dia em casa só para saber o que ela está fazendo...

Finalmente ele se atentou sobre o que ela falava. – Está falando de mim? – abriu a boca com horror.

– Sim – sorriu presunçosa e lhe deu um selinho. – E eu amo você exatamente assim. Além disso, nossa filha ainda tem quatro anos. Vamos criá-la cheia de amor e confiança para que no futuro ela saiba escolher – disse enfaticamente. – Enquanto isso, deixe para ficar um velho ranzinza, enrugado e de cabelos brancos quando chegar a época de se preocupar – deu-lhe um outro beijinho, apaziguadora.

Ele sorriu facilmente manobrado pelas táticas da esposa.

– Ok. Principalmente se ela ficar linda como a mamãe – beijou-a, cúmplices e companheiros.

Mais tarde, na casa do juiz, os filhos e netos reuniam-se na área verde em volta da piscina. Christine tomava sol de bruços ao lado de Aleksey que lhe massageava com óleo bronzeador. Carolyn lia uma revista, observando de canto de olho Samuel brincar com o filho no pula-pula. Rebecca nadava com Peter e Brady ao tempo em que Christopher brincava na piscina de bolinha com Lily.

Christine observava o espelho d'água, a duzentos metros de onde estavam, e pensava que tudo seria tranquilo e feliz se não fosse o segredo que lhe oprimia... Como alguém poderia julgá-la se ela foi quem mais pagou por seu ato?

– Por que tem um vinco em sua testa, crisântemo? – questionou Aleksey usando o apelido adolescente de Christine.

– Você ainda vai me amar se eu te disser que tive culpa na morte da minha mãe? – ela perguntou baixinho. Não podia mais viver com esse segredo.

– Não... – balançou a cabeça. – Não amaria menos.

– Eu tenho culpa... – admitiu. E nos instantes seguinte explicou todos os acontecimentos daquela fatídica noite. Aleksey ouviu atento, sem interrompê-la. E, ao fim, expôs o que pensava.

– Não existe culpado, Christine – sentenciou decidido. – Tinha que acontecer. São coisas da vida. Foi trágico? Sim. Era sua mãe? Sim. Mas se tudo aquilo não tivesse acontecido, talvez hoje não estivéssemos aqui – apontou resolutos para a família espalhada nos arredores. – Eu, particularmente, não me arrependo dos caminhos que trilhei. Pois todos eles nos trouxeram até aqui.

Christine acompanhou seu olhar.

– E tudo terminou bem – Christine adicionou contente ao observar os filhos, Brady e Peter, brincavam com Beckye na piscina, apostando quem atravessava mais rápido de um lado ao outro. Depois que Beckye aprendeu a nadar com Christopher, não saía da piscina. Christine não tinha insegurança ou ciúme de Beckye com seus filhos. Pelo contrário, era bom compartilhar as responsabilidades. Beckye sempre tinha uma solução prática para tudo quando Christine fazia sua inexperiente tempestade num copo d'água.

– Sim. Terminou. Se o tráfico de drogas não foi findado, pelo menos o responsável pelo seu vício foi aniquilado.

– Eu sei que é errado pensar assim, mas eu fiquei aliviada quando soube que Jason morreu na cadeia. Se não fosse assim, não teríamos paz. Ele poderia supor que você era o infiltrado e te perseguir.

– Sim. Eu também senti certo alívio. Policiais corruptos presos não costumam viver muito tempo na cadeia. São os primeiros a morrer em qualquer motim – citou pesaroso.

– Pelo menos assim podemos ter uma vida normal.

– Sim. Tudo que se sabe é que eu sou um bioquímico, trabalhador e de família. Ninguém pode provar o contrário – disse triunfante.

– Tenho orgulho de você – Christine disse e o abraçou. – Às vezes fico pensando que você chama sua irmã de flor de lótus por ela ser pura mesmo tendo nascido na sujeira, mas a verdadeira flor de lótus é você. Você foi um estrangeiro trabalhador, decidido e forte até o fim. Veio para o nosso país ainda criança com sua mãe. Arrumou sua vida. Não esqueceu ou abandonou sua irmãzinha americana, também não desistiu de sua tia e prima. Esteve no lodo, na lama, mas não se deixou perder o alvo.

– Somos quem decidimos ser – concordou com olhos distantes. – Eu decidi. Posso já ter errado, mas escolhi ir pelo caminho certo. Enfim, isso faz parte do passado. Sou feliz por ter terminado e por ter me livrado de tudo que pertencia àquela vida – disse, referindo-se ao fato de ter vendido sua parte na boate que usava para fazer contatos no mundo do crime, vendeu também a casa e laboratório em Beverly Hills e morava agora, por opção, na casa de Thomas com Olga, além de trabalhar lá com Christopher no laboratório da mansão. Todos os cosméticos, perfumes, maquiagens e sabonetes assinados pelos dois eram sucessos em grifes femininas.

No geral, sua vida era um sucesso. Depois de patentear a revolucionária fórmula de reversão do coma, não precisaria nunca mais trabalhar. Trabalhava por *hobby* com o cunhado.

– Quanto a você – ele voltou a dizer carinhosamente. – Aprendemos que podemos pagar caro por escolhas erradas, mas tudo tem um fim – apontou em volta. – Então se perdoe. Nada poderia ser diferente. Além disso, não prometemos recomeçar? Então sugiro que você converse com sua família e abra o jogo para eles. Não nos comprometemos com Christopher que não haveria mais segredos entre nós? Somos uma família e irmãos, Christine. Comprometidos a ser leais. Então não deve ficar segredos entre nós. Conte a ele. Conte a seu pai... Perdoe-se.

Christine vagou o olhar e viu sua família através dos olhos do marido. Seu adorável pai e a doce Olga lendo, deitados no *cheslong*. O novo juiz da família, Samuel, e sua espirituosa Carolyn sentados agora na espreguiçadeira, esperando o segundo bebê. O querido e adorável irmão, Christopher, e a doce florzinha brincando com seus filhos na água...

Christopher adorava a mãe e nunca mais tinha tentado descobrir o que aconteceu aquela noite. Se foi suicídio ou assassinato, ele não procurou mais culpados. Era justo que ele soubesse.

– Sim, Aleksey. Irei contar – ela declarou ao fim.

– Christine... – Carolyn chamou-a. – Como está o curso de vocês? – referiu-se ao curso de terapia com culturas orientais que Christine fazia com Olga.

– Está legal. Sua mãe quer agora fazer um curso de acupuntura – Christine apontou para Olga. – E você? Não vai estudar?

– Eu tranquei a Especialização em Direito Penal. Passei no concurso de parideira profissional – brincou e acariciou a barriga. – Samuel planeja me deixar engravidada pelos próximos dez anos para mostrar a todos que ele é macho – olhou em adoração para o marido.

– Ter filhos não impede de estudar – Christine retrucou. – Faz esse mesmo curso que a gente. É legal. Poderíamos abrir depois um spa – Christine sugeriu animada.

– Eu, hein, *tô* fora. Não tenho coordenação para fazer acupuntura. O máximo que posso fazer é um curso de vodu. Assim, quando as pessoas me irritarem, eu meto a agulha – fez o gesto hilário com a mão. Samuel riu ao seu lado.

– Você poderia trabalhar na área de estética – Christine insistiu.

– Não. O máximo de estética que vou fazer é me arrumar para meu pedante e presunçoso marido.

Bagunçou o cabelo de Samuel.

Christine riu. Aleksey beijou-a. Ainda era fascinante para ele olhá-la, saber que ela sobreviveu e que eles conseguiram, depois de tudo.

– Ow, seu safado! – Aleksey sentiu um jato de água em suas costas e se virou, deparando-se com Christopher apontando uma *nefin* em sua direção. – Cai pra dentro – provocou. – Tira as patas de cima da minha irmã!

– Olha quem fala – Aleksey arqueou a sobrancelha zombador. – O cara que não respeitou a lei suprema entre machos de que irmã de amigo é homem – acusou, fingindo ressentimento. – Não se pode confiar em ninguém – lamentou fingidamente. – Minha irmãzinha – dramatizou brincalhão.

– Eu nunca levei essa lei de irmã a sério – Samuel entrou na conversa. – Fez xixi agachada, eu pegava – zombou, antes de receber um tapa de Carolyn no braço.

– Pegava, é, Samuel, pegava? – deu mais tapinhas em seu ombro.

– Docinho, eu disse *pegava*; não, *pego*. E isso é só modo de falar. Coisas de homem – moveu as mãos, conciliador.

– Quero ver se você vai pensar assim quando nossa filha nascer. Aliás, quando ela crescer.

Samuel adquiriu um ar seguro de quem já tinha tudo planejado.

– Para quando nossa filha crescer, vou pedir aos dois especialistas em produtos químicos da família criar uma fórmula inibidora de apetite sexual adolescente. Assim, antes da minha filha sair com o namorado com aquela velha desculpa: *vou ali comer hot-dog* – citou dramaticamente – Eu dou um pacote de balinha contendo uma dose alta da fórmula. Com isso, o manezinho vai manter a salsicha mole dentro das calças. Nada de pôr a salsicha no pãozinho da minha filha – explicou com triunfo, enquanto acariciava a barriga de seis meses de Carolyn.

Christopher concordou animadamente com um polegar no ar. – Podemos começar a estudar a fórmula broxante a partir de segunda-feira, sócio – apontou para Aleksey. – Vamos batizá-la de *ice-dog*.

– Fechado – Aleksey concordou. – Se eu tivesse tido essa ideia, minha irmãzinha não teria caído nas garras de um certo cara *aê* que não conseguiu manter a salsicha nas calças – arreliou, com um sorriso, porque os dois eram simplesmente assim. Estavam o tempo todo se provocando.

– Como se adiantasse algo – Thomas entreviu tranquilo. – Quando a Christine quis você, Alek, não teve ninguém que impedisse – comentou sugestivamente.

– Não importa. Sempre podemos recorrer ao bom e velho facão – Christopher defendeu sério.

Rebecca aproximou-se dele e segurou seu rosto entre as mãos. – Não tínhamos combinado que você não ia quebrar a cabeça e criar rugas com isso? – acariciou sua sobrancelha.

– Esqueci – riu e beijou-a com selinhos na boca. – Isso é um mal da idade: esquecer rápido – gracejou. – Outro mal é ter que se preocupar com rugas – dramatizou fingidamente.

– Eu não me importo se você se encher de rugas – disse Beckye, risonha. – Aliás, eu adoro dar beijinhos *no enrugadinho* – insinuou maliciosamente.

Ele abriu a boca ao compreender a insinuação. – Adora...? – sorriu em sua boca e ergueu-a pelo quadril, encostando-a na borda da piscina. – Adora mesmo?

– Beijar, lambar, mordiscar... Adoro brincar – esfregou-se nele, sentindo-o, como esperado, armar-se.

Ele gemeu divertido e beijou-a, um beijo terno.

– Hei, vocês dois – ouviram uma intrometida voz, séria. – Por favor, não comecem com isso. Há crianças na casa – Thomas ralhou, inconformado com a atitude desses dois. Agiam sempre como adolescentes hormonais, agarrando-se pela casa. A sorte é que as crianças tinham ido brincar com Peter novamente nos brinquedos infláveis. Assim não veriam os pais nesse viço.

– Não enche, pai – Christopher brincou e continuou beijando Beckye, prensando-a na beira da piscina. – Falando em crianças, Aleksey... – afastou-se ligeiramente para falar. – Hoje as crianças vão ficar com vocês – Christopher avisou, e Beckye passou a beijá-lo vagarosamente no pescoço e orelha, no lado oposto ao que a família estava. – *Tô* precisando da minha mulher um pouquinho pra mim – Christopher noticiou.

– Ok – Aleksey concordou, estremecendo ao pensar no resto do fim de semana correndo atrás da Lily antes que ela pintasse as paredes, passasse batom no cachorro, picotasse as plantinhas de Christine dizendo que iria fazer mudinhas como as da mamãe. Oh, Deus, seria um fim de semana longo. Sua sorte é que tinha Peter para controlá-la e cuidar da pequena terroristazinha. – Sem problema – suspirou resignado.

– Você fala como se eu tivesse descumprindo as obrigações – Beckye contestou baixinho e subiu as pernas no quadril do marido, moldando-o a ela. Ele soltou um grunhido indefeso.

– Não – voltou a beijá-la. – Mas precisamos de um tempo só para nós dois. Chega de rapidinhas silenciosas e preocupadas. Quem sabe você coloque as pinturas de uns quadros em dia – insinuou. – Posso ser sua inspiração.

Beckye sorriu em seus lábios.

– Se quiser, podemos subir agora para nosso cantinho no seu quarto de solteiro e adiantar.

– Ou... – ele pôs a mão entre eles e acariciou-a furtivamente no seio. – Você abusa do meu corpo indefeso e bem-disposto aqui – arqueou as sobrancelhas duas vezes sugestivamente.

– Você não muda – ela repreendeu com um sorriso.

– Nem você – franziu o cenho fingindo contrariedade. – Francamente, você parece que gosta dessas coisas expostas.

– De vez em quando é bom – concedeu, esfregando o nariz divertidamente nele. – Mas prefiro as paredes do seu quarto de solteiro – insinuou com uma piscada. – Dá um tempinho na água enquanto dou o lanche das crianças e em quinze minutos me espere no quarto – combinou, desceu de seu colo e saiu da piscina.

Duas horas depois, tinham o quarto trancado, Beckye deitada sobre ele, e olhavam a propriedade pela janela ao lado da cama.

– Aprendi algo sobre o perdão – Beckye iniciou casualmente o assunto enquanto acariciava o peito amplo do marido, lânguida e saciada.

– O quê?

– Que você tem que querer perdoar. Só assim se esquece.

Ele mudou na cama e ficou de frente a ela. – Você fala isso por causa de sua mãe? – perguntou porque o assunto mãe era algo que ela pouco tocava.

– Sim. Eu não a perdoei só porque ela iria morrer com aquela doença – disse referindo-se às duas semanas que passou no estado de Oregon cuidando da mãe moribunda antes que as consequências da hepatite C a levasse. – Perdoei porque descobri que, para a maldade, a vida dá seu próprio troco. As pessoas que plantam frieza, colhem solidão e desprezo. Quase sempre encerram a vida sozinhas. Por isso vale à pena fazer o bem, ser do bem. Você vê quantos amigos construímos?

– Sim.

– E daí que no dia seguinte os viciados que resgatamos voltem para as ruas? E daí que A palavra ministrada pela pastoral entre num ouvido e saia pelo outro de alguns? O que importa é que nunca devemos desistir das pessoas. Nunca devemos deixar de sonhar com um amanhã melhor. Se deixarmos de sonhar, com certeza estaremos morrendo como seres humanos. Li sobre várias religiões, estudei sobre vários conceitos, e sabe o que é comum entre elas?

– Não – balançou a cabeça com um sorriso. Adorava vê-la filosofando.

– Quando alguém semeia misericórdia, ela colhe vida em abundância. E vida em abundância não quer dizer riqueza, mas, sim, saúde, felicidade, tranquilidade, paz interior, amor.

– Hoje eu também sei conceituar o amor... – Christopher disse. – E eu realmente precisava de você para me ensinar. Alguém forte e bela, com raiz profunda. Como uma flor pura que desabrocha única nos pântanos. Alguém que me ensinou a amar, ceder, crer, não ter vergonha de sofrer, nem chorar. Não ter vergonha de assumir ao mundo o amor.

– Alguém que me mudou completamente – prosseguiu. – E com você, só com você, descobri que não existe amor sem renúncia. Amar está ligado a deveres, está ligado a algo que se torna corriqueiro e normal, sem emoções muito excitantes. Você me amou quando eu não tinha nada a oferecer e me ensinou a pedir perdão. Para mim, o amor é algo sereno e tranquilo como a paz nas montanhas. É profundo, generoso, doador, não necessita de reconhecimentos ou exaltações – disse pausadamente, pensativo.

Beckye o observava e sorria emocionada com sua facilidade de se abrir.

– Você não sabe, mas me transformou em alguém decente. Eu me sinto útil. Na nossa casa. Na sua vida. Na pastoral. Na família. Na vida de nossos filhos. Porque sinto como se Peter e Brady fossem um pouco meus também – declarou enfaticamente. – O sucesso profissional, *status*, reconhecimento não seriam nada sem o sorriso de vocês ressonando pela casa para me completar.

Ela suspirou e preparou-se para dar a nova notícia.

– Então sorria porque os sorrisos vão aumentar. Teremos mais uma criança – disse solene, tocou a própria barriga, e ele a abraçou emocionado.

A ânsia de Beckye de ser amada durante toda a infância foi suprida. Podia sentir a energia espiritual que corria entre os dois. Uma faísca contínua de paixão, um raio poderoso, *colpo di fulmine*. Uma espécie de consentimento e aprovação do universo. Estariam pra sempre juntos, agora. Ele era seu protetor. Seu amigo. Seu marido. Seu companheiro. Ela iria para sempre acreditar nas pessoas, no amor, na lealdade, na fidelidade. Nunca deixaria sua fé no perdão e na mudança morrer. No íntimo continuaria acreditando que existem sentimentos verdadeiros; pessoas, como eles, comprometidas com o relacionamento, que lutarão sempre para estar juntos e fazer um ao outro feliz.

Sempre.

E seu sentimento seria tão forte e denso que se estenderia por todos em volta. Porque amar é isso. É se dar, é acreditar. Porque tudo que é semeado é colhido. Pelo resto dos seus dias, iriam ser o abrigo um do outro, conforto e lugar de paz.

Sempre e sempre!

CONTATOS DA AUTORA:

E-mail: Bialopes30@gmail.com

Página do Livro: https://www.facebook.com/pages/Flor-de-L%C3%B3tus/225356540889967?fref=ts&__mref=message